

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

**A NATUREZA DO PSÍQUICO E O SENTIDO DA METAPSIKOLOGIA
NA PSICANÁLISE FREUDIANA**

Aluna: Fátima Siqueira Caropreso

Orientador: Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani

**Material apresentado
para a defesa de
doutorado ao PPG em
Filosofia da UFSCar**

**Agosto
2006**

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária/UFSCar**

C293np

Caropreso, Fátima Siqueira.

A natureza do psíquico e o sentido da metapsicologia na psicanálise freudiana / Fátima Siqueira Caropreso. -- São Carlos : UFSCar, 2006.

268 p.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2006.

1. Sistema freudiano. 2. Metapsicologia. 3. Consciência.
4. Inconsciente. 5. Representação. I. Título.

CDD: 150.1952 (20^a)

*Para o meu pai, Henry, e para o amor
da minha vida, Richard.*

Agradecimentos

Quero agradecer, em primeiro lugar, ao meu orientador, professor Luiz Roberto Monzani, por ter aceitado me orientar, pela paciência de ler com tanta atenção essa tese, pelas valiosas discussões, enfim, por todo apoio.

Agradeço também imensamente ao Richard por tudo o que me ensinou desde a graduação, pela paciência diária de me ouvir e discutir comigo, por ter me apoiado em todos os momentos.

Agradeço aos professores do departamento de filosofia, em especial ao professor Mark Julian Cass, com que aprendi muito, e ao professor Eduardo Baioni, pelo auxílio técnico.

Agradeço às secretárias, Rose, Cleusa e Sueli, pela paciência e amizade.

Agradeço aos membros da banca de qualificação, Débora Morato Pinto e Maria Lúcia Cacciola, pelas inestimáveis sugestões e críticas e aos professores Miguel Bairrão, Francisco Bocca e Hélio Honda por terem aceitado participar da banca de defesa.

Agradeço à Capes, pela bolsa concedida.

SUMÁRIO:

<u>Introdução</u>	1
<u>Capítulo I - Inconsciente e representação nas origens da metapsicologia</u>	5
1) O conceito de representação em “Sobre a concepção das afasias”.....	5
1.1) As hipóteses neurológicas criticadas por Freud.....	6
1.2) As hipóteses psicológicas implícitas na teoria neurológica de Meynert e Wernicke.....	10
1.3) A desconstrução do esquema de Wernicke das afasias: a área da linguagem.....	11
1.4) O aparelho de linguagem.....	21
1.5) Representação e consciência em “Sobre a concepção das afasias”.....	27
2) O conceito de representação inconsciente nos textos freudianos de 1891 a 1895.....	32
3) A expansão do conceito de psíquico no “Projeto de uma Psicologia”.....	39
3.1) O aparelho neuronal.....	39
3.2) A relação entre o psíquico e a consciência no “Projeto...”.....	50
3.3) O sistema ω	57
3.4) Representação e consciência no “Projeto...”.....	64
Considerações finais.....	66
<u>Capítulo II - O aparelho psíquico: representação e consciência na primeira tópica freudiana</u>	67
1) O esquema da carta 52.....	68
2) O capítulo 7 de “A Interpretação dos sonhos”.....	73
2.1) A relação entre o aparelho psíquico e o sistema nervoso.....	74
2.2) O aparelho psíquico.....	78
2.3) A relação entre os sistemas Prc e Icc.....	86
2.4) As propriedades do Prc e do Icc.....	91
2.5) A relação entre o psíquico inconsciente e a consciência.....	96
Considerações finais.....	105
<u>Capítulo III - Pulsão, afeto e representação nos artigos metapsicológicos</u>	111
1) A relação entre o psíquico inconsciente e os processos nervosos nos artigos metapsicológicos.....	112
2) O aparelho psíquico.....	117
3) A relação entre a pulsão e a representação.....	129
4) A relação entre os sistemas Prc e Icc.....	137
5) As propriedades do Prc e do Icc.....	140
6) Representação e consciência nos artigos metapsicológicos.....	145
Considerações finais.....	152
<u>Capítulo IV – Aparelho psíquico e teoria pulsional na segunda tópica freudiana</u>	156
1) A revisão da teoria das pulsões em “Além do princípio do prazer”.....	157
1.1) O “além” do princípio do prazer.....	159
1.2) O processo primário no “Projeto...”.....	161

1.3) O princípio do prazer.....	164
1.4) Repetição, trauma e desprazer.....	168
1.5) Compulsão à repetição e processo primário.....	175
1.6) Da compulsão à repetição à pulsão de morte.....	178
1.7) Da pulsão de morte à pulsão de vida.....	181
1.8) Primeiro “versus” segundo dualismo pulsional.....	185
1.9) Haveria, de fato, um “além” do princípio do prazer?.....	188
2) A expansão do conceito de inconsciente em “O Eu e o Isso”.....	193
2.1) Um novo elo na concepção de inconsciente.....	197
2.2) A nova estrutura do aparelho.....	200
2.3) Representação e consciência na segunda tópica freudiana.....	202
2.4) A segunda tópica e a compulsão à repetição.....	213
3) O “Esboço de psicanálise”.....	219
Considerações finais	230
<u>Conclusão</u>	235
<u>Bibliografia</u>	260

Resumo:

O texto “Sobre a concepção das afasias”, publicado em 1891, pode ser considerado o passo inaugural da metapsicologia freudiana, devido à reflexão aí presente sobre a natureza da representação. A crítica empreendida por Freud às concepções neurológicas predominantes sobre as afasias e à teoria neurológica mais geral que as embasavam acaba levando-o a redefinir o conceito de representação, central para o que se tornaria a sua metapsicologia. Encontramos também, nesse texto, a origem da noção de “aparelho”: Freud apresenta aí o conceito de “aparelho de linguagem”, de cujos desenvolvimentos posteriores resultará, em 1900, a noção de “aparelho psíquico”. Embora encontremos, nessa monografia de 1891, uma primeira formulação dos conceitos freudianos de representação e de aparelho, não está presente ainda, nesse momento, a idéia de um psíquico inconsciente. Ao contrário, é notável a recusa explícita de Freud da possibilidade de existência de algo que seja ao mesmo tempo mental e inconsciente: a mente restringir-se-ia ao consciente e, portanto, a idéia de uma representação inconsciente, se entendida literalmente, seria uma contradição em termos, tendo em vista as hipóteses sustentadas por Freud nesse trabalho. O primeiro lugar em que Freud desvincula explicitamente os conceitos de “mente” e de “consciência” é no “Projeto de uma psicologia”, texto redigido em 1895, mas publicado postumamente em 1950. Nos textos sobre as neuroses que se intercalam entre 1891 e 1895, podemos perceber que já há uma certa relutância de Freud em manter a identificação do mental à consciência, mas ele não chega a descartá-la de fato, o que é feito somente no “Projeto...”. Freud propõe aí que o psíquico seja independente e mais amplo do que a consciência: esta deixa de corresponder a todo o psíquico e passa a ser pensada como uma qualidade que pode vir a se acrescentar a uma pequena parte dos processos psíquicos inconscientes. Para incorporar a noção de psíquico inconsciente em sua teoria, Freud passa a considerar, no “Projeto...”, que a representação não é mais, como havia sido pensado em 1891, o concomitante psíquico de um processo cortical associativo; a representação passa a ser o próprio processo cortical. Em 1895, Freud identifica claramente o psíquico inconsciente a processos cerebrais e tenta formular uma teoria sobre esses processos em termos neurológicos. A metapsicologia, portanto, nesse momento inicial do pensamento freudiano, ainda é explicitamente uma neuropsicologia. Sabemos que, nos textos metapsicológicos posteriores de Freud, essa referência explícita à neurologia desaparece. Mas será que isso quer dizer que Freud deixou de lado sua concepção do “Projeto...” de que os processos psíquicos inconscientes seriam processos cerebrais? A metapsicologia, de início claramente uma neurologia, passou a ser uma pura psicologia, porque a natureza do seu objeto de estudo passou a ser pensada de outra forma, isto é, porque Freud deixou de acreditar que os processos psíquicos inconscientes sejam processos cerebrais? Nessa tese, percorreremos os textos metapsicológicos de Freud tentando encontrar, por um lado, uma resposta a essas questões e, por outro, tentando esclarecer como esse conceito de psíquico inconsciente vai sendo desenvolvido ao longo do pensamento metapsicológico freudiano. O que justifica o conceito de um psíquico inconsciente? Quais são suas propriedades? Que relação há entre o inconsciente e a consciência? Qual a natureza desse psíquico inconsciente e qual é o estatuto da metapsicologia freudiana? Essas são as questões que se procurará desenvolver aqui.

Palavras chave: Freud; metapsicologia; representação; aparelho psíquico; inconsciente; consciência.

INTRODUÇÃO

A metapsicologia freudiana foi, durante muito tempo, colocada sob suspeita por toda uma tradição de leitura de Freud que tendeu sistematicamente a cindir o campo psicanalítico em duas dimensões mais ou menos inconciliáveis, correspondendo cada uma aos domínios da interpretação e do método, por um lado, e da metapsicologia, por outro. A isso acrescentou-se uma valorização diferenciada de cada um dos lados, de acordo com a orientação teórica dos autores. Assim, Politzer (1928) saudava a técnica psicanalítica como a precursora direta e, na verdade, já a realizadora parcial, da psicologia concreta que ele buscava fundar, ao mesmo tempo em que acusava a metapsicologia de retornar às abstrações da psicologia do século 19, razão, portanto, para recusá-la em nome dos mesmos critérios que levaram ao elogio da técnica. Nessa mesma linha, Dalbiez (1947), separava o “método”, conquista definitiva da psicanálise em geral, da “doutrina” – isto é, a metapsicologia –, remetida às preferências filosóficas e científicas de Freud e repudiada mais ou menos nos mesmos termos lançados inicialmente por Politzer. Ricoeur (1965), prosseguindo na linha de raciocínio proposta por Dalbiez, empreende a mais ampla tentativa de compreender a psicanálise a partir da dicotomia entre um *ponto de vista energético*, atrelado à explicação metapsicológica, e um *ponto de vista hermenêutico*, relacionado com a interpretação. Do lado das leituras mais científicistas da psicanálise, encontramos, com frequência, esse mesmo consenso sobre a dupla natureza do conhecimento psicanalítico, com a diferença que a técnica e a interpretação são valorizadas como métodos objetivos, que permitem a efetuação de descobertas empíricas (válidas ou não), enquanto que a metapsicologia é remetida apenas às tendências especulativas de Freud (Grünbaum, 1984). O que se depreende dessas observações é uma recusa mais ou menos generalizada da metapsicologia, entendida como devaneio metafísico e especulativo, pelas leituras científicistas, e como resquício científicista e naturalista pelas leituras humanistas.

Uma certa reversão desse quadro começa a ocorrer quando, mais recentemente, diversos pesquisadores oriundos do campo das pesquisas neurocientíficas, na trilha aberta pelo trabalho pioneiro de Pribram e Gill (1976) e outros autores, passam a enfatizar a convergência entre os estudos empíricos atuais dos processos nervosos e as teses

metapsicológicas freudianas, sugerindo que estas possam ser recuperadas e atualizadas nesse novo contexto. O retorno a um exame detalhado da metapsicologia freudiana, em seus diversos aspectos, parece, assim, se justificar, entre outros motivos, como um trabalho que forneça elementos para a avaliação da possibilidade e do alcance desses estudos integrativos.

O texto “Sobre a concepção das afasias”, publicado em 1891, pode ser considerado o passo inaugural da metapsicologia freudiana, devido à reflexão aí presente sobre a natureza da representação (Simanke, 2006). A crítica empreendida por Freud às concepções neurológicas predominantes sobre as afasias e à teoria neurológica mais geral que as embasavam acaba levando-o a redefinir o conceito de representação, central para o que se tornaria a sua metapsicologia. Encontramos também, nesse texto, a origem da noção de “aparelho”: Freud apresenta aí o conceito de “aparelho de linguagem”, de cujos desenvolvimentos posteriores resultará, em 1900, a noção de “aparelho psíquico”. Embora encontremos, nessa monografia de 1891, uma primeira formulação dos conceitos freudianos de representação e de aparelho, não está presente ainda, nesse momento, a idéia de um psíquico inconsciente. Ao contrário, é notável a recusa explícita de Freud da possibilidade de existência de algo que seja ao mesmo tempo mental e inconsciente: a mente restringir-se-ia ao consciente e, portanto, a idéia de uma representação inconsciente, se entendida literalmente, seria uma contradição em termos, tendo em vista as hipóteses sustentadas por Freud nesse trabalho.

O primeiro lugar em que Freud desvincula explicitamente os conceitos de “mente” e de “consciência” é no “Projeto de uma psicologia”, texto redigido em 1895, mas publicado postumamente em 1950. Nos textos sobre as neuroses que se intercalam entre 1891 e 1895, podemos perceber que já há uma certa relutância de Freud em manter a identificação do mental à consciência, mas ele não chega a descartá-la de fato, o que é feito somente no “Projeto...”. Freud propõe aí que o psíquico seja independente e mais amplo do que a consciência: esta deixa de corresponder a todo o psíquico e passa a ser pensada como uma qualidade que pode vir a se acrescentar a uma pequena parte dos processos psíquicos inconscientes. Para incorporar a noção de psíquico inconsciente em sua teoria, Freud passa a considerar, no “Projeto...”, que a representação não é mais, como havia sido pensado em

1891, o concomitante psíquico de um processo cortical associativo; a representação passa a ser o próprio processo cortical.

Em 1895, Freud identifica claramente o psíquico inconsciente a processos cerebrais e tenta formular uma teoria sobre esses processos em termos neurológicos. A metapsicologia, portanto, nesse momento inicial do pensamento freudiano, ainda é explicitamente uma neuropsicologia. Sabemos que, nos textos metapsicológicos posteriores de Freud, essa referência explícita à neurologia desaparece. Mas será que isso quer dizer que Freud deixou de lado sua concepção do “Projeto...” de que os processos psíquicos inconscientes seriam processos cerebrais? A metapsicologia, de início claramente uma neurologia, passou a ser uma pura psicologia, porque a natureza do seu objeto de estudo passou a ser pensada de outra forma, isto é, porque Freud deixou de acreditar que os processos psíquicos inconscientes sejam processos cerebrais? Percorreremos os textos metapsicológicos de Freud tentando encontrar, por um lado, uma resposta a essas questões e, por outro, tentando esclarecer como esse conceito de psíquico inconsciente vai sendo desenvolvido ao longo do pensamento metapsicológico freudiano. O que justifica o conceito de um psíquico inconsciente? Quais são suas propriedades? Que relação há entre o inconsciente e a consciência? Qual a natureza desse psíquico inconsciente e qual é o estatuto da metapsicologia freudiana? Essas são as questões que se procurará desenvolver aqui.

Procuraremos mostrar que a reflexão neurológica inicial de Freud se prolonga na metapsicologia que a substitui a partir de certo momento; que essa reflexão neurológica inicial permanece subentendida na metapsicologia posterior reaparecendo de forma explícita de quando em quando. Essa subsistência – que permite caracterizar a metapsicologia como uma espécie de neuropsicologia especulativa, como o fizeram diversos autores (Pribram e Gill, 1976; Solomon, 1976) – se revela, também, no modo como os mesmos problemas cruciais abordados inicialmente são continuamente recolocados em novos termos. Procuraremos mostrar também que os problemas que constituem o cerne da reflexão metapsicológica freudiana dizem respeito sobretudo: 1) a natureza do mental, que se desenvolve em torno da formulação do conceito de inconsciente psíquico e da elaboração de uma teoria da representação que o justifique; 2) a relação mente-corpo, principalmente a partir do momento em que a teoria do inconsciente se

complementa com a formulação da teoria pulsional; 3) a relação entre o mental – em si, inconsciente, tal como é definido por Freud – com a consciência, além de um esforço de estabelecer as condições e as propriedades desta última, ainda que de uma forma um tanto fragmentária e inconclusa, como veremos. Trata-se, assim, de buscar esclarecer o sentido da metapsicologia freudiana, enquanto uma estratégia para abordar esse tipo de problemas nas condições disponíveis para a investigação psicológica na época em que Freud desenvolve sua obra. Em outras palavras, trata-se de apresentar o eixo principal da reflexão metapsicológica, ao longo de seu desenvolvimento, procurando fazer ressaltar, desde essa perspectiva, as nuances e complexidades que revestem a abordagem dessas questões em Freud, as quais são muitas vezes passadas por alto.

O primeiro capítulo se divide em três partes. Na primeira, é realizada uma análise da concepção de representação formulada por Freud em “Sobre a concepção das afasias”. Na segunda, está presente um comentário de como a noção de representação inconsciente é usada por Freud nos textos sobre as neuroses do período entre 1891 e 1895. Na terceira, é realizada uma análise do “Projeto de uma psicologia”, texto em que aparece pela primeira vez a noção de psíquico inconsciente. A partir da análise do “Projeto...”, tomam forma as questões mencionadas acima, que irão nortear o restante do trabalho. No segundo capítulo, trata-se esclarecer como essas questões são pensadas na carta 52 e no capítulo 7 de “A Interpretação dos sonhos” (1900). No terceiro, como elas são pensadas nos artigos sobre metapsicologia de 1915 e nos textos metapsicológicos que se intercalam entre 1900 e 1915. O quarto capítulo também se divide em três partes. Na primeira, o texto central submetido à análise é “Além do princípio do prazer”(1920); na segunda, “O eu e o isso”(1923) e, na terceira, o “Esboço de psicanálise”(1938). Outros textos freudianos, publicados entre os anos de 1920 a 1938, são também mencionados, ao longo desse quarto capítulo, à medida que isso se faz necessário.**

**As seguintes abreviaturas são utilizadas nas citações para se referir às edições de obras freudianas: AE (Sigmund Freud Obras Completas, Amorrortu Editores); SA (Sigmund Freud Studienausgabe); ZAA (Zur Auffassung der Aphasien : eine Kritische Studie, Franz Deuticke); EP (“Entwurf einer Psychologie” / Sigmund Freud Gesammelte Werke); AAP (Aus den Anfängen der Psychoanalyse, Fischer); PP (Projeto de uma psicologia, Imago).

CAPÍTULO I – INCONSCIENTE E REPRESENTAÇÃO NAS ORIGENS DA METAPSICOLOGIA FREUDIANA

1. O conceito de representação em “Sobre a concepção das afasias”

Em “Sobre a concepção das afasias”, texto publicado em 1891, Freud faz uma revisão das concepções predominantes na época sobre a anatomia, a fisiologia e a patologia da linguagem. A partir da recusa dos fundamentos subjacentes a tais hipóteses, ele formula uma teoria alternativa sobre o funcionamento normal e a patologia da linguagem, apoiando-se, principalmente, em algumas concepções de Hughlings Jackson e Charlton Bastian. A crítica de Freud dirige-se, em especial, à teoria de Carl Wernicke e de Ludwig Lichtheim sobre as afasias e à teoria sobre o funcionamento do sistema nervoso de Theodor Meynert, que fundamentava as hipóteses de Wernicke e Lichtheim. Como apontam Solms e Saling (1986, p.397), em “Sobre a concepção das afasias”, Freud substitui a neurologia de seus professores – no caso, de Meynert – pela teoria evolucionista de Jackson.

Wernicke havia-se tornado uma figura dominante no cenário dos estudos sobre as afasias desde a publicação de sua monografia “O complexo sintomático das afasias” (1874), na qual identifica e localiza a área sensorial da linguagem na porção posterior da primeira circunvolução temporal, apoiando-se em correlações entre lesões cerebrais com tal localização e casos de afasia sensorial. A região cortical responsável pela atividade motora da linguagem – a terceira circunvolução frontal – havia sido identificada, também a partir da correlação entre sintomas e lesões cerebrais, treze anos antes por Paul Broca. Essas duas descobertas somadas possibilitaram a Wernicke a construção de um esquema explicativo da atividade da linguagem, a partir do qual os diversos casos de afasias poderiam ser esclarecidos. Os vários tipos de distúrbios afásicos foram, então, relacionados a lesões localizadas em regiões cerebrais específicas e, assim, os casos de afasia passaram a ser inteiramente explicados a partir da localização da lesão.

A dedução da localização cerebral de funções psíquicas a partir da associação entre lesões e a perda de certas funções, ou seja, a partir do método clínico-patológico, baseava-se em dois pressupostos básicos. Primeiro, na hipótese de que cada região do

cérebro sedia uma função diferente e, segundo, na hipótese de que cada uma dessas funções é independente, ou seja, de que uma lesão específica pode afetar apenas uma determinada função. Freud, em sua monografia sobre as afasias, vai procurar mostrar que, além de apoiar-se nesses dois pressupostos básicos, a teoria de Wernicke, assim como a de Meynert na qual se baseava, fundamentava-se também na hipótese de que os fenômenos neurológicos e os psicológicos possuem as mesmas propriedades. Ele argumenta que a teoria sobre o funcionamento normal e patológico da linguagem construída a partir de tais pressupostos é insuficiente para explicar as características dos fenômenos que pretende abordar e, a partir da recusa das teses desta teoria, procura formular uma nova concepção sobre a “área” e o “aparelho” de linguagem, apoiando-se em um modo alternativo de conceber a localização das funções cerebrais e a relação entre os fenômenos psíquicos e os neurológicos. Desses esforços resultam os contornos de uma nova concepção sobre a natureza e o modo de operação das representações. Uma vez que as teorias de Meynert e de Wernicke apoiavam-se em certas concepções psicológicas – as quais parecem poder ser aproximadas das do associacionismo de James Mill, como aponta Amacher (1965) –, a crítica às hipóteses neurológicas sobre as afasias implicou uma revisão das concepções psicológicas a elas subjacentes; nesse movimento, a concepção sobre a fisiologia e a anatomia da linguagem proposta por Freud acabou por conduzir a uma concepção consideravelmente distinta de representação, fazendo com que esteja presente, nesse texto, a primeira e mais extensa reflexão freudiana sobre o conceito de representação.

Apresentarei algumas das teses formuladas por Freud ao longo da sua crítica à neurologia da linguagem e comentarei as implicações de tais teses para a noção de representação. Tomarei, para isso, como ponto de partida as teorias de Wernicke e Meynert examinadas por Freud em seu trabalho.

1.1 As hipóteses neurológicas criticadas por Freud

Segundo Amacher (1965), Meynert concebia o sistema nervoso como funcionando de acordo com um mecanismo reflexo, transmitindo a excitação da periferia aferente para a eferente. Nesse processo, haveria uma etapa intermediária, que consistiria na passagem da excitação pelas fibras associativas que conectam as diferentes partes do córtex. Quando o córtex recebesse excitação de duas vias aferentes

simultaneamente, formar-se-ia uma conexão entre ambas e, então, o influxo de excitação seria levado para outra região. O córtex seria o órgão principal do cérebro, e todas as suas outras partes seriam seus auxiliares. Ele seria constituído por duas áreas funcionalmente distintas: uma área motora, que estaria localizada na região frontal e que conteria imagens de movimento, e uma área sensorial, que estaria localizada na região temporal e que conteria imagens sensoriais. Estas duas regiões se conectariam por meio de “fibras associativas” - que seriam as fibras que ligam as diferentes regiões do córtex - , e estariam conectadas com a periferia do sistema nervoso por meio de “fibras projetivas”- aquelas que conduzem as informações sensoriais da periferia do sistema nervoso ao córtex e que conduzem as informações motoras no sentido inverso. Assim, todos os feixes de fibras do sistema nervoso ou entrariam ou se originariam no córtex.

Em sua monografia sobre as afasias, Freud comenta que algumas passagens de Meynert sugerem que ele considerava haver uma projeção ponto por ponto da periferia do corpo no córtex, mas, ao mesmo tempo, há outras afirmações que contradizem tal ponto de vista. No entanto, Freud trata a teoria desse autor como se ela comportasse essa hipótese, o que se justifica, segundo ele, pelo fato de outros estudiosos que aceitaram os princípios da doutrina de Meynert terem propagado o conceito de uma projeção completa e topograficamente exata do corpo sobre o córtex. Os processos associativos corticais seriam os concomitantes físicos dos processos psíquicos. A informação sensorial e motora que chegasse ao córtex provocaria modificações nas células dos centros e estas se converteriam nos correlatos fisiológicos das representações. Segundo Freud, para Meynert, a constituição das imagens mnêmicas no córtex consistiria num processo de ocupação de células desocupadas: deste modo, deveria haver “lacunas funcionais” no córtex, isto é, áreas carentes de função, que possibilitariam a aprendizagem.

A teoria de Wernicke sobre as afasias consiste, como ele mesmo afirmou na abertura da sua monografia “O complexo sintomático das afasias” (1874), em uma aplicação dos ensinamentos de Meynert sobre a anatomia e a fisiologia do cérebro aos processos normais da linguagem e às afasias. Nessa monografia, ele propõe que a área da linguagem seja constituída por um centro sensorial, um centro motor e uma região associativa que conectaria os dois centros. O primeiro giro temporal seria o centro terminal do nervo acústico, e o primeiro giro frontal, incluindo a área de Broca, seria o centro de onde partem os nervos que controlam a musculatura da linguagem. Em sua monografia de 1874, Wernicke propõe que:

“A região inteira da primeira circunvolução primordial, o giro ao redor da fissura de Silvius em associação com o córtex da “ínsula”, funciona como um centro da linguagem. O primeiro giro frontal (Leuret), que é motor na função, atua como um centro motor das imagens de movimento; o primeiro giro temporal, que é de natureza sensorial, pode ser considerado como o centro das imagens acústicas. Portanto, o primeiro giro temporal pode ser considerado como o centro terminal do nervo acústico, e o primeiro giro frontal (Leuret), incluindo a área de Broca, como o centro terminal dos nervos que controlam a musculatura da linguagem”. (1874,p.103)

O seguinte esquema é proposto para representar a área da linguagem:

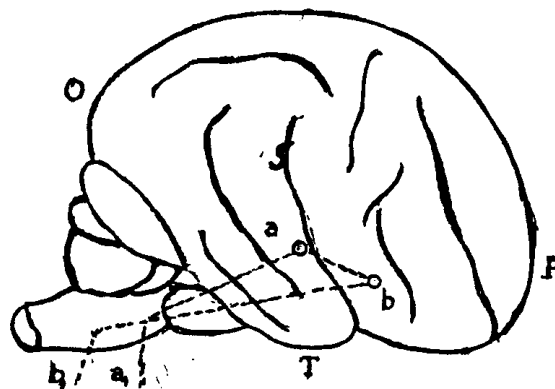


FIGURA 1

O: Área occipital

F: Área frontal

T: Área temporal

S: Fissura de Silvio

a: Terminação central do nervo acústico

b: Área das impressões cinestésicas para a linguagem articulada

a1: Entrada do nervo acústico no bulbo

b1: Via centrífuga da linguagem.

As imagens mnêmicas - que consistiriam em modificações permanentes do sistema nervoso central resultantes da estimulação sensorial e dos movimentos realizados - estariam armazenadas nos centros, e a associação entre essas imagens seria executada pelas fibras associativas subcorticais. De acordo com Freud (1891), Wernicke considerava que cada uma das imagens mnêmicas individuais estaria contida em uma

célula singular.¹ A constituição das imagens mnêmicas consistiria num processo de ocupação de células corticais desocupadas, assim como sustentava Meynert.

Os transtornos afásicos eram considerados meras decomposições da função da linguagem. Uma lesão em alguma das regiões constitutivas da área da linguagem provocaria mecanicamente um prejuízo da função por ela abrigada. Em 1874, Wernicke propõe a existência de três tipos de afasias que poderiam resultar de lesões na área da linguagem: a “afasia sensorial”, que resultaria de lesões no centro sensorial, a “afasia motora”, que resultaria de lesões no centro motor, e a “afasia de condução”, que resultaria de lesões nas fibras associativas que conectam esses dois centros. Em “Novos trabalhos sobre as afasias” (1885), Wernicke amplia o seu modelo para as afasias, a partir da consideração dos funcionamentos subcortical e transcortical da linguagem. Tal modificação foi influenciada por algumas hipóteses formuladas por Lichtheim² no período de 1884-1885. Lichtheim acrescentou ao esquema das afasias que Wernicke propusera em 1874 um “centro dos conceitos”, as vias subcorticais sensorial e motora e as vias transcorticais sensorial e motora, as quais seriam exclusivas da linguagem. Wernicke adotou a proposta de Lichtheim e introduziu, na sua monografia de 1885, quatro outros tipos de afasias: as afasias sensorial e motora subcorticais e as afasias sensorial e motora transcorticais. Contudo, só para o centro sensorial, para o centro motor e para a região associativa situada entre esses centros, ele continuou estabelecendo uma localização anatômica precisa.

¹ Eggert (1977, p.26) comenta que Wernicke não atribui um traço de memória individual a uma célula singular, mas a circuitos celulares e suas fibras associativas. Ela cita uma passagem de Wernicke do texto “Fundamentos de psiquiatria” (1900) que demonstra isso. Contudo, não é possível dizer que a afirmação de Freud sobre Wernicke é incorreta, pois o texto deste autor citado por Eggert foi escrito nove anos depois da monografia freudiana sobre as afasias, embora não haja nada que confirme sua afirmação de que, para Wernicke, as imagens mnêmicas individuais estariam armazenadas em células singulares. De qualquer forma, Freud constrói sua crítica à teoria de Wernicke pressupondo que este defendia a hipótese em questão.

² Greenberg (1997,p.31) comenta que Ludwig Lichtheim (1845-1915) era um seguidor e expositor influente da visão de Wernicke, mas era uma figura menos importante, cujos diagramas esquemáticos da função da linguagem no cérebro foram demonstrados como

1.2 As hipóteses psicológicas implícitas na teoria neurológica de Meynert e Wernicke

Meynert e Wernicke consideravam que os fenômenos psíquicos eram correlatos dos fenômenos neurológicos, embora, na maior parte das vezes, falassem desses dois tipos de fenômenos como se eles fossem idênticos. Sendo assim, a representação simples para Meynert e para Wernicke – pelo menos se considerarmos somente o modo como Freud expõe a teoria desses autores – seria o correlato de um engrama contido em uma célula singular de um centro cerebral, e este engrama, por sua vez, seria uma cópia dos estímulos que incidissem sobre a periferia do sistema nervoso, já que os mesmos seriam projetados no córtex sem sofrer nenhuma alteração ao longo deste percurso. Os correlatos físicos das representações complexas resultariam de associações mecânicas entre os correlatos das representações simples, e esta associação seria determinada, primeiramente, pela simultaneidade da incidência dos estímulos sobre o sistema nervoso. Deste modo, a mente seria dotada de um funcionamento totalmente passivo, pois tanto a constituição dos correlatos das representações simples como dos correlatos das representações complexas seriam inteiramente determinados por fatores externos.

Forrester (1983) afirma que a concepção sobre o funcionamento do sistema nervoso que fundamentava a teoria localizacionista das afasias apoiava-se na teoria psicológica associacionista. Amacher (1965) sugere que é pertinente comparar a visão de James Mill sobre os processos fundamentais da mente com a visão de Meynert e que, embora Meynert não tenha baseado explicitamente sua psicologia em James Mill, ele pode ter derivado suas suposições psicológicas de outros autores germânicos que incorporaram algumas das visões da tradição britânica em seus trabalhos.

Para James Mill (1829)³, a mente receberia e associaria os estímulos que chegam aos órgãos sensoriais, e essa associação se daria de acordo com a contigüidade da recepção desses estímulos, ou seja, sem uma intervenção ativa do funcionamento mental. Os objetos externos nos enviariam impressões sensoriais, e estas se agrupariam em nossa mente em virtude da contigüidade de sua formação. As representações complexas consistiriam em agregados de representações simples, que resultariam de conexões mecânicas e, portanto, todas as propriedades das primeiras já estariam

incorretos por vários pesquisadores. Laubstain (1993) faz uma análise da teoria de Lichtheim, onde aponta as inconsistências e ambigüidades presentes em suas hipóteses.

presentes nas últimas, isto é, as propriedades da representação complexa consistiriam na soma das propriedades dos elementos que a compõem. Segundo Amacher (1965), Meynert procurou descrever os concomitantes nervosos para os processos psíquicos que os psicólogos associacionistas haviam descrito.

A crítica freudiana vai opor-se, praticamente, a cada um dos tópicos da teoria neurológica de Meynert e de Wernicke e, conseqüentemente, às hipóteses psicológicas a ela subjacentes. Passemos, portanto, à análise de alguns dos argumentos usados por Freud para sustentar uma concepção sobre a área e o aparelho de linguagem distinta daquela que se pode encontrar na perspectiva localizacionista e que implicará na proposição de uma noção alternativa de representação.

1.3 A desconstrução do esquema de Wernicke das afasias: a área da linguagem

Freud analisa um a um os segmentos do esquema de Lichtheim mencionado acima - que fora, no essencial, endossado por Wernicke - e procura afastar todas as hipóteses que pudessem ser refutadas por dados clínicos e todas as que tivessem sido inferidas de maneira arbitrária. Ele suprime deste esquema tudo o que não se mostrou capaz de resistir a esse trabalho crítico, e as partes que foram mantidas são apontadas como as verdadeiras constituintes da área da linguagem. A recusa da diferenciação entre centros e vias associativas da linguagem, a recusa da noção de lacunas funcionais e da idéia de projeção ponto por ponto da periferia do sistema nervoso no córtex são as que têm conseqüências mais importantes para o conceito de representação, por isso o comentário da crítica empreendida por Freud que se segue irá restringir-se a esses pontos.⁴

No início da sua monografia, Freud aponta que a hipótese da afasia central pode ser considerada supérflua, dado que uma lesão na totalidade das vias de acesso tornaria o centro inacessível e, portanto, seria clinicamente equivalente à lesão ou destruição

³ Em: Herrnstein & Boring, 1971, p.447-463.

⁴ Na minha dissertação de mestrado intitulada “Representação e consciência na obra inicial de Freud” (2002) analiso passo a passo a desconstrução do esquema das afasias empreendida por Freud em 1891. As implicações dessa crítica empreendida por Freud para o conceito de representação são comentadas também no artigo “O conceito freudiano de representação em *Sobre a concepção das afasias*” (Caropreso, 2003).

deste centro. Mas, para descartar de fato a hipótese dos centros de linguagem, é necessário negar a função que lhes foi atribuída, isto é, negar que é preciso haver locais de armazenamento das impressões sensoriais e motoras da linguagem no córtex, o que Freud faz no quinto capítulo, ao revisar algumas hipóteses de Meynert que, como já foi dito, estavam pressupostas e consistiam no fundamento da teoria de Wernicke.

Freud argumenta que a hipótese de Meynert da existência de centros cujas células armazenariam as diversas impressões sensoriais e motoras fundamentava-se na suposição de que os fenômenos neurológicos e os psíquicos deveriam possuir as mesmas características, pois a um simples psíquico – uma impressão sensorial – corresponderia um simples neurológico – um engrama contido em uma célula. Freud argumenta que essa transposição de termos psicológicos em termos neurológicos, empreendida por Meynert e mantida por seus seguidores, é um procedimento arbitrário, pois os fenômenos psíquicos e os neurológicos não precisam apresentar necessariamente as mesmas características. Ele, então, recusa a suposição de que cada uma das imagens sensoriais estaria armazenada em uma célula de um dos centros corticais:

“Na psicologia, a representação simples é para nós algo elementar que podemos diferenciar claramente de sua conexão com outras representações. Esta é a razão por que nos sentimos tentados a presumir que o seu correlato fisiológico, isto é, a modificação das células nervosas que se originam pela estimulação das fibras nervosas, seja também algo simples e localizável. Tal inferência, com certeza, carece de todo fundamento; as qualidades desta modificação têm que ser estabelecidas por si mesmas e independentemente de seus correspondentes psicológicos.”⁵

Freud reconhece que o fato de Wernicke ter declarado que somente os elementos psíquicos mais simples – ou seja, as distintas percepções sensoriais – poderiam ser localizados no córtex é um progresso, se se considera a tendência anterior da medicina de localizar mesmo as faculdades mentais mais complexas, mas argumenta que, em princípio, Wernicke comete o mesmo erro dos seus predecessores:

⁵ LA, p. 70; ZAA, p.99.

“...não se comete por acaso, em princípio, o mesmo erro tanto quando se pretende localizar um conceito complicado como toda uma faculdade ou um elemento psíquico? É justificado submergir uma fibra nervosa, que ao longo de todo o seu curso havia sido somente uma estrutura fisiológica sujeita a modificações fisiológicas, com sua terminação no psíquico e dotar esta terminação de uma representação ou recordação?”⁶

Nessa passagem, Freud parece referir-se à teoria de seus opositores como se esta se baseasse na hipótese de que os fenômenos psíquicos e os físicos fossem idênticos. Mas, em seguida, ele reconhece que, na verdade, tais autores consideravam que as modificações neurológicas das fibras nervosas pelos estímulos sensoriais produziriam outras modificações nas células nervosas centrais, as quais, então, se converteriam no “correlato fisiológico” da idéia. Ou seja, para Meynert e para Wernicke, as modificações nas células corticais seriam tão somente os correlatos das idéias e não as próprias idéias. Freud argumenta que a insuficiência do conhecimento a respeito dos processos fisiológicos levou estes autores a empregarem termos psicológicos para se referirem a fenômenos fisiológicos, misturando assim esse dois domínios, e que é necessário estabelecer um limite preciso entre os fenômenos neurológicos e os psíquicos, necessidade esta que já havia sido apontada por Hughlings Jackson. Diante disto, Freud adota a mesma posição de Jackson: ele propõe que se considere que os fenômenos psíquicos e os fisiológicos sejam “concomitantes dependentes”:

“A relação entre a cadeia de processos fisiológicos que se dá no sistema nervoso e os processos psíquicos provavelmente não é de causalidade. Os processos fisiológicos não cessam quando aqueles começam; tendem a continuar, porém, a partir de um certo momento, um fenômeno psíquico corresponde a cada parte da cadeia ou a várias partes. O psíquico é, portanto, um fenômeno paralelo ao fisiológico (um concomitante dependente).”⁷

De acordo com a doutrina da concomitância, defendida por Jackson (1884), os estados mentais ou conscientes e os estados nervosos ocorreriam paralelamente, mas

⁶ LA, p.69; ZAA, p. 97.

não haveria interferência de um sobre o outro. Para cada estado mental, haveria um estado nervoso correlativo. Vejamos um exemplo dado por Jackson: em uma percepção visual, há um circuito físico da periferia sensorial para os centros superiores e, destes, retornando à periferia muscular. A imagem visual, que é um estado puramente mental, surge “durante” as (e não das) atividades dos dois elos superiores dessa corrente puramente física. O evento físico e o psíquico possuiriam naturezas diferentes, como deixa claro a seguinte afirmação de Jackson: “(...) *um estado psíquico é sempre acompanhado por um estado físico, todavia as duas coisas têm naturezas distintas*”.(1878-79, p.160)

Essa posição de Jackson visa conferir autonomia ao seu objeto de estudo e lhe permitir distanciar-se da confusão entre o que é físico e o que é psíquico mencionada acima. Forrester (1983) comenta que um dos primeiros ataques aos “fazedores de diagramas”⁸ proveio de uma reunião de argumentos psicológicos e filosóficos no trabalho de Jackson. Este estava interessado em romper com a flutuação entre termos psicológicos e fisiológicos que afetava as teorias sobre as afasias, assim como a neurologia em geral. De acordo com Forrester, a doutrina da concomitância – um argumento firme para uma separação estrita entre os processos psíquicos e os físicos – protegeu a neurologia contra um psicologismo rasteiro. Diante da necessidade de tratar os processos psíquicos e os fisiológicos como dois tipos de fenômenos independentes, Freud adota a concepção de Jackson segundo a qual esses dois processos, embora concomitantes, não interferem um sobre o outro.⁹

Desse modo, ao sustentar que o correlato de uma representação simples se localiza em algo simples – ou seja, em uma célula cortical –, Meynert teria atribuído as propriedades do fenômeno psíquico ao fenômeno neurológico: ele teria se apoiado no pressuposto de que esses fenômenos possuem as mesmas propriedades. Freud nega a legitimidade de tal procedimento – dessa transposição das hipóteses da psicologia associacionista para a neurologia, apontada por Amacher (1965) – e procura formular uma hipótese alternativa que seja capaz de contornar o que lhe parece um equívoco.

⁷ LA, p.70; ZAA, p.98.

⁸ Esse termo foi usado por Henry Head para se referir aos neurologistas que procuravam explicar os distúrbios afásicos e o funcionamento da linguagem a partir de diagramas, como Wernicke, Lichtheim e outros.

⁹ A adoção por parte de Freud da doutrina da concomitância de Jackson, contudo, não durará muito tempo. Como veremos, já no “Projeto de uma psicologia”(1895), Freud passará a conceber de outra maneira a relação entre o físico e o psíquico.

Segundo Marx (1967), o que há de mais importante na monografia de Freud sobre as afasias é o fato dela ter apontado a ilogicidade de se construir um modelo anatômico a partir de uma concepção psicológica, identificando, assim, uma das maiores falácias inerentes às principais formulações psicofisiológicas da época. Após essa crítica, Freud se pergunta qual é, então, o correlato fisiológico da representação simples e responde:

“Obviamente, nada estático, mas algo que tenha o caráter de um processo. Este processo não é incompatível com a localização. Começa em um ponto específico do córtex e, a partir daí, se difunde por todo o córtex e ao longo de certas vias. Quando este fato ocorre, deixa atrás de si uma modificação, com a possibilidade de uma recordação na parte do córtex afetada”.¹⁰

Dessa forma, Meynert e Wernicke teriam reduzido as antigas “faculdades” propostas por Franz Joseph Gall a agregados de impressões sensoriais e motoras elementares, e Freud passa a considerar essas impressões elementares como algo muito mais complexo, ou seja, como um conjunto de intrincados processos associativos. O córtex não sediaria uma série de faculdades - tais como o amor, a generosidade, a criatividade e outras – como pensava Gall; nem, como pensava Meynert e Wernicke, conteria centros povoados de impressões sensoriais. Freud sustenta que há no córtex uma série de complexos processos. Essa hipótese também parece ter sido influenciada pela teoria de Jackson. Em “On affections of speech from disease of the brain” (1878-79), este propõe que a idéia é o correlato de um processo sensório-motor. O correlato fisiológico de uma idéia simples seria um processo e não um engrama contido em uma célula individual. Para Freud, então, o que é simples do ponto de vista psíquico deve corresponder a um complexo do ponto de vista neurológico. Disto segue-se que não é possível diferenciar os correlatos fisiológicos da associação e da representação, pois o correlato de uma representação simples é sempre um processo associativo, ou seja, para haver representação é necessário que haja associação. Com isso, a associação deixa de ser considerada um processo que se dá entre os correlatos das representações simples, levando à constituição dos correlatos da representação complexa, e passa a ser a condição necessária de todo correlato da representação. Como consequência, a noção

¹⁰ LA, p.71; ZAA, p. 99.

de centros de linguagem perde seu sentido: se não há correlatos de representações armazenados em células corticais, não é necessário haver locais de armazenamento, isto é, os centros de linguagem. A diferenciação anatômica e funcional entre centros e vias associativas pode ser, com isso, recusada:

“Mediante esta refutação da existência de localizações separadas para o representar e o associar de representações, descartamos uma razão importante para diferenciar entre centros e vias de condução da linguagem. Em cada parte do córtex que está a serviço da linguagem, temos que supor processos funcionais similares e não necessitamos apelar para os feixes de fibras brancas para a associação das representações dentro do córtex”.¹¹

Então, a área da linguagem seria, para Freud, uma área exclusivamente associativa, e a associação passa a ser considerada como um processo exclusivamente cortical.¹² Não há áreas de armazenamento e áreas de associação; toda área da linguagem é associativa. Como consequência, a distinção entre representações simples e complexas deixa de existir no nível neurológico e o correlato da representação passa ser pensado como sendo sempre um processo cortical associativo.

)(X)(

Outra hipótese, cuja recusa terá consequências importantes para o conceito de representação, é a da existência de áreas desocupadas, onde as novas imagens mnêmicas iriam sendo acumuladas. Freud emprega dois argumentos contra esta hipótese das lacunas funcionais. O primeiro refere-se ao modo como a existência dessas lacunas foi inferida. De acordo com ele, as áreas que apresentavam a maior superposição de lesões nos exames *post mortem* de pacientes afásicos tinham sido consideradas como sendo centros de linguagem, ou seja, como áreas cuja integridade seria indispensável para que a linguagem funcionasse normalmente. As demais áreas foram, por exclusão, consideradas regiões sem função. Freud argumenta que tal inferência não é correta,

¹¹ LA, p.72; ZAA, p.101.

porque pode perfeitamente haver outras áreas corticais que também estejam a serviço da linguagem, ainda que sua destruição possa ser tolerada mais facilmente e, além disso, também é possível que uma lesão em uma região provoque uma alteração no funcionamento de outra região, ou seja, uma lesão pode provocar uma alteração funcional mais ou menos generalizada. Por isso, apenas o fato de lesões de determinadas áreas não estarem associadas a casos de afasia não permite concluir que essas regiões não sejam responsáveis por nenhuma função da linguagem e consistam nas chamadas lacunas funcionais.

O segundo argumento de Freud dirige-se contra a função que foi atribuída a tais lacunas, ou seja, dirige-se contra a hipótese de que a aprendizagem da linguagem consistiria num processo de ocupação progressiva de regiões desocupadas. Usando a analogia empregada por Freud para expressar a concepção de aprendizagem de Meynert, esta ocorreria de uma maneira similar à expansão de uma cidade quando as pessoas se instalam nas áreas que estão fora de suas muralhas. Freud argumenta que, se examinamos a utilidade desta hipótese para a compreensão dos distúrbios afásicos, vemos que o que ocorre é exatamente o oposto do que pode ser previsto pela suposição das lacunas funcionais. Se a aprendizagem ocorresse da forma como considerava Meynert, deveria ser possível, por exemplo, no caso de uma lesão na área da linguagem, que a língua materna fosse prejudicada e uma adquirida posteriormente permanecesse intacta, pois cada uma delas estaria armazenada em uma área diferente. Mas, argumenta Freud, jamais acontece que uma lesão orgânica afete a língua materna e não afete uma língua aprendida posteriormente; o que invariavelmente ocorre, em todas as patologias da linguagem, é o contrário. Ele diz que, ao revisar o material pertinente, nota-se que dois fatores determinam o caráter do transtorno de linguagem em políglotas: a influência da idade de aquisição da língua e a influência da prática; esses fatores operam sempre na mesma direção, e o prejuízo da linguagem segue a ordem contrária à da aprendizagem, ou seja, as línguas posteriormente adquiridas são as primeiras a serem afetadas, a não ser que uma língua adquirida mais tarde tenha sido mais usada que a materna. Portanto, pode-se inferir que: *“(...)um novo conjunto de associações pode sobrepor-se às associações já estabelecidas que intervêm na fala (...) O conjunto de associações sobrepostas é danificado antes que o primário, seja qual for a localização*

¹² Segundo a teoria de Meynert, a associação entre as impressões sensoriais de um mesmo centro seria feita por fibras associativas sub-corticais. Essa hipótese está sendo também

da lesão.”¹³ Deste modo, a aprendizagem da linguagem não parece consistir num processo de ocupação de áreas desocupadas e sim num processo de “sobre-associação”, ou seja, todas aquisições da linguagem se dariam na mesma área, com as associações sobrepondo-se umas às outras. Sendo assim, torna-se desnecessário supor a existência das lacunas funcionais, e esta hipótese também pode ser descartada por Freud.

A hipótese de que as funções da linguagem sejam afetadas na ordem das mais recentes para as menos recentes está de acordo com a noção de “dissolução” proposta por Hughlings Jackson para explicar as patologias do sistema nervoso. Freud se refere a ele como o “*autor, sobre cujas opiniões tenho baseado quase todos os argumentos que venho empregando para refutar a teoria localizacionista das afasias*”¹⁴. Jackson aplicou a doutrina da evolução de Herbert Spencer ao sistema nervoso e propôs que os distúrbios nervosos consistiriam em reversões do processo de evolução, isto é, em dissoluções das funções constituídas ao longo deste processo. Evolução significa, para Jackson, a passagem do controle das funções nervosas dos centros inferiores – os quais seriam mais organizados, mais simples e mais automáticos – para os centros superiores – os quais seriam menos organizados, mais complexos e menos automáticos.¹⁵ A dissolução, sendo o reverso da evolução, seria um processo que se encaminharia no sentido do menos organizado, mais complexo e menos automático para o mais organizado, mais simples e mais automático.¹⁶ Em todos os casos de dissolução, a sintomatologia das patologias do sistema nervoso teria uma condição dupla: haveria elementos positivos e negativos. Os primeiros consistiriam, do lado físico, na atividade das partes do centro que não foram afetadas por processos patológicos; os segundos consistiriam no esgotamento ou perda da função de alguma parte de algum dos centros. As disposições nervosas superiores evoluiriam a partir das intermediárias, estas, a partir

abandonada.

¹³ LA, p.75; ZAA, p.104.

¹⁴ LA, p. 75; ZAA, p. 105.

¹⁵ Não há inconsistência, para Jackson, em falar de centros como sendo, ao mesmo tempo, mais complexos e menos organizados. Um centro constituído apenas por dois elementos sensoriais e dois motores, no qual esses elementos estejam bem associados, de forma que a corrente excitatória flua facilmente dos primeiros para os segundos, embora muito simples, é altamente organizado. Por outro lado, um centro constituído por quatro elementos sensoriais e quatro motores, no qual a articulação entre os elementos sensoriais e motores seja imperfeita e dificulte a passagem da corrente nervosa, embora seja um centro mais complexo que o anterior, não pode ser considerado mais organizado, explica Jackson.

¹⁶ A dissolução total, isto é, a desintegração completa da atividade do sistema nervoso, resultaria na morte do sujeito. Portanto, sempre que se fala de dissolução do sistema nervoso para explicar as patologias, trata-se de uma dissolução parcial.

das inferiores e, estas, por sua vez, a partir da periferia sensório-motora. Apesar disto, as disposições superiores passariam a controlar as inferiores, a partir de um certo momento, assim como um governo evoluído a partir de uma nação passa a controlar esta nação, exemplifica Jackson. Portanto, se o processo de evolução ocorresse dessa maneira, o processo reverso de dissolução não seria apenas uma retirada do funcionamento superior, mas seria também uma liberação do inferior. Conseqüentemente, os sintomas positivos não seriam causados pela dissolução, mas seriam permitidos por ela.

Após afastar uma a uma as hipóteses de Wernicke sobre as diferenciações na área da linguagem, Freud conclui que esta é uma área cortical homogênea, exclusivamente associativa, situada no hemisfério esquerdo entre as terminações dos nervos acústicos, óticos e motores. Ele reconhece que é necessário supor a existência de uma via subcortical motora exclusiva da linguagem, mas, segundo ele, um dano nesta via provocaria um problema de articulação (anartria ou disartria) que não caracterizaria um distúrbio afásico; assim, a afasia, para Freud, decorreria de um perturbação exclusivamente cortical.

Freud passa a conceber a relação entre a anatomia e o funcionamento do sistema nervoso de forma totalmente diferente da teoria localizacionista de Wernicke e de Meynert. De acordo com as hipóteses desses autores, cada função da linguagem (motora, sensorial, compreensão...) possuiria uma localização específica e tanto o funcionamento normal como o patológico seriam explicados inteiramente a partir da distribuição das funções na anatomia do sistema nervoso. Freud conclui que a relação entre a fisiologia e a anatomia é muito mais complexa. Várias funções podem atuar em uma mesma região e as diferentes funções podem interferir umas sobre as outras; não é possível estabelecer a localização precisa das várias funções, mas apenas uma localização geral. Por isso, Freud estabelece uma área onde transcorreriam os processos envolvidos na linguagem e afirma que esta deve ser uma área homogênea onde ocorram processos similares. Freud mostra que não é possível, a partir da localização de lesões, inferir as funções abrigadas pelas diferentes partes do cérebro e, com base nesses dados, tentar explicar o funcionamento da linguagem, como faziam os localizacionistas, ou seja, não é possível explicar o funcionamento da linguagem com base apenas em dados anatômicos. Para alcançar tal explicação, é preciso fazer uma análise clínica rigorosa que permita compreender como as funções se desintegram e, a partir disso, inferir as

características do funcionamento normal. Os dados anatômicos podem ajudar nessa tarefa, mas não podem ser a única ou a principal referência.

A forma como Freud concebe a relação entre os processos que constituem o aparelho de linguagem e a sua anatomia torna possível explicar as características funcionais do aparelho sem tomar como ponto de partida, nem como dado principal, a localização anatômica das funções envolvidas. Essa “independência” do funcional em relação ao anatômico, que resulta da crítica ao localizacionismo empreendida por Freud, será de grande importância para a metapsicologia freudiana.

Solms e Saling (1986) argumentam que o ponto decisivo na história da psicanálise foi o rompimento com o localizacionismo, em “Sobre a concepção das afasias”, e a adoção por Freud da doutrina da concomitância de Jackson, que lhe teria permitido pensar os processos psíquicos independentemente dos seus substratos orgânicos. Como argumentarei adiante, na verdade, já no “Projeto de uma psicologia”, Freud abandona a doutrina da concomitância, ao expandir a noção de psíquico em relação à de consciência. O que parece possuir mais importância para a teoria psicanalítica, no rompimento de Freud com o localizacionismo, é a suposição adotada, em 1891, de que o funcionamento do sistema nervoso não é totalmente determinado pela anatomia e que, portanto, pode ser pensado independentemente desta, e não a adoção da doutrina da concomitância, como sustenta Solms e Saling. Isso lhe teria permitido continuar fazendo especulações neuropsicológicas, a partir dos dados clínicos, sem ter que se preocupar com a localização dos processos abordados. No capítulo 7 de “A Interpretação dos Sonhos” (1900), como veremos, fica claro a importância disso para a metapsicologia freudiana.

Freud não apenas recusa o esquema das afasias de Wernicke e Lichtheim, como descarta também os pressupostos básicos da teoria desses autores, sem os quais suas hipóteses se tornariam insustentáveis. Ele sustenta que uma mesma área pode abrigar mais de uma função e que as diferentes funções não são independentes umas das outras, o que tem como consequência que lesões de mesma localização possam provocar quadros clínicos diferentes e vice-versa. Dessa forma, não seria possível inferir a função abrigada por uma área cortical específica apenas a partir da relação entre os sintomas afásicos e a lesão; não seria possível explicar o distúrbio apenas a partir da localização da lesão, nem a partir desta tirar conclusões precisas a respeito do quadro clínico. Além disso, uma vez que se considere que o simples do ponto de vista psicológico corresponde a um complexo do ponto de vista neurológico – ou seja, que uma idéia

simples corresponde a um processo associativo –, não há como falar de engramas armazenados no córtex e, portanto, de áreas de armazenamento, isto é, de centros sediando exclusivamente cada uma das diversas funções da linguagem.

A hipótese formulada por Freud sobre a área da linguagem apresenta-se, assim, como uma concepção alternativa da localização das funções cerebrais e da relação entre os fenômenos psíquicos e os fisiológicos. A hipótese subjacente à teoria de Wernicke sobre a localização de funções cerebrais compostas é em parte aceita, pois Freud aceita que o cérebro não atua como um todo, sendo funcionalmente composto, e em parte recusada, pois Freud recusa a hipótese de que cada uma das funções da linguagem localize-se em uma área diferente e que todas funções sejam independentes umas das outras.¹⁷ Segundo ele, não é necessário haver centros sediando as diferentes funções da linguagem: algumas dessas funções estariam localizadas numa mesma área e parte delas seriam funcionalmente dependentes umas das outras.

Freud propõe, então, que só é possível estabelecer a região onde transcorrem o conjunto dos processos correlativos às funções psíquicas da linguagem, sem especificar a região envolvida em cada função, ou seja, que apenas é possível falar de uma “área da linguagem” e não de “centros e vias associativas da linguagem”. Vejamos, agora, de que forma, Freud concebe o “aparelho de linguagem” que tal área abrigaria.

1.4 O aparelho de linguagem

Os processos associativos que ocorrem na área da linguagem constituiriam o aparelho de linguagem. Este corresponde, portanto, ao conjunto dos processos relativos à linguagem. Tais processos consistiriam no último estágio da série de reorganizações sucessivas da informação sensorial proveniente do mundo externo. Segundo Freud, os

¹⁷ Segundo Clark & Jacyna (1987, p.212), historicamente, foram propostas três concepções principais de como o cérebro atua. De acordo com a primeira dessas concepções, o cérebro funcionaria como um todo, com todas as suas partes possuindo significação igual, e não seria possível nenhuma localização de funções específicas em regiões individuais. Esta posição foi defendida por Albrecht von Haller. Franz Joseph Gall propôs uma outra hipótese, segundo a qual as subdivisões morfológicamente separadas do cérebro (hemisférios cerebrais, cerebelo, corpos quadrigêmeos, medula oblongata) seriam funcionalmente compostas e as diversas funções seriam independentes umas das outras. Esta segunda concepção do funcionamento cerebral é chamada de “teoria da localização de funções cerebrais compostas”. Pierre Jean Marie Flourens formulou uma terceira hipótese, de acordo com a qual cada uma das grandes subdivisões do cérebro seria funcionalmente unitária. A concepção de Meynert e Wernicke

estímulos que incidissem sobre a medula seriam reordenados ao longo do seu caminho até o córtex, onde eles passariam por outros processos associativos e, então, seriam mais uma vez reorganizados. Os complexos associativos formados por esses processos corticais possuiriam concomitantes psíquicos que, no caso da área da linguagem, consistiriam nas representações-palavra e, nas demais regiões corticais, nas representações-objeto.

Freud formula essa hipótese da reorganização funcional dos estímulos em substituição à idéia de Meynert de que haveria uma projeção topograficamente exata da periferia do corpo no córtex. Ele recusa duas hipóteses que seriam condições necessárias para a ocorrência dessa projeção ponto a ponto: primeiro, a de que o número de fibras que partem da periferia seja idêntico ao das que ingressam no córtex; segundo, a de que na passagem dessas fibras pelos núcleos de matéria cinzenta, não haja alteração de nenhuma espécie no material conduzido.

Contra a primeira dessas hipóteses, é mencionada uma constatação de Henle, segundo a qual o número de fibras que conecta a periferia do sistema nervoso à medula é maior que o número de fibras que conecta esta última ao córtex. Portanto, de acordo com as características anatômicas do sistema nervoso, só entre a periferia e a medula seria possível haver uma projeção ponto por ponto dos estímulos. Devido a essa redução do número de fibras na passagem pela medula, uma unidade sensorial que alcançasse o córtex deveria corresponder a várias das unidades sensoriais que partissem da periferia. Sendo assim, haveria, forçosamente, uma reorganização da informação sensorial ao longo de sua condução ao córtex. A partir disso, Freud propõe que a relação entre a periferia do sistema nervoso e a medula pode ser chamada de “projetiva”, como queria Meynert, mas a relação entre esta e o córtex deve ser chamada de “representativa”:

“(…) uma unidade de substância cinzenta que pertence a um nível superior não pode corresponder a uma unidade periférica, mas tem que estar relacionada com várias de tais unidades. Isto também vale para o córtex cerebral e é, portanto, adequado empregar termos diferentes para esses dois tipos de representação no sistema nervoso central. Se chamamos projeção ao modo como a periferia está refletida na medula espinhal, sua contraparte no córtex cerebral poderia

sobre o funcionamento cerebral concorda com a de Gall quanto a idéia de que cada região do cérebro sedia uma função diferente e que as diversas funções são independente umas das outras.

convenientemente ser chamada uma representação (Repräsentation), o que implica que a periferia do corpo não está contida ponto por ponto no córtex cerebral e sim por fibras selecionadas com uma diferenciação menos detalhada".¹⁸

Contra a segunda condição necessária para a projeção ponto por ponto dos estímulos – ou seja, contra a hipótese de Meynert de que as fibras retêm sua identidade mesmo após atravessar vários núcleos de matéria cinzenta – Freud argumenta que as várias fibras provenientes de diferentes partes do sistema nervoso se conectam nesses núcleos e que a cada fibra aferente correspondem várias fibras eferentes, em um mesmo núcleo. Dessa forma, não é possível que a informação aferente seja exatamente igual à eferente:

“Se seguimos o curso de um feixe sensorial aferente tal como o conhecemos e consideramos como características suas freqüentes interrupções nos núcleos cinzentos e sua arborização através deles, podemos supor que o significado funcional de uma fibra muda ao longo do seu caminho até o córtex cerebral cada vez que ela emerge de um núcleo”.¹⁹

Portanto, no caminho que vai da medula ao córtex, o material sensorial seria sucessivamente reordenado de acordo com os princípios funcionais do sistema nervoso. Assim, os estímulos que chegassem ao córtex – isto é, o material constituinte dos correlatos das representações – possuiriam uma relação muito indireta com os estímulos periféricos, e o processo associativo cortical faria um último rearranjo nesse material, tornando esta relação ainda mais indireta. Desta forma, os correlatos das representações consistiriam no estágio final de um processo de reordenação da informação periférica e, sendo assim, as nossas representações corresponderiam apenas ao ápice desse processo, de forma que nós desconheceríamos todas as suas determinações:

“(…) os feixes de fibras, que chegam ao córtex cerebral depois de haver passado por outras massas cinzentas, mantêm alguma relação com a periferia do corpo, porém já não refletem uma imagem topograficamente exata dela. Contêm a periferia do corpo da mesma

¹⁸ LA, p.66; ZAA, p.92

maneira que – para tomar um exemplo do tema que nos interessa aqui – um poema contém o alfabeto, isto é, numa disposição completamente diferente que está a serviço de outros propósitos, com múltiplas associações dos elementos individuais nas quais alguns podem estar representados várias vezes e outros estar totalmente ausentes.”²⁰

Certamente, Freud baseou essa hipótese sobre a reorganização dos estímulos periféricos na teoria de Jackson (1884). Segundo este autor, o sistema nervoso consistiria, da base ao topo, num mecanismo sensório-motor, no qual seria possível diferenciar três níveis de evolução: os “centros inferiores”, os “intermediários” e os “superiores”. Os centros sensório-motores superiores evoluiriam a partir dos intermediários; estes, a partir dos inferiores, e estes, por sua vez, a partir da periferia. Cada um desses níveis, representaria o mesmo material do nível inferior, de uma forma diferente, além de incluir novos materiais.²¹ Portanto, as informações sensoriais e motoras seriam sucessivamente reordenadas, e o último nível de organização consistiria no substrato neural dos processos psíquicos, de forma que estes só poderiam representar de forma triplamente indireta as informações da periferia.

Em suma, para Freud, o aparelho de linguagem seria constituído por processos associativos entre elementos acústicos, cinestésicos e visuais, que consistiriam no último estágio de reorganização dos estímulos periféricos. Haveria dois processos distintos nesse aparelho, o fisiológico e o psíquico, que transcorreriam paralelamente. Do ponto de vista fisiológico, o aparelho seria constituído por processos associativos funcionalmente similares, que se sobreporiam uns aos outros, ou seja, que se sobreassociariam. Dessa forma, haveria vários níveis de funcionamento coexistindo no aparelho de linguagem, cada um dos quais corresponderia a momentos diferentes do desenvolvimento do indivíduo. Do ponto de vista psicológico, o aparelho de linguagem seria constituído por representações-palavra, que, embora funcionassem como uma unidade, consistiriam em complexos constituídos por imagens acústicas, visuais, quirocinestésicas e glossocinestésicas. Esta hipótese sobre os elementos constituintes da palavra já estava presente em Wernicke e em outros neurologistas a ele

¹⁹ LA, p.67; ZAA, p.94.

²⁰ LA, p.68; ZAA, p.95.

contemporâneos, como Grashey, Bastian e Déjerine. O que pode ser considerado novo na concepção de Freud sobre a representação-palavra é o modo como os processos associativos²² que se dão entre seus elementos constituintes são concebidos:

“Do ponto de vista psicológico, a “palavra” é a unidade funcional da linguagem: é uma representação complexa constituída por elementos acústicos, visuais e cinestésicos. Devemos o conhecimento desta estrutura à patologia, a qual demonstra que as lesões orgânicas que afetam o aparelho de linguagem ocasionam uma desintegração da linguagem correspondente a tal constituição... Geralmente se consideram quatro constituintes da representação-palavra: a “imagem acústica” ou “impressão acústica”, a “imagem visual da letra” e as “imagens ou impressões glossocinestésicas e quirocinestésicas”, porém esta constituição parece ainda mais complicada se se considera o provável processo de associação implícito nas diversas atividades da linguagem”.²³

A imagem acústica seria a primeira a se formar; em seguida, formar-se-iam a imagem glossocinestésica (da fala), a imagem visual da letra e, por último, a quirocinestésica (da escrita). Todas as imagens se associariam à acústica; portanto, ao menos inicialmente, todas as atividades da linguagem dependeriam de seu componente sonoro. A fala espontânea, a fala repetitiva e a compreensão das palavras permaneceriam sempre dependentes da imagem acústica, uma vez que a imagem cinestésica só seria acessada por meio dela e uma vez que seria apenas por meio da imagem acústica que a representação-palavra se associaria à representação-objeto, associação da qual dependeria o significado das palavras. Freud afirma que, ao menos no caso dos substantivos, é a representação-objeto que atribui significado à representação-palavra.

A representação-objeto consistiria também num complexo associativo, mas tal complexo não seria constituído apenas por representações acústicas, visuais e cinestésicas, como a representação-palavra; outros tipos de imagens (táteis, olfativas,

²¹ Jackson diz que os centros inferior, intermediário e superior são, sucessivamente, “representativos”, “re-representativos” e “re-re-representativos.”

²² Freud usa o termo “associação” para se referir tanto aos processos fisiológicos como aos psicológicos.

etc.) poderiam vir a integrá-lo. A representação-objeto, assim como a de palavra, possuiria como correlato um processo associativo, que consistiria no último estágio de reorganização do material perceptivo, pois a concepção de Freud sobre o processo de condução dos estímulos da periferia ao córtex não se restringe às informações relacionadas à linguagem, mas refere-se ao processo de condução do material perceptivo em geral. Além da representação-objeto ser constituída por uma variedade maior de elementos sensoriais, a possibilidade de novos elementos se acrescentarem a ela nunca cessaria, ao contrário da representação-palavra. Uma vez que as imagens acústicas, visuais e cinestésicas de uma determinada palavra se constituíssem, não haveria novos elementos a serem acrescentados àquela representação. Novas representações-palavra poderiam constituir-se e associar-se às anteriores, mas não seria possível que percepções diferentes da mesma palavra fossem experienciadas. Já com relação à representação de um objeto específico, sempre haveria a possibilidade de que, por exemplo, percepções visuais de diferentes ângulos ou percepções tácteis de suas diferentes partes fossem experienciadas e, assim, acrescentassem novos elementos à representação. É por isso que Freud afirma que, enquanto a representação-palavra é um complexo fechado, a representação-objeto é um complexo aberto, pois, nesse último tipo de representação, sempre permanece em aberto a possibilidade de que novos elementos se acrescentem aos anteriores.

Esta concepção de objeto proposta por Freud baseia-se na concepção de objeto de Stuart Mill (1865). Segundo este, quando dois fenômenos que nunca foram experienciados ou pensados separadamente fossem vivenciados juntos com muita frequência, se produziria entre eles uma “associação inseparável”, que tornaria impossível pensar os dois fenômenos isoladamente, a não ser que alguma experiência subsequente viesse dissolver a associação. De tal associação inseparável e da “capacidade de expectativa” da mente humana – a capacidade que possuímos de, após ter sensações reais, conceber que novas sensações possam vir a ser experienciadas em associação com as anteriores e que, dado certas condições, as mesmas sensações podem retornar – resultaria a idéia da existência de um objeto no mundo externo, segundo Mill. Para ele, essa concepção de “sensações possíveis” traria consigo um caráter de permanência que se oporia ao caráter efêmero de nossas sensações e, a partir dessa diferenciação, seríamos levados a considerar que ambos (objeto e sensação) são coisas

²³ LA, p.86; ZAA, p. 117.

diferentes, que as possibilidades de sensações existem independentemente de nós, ou seja, que existem objetos externos, dos quais essas sensações provêm. Ao expor sua concepção de objeto, Freud menciona esta idéia de Mill. Ele afirma:

“A própria representação-objeto é também um complexo de associações composto por representações visuais, acústicas, cinestésicas, tácteis e outras. Segundo o ensinamento da filosofia, a representação-objeto não contém outra coisa; a aparência de uma “coisa”, cujas “propriedades” nos são transmitidas por nossos sentidos, se origina somente do fato de que, ao enumerar as impressões sensoriais percebidas de um objeto, deixamos aberta a possibilidade de que se acrescente uma grande série de novas impressões à cadeia de associações (J. S. Mill)”²⁴.

Para Freud, assim como para Stuart Mill, a representação-objeto consistiria num complexo de impressões sensoriais, e nossa idéia de uma coisa no mundo só poderia ser uma inferência que se originaria a partir desse agregado de impressões e da capacidade de expectativa da mente humana.

O aparelho de linguagem consistiria, então, em vários níveis de processos associativos neurológicos concomitantes a vários níveis de processos associativos psicológicos, os quais constituiriam as representações-palavra. Vejamos, por fim, quais conseqüências para a formulação de um conceito de representação são acarretadas por essa teoria sobre a fisiologia e a psicologia da linguagem proposta por Freud.

1.5 Representação e consciência no aparelho de linguagem

A reformulação da teoria sobre a neurologia e a psicologia da linguagem empreendida por Freud em “Sobre a concepção das afásias” acaba por levar à formulação de um conceito de representação que se distancia em alguns aspectos do que estava subentendido nas teorias criticadas. Em vez de ser o correlato de um engrama contido em uma célula cortical, a representação simples passa a ser concebida como o correlato de um processo associativo e, com isso, a distinção entre representação e

²⁴ LA, p.90; ZAA, p.122.

associação desaparece no nível neurológico, embora seja mantida no nível psicológico. Uma vez que Freud propôs que o simples do ponto de vista psíquico corresponderia a um complexo do ponto de vista neurológico, uma imagem – uma representação simples – deve corresponder a um processo associativo e uma representação complexa, como a da palavra, deve corresponder, portanto, a uma rede de processos associativos. Deste modo, nos correlatos da representação, não é possível diferenciar algo simples; estes só existem enquanto complexos, pois só com a associação surge o correlato de uma representação. Mas, do lado psicológico, há representações simples e representações complexas, que resultam da associação das primeiras.²⁵ Dessa forma, enquanto do ponto de vista fisiológico a associação é o processo constituinte dos correlatos das representações, do ponto de vista psicológico a associação continua sendo um processo que se dá entre as representações simples para a constituição das representações complexas, ou seja, nesse sentido, a associação continua sendo concebida de uma forma próxima à concepção da psicologia associacionista.

A noção de sobreassociação foi introduzida por Freud para explicar como se dá o processo de aprendizagem da linguagem. Ele argumenta que não é possível inferir a existência de áreas carentes de função baseando-se apenas no fato de que lesões em algumas regiões do cérebro não possam, freqüentemente, ser associadas à perda de funções da linguagem, e argumenta também que, se a aprendizagem da linguagem consistisse em um processo de expansão topográfica, os efeitos de lesões em tal área seriam totalmente diferentes. A observação do modo como a linguagem é prejudicada nas patologias do cérebro sugere que todas as aquisições a ela relacionadas envolvem a mesma área e que, portanto, as representações aí se sobre-associam. Do ponto de vista neurológico, pode-se dizer que os vários processos se sobrepõem. Os novos processos são integrados aos anteriormente constituídos e adquirem novas propriedades, assim como atribuem novas propriedades aos anteriores. Nesse sentido, parece ser possível aproximar o conceito de associação de Freud à hipótese da química mental de Stuart Mill. A associação não parece ser pensada por Freud como um processo totalmente mecânico, como concebia James Mill. No entanto, é preciso lembrar que apenas entre os fenômenos psíquicos seria possível diferenciar entre representações simples e

²⁵ Freud usa, para se referir aos elementos constituintes da representação-palavra, tanto o termo “Bild” (imagem) como “Vorstellung” (representação), termo este que é sempre usado para se referir à representação-palavra (Wortvorstellung) e à de objeto (Objektvorstellung). Por exemplo, para se referir à imagem de movimento da fala, ele usa tanto “Sprachbewegungsvorstellung” como “Sprachbewegungsbild”.

complexas, de acordo com o que Freud sustenta em 1891. E, como, a partir do “Projeto...”, Freud passa a identificar a representação ao próprio processo cortical, desapareceria totalmente a distinção entre representações simples e complexas na teoria freudiana. Por isso, não parece ser pertinente propor uma aproximação maciça entre o conceito freudiano de associação e aqueles propostos pelos associacionistas ingleses.

Em vez de um processo de expansão topográfica, a constituição da representação consistiria num processo de sobre-associação, onde o significado das representações seria transferido das mais antigas para as mais recentes, formando-se, assim, cadeias associativas de mesma significação. Uma vez que a representação-palavra, ao menos nos casos dos substantivos, adquiriria significado a partir da sua associação com uma representação-objeto, haveria várias cadeias de representações-palavra que, em última instância, denotariam o mesmo objeto. Dessa forma, para se conhecer o significado originário de uma palavra, seria preciso percorrer a cadeia associativa no sentido inverso ao da sua constituição, até alcançar a representação-objeto que está na sua gênese.²⁶ Algumas afirmações do “Projeto de uma psicologia” (1895) e dos “Estudos sobre a histeria” (1895) sugerem que as representações-objeto adquirem significado a partir da sua associação com sensações corporais. Sendo assim, essas sensações estariam na base de toda a compreensão das palavras e dos objetos; elas estariam na base das cadeias associativas e, então, todas as palavras, em última instância, denotariam sensações corporais (Caropreso, 2001)

Em vez de uma cópia dos estímulos que chegam à periferia do sistema nervoso, os correlatos da representação, para Freud, consistiriam em construções deste sistema. No processo de constituição dos correlatos da representação, a informação sensorial externa seria reordenada de acordo com princípios funcionais do sistema nervoso; portanto, nesse sentido, pode-se dizer que as representações seriam constituídas por um funcionamento inato a partir de um conteúdo adquirido. Dado que a representação corresponderia ao ápice de um processo cujos estágios anteriores – isto é, cujas etapas de construção – nos seriam totalmente inacessíveis, nosso acesso aos estímulos externos seria indireto, ocorrendo através de uma série de mediações.

Apesar do conceito de representação formulado por Freud se afastar, nos aspectos comentados acima, da concepção de representação implícita nas teorias

²⁶ Não parece ser esse o trabalho da terapia psicanalítica? Descobrir o significado originário das nossas idéias atuais?

neuroológicas criticadas, a identificação entre o psíquico e a consciência e, portanto, entre representação e consciência é ainda mantida em “Sobre a concepção das afasias”. Freud considera, nesse texto, mais uma vez seguindo Jackson, que o psíquico se restringe ao consciente e, conseqüentemente, que toda representação é, por natureza, consciente. Os correlatos das representações seriam processos associativos que deixariam atrás de si modificações, que possibilitariam a lembrança, mas só quando o mesmo processo voltasse a ocorrer a representação emergiria novamente. Dessa forma, as modificações corticais seriam condições necessárias para a representação, mas não suficientes. Ao falar sobre os processos associativos neurológicos concomitantes às representações, Freud afirma:

“Este processo não é incompatível com a localização. Começa em um ponto específico do córtex e a partir daí se difunde por todo o córtex e ao longo de certas vias. Quando este fato tem lugar, deixa atrás de si uma modificação, com a possibilidade de uma recordação na parte do córtex afetada. É muito duvidoso que essa modificação esteja de algum modo associada com algo psíquico. Nossa consciência não contém nada que possa justificar, do ponto de vista psicológico, o termo “imagem latente de recordação”. No entanto, cada vez que o mesmo processo cortical volta a ser suscitado, o psíquico emerge novamente como imagem de recordação”.²⁷

Nesse texto, portanto, o psíquico é identificado à consciência, e só é possível falar de “inconsciente” para designar uma ausência de consciência, que implicaria também a ausência de fenômenos psíquicos. De acordo com as hipóteses aqui apresentadas, a expressão “representação inconsciente” seria contraditória se tomada com todo rigor, pois a representação estaria inteiramente incluída no domínio dos processos conscientes.

Em 1891, como aponta Simanke (2006), a representação é ainda concebida como um fato de percepção e, portanto, como algo necessariamente consciente. Para que as noções de representação e de consciência possam ser desvinculadas, será preciso formular uma teoria que conceba a representação como um fato de memória. Embora o ensaio sobre as afasias lance as bases para uma concepção dinâmica da representação – da qual se nutrirá toda a metapsicologia posterior –, ele não comporta uma teoria da

²⁷ LA, p.71; ZAA, p.99, grifado por mim.

memória à altura das redefinições que aí se esboçam sobre a natureza do fato psíquico, e esta lacuna constitui, nesse momento, um obstáculo ao reconhecimento do inconsciente.

Que desenvolvimentos teóricos vão permitir a Freud incluir a noção de representação inconsciente em sua teoria ? Nos textos sobre as neuroses do período entre a publicação da monografia sobre as afasias e a redação do “Projeto de uma psicologia”, Freud reconhece que é preciso supor que há processos inconscientes que determinam os sintomas neuróticos. Nesses textos, o termo “subconsciente”, assim como “inconsciente”, é empregado em algumas ocasiões para explicar o mecanismo psíquico das neuroses, mas Freud não chega a atribuir definitivamente uma natureza psíquica às representações e associações inconscientes de que fala, o que, ao que parece, acontece somente no ‘Projeto...’. Antes de passarmos ao comentário deste último texto, vejamos como Freud emprega esses termos em alguns de seus textos que precedem a redação do “Projeto...”.

2. O conceito de representação inconsciente nos textos freudianos do período de 1891 a 1895

No texto de 1893, “Algumas considerações com vistas a um estudo comparativo entre as paralisias motoras orgânicas e histéricas”, embora Freud mantenha a idéia de que os processos psíquicos são paralelos aos neurológicos, ele não mais identifica tão claramente o psíquico ao consciente, pois introduz a idéia de processos psíquicos “subconscientes”²⁸ para explicar as paralisias histéricas. Nesse texto, Freud sustenta que as características distintivas das paralisias histéricas com relação às orgânicas se devem ao fato de que, enquanto estas últimas são determinadas pela anatomia do sistema nervoso – isto é, pela extensão e localização de uma lesão orgânica –, as primeiras são totalmente independentes dos fatores anômicos, pois não decorrem de lesões orgânicas, mas de lesões puramente funcionais, isto é, da alteração de propriedades funcionais do sistema nervoso independentes de danos materiais e, portanto, relativamente independentes da estrutura física deste sistema. Do lado psíquico, essa alteração funcional resultaria na exclusão de uma representação das associações conscientes, o que leva Freud a dizer que a paralisia histérica resulta da “lesão de uma representação”.²⁹ Uma representação lesada não seria uma representação destruída ou cujo substrato material estivesse destruído, mas sim uma representação cujo vínculo com o restante do psiquismo tivesse sido rompido, tornando-a, por isso, inacessível à consciência. Ele afirma que, nas paralisias histéricas, a representação do órgão ou função paralisada está inacessível às associações conscientes, pois todo o seu “afeto” está envolvido em uma “associação subconsciente” exclusiva com uma recordação traumática. O termo subconsciente aparece uma vez como substantivo: “*A impossibilidade de eliminação é notória quando a impressão permanece no subconsciente*”³⁰. Além disso, aparece várias vezes como adjetivo:

“(…) a concepção de braço existe no substrato material, mas ela não é acessível às associações e impulsos conscientes porque toda a sua

²⁸ Laplanche & Pontalis comentam que, nesse período em que foi publicado o artigo sobre as paralisias histéricas, não parece haver diferença, no uso freudiano, entre “subconsciente” e o que estava prestes a destacar-se sob o nome de “inconsciente” (1998, p.494).

²⁹ Neste texto, que foi escrito em francês, Freud usa o termo “conception” para traduzir, ao que tudo indica, o termo alemão Vorstellung.

³⁰ AE, vol. 1, p.209.

afinidade associativa, por assim dizer, está saturada em uma associação subconsciente com a recordação do acontecimento, do trauma que produziu aquela paralisia.”³¹

De acordo com a teoria presente em “Sobre a concepção das afasias”, o termo “subconsciente” seria sinônimo de ausência de processos psíquicos e, portanto, “representação subconsciente” seria sinônimo de ausência de representação. Desse modo, nesse texto de 1893, ou Freud apóia suas hipóteses em uma concepção sobre a relação entre o psíquico e a consciência diferente daquela sustentada no texto sobre as afasias – em uma concepção em que o psíquico não é mais necessariamente consciente – ou, quando ele fala de representações subconscientes, refere-se a representações inexistentes, ou seja, a representações que não subsistem enquanto tais. Nesse último caso, as expressões em que aparece o termo “subconsciente” seriam, no máximo, expressões figuradas ou pouco rigorosas

Uma vez que Freud não esclarece em que sentido o termo subconsciente está sendo usado, não é possível sabermos se ele continua identificando o psíquico ao consciente – e , então, subconsciente significaria ausência de processos psíquicos, de modo que a associação subconsciente seria um processo físico sem concomitante psíquico – ou se ele passou a considerar que o psíquico não se limita ao consciente, isto é, se ele adotou a hipótese de que os processos psíquicos são em parte conscientes e em parte subconscientes e, então, suas expressões não são metafóricas, mas referem-se a algo de real. Em suma, permanece a questão sobre se há ou não um inconsciente psíquico para Freud nesse momento de sua teoria.

No texto de 1894, “As neuropsicoses de defesa”, Freud enuncia a questão mencionada acima sobre a possibilidade de ocorrerem processos psíquicos na ausência da consciência, mas não chega a tomar uma posição definitiva. Nesse trabalho, ele formula uma hipótese sobre o mecanismo psíquico das psiconeuroses – histeria de defesa, fobias, obsessões e psicoses alucinatórias –, de acordo com a qual sua gênese repousaria em um esforço do eu para defender-se de uma representação intolerável. Essa defesa consistiria na retirada do afeto atrelado à representação traumática, fazendo com que esta representação ficasse isolada dentro da consciência e constituísse, assim, o núcleo de um grupo psíquico secundário. Freud, no entanto, não usa o termo

³¹ AE, vol.1 p.209; GW, vol. 1, p. 53.

“subconsciente” nem “inconsciente” nesse texto. A representação patogênica, segundo ele, estaria excluída dos processos associativos, mas permaneceria dentro da consciência: “*A representação agora debilitada fica segregada de toda a associação na consciência (...)*”³². Ele afirma que o divórcio entre a representação e o seu afeto ocorre “sem consciência”, mas hesita em aceitar que esses processos que ocorrem na ausência da consciência sejam psíquicos:

“A separação entre a representação sexual e seu afeto e o enlace deste último com outra representação, adequada porém não inconciliável: eis aí processos que acontecem sem consciência, que somente é possível supor e que nenhuma análise clínico-psicológica é capaz de demonstrar. Talvez fosse mais correto dizer: estes, de modo algum são processos de natureza psíquica, mas processos físicos cuja consequência se figura como se real e efetivamente tivesse acontecido o expresso mediante o circunlóquio “separação entre a representação e seu afeto” e “enlace falso” deste último.”³³

Pelo que parece, nesse texto sobre as neuropsicoses de defesa, Freud tende a identificar os processos que se dão na ausência de consciência a processos físicos, mantendo, assim, o psíquico restrito ao consciente, mas ele não chega a afirmar cabalmente essa identidade.

Nos “Estudos sobre a histeria” (1895), tanto Freud como Breuer remetem os sintomas histéricos a representações inconscientes, embora tenham opiniões distintas sobre o mecanismo psíquico da histeria. Segundo Breuer, a cisão da atividade psíquica poderia ocorrer em dois casos: quando ela se constituísse durante um estado psíquico anormal – um “estado hipnóide” – ou quando ela fosse alvo de uma defesa voluntária por parte do eu. Apenas esta última hipótese, proposta já em “As neuropsicoses de defesa”, é aceita cabalmente por Freud nesse texto. Embora, na “Comunicação Preliminar”, Freud compartilhe com Breuer a hipótese da histeria hipnóide, no capítulo sobre a psicoterapia da histeria, escrito dois anos mais tarde, ele afirma que todo caso de histeria hipnóide pode ser remetido, em última instância, a uma defesa por parte do eu. Ele propõe que toda histeria apresente em sua gênese a separação entre uma

³² AE, vol. 3, p.53; GW, vol.1, p. 66.

³³ AE, vol. 3, p.54; GW, vol. 1, p.67.

representação intolerável e seu afeto, isto é, um esforço defensivo do qual resulta a divisão psíquica característica da histeria. Apesar de ambos os autores usarem o termo inconsciente em diversas ocasiões, aparentemente nenhum deles possui ainda uma concepção clara sobre a natureza dos processos inconscientes revelados pelas observações clínicas.

Para Breuer, haveria dois tipos de representações inconscientes: as que fazem parte da atividade psíquica normal e aquelas cuja existência é patológica. Segundo ele, no funcionamento psíquico normal, as representações cuja intensidade supera um certo limiar seriam conscientes e as que permanecessem abaixo desse limiar seriam inconscientes. Mas estas últimas seriam “suscetíveis de consciência”, ou seja, elas se tornariam conscientes se sua intensidade aumentasse. As representações inconscientes determinantes da histeria, ao contrário, seriam “insuscetíveis de consciência”, isto é, mesmo possuindo uma intensidade elevada, elas permaneceriam inconscientes. Portanto, o campo da atividade psíquica representacional, nesse caso, seria maior que o campo da consciência potencial:

“O campo da atividade psíquica representacional não coincide, pois, neles, com o da consciência potencial; este é mais limitado que aquele. A atividade psíquica representacional se decompõe em consciente e inconsciente, e as representações, em suscetíveis e insuscetíveis de consciência. Não podemos, então, falar de uma cisão da consciência, mas sim de uma cisão da psique.”³⁴

Mas, apesar de falar que parte da atividade psíquica representacional é insuscetível de consciência, em outra passagem, Breuer nega a possibilidade de haver processos inconscientes de natureza psíquica:

“É certo que “representação” provém da terminologia do pensar consciente e, por isso, “representação inconsciente” forma uma expressão contraditória. Mas o processo físico que está na base da representação é o mesmo em seu conteúdo e em sua forma (se bem que não quantitativamente), quer a representação passe o limiar da consciência ou permaneça abaixo deste. Bastaria construir uma frase

³⁴ AE, vol. 2, p.235.

como “substrato da representação” para evitar a contradição e escapar àquela reprovação.”³⁵

De acordo com o que ele diz agora, o que se chama de representação inconsciente seria, na verdade, um processo físico sem concomitante psíquico, ou seja, literalmente, não haveria representações inconscientes. Há, portanto, uma contradição nos argumentos de Breuer, pois ele afirma que a “representação inconsciente” consiste num processo puramente físico e, logo em seguida, afirma que a atividade psíquica representacional não se limita à atividade consciente. Na maior parte do texto, ele parece aceitar a existência de um psíquico inconsciente, mas na afirmação acima ele expressamente recusa tal possibilidade.

Em seu capítulo sobre a psicoterapia da histeria, Freud mantém a hipótese sobre o mecanismo psíquico desta neurose que havia sido proposta em “As neuropsicoses de defesa” e a estende aos dois outros tipos de histeria (hipnóide e de retenção). O material patógeno determinante da histeria, segundo ele, seria constituído por um núcleo que conteria as representações traumáticas e por um amplo material mnêmico constituído por representações que, por se associarem com as traumáticas, se teriam tornado também patogênicas. Essas representações possuiriam um triplo ordenamento: elas estariam organizadas, no sentido do núcleo à periferia, de forma linear cronológica, de forma concêntrica, em torno do núcleo, seguindo linhas de resistência decrescente e de forma irregular, seguindo nexos causais.³⁶ Na análise, as representações seriam evocadas à medida que a resistência fosse sendo superada, na ordem contrária à da sua constituição, isto é, das periféricas – as quais coincidiriam parcialmente com o eu – às nucleares, que esclareceriam o significado do sintoma. Haveria, portanto, uma seqüência ininterrupta entre as representações originárias da histeria e os sintomas, isto é, entre as representações inconscientes e as conscientes. Freud distingue dois tipos de representações patogênicas que permaneceriam inacessíveis à consciência do paciente até emergirem na terapia: as que são lembradas – ou seja, as que o sujeito reconhece como tendo sido, de fato, experienciadas – e as que não são lembradas. Estas últimas, embora sejam aceitas pelo paciente, devido a sua necessidade lógica e ao afeto

³⁵ AE, vol. 3, p.233.

³⁶ Fica claro que a noção de sobre-associação de “Sobre a concepção das afasias” está sendo pressuposta aqui. Em 1891, Freud havia mencionado apenas o ordenamento temporal das

que acompanha o seu surgimento e provoca o alívio do sintoma, não são reconhecidas como tendo sido um dia vivenciadas. Freud atribui a incapacidade de rememoração de tais representações ao fato delas consistirem em “pensamentos inconscientes”:

“Ainda quando tudo já passou, quando o enfermo, dominado pela compulsão lógica e convencido pelo efeito curativo que acompanha justamente o afloramento desta representação; quando o enfermo, digo, aceita ele mesmo que teve que ter pensado isto ou aquilo, costuma acrescentar: “Porém, não posso recordar que o tenha pensado”. Em tal caso é fácil entender-se com ele: eram pensamentos inconscientes. Agora bem, como se deve registrar esse estado de coisas em suas intuições psicológicas? Há que se passar por alto esse discernimento recusado do enfermo, que não possui motivo algum posto que o trabalho já acabou? Deve-se supor que se trata realmente de pensamentos nunca produzidos e para os quais havia uma mera possibilidade de existência, de modo que a terapia consistiria, então, na consumação de um ato psíquico interceptado? É, evidentemente, impossível enunciar algo sobre isto, ou seja, sobre o estado do material patógeno antes da análise, até que se tenha esclarecido a fundo suas visões psicológicas básicas, antes de tudo sobre a essência da consciência.”³⁷

Nessa passagem, Freud admite que não possui uma concepção clara acerca das representações inconscientes com que ele se depara em sua experiência clínica. Trata-se de processos que de fato ocorreram? Ou de processos para os quais havia uma mera possibilidade de existência, a qual não chegou a se consumir, pergunta-se ele. Em nenhum dos textos comentados, ele esclarece em que consistiria a noção de representação inconsciente admitida como necessária para se esclarecer o mecanismo psíquico das neuroses, embora em “As neuropsicoses de defesa” constate-se uma inclinação a conceber os processos inconscientes como processos físicos sem concomitantes psíquicos. Aparentemente, nesse período, Freud ainda não possuía uma concepção definida sobre o inconsciente, mas fica claro que a identidade entre o

representações; o ordenamento segundo nexos causais e linhas de resistência são acrescentados agora.

³⁷ AE, vol.2, p.304; GW, vol.1, p.306.

psíquico e a consciência, afirmada no texto sobre as afasias, já estava sendo questionada. Esta questão se define no “Projeto de uma psicologia”, onde Freud formula uma teoria em que a consciência é concebida como algo que se acrescenta a apenas uma parte das nossas representações, recusando, assim, a identidade total entre o psíquico e o consciente. A reflexão sobre a consciência apontada por Freud como necessária nos “Estudos sobre a histeria” parece, assim, ter sido um dos motivos que o levaram a redigir o “Projeto...”.

3. A expansão do conceito de psíquico no “Projeto de uma psicologia”

No “Projeto de uma psicologia” (1895), pela primeira vez, Freud admite expressamente a existência de um “psíquico inconsciente”; surge na teoria freudiana a noção de um psíquico inconsciente e dinâmico. Vimos que, em “Sobre a concepção das afasias”, Freud adota a doutrina da concomitância de Jackson e mantém a identificação do psíquico ao consciente. Os processos nervosos concomitantes do psíquico, diz ele, deixam atrás de si modificações que permitem a lembrança diante da reativação do mesmo processo, mas essas modificações no sistema nervoso não podem ser associadas a algo psíquico. Este restringe-se ao consciente e é algo que surge em paralelo aos processos nervosos. No “Projeto...”, Freud modifica essa hipótese. O psíquico não se restringe ao consciente; ao contrário, a consciência corresponde a sua menor parte, e os processos psíquicos inconscientes são os processos nervosos que antes eram considerados como sendo os concomitantes fisiológicos do psíquico. A representação deixa de ser concebida como o concomitante psíquico de um processo cortical associativo e passa a ser concebida como sendo o próprio processo cortical.

Pode-se dizer que o “Projeto...” consiste em um trabalho de generalização do ponto de vista funcional introduzido em 1891 para a abordagem dos distúrbios de linguagem (Simanke, 2006). O conceito de aparelho de linguagem seria, assim, ampliado dando origem à idéia de “aparelho neuronal”.

3.1) O aparelho neuronal

A proposta inicial do “Projeto de uma psicologia” – redigido em 1895, mas publicado postumamente em 1950 – é fornecer uma psicologia científico-naturalista, segundo a qual os processos psíquicos normais e patológicos seriam explicados a partir de dois postulados principais: a “quantidade”(Q)³⁸ e o “neurônio”(N). Ele desenvolve a idéia de um “aparelho neuronal”, cujo funcionamento e estrutura seriam determinados,

³⁸ Freud usa as abreviaturas Q e Q'n para representar a quantidade. James Strachey, na introdução ao “Projeto...” (AE, vol. 1, p. 325-336) comenta que não há dúvidas de que ambos os símbolos representem a “quantidade”, porém, é inquestionável que há uma ligeira diferença entre o que eles representam, embora esta diferença não seja explicitada por Freud. Em algumas partes do “Projeto...”, ele parece usar Q para quantidade externa e Q'n para quantidade psíquica, mas este uso não é perfeitamente consistente.

inicialmente, pelo “princípio de inércia”, isto é, por uma tendência a descarregar toda a quantidade que alcançasse o aparelho. O objetivo manifesto é explicar todos os processos psíquicos mecanicamente, mas, em algumas ocasiões, na impossibilidade de cumprir essa meta, Freud recorre a justificativas biológicas; ele explica algumas características dos processos como consistindo em aquisições condicionadas por regras biológicas.

Em uma carta a Fliess, de 25 de maio de 1895, Freud afirma sobre sua “psicologia para neurólogos”:

“Estou atormentado por dois objetivos: examinar que forma irá assumir a teoria do funcionamento mental, se introduzirmos considerações quantitativas, uma espécie de economia das forças nervosas e, em segundo lugar, extrair da psicopatologia um lucro para a psicologia normal. Na verdade, é impossível ter uma concepção geral satisfatória dos transtornos neuropsicóticos se não se puder vinculá-la com pressupostos claros sobre os processos mentais normais.”³⁹

Conforme o que ele diz nessa carta, seu interesse estava voltado para a formulação de uma teoria quantitativa do funcionamento psíquico em geral, onde fosse utilizado o conhecimento obtido a partir das observações das neuroses. A idéia de formular uma teoria psicológica em termos quantitativos não representava uma inovação na época em que o “Projeto...” foi escrito. Amacher (1965) comenta que, em muitos pontos, tal texto não faz desvios significativos da neurologia dos professores de Freud. As descrições da inércia neuronal, da facilitação entre neurônios corticais e da experiência de satisfação como processo cortical e psicológico básicos teriam sido essencialmente baseadas nos conceitos que ele tinha aprendido com Brücke, Meynert e Exner. No entanto, algumas de suas grandes inovações – a teoria dos sonhos como realização de desejos, a teoria do mecanismo da histeria e da repressão – apareceriam de forma original no “Projeto...”, diz Amacher. Freud, sem dúvida, foi influenciado pelas teorias dos neurólogos acima mencionados, mas suas hipóteses parecem ir além de tais teorias pelo fato de incluírem dados provenientes da observação das neuroses, como comenta Monzani (1989):

“De fato, toda a articulação das teses do “Projeto...” está vinculada à leitura que Freud elabora, de forma inaugural, sobretudo a partir dos históricos. É exatamente essa prática clínica original, inédita, que confere ao “Projeto...” sua especificidade própria e o torna um documento único frente às mesmas tentativas nessa linha feitas pelos contemporâneos de Freud, como Exner.” (p.118)

Pribram e Gill (1976) argumentam que o que há de único no “Projeto...” é a revelação da importância e do significado do comportamento inconscientemente determinado como indicador de um processo cientificamente acessível, ao passo que os outros neurologistas tinham se preocupado meramente com o óbvio, isto é, com a consciência. De fato, ao menos do ponto de vista da teoria freudiana, uma das coisas que confere importância fundamental ao “Projeto...” parece ser o fato de nesse texto encontrar-se a primeira formulação do conceito de psiquismo inconsciente. Além disso, Freud define aí uma série de conceitos que reaparecem nos textos metapsicológicos posteriores sem serem totalmente esclarecidos, como o de atenção, de pensamento, de juízo e outros.

)()(

O primeiro pilar da teoria – a noção de “quantidade” – é definida como algo que diferencia a atividade do repouso e que está submetido à lei geral do movimento. A natureza dessa quantidade, no entanto, não é especificada. Strachey (1998a) comenta que, embora no artigo “As neuropsicoses de defesa”, Freud tenha feito uma vaga comparação entre *a soma de excitação* – conceito este que seria precursor do de quantidade – e *uma carga elétrica espalhada pela superfície de um corpo* e, nos “Estudos sobre a histeria”, tenha feito uma analogia entre a quota de afeto e uma certa medida de excitação elétrica nas vias condutoras do encéfalo, não há nenhuma palavra no “Projeto...” que possa ser interpretada no sentido de que Freud entendesse a quantidade estritamente dessa forma. Pribram e Gill (1976), ao contrário, argumentam que Freud identificou a quantidade de excitação neural com suas manifestações elétricas, porque, embora a propriedade básica do movimento neuronal seja neuroquímica, a neuroquímica da hiperpolarização e despolarização da membrana que

³⁹ Masson, 1986, p.129; AAP, p.107.

dão origem a um impulso nervoso propagado estavam ainda, em 1895, em sua infância. Portanto, a natureza neuroquímica da quantidade não podia ser descrita, mas apenas a sua manifestação como atividade elétrica. Os autores afirmam que as medições neuroelétricas de potenciais eletrotônicos e impulsos nervosos propagados eram não só comuns em 1895, mas também suficientemente recentes para empolgar a imaginação dos neurocientistas da época. Portanto, tais idéias provavelmente teriam influenciado Freud.

De qualquer forma, o fato é que Freud não especifica a noção de quantidade ao longo de toda a sua obra. Em “Além do princípio do prazer”, ele afirma:

“(...)não sabemos nada sobre a natureza do processo excitatório nos elementos do sistema psíquico, nem nos sentimos autorizados a adotar uma hipótese a respeito dela. Assim, operamos continuamente com um grande X que transportamos a cada nova fórmula. Admitimos facilmente que esse processo se cumpre com energias que apresentam diferenças quantitativas(...)”⁴⁰

O segundo postulado principal, o “neurônio”, é concebido como a unidade material e funcional do sistema nervoso. Em 1891, W. Waldeyer havia concluído que o neurônio era a unidade fundamental do sistema nervoso, e Freud parece ter-se baseado nessa descoberta, pois ele afirma que seu objetivo é combinar sua teoria da quantidade com o conhecimento sobre os neurônios fornecido pela histologia recente. Segundo o que propõe Freud, os neurônios seriam, por hipótese, estruturalmente idênticos, anatomicamente independentes uns dos outros e entrariam em contato entre si por mediação de tecido não neuronal. Eles receberiam quantidade através dos prolongamentos celulares e a emitiriam através dos cilindros do eixo (axônios). Deste modo, sua estrutura estaria de acordo com a tendência fundamental do aparelho, pois favoreceria a descarga da quantidade.

Com a hipótese do neurônio, Freud pode especificar as características da área cortical homogênea exclusivamente associativa que, como havia sido proposto em “Sobre a concepção das afasias”, constituiria a área da linguagem. Esta seria composta por neurônios estruturalmente idênticos e, portanto, entre tais neurônios é que ocorreriam as associações que estabeleceriam diferenciações nessa área. No “Projeto...”,

no entanto, essa hipótese da homogeneidade estrutural cortical é expandida, pois passa a referir-se, nesse novo sentido, à totalidade do sistema nervoso. Uma parte de um dos sistemas do aparelho neuronal – o sistema de memória ψ – seria composta pelas associações lingüísticas, cujas funções serão abordadas adiante. Dessa forma, a área da linguagem, mencionada por Freud em sua monografia sobre as afasias, corresponderia a uma parte de um dos sistemas que integram o aparelho neuronal formulado no “Projeto...”

A tendência primordial do aparelho seria anular todo o aumento quantitativo, isto é, manter seu nível de quantidade igual a zero. Essa tendência pode ser entendida como uma tendência a evitar o desprazer, pois Freud identifica, nesse momento de sua teoria, o aumento da excitação com o desprazer e a sua diminuição com o prazer. O surgimento da quantidade endógena – decorrente das necessidades vitais – imporá, contudo, uma modificação a essa tendência primária. Se o aparelho recebesse apenas quantidade de origem exógena, seria possível, em princípio, a partir do movimento reflexo, descarregá-la totalmente e, assim, mantê-lo afastado de todo aumento quantitativo. Mas, além de quantidade exógena, ele receberia também quantidade endógena, e esta não poderia ser suprimida através do mecanismo reflexo unicamente. Embora os movimentos reflexos funcionem como um meio de descarga para a quantidade endógena, eles não seriam capazes de anular a fonte de estimulação, como o fazem em relação à quantidade exógena, ou seja, eles não permitiriam, nesse caso, a fuga do estímulo. A anulação de uma fonte interna de estímulos dependeria de uma atuação mais complexa sobre o mundo, como, por exemplo, a obtenção de alimento, no caso da fome. Seria necessário o que Freud chama de uma “ação específica” para que a estimulação endógena pudesse cessar e, devido à sua complexidade, a execução dessa ação teria como condição um acúmulo de quantidade no aparelho, o que imporá uma modificação na sua tendência fundamental. Em vez de manter o nível de quantidade igual a zero, a tendência dominante passaria a ser mantê-lo constante no nível mínimo necessário. Assim, o princípio de inércia daria lugar a uma “tendência à constância”. Esta última não se oporia ao princípio de inércia; ao contrário, atuaria em seu favor, permitindo que a quantidade endógena fosse, de fato, descarregada adequadamente. Dessa forma, a presença da estimulação de origem endógena no aparelho é que faria com que processos mais complexos aí se desenvolvessem, pois se o aparelho tivesse que

⁴⁰ AE, vol.18 p.30; SA, vol.3, p.240.

lidar apenas com quantidade exógena, ele se limitaria a produzir movimentos reflexos, os quais seriam, em princípio, adequados para descarregar a quantidade exógena.

O aparelho neuronal seria composto por três sistemas de neurônios: o sistema ϕ , cuja função seria receber a quantidade oriunda da periferia do sistema nervoso e transmiti-la, enfraquecida e fracionada, ao sistema vizinho ψ ; o sistema ψ , que seria um sistema de memória, onde se formariam as representações; e o sistema ω , que consistiria no substrato neural da consciência. Tais sistemas não se diferenciariam uns dos outros devido à natureza dos neurônios que os compõem – uma vez que Freud trabalhava com a hipótese de que todos os neurônios fossem estruturalmente idênticos –, mas sim devido ao modo distinto de ação da quantidade em cada um deles. Entre os neurônios, haveria “barreiras de contato”, as quais ofereceriam uma certa resistência à passagem da excitação de um neurônio para outro, o que teria como consequência que apenas as quantidades cuja intensidade fosse superior à da resistência das barreiras conseguiriam passar de um neurônio para outro. Quando isto ocorresse, a barreira de contato seria “facilitada” e, então, em uma segunda ocupação dos neurônios correspondentes, a resistência encontrada seria menor. Dessa forma, a facilitação diferenciada das barreiras de contato faria com que se constituíssem caminhos diferenciados no aparelho, os quais possibilitariam a memória. Mas apenas no sistema ψ as barreiras de contato seriam capazes de oferecer resistência à passagem da excitação; no sistema ϕ , as quantidades recebidas possuiriam intensidade superior à da resistência das barreiras de contato e, por isso, nesse sistema, tais barreiras estariam totalmente facilitadas, não exercendo, assim, nenhuma função; o sistema ϕ seria, por isso, completamente permeável à quantidade. Já em ψ – que receberia quantidade via ϕ – as ocupações seriam menos intensas, uma vez que a estrutura ramificada de ϕ faria com que a corrente excitatória se distribuísse por diversos caminhos, incidindo sobre ψ em vários pontos.⁴¹ Assim, em vez de ser ocupado muito intensamente em um ponto, o sistema de memória seria ocupado em vários pontos menos intensamente. A quantidade que alcançasse ψ , via ϕ , possuiria intensidade inferior à da resistência das barreiras de

⁴¹ No “Projeto...”, Freud não volta a se referir explicitamente a hipótese formulada em 1891 sobre a reorganização da informação sensorial no processo de condução desta da medula ao córtex. Contudo, essa reorganização parece decorrer necessariamente da estrutura ramificada de ϕ . Portanto, continuaria pressuposta na teoria a hipótese de que haveria, no processo de condução da informação sensorial até o córtex, uma reordenação dos estímulos, resultando na alteração da significação funcional do processo.

contato e, por isso, para conseguir passagem, uma mesma barreira teria que ser ocupada a partir de dois ou mais neurônios simultaneamente, o que faria com que se constituíssem aí caminhos diferenciados. Um grupo de neurônios ocupados cujas barreiras de contato estivessem facilitadas entre si constituiria uma representação.

Com as hipóteses do neurônio, da barreira de contato e da facilitação, Freud tem condições de esclarecer em que consistiriam as modificações permanentes que resultariam dos processos associativos na área da linguagem que ele havia mencionado em 1891, assim como precisar em que consiste a própria associação. As modificações permanentes seriam as facilitações e, dessas últimas, resultaria a associação entre os neurônios. Quando uma barreira de contato entre dois neurônios fosse facilitada, tais neurônios ficariam associados. Em *Sobre a concepção das afasias*, o processo cortical associativo era pensado como sendo o concomitante fisiológico da representação. No “Projeto...”, esse processo passa a constituir a própria representação, a qual seria um grupo de neurônios ocupados, cujas barreiras de contato estariam facilitadas entre si. A circulação da quantidade seria um processo constituinte da representação e, por isso, esta última seria indissociável de um componente energético. A idéia de que a representação só surge com a associação concorda com a hipótese de que as modificações permanentes decorrentes da passagem da quantidade se dão nos contatos entre os neurônios e não nos próprios neurônios, pois, segundo esta última hipótese, a constituição de traços permanentes no aparelho sempre implicaria a associação entre dois neurônios. A representação surgiria quando o caminho facilitado estivesse ocupado e, na ausência de ocupação, ela continuaria existindo enquanto possibilidade, dado que as facilitações permaneceriam.

Parece ser equivocada a equiparação estabelecida por Laplanche e Pontalis(1970) entre neurônio e representação por um lado, e afeto e quantidade por outro. Se a representação é um processo, ela corresponde aos neurônios ocupados por quantidade. Na ausência da ocupação, não há processo e, portanto, não há representação. No comentário dos artigos metapsicológicos, argumentarei que o afeto não pode ser o elemento quantitativo da representação, pois, nesse caso, a separação entre a representação e o afeto, que resulta da repressão, implicaria na anulação da representação.

Com a identificação da representação ao processo cortical, desaparece a distinção que havia sido mantida no nível psicológico, em 1891, entre representações simples e complexas. Toda representação seria complexa, uma vez que toda representação

corresponderia a um processo associativo. As características que, em 1891, Freud atribui aos concomitantes neurológicos da representação passam a ser as características da própria representação no “Projeto...”.

O sistema ψ seria ocupado não só a partir do mundo externo, mas também a partir do interior do organismo, pois estaria, segundo a hipótese freudiana, diretamente ligado a este. O modo de ação da quantidade endógena seria diferente do da exógena e, por esse motivo, Freud é levado a dividir o sistema ψ em dois: “ ψ do manto”, que receberia quantidade exógena via ϕ , e “ ψ do núcleo”, que receberia quantidade endógena diretamente do interior do organismo e que seria, portanto, o local onde se daria a conversão do somático em psíquico. As quantidades endógenas seriam muito pouco intensas e, para conseguirem facilitar as barreiras de contato que separam ψ do núcleo do interior do organismo, elas teriam que se somar. Quando conseguissem ingressar em ψ do núcleo, elas adquiririam expressão psíquica, ou seja, dariam origem a representações. Assim, apesar de tais quantidades serem geradas continuamente, só periodicamente elas se converteriam em estímulos psíquicos, ou seja, só quando adquirissem intensidade suficiente, através do mecanismo de “somação”, para ocupar o núcleo do sistema ψ , elas se converteriam em estímulos psíquicos. Ao contrário do que acontece em relação aos estímulos exógenos, a quantidade de origem endógena atuaria diretamente sobre o sistema ψ . Não haveria, desse modo, nenhum mecanismo capaz de bloquear ou fragmentar os estímulos endógenos, como o fazem as terminações nervosas e o sistema ϕ , respectivamente, em relação à quantidade exógena. Além disso, a resposta reflexa não seria eficaz como meio de descarga de tal quantidade. Portanto, *“ ψ , desse lado, está exposto sem proteção às Qs, e nisto reside a ‘mola pulsional’ do mecanismo psíquico”*, diz Freud.⁴² A necessidade de encontrar um meio de descarga eficaz para a estimulação endógena é que impulsionaria o desenvolvimento de todos os processos psíquicos mais complexos.

Então, enquanto ψ do manto conteria representações constituídas a partir de quantidades exógenas, ψ do núcleo conteria representações constituídas a partir de fontes internas de estimulação. Estas últimas parecem possuir as mesmas características atribuídas ao conceito de pulsão no artigo “Pulsões e destinos das pulsões”, de 1915. No entanto, a partir do artigo metapsicológico sobre a repressão, Freud adota a hipótese de

⁴² PP, p.30.

que a pulsão só se manifesta no psíquico a partir de uma representação, a “representação representante de pulsão” e, a partir de então, passa a tratar a pulsão como se fosse a própria estimulação endógena. Mas ele continua pensando as características da estimulação endógena e as suas conseqüências psíquicas exatamente da mesma forma. Assim, no “Projeto...”, parece encontrar-se a gênese do conceito de pulsão, embora esse termo seja empregado uma ou duas vezes em 1895. Essas questões serão retomadas adiante quando os artigos metapsicológicos forem comentados.

O conjunto de ocupações de ψ do núcleo constituiriam o “eu”, o qual seria o portador do armazenamento de quantidade necessário para a satisfação das necessidades vitais. Essa quantidade armazenada seria por ele utilizada para direcionar os processos associativos de modo que estes alcançassem as condições necessárias para a satisfação e impedissem a produção de desprazer. O eu atuaria através de “ocupações laterais”, isto é, ocupando os neurônios adjacentes aos ocupados a partir de ϕ e deslocando, assim, o curso da corrente excitatória. Ele teria acesso a todas as facilitações de ψ do manto e, por isso, seria composto por uma parte constante – as ocupações do núcleo – e uma parte variável – as ocupações ocasionais do manto, que teriam a finalidade de ali alterar o curso associativo.

Segundo Freud, a quantidade de ocupação do eu estaria em “estado ligado”, ou seja, na passagem da excitação de um neurônio para outro, parte dela seria retida no primeiro, de modo que os neurônios permanecessem permanentemente ocupados. A excitação em estado ligado, no entanto, só passaria a existir após a inibição do modo de associação primário, o qual se caracterizaria pelo livre fluxo da quantidade pelos neurônios, seguindo unicamente as vias melhor facilitadas, sem a retenção de nenhuma parte da excitação na passagem de um neurônio para o outro. No processo primário, o curso da excitação seguiria apenas o caminho melhor facilitado; no processo secundário, ao contrário, as associações seriam direcionadas de forma a permitir que a realidade fosse levada em consideração e, assim, a satisfação das necessidades se tornasse possível. A inibição do processo primário, que instauraria o processo secundário, seria inicialmente condicionada por uma regra biológica – a “defesa primária” –, segundo a qual a ocupação de representações que geram desprazer tenderia a ser evitada. Esse condicionamento ocorreria devido ao desprazer produzido nas repetições dos estados de carência orgânica e dos esforços para alcançar o que Freud chama de “vivência de

satisfação”, vivência esta que seria estruturante do modo de funcionamento normal do aparelho.

Na primeira vez em que o recém-nascido sentisse fome – isto é, na primeira ocupação de ψ do núcleo –, tal ocupação levaria a respostas reflexas, como o grito, o choro e a agitação motora, que consistiriam na única forma de eliminação da quantidade que o recém-nascido possui. Essa reação, embora não fosse capaz de eliminar o desprazer, uma vez que a fonte interna de estimulação não seria anulada, funcionaria como um meio de comunicação entre a criança e o adulto, pois faria com que este atentasse para o estado de carência do bebê. Quando o adulto executasse a ação específica – por exemplo, quando a mãe oferecesse o seio à criança – esta, através de ações reflexas, realizaria os movimentos necessários para a alimentação e, assim, a recepção de estímulos internos cessaria, fazendo com que o desprazer desaparecesse. Esta experiência é chamada por Freud de “vivência de satisfação”. Como consequência de tal vivência, ocorreriam três coisas em ψ . Em primeiro lugar, o desprazer decorrente da ocupação do núcleo de ψ cessaria; em segundo lugar, constituir-se-ia uma representação do objeto externo, cuja percepção fora simultânea à experiência de satisfação; e, em terceiro, formar-se-ia uma representação do movimento reflexo executado.⁴³ Entre essas duas representações de ψ do manto e os neurônios nucleares se estabeleceria uma facilitação, devido ao fato de que as primeiras teriam sido constituídas simultaneamente à ocupação de ψ do núcleo. Uma vez estabelecidas essas facilitações, quando o estado de excitação no núcleo reaparecesse, o processo excitatório seguiria o caminho por elas definido e ocuparia a representação de ψ do manto. Esta tendência para ocupar as representações-objeto em ψ do manto é o que Freud chama de “desejo”.⁴⁴ Nesse caso, não havendo nenhuma inibição, a ocupação da representação-objeto devido à animação de desejo seria muito intensa, de modo que seriam despertados “signos de qualidade”⁴⁵, ou seja, ocorreria uma alucinação. Em consequência dessa alucinação, a ação reflexa – no caso, a sucção – seria executada e,

⁴³ Todos os movimentos dariam origem a excitações sensoriais que constituiriam imagens de movimento em ψ , segundo Freud.

⁴⁴ O desejo seria uma tendência para ocupar a representação de um objeto, e a ocupação desta representação consistiria em uma “realização de desejo”. Na segunda ocorrência do processo, não haveria apenas uma necessidade mas já haveria um desejo, uma vez que o estado de carência já teria se associado à representação de um objeto e, então, visaria especificamente sua ocupação.

nessas condições, provocaria uma frustração. O recém-nascido se encontraria, assim, num estado de “desamparo”.

Então, para a sobrevivência do indivíduo, seria necessário haver uma alteração nessa tendência primária do processo associativo de seguir unicamente o caminho melhor facilitado, de forma que a representação de desejo não fosse mais tão intensamente ocupada e permitisse ao eu diferenciar entre uma rememoração e uma percepção e, com isso, evitar a ocupação das representações de movimento na ausência do objeto na realidade. Ou seja, para a sobrevivência do indivíduo, seria necessário a substituição do modo primário de funcionamento do aparelho – do processo primário, que se caracterizaria pelo fluxo livre da quantidade através dos neurônios – por um modo secundário de funcionamento – pelo processo secundário, que se caracterizaria pela retenção de uma parte da quantidade nos neurônios. A inibição do processo primário, como dissemos, seria uma consequência da primeira regra biológica – a defesa primária. Como no ressurgimento da fome, após a vivência primária de satisfação, a ocupação muito intensa da representação desejada e das imagens motoras a ela associadas provocaria uma intensificação do desprazer, a defesa primária faria com que o eu, primeiro, não mais ocupasse as representações de movimento constituídas na vivência de satisfação e, depois, faria com que ele não mais ocupasse a representação de desejo tão intensamente.⁴⁶ Assim, os sinais de qualidade não seriam mais fornecidos na ausência do objeto na realidade e, então, quando surgissem, eles atuariam como um sinal de que o objeto desejado está presente e de que os movimentos necessários para a obtenção da satisfação podem ser executados; o desamparo, com isso, seria superado. Desse modo, o condicionamento do eu pela primeira regra biológica conduziria à inibição do processo primário, marcando, assim, a passagem do processo primário para o secundário, a qual coincidiria com a substituição da tendência à inércia pela tendência à constância.⁴⁷ Esta inibição faria com que uma certa quantidade fosse retida no núcleo

⁴⁵ Os signos de qualidade é que possibilitariam a consciência de uma representação, como veremos adiante.

⁴⁶ Como consequência da primeira regra biológica, da defesa primária, se estabeleceria uma segunda, a da atenção. Sendo condicionado pelo desprazer no caso em que as percepções não foram levadas em consideração, o eu aprenderia a permanecer atento a elas; ele passaria a manter uma ocupação constante dos signos de qualidade.

⁴⁷ A idéia de Jackson continua presente na teoria freudiana: um nível de organização superior se instala e passa a dominar o inferior. Contudo, no “Projeto...”, após o estabelecimento do processo secundário, o primário só volta a se manifestar nas patologias e nos sonhos que consistiriam em retrogressões funcionais, no sentido jacksoniano. No capítulo 7, como

– ou seja, a excitação livre seria ligada – assegurando, dessa forma, a manutenção da reserva necessária para que o eu pudesse influenciar os processos associativos, de modo a evitar a produção de desprazer e a propiciar a satisfação das necessidades vitais.

Haveria, como foi dito, um terceiro sistema de neurônios – o “sistema ω – que estaria relacionado com a consciência. Mas, antes de comentarmos as características desse sistema, é necessário esclarecer como a relação entre a consciência e os demais processos psíquicos é pensada no “Projeto...”.

3.2) A relação entre o psíquico e a consciência no “Projeto...”

No “Projeto...”, pela primeira vez, a possibilidade de um psíquico inconsciente é claramente aceita por Freud. Na passagem abaixo, ele afirma que os processos psíquicos existem independentemente da consciência:

“Temos tratado os processos psíquicos como algo que possa prescindir do conhecimento dado pela consciência, existindo independentemente de tal consciência (...) Se não nos deixarmos desconcertar por tal fato, segue-se desse pressuposto que a consciência não proporciona nem conhecimento completo, nem seguro dos processos neurônicos; cabe considerá-los em primeiro lugar e em toda a extensão como inconscientes e cabe inferi-los como as outras coisas naturais.”⁴⁸

O aparelho neuronal descreve processos que ocorrem no sistema nervoso e que podem ser relacionados a regiões anatômicas do cérebro. No “Projeto...”, Freud expande o conceito de psíquico em relação ao de consciência, atribuindo uma natureza psicológica aos processos nervosos que, em 1891, eram considerados como sendo apenas os concomitantes neurológicos dos fenômenos psíquicos.

Em vários momentos de sua obra, Freud justifica a suposição do psíquico inconsciente e o que ele alega é, em suma, o seguinte: os sintomas neuróticos, assim

veremos, Freud sustenta que os processos primário e secundário coexistem mesmo no funcionamento normal do aparelho.

⁴⁸ PP, p.187; EP, p.400.

como o fenômeno da sugestão pós-hipnótica, os sonhos e outras manifestações psíquicas, deixam claro que os fenômenos conscientes apresentam lacunas, pois são determinados por uma série de processos inconscientes. Apenas levando-se em consideração esses processos, é possível preencher as lacunas da consciência e alcançar uma compreensão das manifestações conscientes. Uma psicologia que ignore o inconsciente, argumenta Freud, não é capaz de explicar a maior parte dos fenômenos psíquicos e, na verdade, não pode ser uma ciência, pois esta pressupõe que os eventos a serem explicados sejam inseridos em uma série causal coerente. Os processos inconscientes corresponderiam a maior parte do psíquico e, na verdade, ao essencial deste; eles seriam o “psíquico genuíno”, como afirma Freud no “Esboço de psicanálise”(1938). Portanto, se a restrição do psíquico ao consciente é mantida, ou a psicologia não consegue explicar quase nada ou ela terá que dedicar grande parte de suas investigações a eventos não psíquicos e, nesse caso, talvez não houvesse justificativa para continuar sendo uma “psicologia”. Além disso, a identificação do psíquico ao consciente não passaria de uma convenção, e não parece haver nada de insensato em abandonar uma convenção, se ela se mostrou inadequada. Esses são alguns dos argumentos usados por Freud para justificar a suposição do inconsciente, aos quais ainda teremos que retornar.

Como dito anteriormente, os processos associativos que ocorrem no sistema ψ seriam as próprias representações, e não mais apenas os concomitantes fisiológicos das representações, como havia sido sustentado em “Sobre a concepção das afasias”, e tais processos seriam totalmente independentes da consciência: esta poderia ou não se acrescentar a uma parte das representações. Freud abandona, portanto, a doutrina da concomitância de Jackson e passa a conceber o psíquico como abarcando, além dos fenômenos conscientes, também os processos inconscientes. Ao comentar a relação da sua teoria da consciência com as demais, Freud afirma:

“Segundo uma teoria mecanicista avançada, a consciência é só um aditivo aos processos fisiológico-psíquicos, cuja supressão não alteraria nada no curso psíquico. De acordo com uma outra doutrina, a consciência é o lado subjetivo de toda ocorrência psíquica, logo, inseparável do processo fisiológico mental. Entre ambas situa-se a teoria aqui desenvolvida. Consciência é, aqui, o lado subjetivo de uma parte dos processos físicos no sistema nervoso, isto é, dos processos

ω ; e sua supressão não deixa inalterada a ocorrência psíquica, mas inclui em si a supressão da contribuição de ω .”⁴⁹

Parte do funcionamento cortical, aquela correspondente aos sistemas ψ e ω , seriam os processos psíquicos. Parte desses processos psíquicos, os do sistema ω , poderia ser consciente. Na verdade, a consciência seria o “lado subjetivo” dos processos de ω , segundo o que diz Freud, e não os próprios processos ω . Mas o que significa ser o lado subjetivo de tais processos? Freud não é nada claro quanto a isso. Em uma passagem do “Projeto...”, ele diz que não se pode explicar como os processos de ω fazem surgir a consciência e que ele tentará apenas descrever os processos paralelos aos fenômenos conscientes. Essa afirmação parece indicar que a consciência seria um fenômeno que se daria em paralelo aos processos nervosos. Em uma passagem do “Esboço de psicanálise” (1938[1940]), Freud parece continuar a supor um paralelismo entre os processos inconscientes e os conscientes. Ele afirma:

“(...) esses processos conscientes não formam séries sem lacunas, fechadas em si mesmas, de modo que não haveria outra alternativa a não ser adotar a suposição de uns processos físicos ou somáticos concomitantes do psíquico, aos quais parece necessário atribuir uma perfeição maior do que às séries psíquicas, pois alguns deles têm processos conscientes paralelos e outros não. Isso sugere, de uma maneira natural, por o acento, na psicologia, sobre esses processos somáticos, reconhecer neles o psíquico genuíno e buscar uma apreciação diversa para os processos conscientes”.⁵⁰

Segundo o que Freud diz aí, os fenômenos conscientes seriam paralelos aos processos nervosos que constituiriam o psíquico inconsciente. Freud usa também o termo “concomitante”. Isso sugere que, para incorporar a noção de psíquico inconsciente em sua teoria, Freud tenha tido que deslocar a relação de concomitância, que, em 1891, ele supunha existir entre uma parte dos processos nervosos e o psíquico, para entre os processos psíquicos inconscientes e os conscientes. Os processos nervosos, que antes seriam os concomitantes fisiológicos do psíquico, são identificados ao

⁴⁹ PP, p.190; EP, p. 403.

⁵⁰ AE, vol.23, p.155.

psíquico inconsciente e a série paralela, que correspondia a todo o psíquico, é mantida, mas passa a corresponder a apenas uma parte do psíquico, isto é, à sua parte consciente. Portanto, o psíquico consistiria em processos nervosos, alguns dos quais teriam fenômenos conscientes paralelos e outros não.

Hughlings Jackson, autor da doutrina da concomitância adotada por Freud em 1891, parece supor que a série psíquica seria substancialmente diferente da série fisiológica, como comentamos. Ele parece sustentar, portanto, uma posição dualista. E Freud, seria ele também um dualista? Os fenômenos conscientes paralelos aos processos psíquicos inconscientes não seriam processos materiais? Em outras palavras, Freud teria trazido o dualismo de substâncias para dentro do campo do psíquico? Parte do psíquico seria material (o inconsciente) e parte seria imaterial (o consciente)? Esperaríamos em vão um esclarecimento de Freud sobre isso. A passagem citada acima do “Esboço de psicanálise” é a mais clara a respeito dessas questões, e ela não nos diz muita coisa. Deixaremos para o capítulo final uma discussão mais minuciosa sobre essa questão.

Seja como for, a consciência corresponderia, então, a uma pequena parte do psíquico. Freud propõe que os processos psíquicos inconscientes devam ser abordados de uma perspectiva científico-naturalista. Como consistem em processos físicos envolvendo neurônios e quantidades, o psíquico inconsciente estaria dentro do campo da ciência natural. Já o psíquico consciente, pelo que parece, estaria excluído desse campo:

“Até agora, de nenhum modo discutimos que toda teoria psicológica, além das realizações decorrentes do lado científico-naturalista, tem de satisfazer ainda uma grande exigência. Ela nos deve explicar aquilo que conhecemos da forma mais enigmática através da nossa “consciência”.⁵¹

Com a afirmação de que os fenômenos conscientes estão “*além dos desempenhos científico-naturalistas*”, Freud parece considerar que tais fenômenos devam ser abordados a partir de uma perspectiva diferente daquela da ciência natural, o que teria como consequência a proposição de uma cisão, dentro do campo da psicologia, entre uma psicologia do inconsciente – que seria uma ciência natural – e uma teoria da

⁵¹ PP, p.186; EP, p.400, grifado por mim.

consciência – que requereria uma outra espécie de abordagem, a qual não chega a ser especificada. Freud parece, nesse momento, conceber a metapsicologia como uma teoria especulativa sobre o modo de operação de uma parte dos processos que ocorrem no sistema nervoso, os quais constituiriam o psíquico inconsciente; a metapsicologia seria uma “neuropsicologia especulativa”, que sustentaria o programa de uma psicologia como ciência natural. Como argumentam Pribram e Gill (1976), o “Projeto...” é, sobretudo, um documento neuropsicológico. As hipóteses metapsicológicas do “Projeto...” seriam explicações neuropsicológicas.

No “Esboço de psicanálise”, Freud retoma essas mesmas idéias sobre a relação entre o psíquico, a consciência e os processos nervosos e diz que a suposição do psíquico inconsciente permite tratar pelo menos parte da psicologia como uma ciência natural:

“Enquanto a psicologia da consciência nunca saiu daquelas séries lacunares, que evidentemente dependem de outra coisa, a concepção segundo a qual o psíquico é em si inconsciente permite configurar a psicologia como uma ciência natural entre as outras”.⁵²

Como é possível perceber a partir das passagens acima mencionadas, no “Esboço de psicanálise” Freud parece manter inalteradas suas hipóteses do “Projeto...” quanto a esse ponto: a identificação do psíquico inconsciente com processos nervosos; a hipótese de que a consciência é algo que surge em paralelo aos processos psíquicos inconscientes e a conseqüente cisão, no campo da psicologia, entre uma psicologia do inconsciente, que seria uma ciência natural, e uma psicologia da consciência, que trataria seu objeto de estudo a partir de uma outra perspectiva, que não chega a ser definida. Portanto, a metapsicologia, concebida na origem do pensamento freudiano como uma neuropsicologia especulativa, parece ser pensada da mesma forma no fim da teoria freudiana. E o período que se intercala entre 1895 e 1938? Teria Freud mantido sempre essas mesmas hipóteses? Permanece, portanto, a questão de se Freud manteve essas concepções sobre a metapsicologia e a natureza do psíquico inconsciente ao longo de sua obra – se, como sustentam Pribram e Gill (1976), a metapsicologia posterior ao “Projeto...” só ostensivamente é psicológica, mas, de fato, neuropsicológica – ou se ele

⁵² AE, vol.23, p. 156.

as abandonou após o “Projeto...” e as retomou no fim de sua obra. Essa é uma das questões a serem desenvolvidas ao longo deste trabalho.



No “Projeto...”, portanto, Freud abandona a doutrina da concomitância, tal como esta havia sido proposta por Jackson, e expande o campo do psíquico para além da consciência. Os processos neuronais que Freud se empenha em descrever são o psíquico inconsciente, e não mais apenas os seus concomitantes fisiológicos. Em “As neuropsicoses de defesa”, ele havia apresentado sua dúvida: os processos determinantes dos sintomas neuróticos seriam processos puramente físicos que influenciam o psíquico ou deve-se atribuir a eles uma natureza psíquica? Uma primeira resposta é fornecida no “Projeto...”: tais processos são processos físicos, mas nada impede que eles sejam também considerados psíquicos; nada impede que a noção de psíquico seja expandida para abarcá-los.

A introdução do conceito de psíquico inconsciente no “Projeto...” não é algo implícito no texto, mas explícito, como indicam as passagens citadas anteriormente. No entanto, algumas leituras desse texto dizem exatamente o oposto, como a de James Strachey e de Solms. James Strachey, em seu apêndice ao artigo metapsicológico sobre o inconsciente, afirma que no “Projeto...”, com sua tentativa de explicar todo o âmbito dos processos psíquicos em termos de neurônios e quantidades, Freud evitou inteiramente a necessidade de postular quaisquer processos psíquicos inconscientes. Ele parece acreditar que Freud manteve a hipótese da concomitância entre os processos nervosos e os psíquicos e que o “Projeto...” foi uma tentativa de explicar os processos nervosos que estariam na base do psíquico. Solms (1998) possui uma opinião semelhante. Ele argumenta que como, no “Projeto...”, Freud ainda não possuía a noção de processos mentais inconscientes, ele acreditava que era necessário traduzir os processos psíquicos – isto é, conscientes – em termos físicos, pois só o substrato físico do psíquico apresentaria uma cadeia de processos causais ininterrupta, passível de ser abordada de uma perspectiva científico-naturalista. Ao postular processos psíquicos inconscientes, os processos psíquicos passaram a apresentar-se como uma cadeia causal ininterrupta, permitindo a Freud abandonar suas especulações neurológicas. Para Solms, Freud nunca teria abandonado a doutrina da concomitância de Jackson; ele apenas teria acrescentado a hipótese de que os eventos psíquicos são em parte conscientes e em parte

inconscientes. No capítulo 7 de “A Interpretação dos sonhos”, diz Solms, Freud teria passado a figurar:

“a seqüência causal de eventos como consistindo em duas cadeias contínuas: uma seqüência ininterrupta de processos fisiológicos e uma seqüência igualmente ininterrupta de eventos mentais – alguns dos quais eram inconscientes e outros não”. (Solms, 1998, p.7)

Isso lhe teria permitido alcançar sua ambição de conceber uma psicologia como uma ciência natural. Se Freud manteve a doutrina da concomitância de Jackson, como a psicologia poderia ser uma ciência natural uma vez que os processos psíquicos seriam de natureza distinta dos físicos? De acordo com a visão de Jackson, a psicologia não poderia ser uma ciência natural. Além de sustentar que Freud sempre manteve a doutrina da concomitância assumida em 1891, num outro artigo, Solms e Saling (1986) argumentam que o rompimento com o localizacionismo e a adoção da doutrina da concomitância em “Sobre a concepção das afasias” foi o momento decisivo na história da psicanálise, pois permitiu a Freud teorizar sobre os processos psíquicos independentemente do seu substrato orgânico.

Sem dúvida, o rompimento com o localizacionismo foi um passo decisivo na história da psicanálise, mas o que teve mais importância nesse rompimento não teria sido a possibilidade de conceber o funcionamento dos processos nervosos como algo passível de ser abordado a partir de outro referencial que não o anatômico? E não, como sustenta Solms, a adoção da doutrina da concomitância, que teria permitido a Freud pensar o psíquico como algo independente do seu substrato orgânico? Acreditamos que sim. A concepção sobre a relação entre o funcionamento e a anatomia do sistema nervoso que Freud adota a partir das conclusões extraídas da sua crítica ao localizacionismo, como argumentaremos ao comentar o capítulo 7, parece ser fator o decisivo para a constituição da metapsicologia freudiana, pois isso é o que vai permitir a ele continuar desenvolvendo suas hipóteses metapsicológicas após o abandono do referencial anatômico.

A hipótese de que Freud manteve a doutrina da concomitância de Jackson, defendida por Strachey e por Solms, e de que no “Projeto...” ainda não está presente a noção de psíquico inconsciente parece ir contra tudo o que Freud diz explicitamente, começando pela sua intenção manifesta de “fornecer uma psicologia científico-

naturalista”. Se Freud tivesse mantido a idéia de que o psíquico é algo de natureza distinta dos processos nervosos e que se dá inteiramente em paralelo a estes, o “Projeto..” não poderia ser uma tentativa de formular uma psicologia, mas uma tentativa de formular uma teoria sobre o substrato neurológico do psíquico. Parece ser nisso que Strachey e Solms acreditam. No entanto, Freud deixa claro que se trata de uma “psicologia” em termos quantitativos e não de uma teoria sobre o substrato orgânico do psíquico. Quanto à ausência de processos inconscientes, Freud também diz textualmente que os processos do sistema ψ são processos psíquicos e que o psíquico é algo que existe independentemente da consciência, não havendo como sustentar a posição de Strachey, Solms e Saling.

3.3) O sistema ω

Freud tenta, no “Projeto...”, estabelecer as características dos processos nervosos que teriam como “lado subjetivo” a consciência. Para incluir a consciência na teoria sobre o aparelho, ele introduz um terceiro sistema de neurônios – o sistema ω .

Freud argumenta que é necessário introduzir um terceiro sistema de neurônios para explicar a produção das sensações ou das qualidades conscientes, porque tais sensações não poderiam se originar em ψ , uma vez que este sistema é responsável pela rememoração, e esta transcorre sem qualidade; elas também não poderiam se originar em ϕ , porque sabe-se que a consciência está relacionada com os níveis mais elevados do sistema nervoso, e não poderiam originar-se no mundo externo, pois neste haveria apenas massas em movimento. Então, é necessário postular um terceiro grupo de neurônios – os quais constituiriam o sistema ω –, cujos estados de excitação seriam responsáveis pela consciência, conclui Freud. Este sistema estaria conectado apenas a ψ ; portanto, a ordem dos sistemas seria: $\phi\psi\omega$.

Uma vez que as quantidades em ψ seriam pouco intensas – de modo que apenas a ocupação simultânea de mais de um neurônio fosse capaz de facilitar as barreiras de contato, ou seja, de modo que tal sistema permanecesse parcialmente impermeável – e que ω poderia ser ocupado apenas a partir de ψ , a permeabilidade que caracteriza a consciência, isto é, o fato de que a consciência deve, como a percepção, apresentar sempre as mesmas capacidades receptivas, o que tem como condição a ausência de traços permanentes, essa permeabilidade, enfim, deveria resultar de algo diverso da

intensidade da quantidade, pois esta seria ainda menos intensa do que aquela que alcança ψ e, deste modo, incapaz de facilitar completamente as barreiras de contato. Isso leva Freud a introduzir um novo elemento na teoria:

“Vejo somente uma saída que implica rever a suposição fundamental sobre o curso de $Q'n$. Até agora, só o considerei como transferência de $Q'n$ de um neurônio para outro. Mas o curso tem de ter ainda uma característica de natureza temporal; pois, também para os outros movimentos de massa do mundo externo, a mecânica dos físicos considerou a característica temporal. Eu a chamo resumidamente o período. Logo, suporei que toda resistência das barreiras de contato só valeria para transferência de Q ; o período do movimento neuronal propagar-se-ia sem inibição em todas as direções, semelhante a um processo de indução.”⁵³

Então, os neurônios ω seriam permeáveis ao período; disso resultaria a permeabilidade que caracteriza a consciência. Tais neurônios seriam sensíveis ao período da excitação, e este estado de afecção pelo período, a partir de um mínimo de preenchimento por quantidade, seria o fundamento da consciência. Esta, no entanto, não resultaria apenas da sensibilidade de ω ao período, mas das diferenças no período, as quais seriam decorrentes do fato dos órgãos sensoriais agirem como filtros, dando passagem apenas a estímulos com períodos específicos. Sendo assim, o único motivo que justifica o fato da consciência só surgir a partir da atividade de ω é que nesse sistema o nível de quantidade estaria muito reduzido. Uma vez que todos os neurônios seriam, por hipótese, estruturalmente idênticos e que o período e suas diferenças antes de chegar a ω passariam por ϕ e por ψ , a única coisa que haveria de diferente em ω e que justificaria o fato de só aí surgir a consciência é o nível muito baixo da quantidade nesse sistema.

Apenas os surgimento das qualidades sensoriais dependeria do período; as sensações de prazer e desprazer – que junto com as qualidades sensoriais formariam a classe das sensações conscientes – resultariam diretamente da ocupação de ω por quantidade. Segundo Freud, prazer e desprazer seriam conseqüências, respectivamente, da diminuição e do aumento do nível de quantidade em ω . Haveria um limiar acima do

qual a ocupação de ω produziria desprazer e um limiar abaixo do qual ela produziria prazer. Entre esses dois limiares, ω permaneceria sensível ao período:

“(...) os neurônios ω , no caso de uma certa ocupação [forte], revelam um ótimo para receber o período do movimento neuronal; que no caso de ocupação mais forte resultam em desprazer; no caso de mais fraca, prazer, até que a capacidade receptiva desapareça com a falta de ocupação.”⁵⁴

Freud diferencia entre a produção de qualidades sensoriais e a percepção consciente das mesmas. Para que elas fossem percebidas pelo sujeito, não bastaria o seu surgimento, pois só quando a “atenção” do eu ocupasse os “signos de qualidade” fornecidos por ω à ψ , uma representação seria percebida conscientemente. Essa hipótese dos signos de qualidade é uma das mais obscuras do “Projeto...”; Freud a introduz para explicar como seria possível a discriminação entre uma percepção e uma lembrança. Inicialmente, ele afirma que as representações constituídas em ψ a partir de ϕ despertariam signos de qualidade e que esses signos permitiriam a diferenciação entre uma representação ocupada por quantidade de origem endógena – uma lembrança – e uma representação ocupada por quantidade exógena – uma percepção. Mas, logo após introduzir esta hipótese, ele conclui que os signos de qualidade, em vez de explicarem essa discriminação, explicam a confusão entre essas duas coisas. A confusão entre percepção e lembrança – isto é, a alucinação – resultaria do fato de que, não só no caso de ocupações oriundas de ϕ , mas também de ocupações muito intensas oriundas de ψ , ω forneceria signos de qualidade.⁵⁵ Freud, então, reconhece que é necessário atribuir a distinção acima a um outro fator, o que o leva a formular a hipótese de que é o condicionamento do eu pela regra biológica da defesa, como comentamos anteriormente, que permite a discriminação em questão.

Mas o que seriam, afinal, os signos de qualidade? Seriam notícias de eliminação da excitação de ω , diz Freud:

⁵³ PP, p.188, EP, p.402.

⁵⁴ PP, p.191; EP, p.405.

⁵⁵ A alucinação resultaria de uma ocupação retroativa muito intensa de ϕ a partir de ψ . A intensidade da ocupação de ϕ levaria ω a fornecer signos de qualidade e, então, as representações seriam tomadas como percepções reais.

“(...)uma percepção, segundo meus pressupostos, sempre excita ω , portanto, dá signos de qualidade. Dito de forma mais precisa, ela excita em ω consciência (consciência de uma qualidade), e a eliminação da excitação ω , [como] toda eliminação, fornece uma notícia para ψ que é justamente o signo de qualidade.”⁵⁶

Em que consistiria a eliminação de ω ? Na descarga de quantidades por meio de movimentos:

“Se a consciência for apresentada por neurônios ω , seguem-se várias ilações. Estes neurônios têm de ter uma eliminação, tão pequena quanto for possível, e tem de existir um caminho para preencher os neurônios ω com $Q'n$ no montante mínimo indispensável. A eliminação vai, como toda outra, para o lado da motilidade, e cabe observar neste ponto que, através da circulação motora, evidentemente se perde todo o caráter qualitativo, toda a especificidade do período.”

57

Então, se os signos de qualidade são notícias de eliminação da excitação ω formadas em ψ , eles só poderiam ser representações de movimento e tais representações não se diferenciariam em nada das demais representações de movimento que se constituem em ψ . Mas, se os signos de qualidade são notícias de movimento e se na via motora, como afirma Freud, a qualidade desaparece, o signo de qualidade seria sem qualidade. Então, a eliminação de ω , que produz o signo de qualidade, teria que ser outra coisa. No entanto, Freud não dá nenhuma pista sobre o quê.

A percepção consciente dependeria dos signos de qualidade e estes seriam fornecidos por ω a ψ , mas, sendo assim, a consciência seria paralela a uma parte dos processos ψ e não a uma parte dos processos ω . Se a hipótese de Freud fosse que ω produz tais signos e que deles depende a consciência, não haveria problema, mas, como ω os fornece à ψ , a consciência teria que ser paralela aos processos deste sistema. Dessa forma, a função de ω seria somente produzir os signos de qualidade. Na verdade, a

⁵⁶ PP, p. 235; EP, p. 451.

suposição do sistema ω começa a parecer ser supérflua. A única característica de ω que não está presente nos outros sistemas é a redução do nível de quantidade. No entanto, bastaria supor que a base material da consciência seria uma parte dos processos de ψ onde a quantidade estivesse bastante reduzida. Essa hipótese é adotada por Freud em uma carta a Fliess de 1896 (carta 39). Ele formula aí a hipótese de que ω seria um setor de ψ , onde a intensidade do processo excitatório atingiria um mínimo.⁵⁸ Então, ou os neurônios do sistema ω possuem alguma propriedade peculiar que possibilitaria a produção de qualidades sensoriais e que justificaria a suposição de um sistema específico para a consciência – nesse caso, no entanto, a hipótese da identidade estrutural entre os neurônios teria que ser deixada de lado –, ou a suposição de tal sistema permanece sem justificção. De qualquer forma, a hipótese de que a consciência depende de signos de qualidades e de que estes seriam fornecidos de ω para ψ parece contradizer a afirmação de Freud segundo a qual a consciência seria paralela aos processos ω .

Freud reconhece a problematidade dessas idéias formuladas para explicar a base material da consciência e argumenta que isso não representa um impedimento para a continuação da teoria:

“Apenas mediante essas suposições complicadas e pouco intuitivas foi-me possível, até agora, incluir os fenômenos da consciência na arquitetura da psicologia quantitativa. Não se pode evidentemente tentar dar uma explicação sobre como processos excitatórios nos neurônios ω trazem consigo consciência. Trata-se só de fazer corresponder as propriedades conhecidas por nós sobre a consciência com os processos de alteração paralela no neurônios ω . Por outro lado, no pormenor, isto não está mal.”⁵⁹

A atividade consciente, embora restrita em relação à amplitude total do psiquismo, exerceria um papel essencial na vida psíquica: *“sua supressão não deixa inalterada a ocorrência psíquica, mas inclui em si a supressão da contribuição de ω ”*,

⁵⁷ PP, p. 190; EP, p.404.

⁵⁸ AE, vol.1, p.437.

⁵⁹ PP, p.189; EP, p. 403.

diz Freud⁶⁰. As sensações conscientes é que tornariam possível tanto o acesso aos objetos necessários para a satisfação das necessidades vitais como a fuga dos objetos hostis. Tais sensações regulariam os processos psíquicos, de modo a possibilitar a sobrevivência do indivíduo. Por isso, a consciência seria imprescindível para a sobrevivência do sujeito.

Até aqui comentamos apenas o modo como Freud concebe os processos neuronais relacionados à consciência perceptiva, mas haveria ainda uma segunda forma de consciência intermediada pela linguagem, que consideraremos a seguir.

)(X)(

Freud atribui a possibilidade de rememoração de uma representação à associação desta com representações-palavra. Ele argumenta que, uma vez que a consciência depende do despertar de signos de qualidade e que estes últimos provém de percepções, para que uma representação ocupada pelo eu (e não a partir de ϕ) se tornasse consciente seria necessário que, de alguma forma, ela produzisse uma percepção. Ele, então, conclui que um dos componentes da “representação-palavra” – a imagem cinestésica – é que possibilitaria isto. Como os movimentos produzem percepções, a ocupação da imagem cinestésica da palavra levaria à produção de um signo de qualidade e, assim, a “representação-objeto” a ela associada poderia se tornar consciente.

Freud retoma, no “Projeto...”, os conceitos de “representação-palavra” e de “representação-objeto” que haviam sido propostos em “Sobre a concepção das afasias”. Como vimos, a representação-palavra, de acordo com o que Freud propusera neste último texto, seria um complexo constituído por um intrincado processo de associações, no qual estariam presentes quatro elementos: a imagem acústica, a imagem cinestésica da fala, a imagem visual e a imagem cinestésica da escrita. A representação-objeto seria também um complexo associativo constituído por diversos tipos de imagens sensoriais. A ligação entre esses dois tipos de representações se daria sempre entre a imagem acústica da representação-palavra e, normalmente, a imagem visual da representação-objeto.

No “Projeto...”, ao se questionar sobre a possibilidade de uma representação ocupada pelo eu se tornar consciente, Freud retoma esses conceitos. Ele formula a

⁶⁰ PP, p.190; EP. P.404.

hipótese de que, quando a ocupação de uma representação-objeto seguisse para a imagem acústica da palavra e, desta, para sua imagem cinestésica, seria produzida uma percepção, a qual levaria ao despertar de um signo de qualidade e, então, a representação-objeto poderia tornar-se consciente:

“(...) se as imagens de recordação forem tais que uma corrente parcial possa ir de uma delas para as imagens acústicas e para as imagens motoras da palavra, então a ocupação das imagens de recordação é acompanhada de notícias de eliminação, que são os signos de qualidade, e que, em consequência, também são signos de cons[ciência] da re[cordação]”.⁶¹

Dessa forma, com a constituição das representações-palavra, os processos que ocorressem em ψ como resultado da ação do eu, e não apenas aqueles incitados por estimulação exógena, poderiam alcançar a consciência, surgindo, assim, a possibilidade de rememoração. Portanto, enquanto houvesse apenas representações-objeto em ψ , além das percepções atuais, os processos que aí ocorressem seriam inconscientes, com exceção dos que consistissem em eliminações motoras e em alucinação. Nessas últimas, a consciência seria imediata, ou seja, decorreria única e diretamente das propriedades das percepções. Com a linguagem, surgiria uma segunda forma de consciência, uma consciência mediata, isto é, intermediada pelos signos lingüísticos.⁶² Sendo assim, antes da constituição das associações lingüísticas, só seria possível pensamento consciente se este consistisse em uma ação. De fato, Freud afirma que o pensamento consciente⁶³ inicialmente consiste na ocupação de imagens de movimento e, embora ele não explicita como, a partir de um certo momento, o pensamento consciente e a ação poderiam diferenciar-se, é possível inferir que o que tornaria isto possível seria a constituição das associações da linguagem, as quais permitiriam que as ações fossem rememoradas e, conseqüentemente, que não fosse mais preciso agir para pensar.

⁶¹ PP, p. 239; EP, p.456.

⁶² Na carta 52, fala de uma “consciência secundária”, para se referir a esse tipo de consciência.

⁶³ Após a inibição do processo primário, ou seja, quando o desejo não fosse mais realizado pela via alucinatória, surgiria o pensamento. Este consistiria nos processos associativos que ocorrem entre o surgimento do desejo e a sua realização. Tais processos se caracterizariam por uma luta entre as facilitações consolidadas e as ocupações mutáveis, em oposição à seqüência associativa primária. Originariamente, o pensamento teria como meta a obtenção da identidade entre a

Dizer que a consciência perceptiva é imediata, no entanto, significa apenas que ela não depende da intervenção de nenhum fator externo à percepção e não que as percepções sejam efeitos diretos das propriedades dos objetos externos. As hipóteses formuladas por Freud em “ Sobre a concepção das afasias” deixam claro que toda representação consiste em uma construção do sistema nervoso, a partir do material sensorial proveniente do mundo externo.

3.4) Representação e consciência no “Projeto...”

Como vimos, para que as representações pudessem ser lembradas, seria necessário que elas estivessem associadas a uma representação-palavra; então, antes da constituição das associações lingüísticas, as representações-objeto seriam inconscientes. Em sua origem – isto é, na ocasião da sua percepção –, elas poderiam ou não ter sido conscientes. No entanto, logo em seguida, elas se tornariam inconscientes e sem acesso a consciência até que se associassem a palavras. Portanto, a inconsciência poderia ser o estado originário ao menos de algumas representações. A partir das hipóteses desenvolvidas por Freud, há elementos para pensarmos que, com a constituição das associações lingüísticas, parte das representações poderia tornar-se consciente, mas provavelmente algumas delas não seriam associadas a palavras, de modo que um grupo de representações permaneceria “insuscetível de consciência”, para utilizar o termo de Breuer (1895), que será retomado no capítulo 7 por Freud. Outras representações poderiam também permanecer nesse estado, mesmo que chegassem a ter sido associadas a representações-palavra, devido ao bloqueio posterior dessa associação.

Portanto, podemos inferir daí a possibilidade de três tipos de representações inconscientes: aquelas associadas a representações-palavra, mas cujos signos de qualidade não fossem ocupados pelo eu ou não fossem despertados; aquelas que nunca foram associadas a representações-palavra; e aquelas cuja associação com a palavra estivesse impedida. No primeiro caso, embora inconscientes, as representações seriam “suscetíveis de consciência”. No segundo e no terceiro casos, elas seriam “insuscetíveis de consciência”. O último, como Freud esclarece no artigo metapsicológico sobre o inconsciente (1915), seria o caso das representações reprimidas, responsáveis, entre

representação mnêmica correspondente ao objeto de desejo e a percepção seguida de eliminação motora; ele constituiria, portanto, um caminho para a realização de desejo.

outras coisas, pela produção das neuroses. A representação inconsciente que estaria na origem dos sintomas neuróticos seria uma representação-objeto cuja associação com a representação-palavra tivesse sido bloqueada, para impedir sua rememoração e a conseqüente produção de desprazer dela resultante. Haveria, assim, um grupo de representações que permaneceria insuscetível de consciência, devido ao fato de nunca ter sido associado a representações-palavra, e um outro grupo cujo acesso à palavra existiu um dia, mas encontra-se atualmente impedido.

Então, segundo a teoria do “Projeto...”, o campo da consciência seria restrito em relação ao da memória e apenas uma parte das representações – aquelas que despertassem signos de qualidade e que tivessem esses signos ocupados pelo eu – se tornariam conscientes. A representação é concebida aí como um fato de memória totalmente independente da consciência, e esta é concebida como algo que pode ou não se acrescentar a uma parte das representações desde que cumpridas certas condições. Antes da constituição das associações lingüísticas, não haveria possibilidade de rememoração, a não ser de representações de movimento; portanto, até então, a consciência decorreria diretamente das propriedades da percepção. A constituição das representações-palavra traria consigo a possibilidade de uma segunda forma de consciência, intermediada pelos signos lingüísticos. Como uma parte das representações-objeto possivelmente não chegaria a ser associada a representações-palavra, poderia haver representações que permanecessem sempre “insuscetíveis de consciência”.

A distinção entre as representações suscetíveis e as insuscetíveis de consciência se limitaria ao fato das primeiras serem representações-objeto associadas a palavras e das últimas serem representações-objeto sem essa associação. Tanto as representações suscetíveis quanto as insuscetíveis de consciência seriam, no funcionamento psíquico normal, governadas pelo processo secundário. Portanto, elas não possuiriam propriedades distintas; apenas a presença ou ausência de vínculo com palavras as distinguiria. No “Projeto..”, está presente a hipótese de um inconsciente dinâmico, de processos inconscientes e ativos; não há ainda a hipótese do inconsciente como um sistema, a qual irá aparecer na carta 52 (1896) e em “A Interpretação dos sonhos”(1900). A introdução da distinção tópica entre os sistemas inconsciente e pré-consciente, como veremos, resulta da conclusão de que ambos os tipos de inconsciente, o suscetível e o insuscetível de consciência, possuem propriedades diferentes;

correspondem a dois tipos de processos distintos, o que justificaria a delimitação de dois sistemas para representar essa diferença.

Considerações finais

Em suma, em “Sobre a concepção das afasias”, há uma ampla reflexão sobre o conceito de representação, mas a identificação entre o psíquico e o consciente é mantida. Nos textos sobre as neuroses do período de 1891 a 1895, embora Freud fale de representações inconscientes e subconscientes, ele não deixa claro em que tais representações consistiriam; a existência de um psíquico inconsciente não é ainda claramente aceita. É no “Projeto de uma psicologia”, que a idéia de um psíquico inconsciente e representacional é pela primeira vez explicitada. A estratégia usada, em tal texto, para desvincular as noções de psíquico e de consciência – isto é, para expandir a primeira em relação à segunda – foi atribuir uma natureza psicológica a uma parte dos processos nervosos, aqueles que em 1891 eram concebidos como sendo apenas os concomitantes físicos dos eventos psíquicos e, ao que tudo indica, deslocar o paralelismo – que, de acordo com a doutrina da concomitância sustentada no texto sobre as afasias, definia a relação entre os processos nervosos e os psíquicos – para entre o psíquico inconsciente e o consciente. Com isso, do ponto de vista epistemológico, parece ser estabelecida uma cisão no campo da psicologia entre uma psicologia do inconsciente, cujo objeto de estudo seriam os processos nervosos que constituiriam o psíquico inconsciente e, portanto, poderia ser uma ciência natural, e uma psicologia da consciência, que estaria excluída do campo de uma abordagem naturalista, mas cuja abordagem Freud não parece ser capaz de especificar.

Quais são os desenvolvimentos subsequentes do conceito de psíquico inconsciente? Como a relação entre a representação e a consciência é pensada no restante da metapsicologia freudiana? Suas hipóteses a respeito da natureza do inconsciente e sobre o que seria a metapsicologia são mantidas no período que se intercala entre a redação do “Projeto...” e a do “Esboço de Psicanálise”? Ou o neurólogo Freud foi substituído pelo psicólogo Freud, como afirma Strachey(1998b)? Essas são as questões que irão guiar o restante desse trabalho.

CAPÍTULO II – INCONSCIENTE E REPRESENTAÇÃO NA PRIMEIRA TEORIA DO APARELHO PSÍQUICO

No texto “Nota sobre o conceito de inconsciente na psicanálise” de 1912, Freud distingue os três sentidos que a psicanálise atribui ao termo inconsciente : o descritivo, o dinâmico e o sistemático. O termo inconsciente é usado em sentido descritivo para designar um fato psíquico que, embora não esteja presente na consciência, não esteja sendo percebido conscientemente, continue presente na vida psíquica. Esse é o sentido mais geral que é atribuído à palavra inconsciente, e ele pode ser usado desde que se parta da suposição de que, na ausência da consciência, as representações podem continuar existindo enquanto fatos psíquicos.

Mas, além da possibilidade de continuarem existindo, mesmo que latentes na consciência, as manifestações neuróticas, assim como o fenômeno da sugestão pós-hipnótica, evidenciaram que as representações inconscientes continuam com capacidade de ação na vida psíquica, sendo capazes, inclusive, de influenciarem a atividade consciente. Há um psíquico inconsciente e “efetivo”. Com isso, passa-se de uma concepção descritiva de inconsciente para uma “dinâmica”. Em sentido dinâmico, o termo inconsciente designa pensamentos, representações que, apesar de sua intensidade e de sua ação eficiente, permanecem afastados da consciência, permanecem insuscetíveis de se tornarem conscientes. Vimos que é no “Projeto...” que, pela primeira vez, Freud admite a existência de um psiquismo inconsciente. Nesse texto, surge a noção de um inconsciente dinâmico e surge também a possibilidade do uso em sentido descritivo da palavra inconsciente.

Mas há ainda o terceiro – e, segundo Freud, o mais importante – sentido atribuído ao termo inconsciente pela psicanálise: o sistemático. A análise dos sonhos mostrou que esse psíquico inconsciente e insuscetível de se tornar consciente é governado por leis diferentes e, portanto, possui propriedades diferentes daquelas do psíquico suscetível de se tornar consciente; trata-se de uma categoria psíquica à parte. Essa constatação, diz Freud, foi o que o levou a introduzir na teoria a hipótese de um sistema inconsciente, a qual visa estabelecer as características peculiares aos processos psíquicos insuscetíveis de se tornarem conscientes, de tal forma que eles passem a constituir um grupo psíquico à parte. A idéia de um sistema inconsciente aparece pela primeira vez na carta 52, mas é apenas no capítulo 7 de “A interpretação dos sonhos” que podemos vislumbrar o seu verdadeiro significado e o modo como a teoria do

aparelho psíquico permite fazer avançar a reflexão freudiana sobre a natureza do mental e de sua relação com a consciência.

1. O esquema da carta 52

Na carta à Fliess de 6 de dezembro de 1896, conhecida como carta 52, Freud faz algumas conjeturas sobre a organização e a gênese do aparelho psíquico que, como apontou Laplanche (1981), podem ser consideradas como fazendo uma ponte entre o aparelho neuronal do “Projeto...” e o aparelho psíquico proposto no capítulo 7 de “A interpretação dos sonhos”. Freud retoma aí algumas das hipótese do “Projeto...” e introduz modificações que antecipam a tópica apresentada no capítulo 7.

O seguinte esquema é esboçado para ilustrar a organização dos processos psíquicos:

	I	II	III					
P	-	Ps	-	Ic	-	Prc	-	Coc
x x		x x		x x		x x		x x
x		x x		x x		x		x

Freud propõe que o mecanismo psíquico se forma por um processo de estratificação sucessiva, isto é, que os traços mnêmicos são sujeitos a reordenações, de acordo com novos nexos, de tempos em tempos. Essas “retranscrições” dariam origem a diferenciações no sistema de memória, as quais representariam a operação psíquica de épocas sucessivas da vida. Na passagem de uma época para outra, ocorreria uma “tradução” do material mnêmico. Essa hipótese da retranscrição dos traços mnêmicos, diz Freud, é o que haveria de novo em sua teoria:

“O essencialmente novo em minha teoria é, então, a tese de que a memória não persiste de maneira simples, mas múltipla, está registrada em diversas variedades de signos. Em outro momento (afasias) afirmei um reordenamento semelhante para as vias que alcançam desde a periferia [do corpo o córtex cerebral].”¹

Em “Sobre a concepção das afasias”, como vimos, Freud havia sustentado, provavelmente baseando-se nas hipóteses de Hughlings Jackson, que a informação sensorial que alcança a medula é sucessivamente reordenada, de acordo com princípios funcionais do sistema nervoso, ao longo de seu percurso em direção ao córtex. Ele propõe agora a ocorrência de um processo semelhante no nível cortical, isto é, na constituição dos traços mnêmicos. No entanto, esse processo de reorganização se daria ao longo do desenvolvimento do sujeito, o que nos remete também à idéia de “sobre-associação” proposta em 1891, como discutiremos adiante. Tendo em vista o “Projeto...”, pode-se dizer que Freud acrescenta diferenciações no interior do manto de ψ , as quais conteriam diversos reordenamentos dos mesmos traços mnêmicos e seriam governadas por princípios associativos distintos. Como essas várias transcrições seriam aquisições psíquicas de fases sucessivas da vida, o sistema de memória iria se complexificando, ao longo do desenvolvimento do sujeito, à medida que os traços mnêmicos fossem sendo retranscritos. Segundo Freud, haveria no mínimo três tipos de transcrições no sistema de memória, as quais são representados no esquema como “Ps” (signos de percepção), “Ic”(inconsciência) e “Prc”(pré-consciência).

A hipótese dos neurônios como elementos componentes do sistema de memória é mantida na carta 52², o que sugere que a memória é concebida aí de forma semelhante ao “Projeto...”. Como, de acordo com o que havia sido proposto nesse último texto, as associações – tanto entre os neurônios que constituem a representação como entre as representações – corresponderiam a facilitações nas barreiras de contato entre os neurônios, pode-se supor que as diferentes transcrições de que Freud fala na carta 52 se constituam a partir do estabelecimento de novas facilitações entre as representações. Essa hipótese nos remete à noção de “sobre-associação” de “Sobre a concepção das afasias”. Nesse texto, Freud havia proposto que a aquisição da linguagem consistiria num processo de sobre-associação, isto é, que as novas associações se sobreporiam às anteriores e, assim, se constituiriam vários níveis de processos associativos, que representariam etapas sucessivas do desenvolvimento do sujeito. Essa hipótese, como vimos, é proposta em substituição à idéia de que a aprendizagem da linguagem se daria por um processo de expansão topográfica, de forma que cada correlato de representação

¹ AE, vol. 1, p.274; AAP, p.151.

² Freud afirma que as diversas transcrições estão separadas também segundo seus portadores “neurônios”. Adiante, ele diz que P são “neurônios” nos quais se produzem as percepções (AE, vol. 1,p.274-75).

possuiria uma localização distinta. Embora não seja retomada explicitamente no “Projeto...”, não há nenhum motivo para se supor que Freud tenha abandonado aí a hipótese da sobre-associação, uma vez que ele continua pensando a representação como um processo com as mesmas características propostas em 1891. De qualquer forma, fica claro que essa noção ganha destaque na carta 52 e é complementada pela suposição de que, nos diferentes níveis, os princípios que regem os processos associativos são alterados.

No sistema ψ do “Projeto...”, toda facilitação seria determinada pela simultaneidade da incidência da quantidade nos neurônios e, portanto, a constituição das representações, assim como a associação entre representações, se daria de acordo com relações de simultaneidade. Na carta 52, Freud sustenta que há associações que ocorrem de acordo com outros tipos de relações, como a causalidade³, e que a simultaneidade é o princípio ativo apenas no primeiro sistema de memória. O nível mais elevado de organização das representações – o Prcc – seria aquele em que as associações lingüísticas estariam presentes. Nesse nível, o pensamento poderia se tornar consciente, a partir da “ativação alucinatória” das associações lingüísticas. Freud mantém a idéia de que são as associações constituintes da palavra que possibilitam a consciência do pensamento, a qual é chamada de “consciência secundária”.

Essa idéia de que o que constitui as retranscrições são novas facilitações entre os neurônios parece estar de acordo com a suposição feita por Freud de que, com as novas transcrições, as anteriores persistem e apenas os seu processo excitatório é inibido. Diz ele: *“Cada reescritura posterior inibe a anterior e desvia dela o processo excitatório.”*

⁴ Sendo assim, com os novos registros, a excitação passaria a percorrer o caminho aberto pelas novas facilitações, de modo que o processo representacional ativo seria aquele que segue as vias estabelecidas por último, mas as facilitações anteriores permaneceriam capazes de ser reativadas a qualquer momento. Dessa forma, os processos anteriores sempre permaneceriam enquanto possibilidades.

Esse processo de retranscrição ou de tradução dos traços mnêmicos poderia não ocorrer em relação a uma parte do material representacional, com a finalidade de evitar o desprazer que seria gerado por tal tradução. Isso é o que Freud chama de “repressão”. As representações reprimidas seriam aquelas que não foram traduzidas – e, portanto,

³ Freud afirma que a causalidade talvez seja o princípio associativo o sistema Ic.

⁴ AE, vol.1, p.276; AAP, p.152.

ficaram de fora das transcrições posteriores, ou seja, ficaram excluídas dos processos associativos dominantes – devido ao desprazer que seria produzido.⁵ Nesse caso, diz Freud, “a excitação é tramitada de acordo com as leis psicológicas vigentes no período psíquico precedente e pelos caminhos de que então dispunha”.⁶ Essa afirmação de que, no caso da representação não traduzida, a excitação continua percorrendo as vias anteriormente estabelecidas, parece apoiar a hipótese de que Freud não abandonou as idéias de facilitação e barreira de contato do “Projeto...”. Se isso for correto, poderíamos pensar que, na repressão, como não se constituem novas vias associativas, novas facilitações, a excitação ficaria limitada à tramitar pelas vias anteriormente estabelecidas. Como consequência dessa falta de tradução, as representações não chegariam a ter acesso às representações-palavra, permanecendo insuscetíveis de se tornarem conscientes pela via normal do pensamento. A repressão, segundo Freud, seria uma “defesa patológica”, e a “defesa normal” seria aquela que ocorreria dentro de um mesmo sistema de transcrições, a partir da inibição do desprazer gerado pela representação.

)()(

Que modificações em relação ao “Projeto...” surgem no esquema da carta 52? No “Projeto...”, aparece a noção de psíquico inconsciente com a independência atribuída à representação em relação à consciência. Mas, nesse texto, a inconsciência designa um estado da representação e não o pertencimento a um grupo psíquico com características próprias: pode-se dizer de uma representação que ela “é” ou “está” inconsciente, podendo ou não vir a se tornar consciente, mas não que ela “está no” inconsciente. Agora, na carta 52, Freud começa a propor a idéia de inconsciente no sentido sistemático – isto é, como um sistema de representações diferenciado, regido por um princípio associativo específico –, idéia esta que é complementada no capítulo 7. No entanto, não é possível identificar o sistema inconsciente com o psíquico inconsciente nem com o psíquico insuscetível de consciência, pois as representações que compõem tal sistema constituiriam apenas uma parte deste último, uma vez que as

⁵ A idéia de que o funcionamento psíquico é governado pela tendência a evitar o aumento do nível de excitação no aparelho, ou a evitar o desprazer, é mantida. Em uma passagem, Freud afirma: “*Estabelecemos como base firme a tendência à nivelção quantitativa*”. (AE, vol.1, p.276)

⁶ AE, vol. 1, p. 276; AAP, p.152.

representações do Ps (sistema dos signos de percepção), assim como as do Icc, tampouco poderiam se tornar conscientes pela via normal do pensamento. Esta última potencialidade estaria presente apenas nas representações do sistema Prc, devido ao vínculo destas com as palavras. Então, com o desdobramento do sistema de memória proposto por Freud, a diferenciação, já presente no “Projeto...”, entre inconsciente suscetível e insuscetível de consciência recebe uma representação tópica. O Icc e os sistemas que o precedem representariam este último e o Prcc representaria o primeiro. Além disso, Freud acrescenta a hipótese de que diferentes princípios associativos dirigem os processos representacionais e que, portanto, a diferença entre as representações suscetíveis e as insuscetíveis de consciência não se limita a presença ou ausência de vínculo com palavras.

Uma outra modificação com relação ao “Projeto...” é que a relação entre o psíquico e o somático não é mencionada nem incluída no esquema. Não há nada neste que possa ser relacionado a ψ do núcleo. Freud afirma, na carta 52, que o sistema pré-consciente corresponde ao nosso “eu oficial”, o que parece sugerir que este não constitui a totalidade do eu. Nesse caso, o restante do eu, sua parte “não oficial” – que seria justamente aquela que se ligaria diretamente ao somático (ψ do núcleo), de acordo com as idéias do “Projeto...” – teria sido omitida no esquema e, então, se poderia supor que apenas ϕ e ψ do manto estariam representados neste. Apenas nos “Artigos metapsicológicos”, de 1915, a relação entre o psíquico e o somático voltará a ser claramente tematizada por Freud.

Apesar de não explicitar sua concepção de representação, esta parece estar sendo pensada da mesma forma que no “Projeto...”, isto é, como consistindo num processo envolvendo quantidade, neurônio e facilitação. Não há indicações de que essas idéias tenham sido abandonadas; ao contrário, há várias indicações no sentido oposto. Sobre a relação entre a representação e a consciência, Freud afirma que tanto as percepções quanto as palavras são capazes de despertar a consciência. Sobre o mecanismo por meio do qual as primeiras se vinculariam à consciência nada é dito. Já as representações associadas à representações-palavra se tornariam conscientes a partir da “ativação alucinatoria” dessas últimas, diz Freud, hipótese esta que será discutida adiante no comentário do capítulo 7. Como Freud mesmo afirma, a idéia nova introduzida em sua teoria é a da estratificação da memória, a qual estabelece uma diferenciação clara entre

o psíquico suscetível e o insuscetível de se tornar consciente, dando origem, assim, à concepção sistemática de inconsciente.

2. O capítulo 7 de “A interpretação dos sonhos”

No início do sétimo capítulo de “A Interpretação dos Sonhos”(1900), Freud aponta a necessidade de formular uma teoria sobre o aparelho psíquico para que o sonho, enquanto fato psíquico, pudesse ser, de fato, esclarecido:

“Tropeçamos com a impossibilidade de “esclarecer” o sonho como fato psíquico, pois explicar significa reconduzir ao conhecido e até agora não existe nenhum conhecimento psicológico ao qual pudéssemos subordinar o que cabe discernir na qualidade de princípio explicativo a partir do exame psicológico dos sonhos. Ao contrário, veremo-nos obrigados a estabelecer uma série de novas suposições que toquem mediante conjeturas o edifício do aparelho psíquico e o jogo de forças que nele atuam (...)”.⁷

Nos capítulos anteriores dessa obra, Freud apresentara e discutira as teses sobre os sonhos inferidas a partir da sua interpretação. No último capítulo, ele se ocupa da construção de uma teoria sobre a estrutura e o funcionamento psíquico em geral que sirva de fundamento para essas teses, ou seja, uma teoria a partir da qual seja possível compreender a possibilidade de ocorrência de um processo psíquico com as características do fenômeno onírico. Monzani (1989) esclarece como se dá a relação entre a interpretação e a explicação em “A interpretação dos sonhos”. Existiria, diz ele, “*uma subordinação recíproca entre interpretação e explicação, cada uma a seu nível: a interpretação produz teses que a explicação fundamenta”*(p. 114). A interpretação forneceria as teses e estas seriam então inseridas em um espaço teórico que as fundamenta. No capítulo 7, portanto, Freud se empenha em uma reflexão metapsicológica com o objetivo de fundamentar as teses obtidas a partir da interpretação dos sonhos.

O esquema que havia sido proposto na carta 52 é retomado, com algumas modificações, assim como muitas das hipóteses do “Projeto...”. Pode-se dizer que o

aparelho psíquico é um recorte do aparelho neuronal, com alguns acréscimos e modificações. Vejamos, em primeiro lugar, como é pensada a relação entre os processos psíquicos e os processos nervosos nesse momento da teoria freudiana. Haveria alguma mudança na posição de Freud quanto à natureza dos processos psíquicos inconscientes?

2.1 A relação entre o aparelho psíquico e o sistema nervoso

As tentativas de estabelecer uma correspondência anatômica para o aparelho psíquico – empreendidas tanto em relação ao aparelho de linguagem como em relação ao aparelho neuronal – são abandonadas nesse momento por Freud. Mas ele não nega a existência de tal correspondência; ao contrário, no início da seção B, ele afirma:

“Queremos deixar totalmente de lado que o aparelho psíquico de que aqui se trata nos é conhecido também como um preparado anatômico e tomaremos o maior cuidado para não cair na tentação de determinar essa localidade psíquica como se fosse anatômica. Vamos manter-nos em terreno psicológico (...)”.⁸

Com a afirmação de que o aparelho psíquico é conhecido também sob a forma de um preparado anatômico, Freud reconhece que há algo no sistema nervoso que corresponde a tal aparelho; ele apenas se recusa a tentar identificar essa localização. Desde “Sobre a concepção das afasias”, a localização anatômica do aparelho tornara-se algo dispensável. Naquele texto, como vimos, Freud recusara a idéia de que cada função da linguagem estivesse localizada em uma região distinta do cérebro e de que a fisiologia estivesse totalmente subordinada à anatomia, o que teve como consequência que apenas o modo como transcorreriam os processos fosse, de fato, importante para explicar a linguagem. Identificar o lugar anatômico onde ocorrem os processos envolvidos na linguagem não mais seria indispensável para o esclarecimento do seu modo de funcionamento. Este poderia ser inferido com base, principalmente, na análise do funcionamento normal e patológico da linguagem. Com isso, tornava-se perfeitamente possível explicar uma função sem se recorrer a qualquer localização

⁷ AE, vol.5, p.506; SA, vol.2, p. 490

⁸ AE, vol. 5, p.529; SA, vol 2, p.512. (grifos nossos)

anatômica precisa. Agora, em “A Interpretação dos sonhos”, Freud abandona aquilo que, desde o texto de 1891, tornara-se dispensável, isto é, a tentativa de identificar a localização anatômica do aparelho. Isto não significa, no entanto, que a existência de tal base esteja sendo negada, mas apenas que Freud não se compromete em especificá-la. Por isso, podemos sustentar que, ao contrário do que defendem Solms e Saling (1986), o que teve maior importância para a psicanálise no rompimento com o localizacionismo empreendido por Freud em 1891 foi a possibilidade de se pensar os aspectos funcionais independentemente dos anatômicos, e não a adoção da doutrina da concomitância, que teria permitido a Freud tratar os fatos psíquicos independentemente dos neurológicos. Essa independência do funcional em relação ao anatômico permite a Freud dar continuidade às suas especulações metapsicológicas – as quais continuam sendo, ao menos implicitamente, especulações sobre os processos nervosos que constituiriam o psíquico inconsciente – na ausência de uma referência anatômica explícita. Se o funcionamento dos processos fosse inteiramente determinado pela localização anatômica das funções, não seria possível especular sobre esse funcionamento sem levar em consideração os fatores anatômicos.

Alguns autores defendem que não é apenas a localização do aparelho psíquico que está sendo deixada de lado, no capítulo 7, mas também que as hipóteses neurológicas estão sendo totalmente abandonadas.⁹ No entanto, embora o vocabulário psicológico passe a predominar, em várias passagens Freud volta a falar em “neurônios”, “facilitações”, “resistências”, etc. Além disso, em algumas partes do texto, como veremos, ele afirma claramente que os processos psíquicos aos quais se refere são processos que ocorrem no sistema nervoso.¹⁰ Portanto, apesar de, ao contrário do “Projeto...”, não haver um comprometimento explícito com a neurologia, fica claro que não há um abandono total desta em prol da psicologia.

Freud emprega a analogia do telescópio, na seção B, para esclarecer a relação entre o “lugar anatômico” e o “lugar psíquico”. Na continuação da passagem citada acima, ele diz:

⁹ Entre eles, Strachey (1998b) e Garcia-Roza (1991).

¹⁰ Na seguinte passagem, por exemplo, Freud diz o seguinte a respeito do estado ligado da excitação no processo secundário: “*A mecânica desses processos é inteiramente desconhecida a mim; quem quiser levar a sério essas idéias deveria investigar as analogias physicalistas e abrir um caminho em direção à ilustração do processo de movimento da excitação neuronal*”(AE, vol. 5, p.589; SA, vol. 2, p.569).

“Vamos manter-nos em terreno psicológico e somente proporemos seguir a sugestão de imaginarmos o instrumento de que se valem as operações mentais como se fosse um microscópio composto, um aparelho fotográfico ou algo semelhante. A localidade psíquica corresponde, então, a um lugar no interior do aparelho em que se produz um dos primeiros estágios da imagem. No microscópio e no telescópio, como é sabido, essas são, em parte, umas localizações ideais, nas quais não se situa nenhum componente apreensível do aparelho.”¹¹

Segundo essa passagem, a localidade psíquica seria virtual em relação à localidade anatômica, assim como os primeiros estados da imagem o são em relação às lentes do telescópio. Então, apesar de possuir uma base anatômica, o aparelho psíquico não pode ser identificado com nenhum ponto dessa base. Na seção F, Freud afirma que os sistemas que compõem o aparelho consistem, na verdade, em processos nervosos, do que se pode concluir que o aparelho é um conjunto organizado de processos, visto que ele não é nada mais que os sistemas que o compõe. Segundo a analogia mencionada acima, então, os processos nervosos que constituem o aparelho seriam virtuais em relação à sua localidade anatômica. Com isso, Freud parece estar resgatando a concepção da relação entre a anatomia e o aparelho de linguagem sustentada em “Sobre a concepção das afasias”. Neste texto, ele havia proposto que o aparelho de linguagem consistiria em processos e que as suas diversas funções não poderiam ser restringidas a nenhuma parte específica da sua base anatômica, o que o levou a recusar a hipótese de centros de linguagem. Como observou Monzani:

“(...) a idéia que se delineia na construção freudiana da noção de um aparelho de linguagem (e nós começamos a perceber as raízes e a importância dessa noção que atravessa a obra de Freud: “aparelho” psíquico) liga-se ao fato de que, embora ele possa estar (e seguramente está) ancorado e mesmo enraizado em seus contornos na realidade neuronal, enquanto totalidade, ele escapa dessa identificação. Em outros termos, esse lugar já não é mais “estritamente assimilável ao espaço dos tecidos do sistema nervoso”, o que provoca a emergência, então, de uma dimensão do lugar que não se confunde

¹¹ AE, vol. 5, p.529; SA, vol. 2, 512.

com a realidade neuroanatômica. Assim, de agora em diante, toma corpo a idéia da possibilidade de articular um discurso que leva em conta a dimensão do lugar sem que isso necessariamente implique localizar esse lugar.”(1989, p.135)

A relação entre o aparelho psíquico e a localidade anatômica parece estar sendo pensada nesse mesmo sentido. Embora ancorado em uma base anatômica, as funções do aparelho não podem ser localizadas em nenhuma parte delimitada da mesma, uma vez que *“uma formação psíquica seria o cruzamento de várias séries conectivas sem um lugar determinado na anatomia cerebral”* (Monzani, 1989, p.132).

Em “Sobre a concepção das afasias”, no entanto, o psíquico era identificado à consciência e era concebido como sendo concomitante aos processos associativos corticais. No “Projeto...”, Freud identifica esses processos ao psíquico inconsciente e propõe que a consciência seja o lado subjetivo de uma parte deste último, mas a relação entre os processos que compõem o aparelho neuronal e a anatomia do sistema nervoso é a mesma que havia entre os processos fisiológicos do aparelho de linguagem e sua base anatômica. No capítulo 7, como discutiremos adiante, Freud parece manter a mesma posição sustentada no “Projeto...”.

Tudo isso parece indicar que, embora não haja um comprometimento explícito com a neurologia e embora Freud evite usar termos neurológicos e os substitua, na maior parte do texto, por termos psicológicos, não há mudança na sua concepção sobre a natureza física do psíquico inconsciente. Ele parece manter a hipótese de que os processos psíquicos inconscientes sejam processos nervosos; apenas a tentativa de explicá-los em termos neurológicos teria sido abandonada. Em uma carta a Fliess, escrita em 22 de setembro de 1898, época em que a “A Interpretação dos Sonhos” estava sendo redigida¹², Freud afirma que optou por permanecer no campo psicológico “como se” estivesse se confrontando apenas com tal campo e não “porque” se confronta, de fato, apenas com ele. Diz ele:

“Não estou de modo algum em desacordo com você, nem tenho a menor inclinação a deixar a psicologia suspensa no ar, sem uma base orgânica. No entanto, à parte essa convicção, não sei como prosseguir,

¹² Segundo o que nos informa Ernest Jones, Freud iniciou a redação do seu livro sobre os sonhos por volta de dezembro de 1897 e a finalizou em setembro de 1899.(Jones, 1989, p.358).

nem teórica, nem terapeuticamente, de modo que preciso comportar-me como se apenas o psicológico estivesse em exame.”¹³

No primeiro capítulo de “*A Interpretação dos sonhos*”, ao comentar a resistência dos psiquiatras em aceitar que o sonho apresente uma causalidade psíquica, Freud volta a afirmar que o fato de permanecer no domínio psicológico não implica negar a base orgânica dos processos psicológicos e, tampouco descartar a hipótese de que uma explicação completa destes deverá vir a incluir forçosamente os elementos biológicos aí envolvidos:

“(…) semelhante abstinência não revela senão pouca fé na validade da cadeia causal que se estende desde o corporal até o psíquico. Mesmo onde a investigação permite reconhecer no psíquico a ocasião primária de um fenômeno, um estudo mais profundo saberá descobrir, em cada caso, a continuação do caminho que leva até a fundamentação orgânica do psíquico.”¹⁴

Essas passagens de Freud sugerem que sua decisão de “permanecer no campo da psicologia” – isto é, de não dar continuidade a suas especulações neurológicas – foi motivada pelas dificuldades encontradas para dar prosseguimento a tais especulações (a insuficiência de um conhecimento empírico direto sobre as funções nervosas, por exemplo). Fica claro, contudo, que Freud não vê essa abordagem exclusivamente psicológica como algo definitivo.

2.2 O aparelho psíquico

O esquema do aparelho psíquico proposto por Freud no capítulo 7 restringe-se a representar a relação dos processos psíquicos com a percepção e a motilidade. A relação entre o psíquico e o somático não está representada, apesar de Freud se referir ao papel desempenhado pela excitação de origem endógena no desenvolvimento e no

¹³ Masson, 1986, p.327; AAP, p.227(grifado por mim).

¹⁴ AE, vol. 4, p.67; SA, vol. 2, p. 66.

funcionamento do aparelho. Portanto, pensando-o em comparação com o aparelho neuronal de 1895, o aparelho psíquico do capítulo 7 corresponderia somente a ϕ e ψ do manto, assim como o esquema apresentado na carta 52.

Freud coloca em um dos extremos do esquema a percepção e, no extremo oposto, a motilidade e reafirma que o reflexo permanece sendo o modelo de toda a operação psíquica. Assim como no “Projeto...”, a tendência primordial do aparelho seria descarregar o máximo possível da excitação que o alcança, e essa tendência seria modificada devido à necessidade de dar um destino adequado para a estimulação de origem endógena, isto é, para que as necessidades corporais pudessem ser satisfeitas. Os processos psíquicos seriam, inicialmente, regulados automaticamente pelo “princípio de desprazer”¹⁵ e o prazer e o desprazer continuam sendo concebidos como sensações decorrentes, respectivamente, da diminuição e do aumento do nível de excitação no aparelho. Na seção C, Freud descreve o modo primordial de operação do aparelho, da mesma forma que o faz no “Projeto...”:

“(...) o aparelho obedeceu primeiro ao afã de manter-se, dentro do possível, isento de estímulos e, por isso, em sua primeira construção, adotou o esquema do aparelho reflexo, que lhe permitia descarregar imediatamente, pelas vias motoras, uma excitação sensível que lhe alcançava a partir de fora. No entanto, as exigências da vida perturbaram essa simples função; o aparelho também deve a elas o impulso para seu desenvolvimento posterior. As exigências da vida o assediam primeiro na forma das grandes necessidades corporais. A excitação imposta pela necessidade interior buscará drenagem no movimento que pode ser designado “alteração interna” ou “expressão emocional”. O menino faminto chorará ou esperneará inerte. No entanto, a situação manter-se-á imutável, pois a excitação que parte da necessidade interna não corresponde a uma força que golpeia de maneira momentânea, mas a uma que atua continuamente. Só pode haver uma alteração quando, por algum caminho (no caso do menino, pelo cuidado alheio), ocorre a vivência de satisfação que cancela o estímulo interno”.¹⁶

¹⁵ Strachey (AE, vol.5, p.589, nota 9) comenta que, em suas obras posteriores, Freud chamou este princípio de “princípio do prazer”.

¹⁶ AE, vol. 5, p.557; SA, vol.2, p.538

A primeira diferenciação estabelecida no aparelho é entre a percepção e a memória. Ambas devem ser função de dois sistemas diferentes, argumenta Freud, devido às mesmas razões apontadas no “Projeto...”: enquanto a percepção requer uma capacidade receptiva sempre igual – portanto, o sistema por ela responsável não deve ser modificado em nada pela excitação que recebe –, a memória requer a conservação de traços permanentes – portanto, tal sistema deve ser permanentemente modificado, de alguma forma, pela excitação que o percorre. A percepção fica sendo função do primeiro sistema que compõe o aparelho, e a memória dos sistemas que se lhe sucedem.

A memória não apenas conserva o conteúdo das percepções, como também associa tais conteúdos de acordo com determinadas leis. Para esclarecer o processo da associação, Freud parece retomar as idéias de facilitação e resistência do “Projeto...”. Diz ele: *“O fato da associação consiste, então, no seguinte: como consequência de reduções na resistência e de facilitações, desde um dos elementos Mn a excitação se propaga melhor em direção a um segundo elemento Mn que em direção a um terceiro”*.¹⁷ Nessa passagem, a associação não é mencionada como consistindo no processo constituinte da representação, mas apenas como um processo que se dá entre representações. No entanto, parece que Freud está concebendo a memória da mesma maneira que no “Projeto”, isto é, como modificações permanentes resultantes da excitação recebida, as quais estariam situadas entre os elementos dos sistemas e não nos próprios elementos, o que teria como consequência a constituição de caminhos preferenciais (uma seqüência de “facilitações”) para a passagem da excitação. Então, a representação continua sendo pensada como consistindo num processo associativo. A seguinte afirmação de Freud corrobora esta hipótese: *“(...) representações, pensamentos e produtos psíquicos em geral não podem ser localizados dentro dos elementos orgânicos do sistema nervoso, mas, por assim dizer, entre eles, onde resistências e facilitações constituem seus correlatos.”*¹⁸ Em várias ocasiões Freud volta a falar

¹⁷ AE, vol. 5, p. 532; SA, vol.2, p. 515.

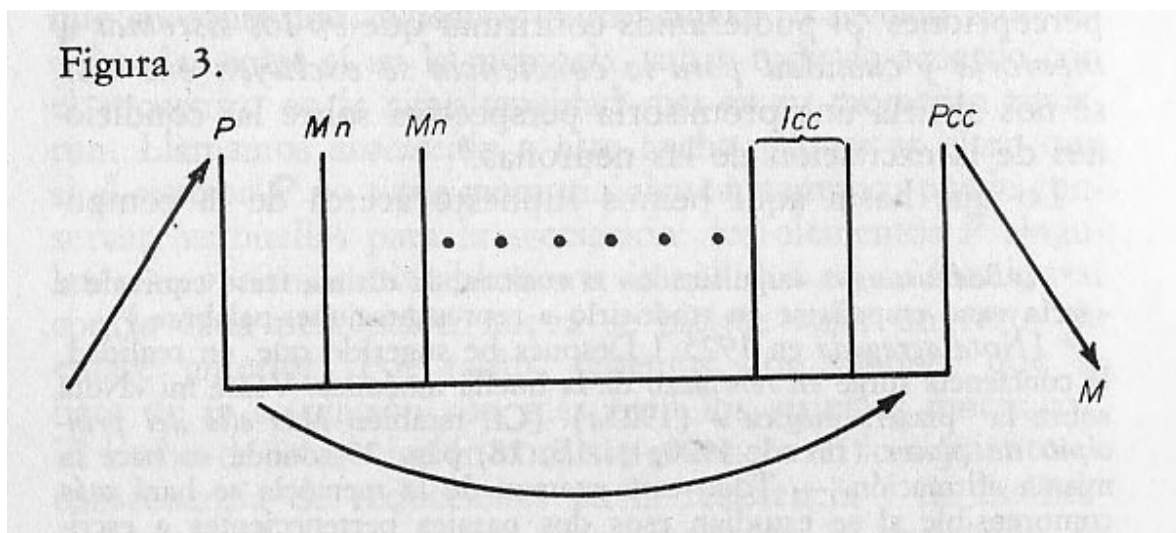
¹⁸ AE, vol.5, p.599; SA, vol.2, p.579. Afirmações como essa e a precedente permanecem totalmente enigmáticas se não temos a teoria do “Projeto...” em vista. Tais afirmações deixam claro que as hipóteses neurológicas do “Projeto...” não foram abandonadas ou totalmente substituídas por hipóteses psicológicas.

também de neurônios¹⁹, o que indica que ele mantém a hipótese de que eles é que são os elementos constituintes do aparelho.

Freud retoma a hipótese, que havia sido apontada na carta 52 como a tese “essencialmente nova de sua teoria”, de que haveria vários sistemas de memória nos quais o mesmo conteúdo estaria associado de maneira distinta. Na carta 52, ele dissera que não sabia quantos sistemas haveria, no mínimo três, provavelmente mais, e agora, no esquema do capítulo 7, outros sistemas de memória são incluídos entre o sistema da percepção e o do inconsciente. Ele também mantém a hipótese de que, no primeiro sistema, as representações estariam associadas de acordo com relações de simultaneidade e, no pré-consciente, de acordo com relações verbais. O que caracterizaria as diferentes associações entre os mesmos traços mnêmicos seriam as gradações da resistência nos caminhos que conduzem a excitação de uns para outros dos elementos do sistema. Com essa afirmação, Freud parece confirmar a hipótese, que havíamos formulado ao comentar a carta 52, de que a retranscrição dos traços mnêmicos consistiria na constituição de novas facilitações entre eles. Ele ressalta que à ordem atribuída aos sistemas na representação tópica não precisa corresponder a ordem espacial real deles, apenas é necessário supor que *“em certos processos psíquicos os sistemas sejam percorridos pela excitação dentro de uma determinada série temporal”*.²⁰ Adiante, Freud esclarece que a representação tópica do aparelho é uma representação “auxiliar”, empregada com o objetivo de facilitar a explicação dos fenômenos psicológicos. O esquema proposto por Freud é o seguinte:

¹⁹ Na seguinte passagem, por exemplo, Freud afirma: *“Se pudéssemos confirmar que nos sistemas ψ , memória e qualidade para a consciência se excluem entre si, nos abriria uma promissora perspectiva sobre as condições da excitação nos neurônios”*. (AE, vol.5, p.533)

²⁰ AE, vol. 5, p 530; SA, vol.2, p.513.



Os dois últimos sistemas mnêmicos – entre os quais se situaria uma “censura” – seriam o Inconsciente(Icc) e o Pré-consciente(Pcc)²¹. Este último estaria ligado à consciência e governaria o acesso à motilidade voluntária. Tais sistemas corresponderiam a dois tipos de processos. No início da seção F, Freud afirma:

“Se as consideramos com maior atenção, as elucidações psicológicas da seção anterior não nos sugerem a suposição da existência de dois sistemas perto do extremo motor do aparelho, mas sim de dois processos ou de dois modos no decurso da excitação. Para nós dá na mesma; sempre devemos estar dispostos a abandonar nossas representações auxiliares quando nos acreditamos em condições de substituí-las por alguma outra coisa que se aproxime mais da realidade desconhecida”.²²

Esses dois processos, que corresponderiam aos sistemas pré-consciente e inconsciente, seriam os processos primários e os secundários que já haviam sido mencionados no “Projeto...”. Portanto, essa diferenciação entre dois “modos no decurso da excitação” seria aquela entre o estado “livre” e estado “ligado” ou “quiescente” da quantidade. Apesar de ser uma representação menos rigorosa, a representação tópica

²¹ Seguindo a tradução da Amorrortu Editores usaremos, em vez de “Pcc”, “Prcc”, como abreviatura para pré-consciente, para distinguir melhor de P (percepção).

²² AE, vol. 5, p.598; SA, vol.2, p. 578.

deve continuar sendo utilizada, argumenta Freud, uma vez que ela figura de maneira mais simples a distinção em questão.

De acordo, portanto, com o que Freud diz na passagem acima mencionada, a representação tópica dos sistemas Prcc e Icc seria uma representação auxiliar que parece ser menos adequada para representar a distinção entre o psíquico suscetível e o insuscetível de consciência do que o que ele chama nesse texto de “representação dinâmica”, ou seja, aquela que representa tal distinção como dois tipos de processos.

Em “Nota sobre o conceito de inconsciente” (1912), Freud distingue entre a idéia de um inconsciente dinâmico e a de inconsciente enquanto um sistema. Primeiro, ele teria concluído pela existência de um inconsciente incapaz de se tornar consciente e, entretanto, ativo. Nesse sentido é que ele fala aí de um inconsciente dinâmico.²³ Depois, a partir da análise dos sonhos, Freud percebe que esse inconsciente dinâmico possui características diferentes daquelas do psíquico consciente ou passível de se tornar consciente. Para estabelecer essa distinção, é introduzida a hipótese do “sistema inconsciente”. Assim, de acordo com o que ele diz em 1912, a distinção entre os sistemas Prcc e Icc não implica necessariamente a distinção tópica entre esses sistemas. A representação dos sistemas como dois lugares distintos é apenas uma forma de representar a distinção entre o psíquico suscetível e o insuscetível de se tornar consciente, mas não a única, nem a melhor, como diz Freud na passagem citada acima. Para representar as características distintivas dos sistemas Prcc e Icc, pode-se usar uma representação tópica ou pode-se pensar em dois tipos de processos, e essa última alternativa, segundo ele, é a que parece se aproximar mais da “realidade desconhecida”. Expressar a diferença entre o psíquico suscetível e o insuscetível de se tornar consciente em termos de dois tipos de processos seria mais preciso, mais de acordo com a realidade, do que exprimi-la em termos tópicos. Então, embora no capítulo 7, Freud utilize a idéia de sistema como sinônimo de lugar, a caracterização da noção de inconsciente sistemático apresentada em 1912 parece não permitir essa identificação.

²³ Notemos que Freud usa o termo dinâmico em um sentido diferente daquele usado no capítulo 7. Neste último, Freud contrapõe um modo de representação “tópico” a um “dinâmico”, ou seja, uma representação dos sistemas Prcc e Icc como dois lugares diferentes a uma representação desses como dois processos distintos. Em 1912, Freud usa o termo dinâmico no sentido de ativo – ou seja, para designar a capacidade de ação do inconsciente – e diz que a concepção sistemática de inconsciente vem se acrescentar à dinâmica, porque estabelece que esse psíquico insuscetível de consciência, além de ativo, possui propriedades peculiares.

Que os sistemas Icc e Prcc correspondam a processos sabemos desde o início, pois já em “Sobre a concepção das afasias”, ficara claro que Freud pensa a representação como um processo. Contudo, a representação tópica poderia sugerir que se trata de processos do mesmo tipo que ocorrem em dois lugares distintos, mas Freud esclarece que não é esse o caso. A distinção entre os sistemas Icc e Prcc corresponde à distinção entre dois tipos de processos que se sobrepõem: os primários e os secundários.

Assim como no “Projeto...”, o processo secundário resultaria da inibição do processo primário e, portanto, seria posterior a este. Inicialmente, o pré-consciente e o inconsciente não se diferenciariam, e a origem dessa diferenciação seria uma consequência da impossibilidade do modo de atividade primário do aparelho de satisfazer as necessidades corporais. Freud descreve a experiência de satisfação, assim como as consequências de tal experiência, exatamente da mesma forma que o havia feito em 1895. Após a vivência primária de satisfação, o ressurgimento da estimulação endógena faria surgir uma tendência a ocupar a representação do objeto desejado com toda sua intensidade, de forma que este objeto seria alucinado – isto é, seria produzida uma “identidade perceptiva” e os movimentos associados à satisfação seriam executados em vão. Essa ativação alucinatória da representação desejada seria totalmente ineficaz para fazer a estimulação endógena cessar. Por isso, para que o indivíduo sobreviva e o desprazer cesse, faz-se necessária uma modificação desse modo de atividade primário do aparelho. A atividade psíquica regida pelo princípio do prazer tem que se adequar ao “princípio de realidade”, como o nomeia Freud em 1911²⁴. Em vez de conduzir à identidade perceptiva, os processos devem passar a buscar uma “identidade de pensamento”. A ocupação da representação desejada deve ser parcialmente inibida, de modo que esta seja apenas lembrada e, assim, torne-se possível a ocorrência de um processo – o pensamento – que encontre, de fato, o objeto capaz de promover a satisfação da necessidade.²⁵ Disso decorreria o surgimento do processo secundário ou do pré-consciente:

“Assim se fez necessária uma segunda atividade – em nossa terminologia, a atividade de um segundo sistema –, que não permitisse que a ocupação mnêmica avançasse até a percepção (...) os dois

²⁴ “Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico”, AE, vol. 12.

²⁵ O pensamento é concebido da mesma maneira que no “Projeto...”, isto é, como o processo que se intercala entre o surgimento do desejo e sua realização. (AE, vol.5, p.558)

sistemas são o germe do que inserimos como Icc e Pcc no aparelho plenamente constituído”.²⁶

No “Projeto...”, essa função de inibição do processo primário havia sido atribuída ao “eu”. A “primeira regra biológica” condicionaria este a ocupar menos intensamente a representação desejada, o que teria como conseqüência o acúmulo de uma certa quantidade no aparelho – isto é, a quantidade livre seria ligada –, a qual seria usada para direcionar os processos associativos, a partir das “ocupações laterais”, de forma que estes propiciassem a satisfação das necessidades, assim como a evitação do desprazer. Dessa forma, o processo secundário se sobreporia ao primário. No capítulo 7, Freud atribui essa função de inibição do processo primário ao sistema Pcc e não diz nada sobre a origem da excitação que seria usada para inibir tais processos, nem sobre o mecanismo de tal inibição.

Nos processos inconscientes (ou “processos primários”) a excitação se encontraria em estado livre – sua atividade estaria dirigida para a “*livre descarga das quantidades de excitação*”²⁷ –; a excitação seria descarregada integralmente na passagem de um elemento para o outro do sistema. Nos processos pré-conscientes (ou “secundários”) a excitação se encontraria em “estado quiescente”: “(...) *ao segundo sistema lhe é dado conservar em estado quiescente {in Ruhe} a maioria das ocupações energéticas e empregar no deslocamento somente uma pequena parte.*”²⁸ O Pcc disporia de uma “energia de ocupação móvel”, parte da qual seria usada para direcionar os processos associativos, de forma a propiciar a sobrevivência do sujeito, enquanto outra parte constituiria o mecanismo da “atenção”, cuja função será discutida adiante.²⁹ Freud diz o seguinte sobre as condições mecânicas dos processos secundários: “*A mecânica desses processos é inteiramente desconhecida por mim; quem quiser levar a sério essas idéias deveria investigar as analogias fisicalistas e abrir-se um caminho em direção à ilustração do processo de movimento da excitação neuronal.*”³⁰ Nessa passagem, fica claro que Freud continua identificando os processos psíquicos inconscientes a processos nervosos.

²⁶ AE, vol. 5, p.588; SA; vol. 2, p.568.

²⁷ AE, vol. 5, p.589; SA, vol. 2, p.569.

²⁸ AE, vol. 5, p.589; SA, vol2, p.569.

²⁹ Essas funções atribuídas ao Pcc são as mesmas que haviam sido atribuídas ao eu no “Projeto...”.

³⁰ AE, vol 5, p.589; SA, vol. 2, p.569.

Após propor que os sistemas pré-consciente e inconsciente correspondem a dois tipos de processos, a distinção entre este último sistema e os precedentes – aqueles que se situariam entre P e Icc – deixa de ser mencionada. Como Freud não se refere a outros tipos de processos além do primário e do secundário, parece ser possível concluir que os primeiros sistemas de memória estejam incluídos nos processos primários e que vários princípios associativos regulariam as associações aí envolvidas. Os vários sistemas de memória foram propostos por Freud para representar as diversas transcrições de um mesmo conjunto de representações, isto é, os diferentes rearranjos das representações de acordo com princípios associativos diferentes. Portanto, deve haver vários níveis de processos, e as associações seriam determinadas por princípios associativos diferentes em cada um deles. No nível superior, cujas associações seriam determinadas por relações verbais, a excitação se encontraria em estado ligado e, nos níveis inferiores, ela se encontraria em estado livre; em outras palavras, no nível superior ocorreriam processos secundários e, nos inferiores, processos primários.

O processo primário estaria presente no aparelho desde sua origem – ele representaria a tendência primordial do aparelho a descarregar toda a excitação que o alcançasse – e o processo secundário se estabeleceria pouco a pouco a partir da inibição do primário: “(...) os primários estão dados naquele desde o começo, enquanto os secundários só se constituem pouco a pouco no curso da vida, inibem os primários, se superpõem a eles, e, talvez, somente na plena maturidade consigam submetê-los ao seu total império”.³¹ Essa inibição, no entanto, não seria total e uma parte dos processos permaneceria subtraída à influência do Prcc.

2.3 A relação entre o Prcc e o Icc

Devido ao estabelecimento tardio do processo secundário, um grande segmento do material mnêmico permaneceria inacessível ao pré-consciente, diz Freud. Essas representações continuariam sendo alvo do processo primário e permaneceriam insuscetíveis de se tornarem conscientes pela via normal do pensamento, isto é, a partir da intermediação do Prcc. Outras representações se encontrariam nesse mesmo estado, a saber, aquelas que foram reprimidas. Mas estas teriam sido um dia pré-conscientes; no entanto, por se tornarem substitutas de representações inaceitáveis para os processos

³¹ AE, vol. 5, p.592; SA, vol. 2, p. 572.

secundários, teriam sido excluídas do Prcc, tornando a ser governadas pelo processo primário. As representações do primeiro tipo seriam pré-condição para a existência dessas últimas.

Para explicar a repressão, Freud começa afirmando que um conjunto de “moções de desejos” infantis – as quais constituiriam o “núcleo do nosso ser” – permaneceriam inapreensíveis e não inibíveis pelo processo secundário (o processo secundário não seria capaz de inibir o desprazer por ela despertado), devido ao estabelecimento tardio deste processo³²; elas não chegariam a ser incorporadas ao Prcc. Essas moções de desejo excluídas do processo secundário se dividiriam em dois grupos: aquelas cuja realização não seria desprazerosa para o Prcc e aquelas cuja realização produziria um desprazer, que o Prcc seria incapaz de evitar. As primeiras, embora não inibíveis e inapreensíveis aos processos secundários, seriam direcionadas³³ por estes pelo caminho mais adequado:

“Em conseqüência deste surgimento tardio do processo secundário, o núcleo do nosso ser, que consiste em moções de desejos inconscientes, permanece inapreensível e não inibível para o pré-consciente, cujo papel ficou limitado, de uma vez por todas, a indicar às moções de desejo provenientes do inconsciente os caminhos mais adequados ao fim”.³⁴

Aquelas moções de desejo cuja realização tornara-se desprazerosa para o Prcc permaneceriam totalmente fora da influência desse sistema:

“(...) entre estas moções de desejo indestrutíveis e não inibíveis que provêm do infantil se encontram também aquelas cujo cumprimento entrou em relação de contradição com as representações-meta do processo secundário. O cumprimento de tais

³² No capítulo7, o desejo, assim como no “Projeto...”, seria a tendência de uma excitação para ocupar uma determinada representação-objeto e a ocupação desta representação consistiria em uma realização de desejo. Segundo Laplanche (1981, p.61) uma “moção” seria uma excitação fixada em uma representação específica.

³³ Essa idéia de Freud de que tais moções de desejo apesar de não inibíveis podem ser direcionadas pelo Prcc é de difícil compreensão, pois ele não explica de que forma esse direcionamento se daria. Tendo em vista o “Projeto...”, a única maneira de redirecionar um processo primário seria inibindo-o parcialmente.

³⁴ AE, vol. 5, p.592; SA, vol. 2, p.572.

desejos já não provocaria um afeto prazeroso, e sim um de desprazer e justamente esta mudança do afeto constitui a essência do que designamos “repressão”.³⁵

Essas moções de desejo excluídas do Prcc manteriam sempre a aspiração de alcançar a consciência e a motilidade, isto é, attingir a satisfação. Embora as representações originariamente associadas ao desejo inconsciente nunca se tornassem alvo do processo secundário, a excitação a elas associada tentaria continuamente ingressar no Prcc. Por esse motivo, este sistema teria que manter uma pressão contínua no sentido oposto – o que mais tarde, nos “Artigos metapsicológicos”, seria chamado de “contra-ocupação” – para se proteger contra o avanço da excitação inconsciente. Em alguns casos, no entanto, esse mecanismo de proteção falharia, e a excitação de desejo conseguiria ingressar no processo secundário – isto é, ela conseguiria ocupar uma representação pré-consciente –, o que teria como consequência a produção de desprazer. Nesse caso, devido à tendência do aparelho a evitar o desprazer, a ocupação pré-consciente de tal representação seria retirada, fazendo com que esta caísse sob o domínio do processo primário, isto é, tornando-se inconsciente e insuscetível de se tornar consciente. Esse processo de retirada da ocupação de uma representação pré-consciente é chamado de “repressão”:

“Quando dizemos que um pensamento pré-consciente é reprimido e, então, recebido pelo inconsciente, esta imagem, tomada do círculo de representações da luta por um território, poderia nos induzir a supor que realmente certo ordenamento é dissolvido dentro de uma localidade psíquica e substituído por outro que se situa em uma localidade diferente. Substituímos agora essa metáfora por uma que parece corresponder melhor ao estado real das coisas, a saber, que uma ocupação energética é imposta a um determinado ordenamento ou retirada dele, de modo que o produto psíquico em questão cai sob o império de uma instância ou se subtrai dela. De novo, substituímos aqui um modo de representação tópico por um dinâmico; não é o produto psíquico o que nos aparece como móvel e sim sua inervação”³⁶

³⁵ AE, vol. 5, p.593; SA, vol.2, p.573.

³⁶ AE, vol. 5, p.598; SA, vol.2, p. 578.

A ocupação de uma representação pelo Prcc – ou seja, sua incorporação aos processos secundários –, só ocorreria quando nenhum desprazer resultasse de tal ocupação ou quando o desprazer produzido pudesse ser inibido: “*o segundo sistema só pode ocupar uma representação se está em condições de inibir o despreendimento de desprazer que parte dela*”.³⁷ Essa retirada da ocupação da representação (a repressão) seria, então, uma conseqüência da tendência do aparelho a evitar o desprazer, uma conseqüência da sua regulação pelo princípio de desprazer. Sendo assim, dois tipos de representações permaneceriam sob o domínio do processo primário, ou seja, permaneceriam insuscetíveis de se tornar conscientes pela via normal do pensamento: as reprimidas e aquelas vinculadas às moções de desejo que nunca foram integradas ao Prcc. Essas últimas, ao contrário das primeiras, nunca teriam sido incorporadas ao processo secundário, o que quer dizer que elas permaneceram inconscientes desde sua origem. Nos “Artigos metapsicológicos”, de 1915, Freud irá formular a hipótese de que essas representações teriam sido alvo da “repressão primordial”, enquanto as primeiras teriam sido alvo da “repressão propriamente dita”. No capítulo 7, essa noção de repressão primordial ainda não se encontra presente e, portanto, não é possível dizer que aí o sistema inconsciente coincide com o reprimido, uma vez que apenas aquelas representações desocupadas pelo processo secundário podem ser chamadas, por enquanto, de reprimidas; aquelas que nunca foram incluídas neste processo não podem ser consideradas como tendo sido reprimidas.

De acordo com o que Freud havia proposto na carta 52, a repressão seria ausência de tradução de uma representação de acordo com os princípios associativos do sistema subsequente ao que ela se encontra. Agora, no capítulo 7, Freud a concebe de uma forma diferente: como a retirada da ocupação de uma representação pré-consciente, o que teria como conseqüência a sua exclusão desse sistema, isto é, sua exclusão do processo secundário. A repressão, então, não é mais pensada como qualquer ausência de retranscrição de representações entre os sistemas – fato este que poderia ocorrer em qualquer etapa da constituição do aparelho –, mas como um processo específico que se dá entre os sistemas pré-consciente e inconsciente.

Então, parte das moções de desejo infantis permaneceria, desde a origem, excluída dos processos secundários. No entanto, tais desejos continuariam existindo e atuando

³⁷ AE, vol. 5, p.590; SA, vol. 2, p.571.

enquanto processos primários e, como conseqüência disso, representações pré-conscientes seriam reprimidas e incorporadas a eles. Sendo assim, a superposição dos processos secundários aos primários não significaria o desaparecimento destes últimos. O nível de organização secundário se constituiria a partir do primário e passaria a inibi-lo e a predominar na relação com a consciência. No entanto, uma parte dos processos primários seria subtraída a essa inibição³⁸ do Prcc; ela não seria integrada ao processo secundário, embora permanecesse sob ação da contra-ocupação e, portanto, sem acesso à consciência.

Portanto, mesmo no funcionamento psíquico normal, os processos primários e secundários coexistiriam. Esta idéia de que esses dois tipos de processos coexistem representa uma novidade em relação ao “Projeto...”. Embora esses conceitos já estejam presentes neste texto, se considera aí que, após o estabelecimento do processo secundário, o primário é suprimido e volta a atuar apenas durante o sono e nas patologias. Já, no capítulo 7, Freud propõe que ambos os tipos de processos permanecem ativos mesmo no funcionamento psíquico normal da vigília. No sujeito normal acordado, os processos secundários prevaleceriam e impediriam os primários de se tornarem conscientes. Contudo, no sono e nas patologias, o processo primário poderia voltar a prevalecer e recuperar o acesso à consciência. No primeiro caso, devido à retirada parcial da inibição do sistema Prcc e, no segundo, devido a um reforço patológico das excitações inconscientes ou a uma debilitação patológica da capacidade de inibição pré-consciente. Notemos que o conceito de “dissolução” de Hughlings Jackson³⁹ continua presente na explicação freudiana das patologias psíquicas. A seguinte passagem deixa isso claro :

“(...) a enfermidade – ao menos a que, com acerto, se chama “funcional” – não tem por premissa a destruição deste aparelho, ou a produção de novas cisões em seu interior; tem que ser explicada dinamicamente pelo fortalecimento e o debilitamento dos

³⁸ Eles não seriam integrados aos processos secundários, ou seja, sua excitação não seria ligada. Contudo, eles permaneceriam sob ação da contra-ocupação e, nesse sentido, inibidos pelo Prcc.

³⁹ Ricoeur (1977) nos chama a atenção para este fato. Diz ele: “...é o esquema jacksoniano da liberação funcional que se encontra aqui enxertado sobre o esquema puramente tópico do aparelho psíquico”. (p.102)

componentes do jogo de forças, do qual tantos efeitos permanecem ocultos durante a função normal.”⁴⁰

Como vimos, de acordo com a noção de dissolução de Jackson, nas patologias do sistema nervoso haveria um retorno de modos de funcionamento mais antigos, isto é, um nível de funcionamento superior hierarquicamente e mais recentemente estabelecido seria comprometido, o que possibilitaria que um modo de funcionamento primário voltasse a prevalecer parcial ou totalmente.⁴¹ Freud adota essa noção para explicar as afasias em 1891 e a estende para a explicação dos sonhos e das psicopatologias no “Projeto...” e no capítulo 7.

2.4) As propriedades do Icc e do Prcc

Segundo Freud, o inconsciente seria constituído por “*vias facilitadas de uma vez por todas*”⁴², o que significa que nele nenhuma resistência seria oferecida à passagem da excitação. Esta seria sempre integralmente transferida de um elemento para outro do sistema, isto é, a excitação se encontraria, em estado livre. A única finalidade dos processos associativos primários seria descarregar a excitação da forma mais rápida possível seguindo, portanto, a via mais facilitada, a qual seria sempre aquela que conduz da forma mais direta à representação desejada. Se não permanecessem sob inibição do Prcc, esses processos inconscientes desembocariam na alucinação do objeto de desejo e na execução dos movimentos associados à obtenção da satisfação.

Embora a relação do aparelho com o somático não seja representada topicamente, vimos que Freud concebe o papel da excitação endógena nos processos psíquicos de forma muito semelhante ao “Projeto...”. Apesar da questão da representação do somático no psíquico não ser explicitamente abordada, a descrição da vivência de satisfação deixa clara a relação de dependência do desejo em relação ao somático; o

⁴⁰ AE, vol. 5, p.597; SA, vol.2, p.577.

⁴¹ O retorno dos processos primários poderia se dar em vários níveis. Na psicose, ao que parece, os processos secundários sucumbiriam totalmente, liberando completamente o processo primário. Já, na neurose, os processos secundários cederiam apenas parcialmente. Como aponta Jean Claude Filloux (1988) “(...) se uma causa qualquer, somática ou psíquica, vier reforçar as tendências reprimidas ou enfraquecer as tendências repressoras, haverá ruptura do equilíbrio e assistiremos ao retorno do reprimido. Mas ocorre, porém, que, na maioria das vezes, a barragem não cederá completamente e constituir-se-ão formações de compromisso(...)”. (p. 45)

⁴² AE, vol. 5, p.546, nota 3; SA, vol.2, p.527, nota 1.

impulso do desejo tem sempre uma origem somática. Portanto, parece estar implícita uma ligação entre o inconsciente e o somático. O desejo reprimido, diz Freud, dispõe de uma “*força pulsional*”⁴³, a qual seria responsável pelo fato de tais desejos estarem sempre alertas, deles ressurgirem continuamente. Uma vez que se trataria de vias totalmente facilitadas, sempre que estas vias fossem ocupadas – e elas o seriam continuamente, pois disporiam de tal força pulsional – nenhuma resistência seria oferecida à passagem da excitação e, assim, o mesmo processo poderia se repetir inúmeras vezes. Por isso, Freud diz que os processos inconscientes são indestrutíveis; neles não haveria temporalidade:

“(…) é uma particularidade notável dos processos inconscientes o permanecer indestrutíveis. No inconsciente, não se pode por fim a nada, nada é passado nem está esquecido. É o que nos impressiona muito no estudo das neuroses, em especial da histeria. Esse caminho inconsciente de pensamento que no ataque conduz à descarga volta a ser transitável assim que reúne a energia suficiente”.⁴⁴

No pré-consciente, ao contrário, os processos seriam “destrutíveis”⁴⁵, ou seja, aí as representações iriam se desvanecendo como resultado de um esforço para ligar a excitação a elas associada:

“(…) isso mesmo que nos inclinamos a julgar trivial e que explicamos por uma influência primária do tempo sobre os restos mnêmicos da alma, a saber, o empalidecimento das recordações e o debilitamento afetivo das impressões que já não são recentes, é, na realidade, produto de alterações secundárias que são alcançadas após árduo trabalho.”⁴⁶

Freud não explica, no capítulo 7, como se daria esse processo, mas, na terceira parte do “Projeto...”, ele sugerira que a diminuição da intensidade afetiva das representações resultava de repetidas tentativas, por parte do eu, de ligá-las:

⁴³ AE, vol. 5, p.556; SA, vol. 2, p.537.

⁴⁴ AE, vol. 5, p.569; SA, vol. 2, p. 550.

⁴⁵ Ver nota 3, AE, vol.5, pág. 546; SA, vol.2, p. 527, nota 1.

“Não cabe ver aí que o “tempo”, a repetição, enfraqueça sua capacidade afetiva, pois este fator contribui de costume justamente para reforçar uma associação. Sem dúvida algo tem de passar-se no “tempo”, nas repetições encarregadas dessa sujeição, e isto não pode ser senão uma referência ao eu ou ao poder que suas ocupações obtenham sobre a recordação (...) É preciso uma ligação especialmente grande e repetida, a partir do eu, até que seja equilibrada a facilitação para o desprazer”.⁴⁷

De acordo com isso, o enfraquecimento das representações e dos afetos resultaria do modo como se daria a ocupação no processo secundário, isto é, do estado ligado da excitação. Este enfraquecimento não seria consequência do tempo; ao contrário, parece que, para Freud, a própria idéia de tempo é que seria consequência do trabalho pré-consciente. Porque, neste sistema, as excitações seriam ligadas e, conseqüentemente, as representações se desvaneceriam progressivamente, surgiria aí a distinção entre presente e passado, ao contrário do que ocorreria no Icc, onde tudo sempre seria atual. O processo secundário, de certa forma, trabalharia no sentido de possibilitar o esquecimento e, como consequência, surgiria a idéia de tempo. O submetimento do Icc ao Pcc – o objetivo da psicoterapia – seria a única forma de interromper o ciclo de repetições dos processos impulsionados pelos desejos inconscientes reprimidos.

Uma outra diferença entre os processos pré-conscientes e os inconscientes é que estes últimos seriam incapazes de incluir algo desprazeroso em suas associações : “(...)o primeiro sistema ψ [o Icc] é incapaz de incluir algo desagradável no interior da trama de pensamento. O sistema não pode fazer outra coisa que desejar”.⁴⁸ No capítulo 7, os processos primários são pensados como sendo, desde o início, capazes de evitar o desprazer. Representações desprazerosas seriam automaticamente excluídas do curso associativo primário. Essa suposição de que o processo primário exclui desde o início caminhos que produzam desprazer parece ser contraditória com a hipótese de que a excitação no processo primário seguiria unicamente pela via melhor facilitada. Na verdade, nesse ponto, o processo primário é pensado de forma diferente no capítulo 7 e no “Projeto...”. Neste último texto, o processo primário tanto pode conduzir à

⁴⁶ AE, vol. 5, p.569; SA, vol. 2, p.550.

⁴⁷ PP, p.253; EP, p.470.

alucinação e ao desamparo, no esforço de reproduzir a vivência primária de satisfação, como pode conduzir à produção do afeto, como resultado da vivência de dor. Apenas em um segundo momento, depois de realizado o trabalho de ligação da excitação, a produção do afeto poderia ser inibida. Portanto, a hipótese de que o curso associativo primário nunca leva ao desprazer é uma idéia nova que Freud introduz no capítulo 7. As conseqüências iniciais da vivência de dor, descritas no “Projeto...”, não são retomadas no capítulo 7. No quarto capítulo deste trabalho, ao comentarmos sobre a introdução do conceito de compulsão à repetição em 1920, voltaremos a discutir essas questões.

Os processos secundários poderiam abarcar representações desprazerosas, desde que o desprazer decorrente da ocupação de tais representações pudesse ser inibido; o estado ligado da excitação nos processos secundários é que permitiria isto. Em tais processos, a ocupação de uma representação provocaria a inibição da drenagem da excitação a partir dela e, assim, o desenvolvimento do desprazer também seria inibido. Essa inibição do desprazer, no entanto, não seria total; o despreendimento de desprazer seria reduzido a um mínimo que fosse útil como sinal, isto é, que indicasse ao Prcc a natureza da representação. Nos casos em que tal inibição não fosse possível, a representação ficaria excluída dos processos secundários, permanecendo, portanto, no inconsciente.

Freud comenta que caso todas as representações que gerassem desprazer estivessem também excluídas dos processos secundários, assim como ocorre nos processos primários, o trabalho de pensamento do Prcc seria impedido: *“Se tudo permanecesse assim, o trabalho de pensamento do segundo sistema [Prcc], para o qual faz falta dispor de todas as recordações acumuladas pela experiência, se veria impedido”*.⁴⁹ Então, aquelas representações desprazerosas cuja produção de desprazer pudesse ser inibida seriam integradas aos processos secundários, e isso permitiria que tais processos se emancipassem da meta exclusiva de realização de desejo. Com isso, surgiria a possibilidade de que o pensamento, em alguns casos, tivesse como finalidade apenas o reconhecimento das percepções, como Freud propõe no “Projeto...”.⁵⁰ O

⁴⁸ AE, vol. 5, p.590; SA, vol.2, p. 570.

⁴⁹ AE, vol. 5, p.590; S, vol. 2, p.570.

⁵⁰ No “Projeto...”, esse pensamento que teria como finalidade o conhecimento é chamado de “pensamento teórico”. Freud propõe que ele se desdobra a partir do “pensamento prático”, que seria a forma primária de pensamento, a qual teria como único objetivo alcançar o objeto de desejo para possibilitar a satisfação da necessidade. Este pensar prático poderia, com o tempo, se emancipar da sua meta de identidade e eliminação e passar a ter como meta o puro

processo primário, ao contrário, estaria sempre restrito a percorrer apenas as vias associadas à representação de desejo.

)()()

Como comentamos em relação à carta 52, os sistemas pré-consciente e inconsciente estabelecem uma diferenciação clara entre os processos suscetíveis e os insuscetíveis de consciência. Os processos secundários (ou o Prcc), por incluírem entre suas associações representações-palavra, seriam suscetíveis de se tornarem conscientes. Assim como no “Projeto...”, com exceção das percepções e das sensações de prazer e desprazer, apenas aqueles processos associativos que envolvessem palavras seriam capazes de despertar a consciência. Os processos primários, ao contrário, seriam insuscetíveis de consciência por dois motivos: em primeiro lugar, por permanecerem, ao menos na normalidade, sob inibição do pré-consciente e, portanto, impedidos de se tornarem conscientes pela via alucinatória e, em segundo lugar, por não incluírem representações-palavra entre suas associações, o que não lhes permite alcançar a consciência pela via normal do pensamento.

Na seção F, Freud comenta que a novidade da sua concepção de inconsciente – em relação às concepções filosóficas e psicológicas – é a idéia de que este existe de dois modos na vida psíquica normal, os quais coexistem:

“O que a análise das psicopatologias e seu primeiro elo, o sonho, nos ensina de novo, é que o inconsciente – por conseguinte, o psíquico – ocorre como função de dois sistemas separados e isso acontece dentro da vida normal da alma. O inconsciente existe portanto de dois modos, que não são distinguidos pelos psicólogos. Ambos são inconscientes no sentido da psicologia; mas em nossa concepção, um, que chamamos Icc, é também insuscetível de consciência, enquanto que o outro, Prcc, recebeu de nós esse nome porque suas excitações (...) podem alcançar a consciência.”⁵¹

reconhecimento dos objetos. Para reconhecer os objetos em geral, seria necessário ter acesso também às representações desprazerosas.

⁵¹ AE, vol. 5, p.602; SA, vol.2, p. 582.

No “Projeto...”, já estava presente a idéia de um psíquico inconsciente e insuscetível de se tornar consciente devido à ausência de vínculos com representações-palavra. A principal novidade do capítulo 7 em relação a este texto parece ser a hipótese de que essas representações inconscientes formam o conteúdo dos processos primários e, portanto, possuem propriedades distintas daquelas do psíquico que possui acesso à consciência. Para representar essas propriedades distintas, como Freud esclarece em 1912, é introduzida a concepção dos sistemas inconsciente e pré-consciente. Freud também esclarece, no capítulo 7, que tipo de representações compõe o psíquico insuscetível de consciência : não apenas o reprimido, mas moções de desejo que não chegaram a ser incorporadas ao processo secundário, devido ao estabelecimento tardio desse processo.

2.5) A relação entre o psíquico inconsciente e a consciência

Como a relação entre os processos psíquicos inconscientes e a consciência é pensada no capítulo 7? Assim como no “Projeto...”, a consciência é concebida como algo restrito em relação ao conjunto dos processos psíquicos inconscientes e posterior em relação a esses. Na seção F, Freud afirma:

“O inconsciente é o círculo mais vasto, que inclui em si o círculo menor do consciente; todo o consciente tem uma etapa prévia inconsciente, enquanto que o inconsciente pode persistir nessa etapa e, não obstante, reivindicar para si o valor íntegro de uma operação psíquica. O inconsciente é o psíquico verdadeiramente real, nos é tão desconhecido em sua natureza interna como o real do mundo exterior, e nos é dado pelos dados da consciência de maneira tão incompleta como o é o mundo exterior pelas indicações de nossos órgãos sensoriais.”⁵²

Em “Sobre a concepção das afasias”, como vimos, Freud formula a hipótese de que a informação sensorial é sucessivamente reorganizada antes de se converter no correlato da representação, de forma que este seria uma construção do sistema nervoso a partir dos dados sensoriais recebidos. Nesse texto, fica claro que, para Freud, o mundo

⁵² AE, vol. 5, p.600; SA, vol.2, p.580.

externo em si não nos seria diretamente acessível. Como ele mesmo diz, ao comentar o conceito de representação-objeto, a idéia de uma coisa existente independente de nós só pode ser uma inferência feita a partir das nossas sensações. Da mesma forma que o mundo externo, os processos psíquicos inconscientes seriam em si mesmos inacessíveis⁵³ e teriam que ser inferidos a partir dos dados da consciência: “*cabe inferirlos do mesmo modo que as outras coisas naturais*”, como é afirmado no “Projeto...”⁵⁴. Freud, no entanto, afirma a existência de tais processos e os identifica a processos nervosos.

No artigo metapsicológico sobre o inconsciente, de 1915, Freud retoma essa idéia expressa no capítulo 7 sobre a incognoscibilidade do inconsciente em si e acrescenta algo a ela:

“Assim como Kant nos alertou para que não julgássemos a percepção como idêntica ao percebido incognoscível, descuidando o condicionamento subjetivo dela, assim a psicanálise nos adverte que não temos que substituir o processo psíquico inconsciente, que é o objeto da consciência, pela percepção que esta tem dele. Como o físico, tão pouco o psíquico é necessariamente na realidade tal como nos aparece. Não obstante, ficaremos satisfeitos com a constatação de que a correção da percepção interior não oferece dificuldades tão grandes como a da percepção exterior, e que o objeto interior é menos incognoscível que o mundo exterior.”⁵⁵

Freud acrescenta, em 1915, que o psíquico inconsciente é menos incognoscível para nós do que o mundo exterior, mas ele não esclarece o porquê disso. Por que a correção da percepção interna seria mais fácil que a da percepção externa é uma questão que fica em aberto.

O inconsciente corresponde à maior parte dos processos psíquicos e à parte principal destes. O inconsciente é o psíquico verdadeiramente real, como diz Freud,

⁵³ Os processos inconscientes poderiam se tornar conscientes por duas vias: pela via do Prc, ou seja, ao serem modificados de acordo com relações verbais, e pela via alucinatória, no sonho e na psicose. O modo como Freud concebe o sonho mostra que, mesmo pela via alucinatória, o inconsciente não se torna consciente sem sofrer alterações por parte do pré-consciente, isto é, sem ser alvo da elaboração secundária. Na verdade, o pré-consciente reelabora todo conteúdo perceptivo, como comentaremos adiante.

⁵⁴ PP, p.187; EP, p.401.

uma vez que o efeito consciente seria apenas “uma repercussão psíquica remota do processo inconsciente, que, como tal, não se torna consciente”.⁵⁶ Mas como, afinal, a consciência é concebida no capítulo 7?

Embora não esteja representada nos esquemas da seção B, Freud diz que a “percepção-consciência” seria a operação psíquica de um sistema particular, ao qual ele atribui a designação abreviada Cc. Tal sistema se situaria ao lado do Prcc – seria o último sistema da extremidade motora do aparelho – e suas características mecânicas seriam semelhantes àquelas do sistema P: apresentaria sempre as mesmas capacidades receptivas, isto é, seria um sistema no qual nenhuma modificação permanente dos processos que aí ocorressem se conservaria. Freud define a consciência como “*um órgão sensorial para a concepção {Auffassung} de qualidades psíquicas*”⁵⁷, cuja função seria direcionar a “atenção” que atua no Prcc. Parte da energia de ocupação móvel de que esse sistema disporia, como vimos, seria usada como “atenção”, enquanto outra seria usada para inibir e direcionar os processos.⁵⁸ Ao produzir qualidades, o sistema consciente, de alguma forma que não nos é explicada, atrairia a atenção pré-consciente e esta “sobre-ocuparia” aqueles processos dos quais proviesse a excitação da consciência. Disso decorreria a tomada de consciência de um processo representacional. No “Projeto...”, quem perceberia seria o eu, pois a atenção é uma função que lhe é atribuída, agora, no capítulo 7, essa função é atribuída ao Prcc; este seria o agente da percepção consciente.

Assim como no “Projeto...”, uma coisa é um processo fazer surgir qualidade, outra é algo ser de fato percebido conscientemente. Para que uma representação fosse de fato conscientemente percebida, seria preciso que a qualidade por ela despertada fosse focalizada pelo mecanismo da atenção. Freud esclarece apenas o papel que a consciência exerceria no aparelho e as condições que os processos psíquicos inconscientes teriam que satisfazer para se tornarem aptos a despertar a consciência. O modo de funcionamento desse sistema Cc permanece um enigma, o que não nos causa surpresa, se lembramos dos problemas relacionados ao sistema ω do “Projeto...”. Neste

⁵⁵ Freud, vol. 14, p.167; SA, vol.3, p.130.

⁵⁶ AE, vol. 5, p.600; SA, vol. 2, p.580.

⁵⁷ AE, vol.5, p.566; SA, vol. 2, p.547.

⁵⁸ Em algumas ocasiões, Freud usa o termo “atenção da consciência”, mas, na verdade, a atenção é uma função do Prcc, como demonstra a seguinte afirmação: “*O sistema Prcc não só bloqueia o acesso à consciência, mas preside o acesso à motilidade voluntária e dispõe do*

texto, a consciência era concebida como o lado subjetivo de uma parte dos processos neuronais – isto é, dos processos ω –, os quais seriam sensíveis ao período da quantidade. O sistema ω forneceria signos de qualidade a ψ , e estes seriam ocupados pela atenção, que seria uma das funções do eu. As sensações de prazer e desprazer, assim como a atenção às representações perceptivas, seriam indispensáveis para o funcionamento adequado do aparelho, por isso, a consciência teria um papel fundamental neste. Como diz Freud, sua supressão não deixaria inalterada as ocorrências psíquicas. No capítulo 7, esse mesmo papel é atribuído à Cc, e, embora Freud não fale mais em signos de qualidade, ele atribui a tal sistema a mesma função que havia sido atribuída ao sistema ω .

Como no “Projeto...”, a consciência era concebida como o lado subjetivo dos processos do sistema ω , argumentamos que Freud parece deslocar o paralelismo entre os processos nervosos e os psíquicos, que havia sido sustentado em 1891, para entre uma parte dos processos psíquicos inconscientes – que são identificados a processos nervosos – e os fenômenos conscientes. Essa hipótese é mantida no capítulo 7? A consciência continua sendo pensada como o lado subjetivo de uma parte dos processos psíquicos inconscientes? Embora não afirme isso explicitamente, parece que essa continua sendo a posição de Freud.

Na seção F, Freud retoma o exemplo do telescópio, mas, agora, para se referir à relação entre os sistemas psíquicos e a consciência. Ele afirma:

“Tudo o que pode ser objeto de nossa percepção interior é virtual, como a imagem dada no telescópio pela propagação dos raios de luz. Mas os sistemas, que, por sua vez, não são nada psíquicos e nunca podem ser acessíveis à nossa percepção psíquica, estamos justificados em supô-los semelhantes às lentes do telescópio, que projetam a imagem”.⁵⁹

Na seção B, como vimos, Freud havia feito uma analogia entre a localidade anatômica e a lente do telescópio e entre os sistemas psíquicos e o ponto virtual onde se constitui a imagem. Comentamos que, com tal analogia, Freud parece retomar a

envio de uma energia de ocupação móvel, uma parte da qual nos é familiar como atenção.”(AE, vol.5, p.602)

⁵⁹AE, vol. 5, p.599; SA, vol.2, p.579.

concepção proposta em “Sobre a concepção das afasias” sobre a relação entre o aparelho de linguagem e a anatomia cerebral. Embora possua uma base anatômica, o aparelho não é identificado com essa base e nem se considera que a anatomia do sistema nervoso determine inteiramente os processos envolvidos na linguagem. Pode-se supor, assim, que é nesse sentido que Freud diz, no capítulo 7, que a localidade psíquica é virtual em relação à anatômica.

Na passagem acima da seção F, Freud diz que o objeto da consciência está para os sistemas psíquicos assim como o ponto virtual está para a lente do telescópio. Além disso, Freud diz que os sistemas não são psíquicos, afirmação esta que parece reiterar que os processos psíquicos aos quais correspondem os sistemas são processos nervosos. Somando esses dois conjuntos de afirmações, chegamos à conclusão de que os processos psíquicos inconscientes seriam virtuais em relação à anatomia do sistema nervoso e os fenômenos psíquicos conscientes seriam virtuais em relação aos processos psíquicos inconscientes. Dessa forma, talvez seja possível pensarmos que Freud manteve a hipótese de que os fenômenos conscientes seriam concomitantes a uma parte dos processos que constituem o campo do psíquico. A consciência continuaria sendo pensada como algo que poderia se acrescentar a uma parcela dos processos psíquicos, isto é, que poderia se acrescentar a processos que possuam determinadas características. No quarto capítulo do seu livro sobre os sonhos, Freud diz: *“o tornar-se consciente é para nós um ato psíquico particular, diferente e independente do processo de estabelecer-se ou tornar-se representado (...)”*⁶⁰. Parece continuar presente a hipótese de que os processos psíquicos inconscientes sejam processos nervosos, enquanto a consciência acompanha, é “concomitante” a uma parte desses processos nervosos.

)()(

Freud afirma que “o aparelho psíquico – que, com o órgão sensorial dos sistemas P, está voltado para o mundo exterior –, é ele mesmo mundo exterior para o órgão sensorial da Cc, cuja justificação teleológica descansa nessa circunstância.”⁶¹ Inicialmente, apenas as excitações provindas de P e aquelas relacionadas ao prazer e ao desprazer – isto é, certas oscilações quantitativas dentro do aparelho – seriam capazes

⁶⁰ AE, vol. 5, p.162; SA, vol.2, p. 160.

⁶¹ AE, vol. 5, p.603; SA, vol.2, p.583.

de se tornar conscientes. Essa excitação proveniente de P teria que passar por um complexo processamento antes de se converter em sensação consciente, diz Freud. Ela teria que percorrer todo o aparelho e passar pelo Prcc, sistema este que submeteria todo conteúdo perceptivo a novas elaborações:

“Nosso pensamento desperto (pré-consciente) se comporta em relação a um material perceptivo qualquer de modo idêntico que o faz em relação ao conteúdo onírico. Compete-lhe, imediatamente, colocar ordem nesse material, estabelecer relações e adequá-lo a expectativa de uma trama inteligível”.⁶²

De acordo com isso, as percepções não despertariam diretamente a consciência. Todo processo que se tornasse consciente teria uma etapa prévia inconsciente. Portanto, a consciência continuaria sendo posterior à memória; continuaria sendo concebida como algo que pode se acrescentar a uma representação dependendo de certas condições. Freud argumenta novamente, como no “Projeto...”, que a consciência “*não é um reflexo supérfluo do processo psíquico consumado*”.⁶³ As sensações de prazer e desprazer, ao direcionarem os processos associativos, assim como a percepção dos objetos externos, contribuiriam para a sobrevivência do sujeito, pois permitiriam a fuga do que lhe representa perigo e a aproximação ao que lhe é benéfico. Esse direcionamento da atenção exercido pela consciência teria, então, uma função imprescindível no desenrolar dos processos psíquicos, e parece ser nesse sentido que Freud diz que a consciência não é um reflexo supérfluo dos demais processos psíquicos. No “Projeto...”, Freud deixa claro que a regulação exercida pelas sensações de prazer e desprazer, assim como a atenção às percepções, são indispensáveis para a sobrevivência do sujeito, tanto que aí a atenção consistia na segunda regra biológica, e a regulação dos processos a partir das sensações de desprazer era definida como a primeira regra biológica.

As percepções poderiam surgir no aparelho por duas vias distintas: a partir da recepção de excitação de origem exógena ou a partir da ocupação do sistema P por excitação proveniente do interior do aparelho, isto é, dos sistemas de memória. O fluxo de excitação que percorreria o aparelho do sistema P até a via motora é chamado por Freud de “progressivo”, e a excitação que o percorreria no sentido inverso, ou seja, dos

⁶² AE, vol. 5, p.495; SA, vol.2, p.480.

⁶³ AE, vol. 5, p.603; SA, vol. 2, p.583.

sistemas de memória ao sistema P, caminharia em sentido “regressivo”. Na vigília, a excitação em sentido progressivo predominaria, embora também pudesse ocorrer nesse estado fluxos regressivos, pois uma das etapas da rememoração comum consistiria na ocupação regressiva do sistema P, como veremos. No estado de sono, ao contrário, devido ao cessar quase total da corrente progressiva, da redução parcial da atividade do Prcc – isto é, da liberação do processo primário – e da atração exercida pelas recordações próximas à percepção, o fluxo regressivo se tornaria bem mais intenso e, conseqüentemente, a ocupação do sistema P poderia produzir alucinações.⁶⁴ Esse percurso regressivo da excitação teria como resultado a transformação dos pensamentos em imagens sensoriais – isto é, a partir desse processo os pensamentos seriam transpostos em percepções e, como toda percepção, seriam capazes de alcançar a consciência e atrair sobre si a atenção pré-consciente. A reativação alucinatória das representações poderia ocorrer também, em condições patológicas, durante a vigília, ou seja, na presença de um fluxo progressivo de excitação intenso. Esses processos regressivos que conduzem à alucinação, tal como ocorre nos sonhos e nas psicoses, resgatariam o modo de atividade primário do aparelho: em primeiro lugar, devido ao seu caráter alucinatório e, em segundo lugar, por submeterem o material representacional aos princípios formais primários, isto é, aqueles vigentes nos primeiros sistemas Mn. Nesse sentido é que Freud diz que a “regressão tópica” é também uma “regressão temporal” e uma “regressão formal”. Essa idéia de regressão tópica foi proposta por Breuer nos “Estudos sobre a histeria” e já estava presente no “Projeto...”, onde Freud propõe que a alucinação resultaria de uma ocupação regressiva do sistema ϕ a partir de ψ .

Então, a consciência originalmente decorreria apenas das sensações de prazer e desprazer e das percepções, e estas últimas poderiam surgir no aparelho por dois caminhos distintos. Freud mantém, ainda, a idéia de que com a associação dos processos às palavras, surgiria um novo tipo de consciência, intermediado pelas associações lingüísticas. Antes da constituição das representações-palavra, os processos psíquicos seriam regulados automaticamente pelas sensações de prazer e desprazer. Com a associação de tais processos a palavras, eles de certa forma, se tornariam independentes

⁶⁴ No sonho, devido ao cessar parcial da atividade pré-consciente, o processo primário seria liberado – ocorreria um processo de dissolução no aparelho - e tentaria alcançar a consciência e a motilidade pela via progressiva. Como o Prcc barraria essa tentativa, o processo inconsciente, atraído pelas representações próximas ao sistema perceptivo, tomaria o sentido regressivo e acabaria produzindo uma alucinação.

dessa regulação imposta pelo prazer e pelo desprazer. Ao comentar o papel dos signos lingüísticos nos processos associativos, Freud diz que é a associação com a representações-palavra que tornaria possível o acesso, por parte da ocupação pré-consciente, a representações desprazerosas, o que aperfeiçoaria o modo de operação do aparelho, pois instauraria uma regulação dos processos mais fina, do que aquela primária, exercida pelas sensações de prazer e desprazer:

“É provável que inicialmente o princípio de desprazer regule automaticamente os deslocamentos da ocupação; mas é muito possível que a consciência destas qualidades agregue uma segunda regulação, mais fina, que até pode contrariar a primeira e que aperfeiçoa a capacidade de operação do aparelho, uma vez que, em oposição à sua disposição originária, o habilita para submeter à ocupação e à elaboração também aquilo que se liga a um despreendimento de desprazer”.⁶⁵

Na seção E, Freud diz que é o estado ligado da excitação no processo secundário que faz com que este tenha acesso a uma parte das representações desprazerosas; na seção F, ele afirma que tal acesso é possibilitado pela associação dos processos a representações-palavra. Essas duas afirmações sugerem que é a constituição das representações-palavra que instaura os processos secundários, isto é, que permite o ligamento da excitação em estado livre. Essa hipótese será explicitada no artigo metapsicológico sobre o inconsciente, de 1915.

Ao contrário do “Projeto...”, Freud não especifica no capítulo 7 por que a palavra é capaz de produzir a consciência. Há uma afirmação na seção B que, somada a uma idéia presente na carta 52, permite formular uma hipótese a este respeito. Nesta carta, Freud diz que a consciência do pensamento está ligada à “reanimação alucinatória” da representação-palavra. No capítulo 7, ele afirma que “*o recordar intencional e outros processos parciais de nosso pensamento normal correspondem a uma marcha para trás {Rückschreiten} dentro do aparelho psíquico*”.⁶⁶ De acordo com a hipótese do aparelho psíquico, pela via regressiva um pensamento se tornaria percepção – este seria o mecanismo responsável pela ativação alucinatória de uma imagem perceptiva. Se o

⁶⁵ AE, vol. 5, p.604; SA, vol.2, p.584.

que permite a consciência do pensamento – a rememoração – é sua associação com palavras e se a rememoração ocorre pela via regressiva, nesse processo as palavras seriam transpostas em percepções e, como toda percepção, poderiam alcançar a consciência e atrair sobre si a atenção. Então, a consciência do pensamento seria possibilitada pela reativação alucinatória da representação-palavra, como diz Freud na carta 52. O termo alucinatório significaria aí apenas que o processo se daria pelo mesmo caminho da alucinação. Essa reativação da palavra teria que ser pouco intensa para não se confundir com uma alucinação de fato, ou seja, tratar-se-ia de uma reativação alucinatória controlada pelo processo secundário.

Essa hipótese sobre o mecanismo pelo qual as associações lingüísticas poderiam despertar a consciência, no entanto, difere daquela apresentada no “Projeto...” e torna problemático entender por que apenas a palavra possibilitaria a consciência do pensamento. Em 1895, como vimos, Freud havia formulado a hipótese de que a palavra seria capaz de produzir signos de qualidade devido ao seu elemento cinestésico. A ocupação deste último, como todo movimento, produziria uma percepção e, portanto, como toda percepção, seria capaz de despertar signos de qualidade e atrair sobre si a atenção. Essa hipótese do “Projeto...” é incompatível com a idéia de que é a reanimação alucinatória da palavra que permite a rememoração, pois, no aparelho psíquico, a percepção produzida pelos movimentos – no caso, pela ocupação da imagem cinestésica da palavra – não se daria pela via regressiva, mas pela progressiva. A idéia de que é a partir da sua ativação alucinatória que a palavra se torna percepção e desperta a consciência parece tornar dispensável a suposição do “Projeto...” de que só o elemento cinestésico da palavra poderia produzir qualidades e, na verdade, parece tornar dispensável também a suposição de que só a palavra seria capaz de fazê-lo.

Uma vez que a percepção só alcançaria a consciência após passar por todos os sistemas que separam os dois extremos do aparelho – tendo em vista que os sistemas consistem, na verdade, em vários níveis de processos, podemos dizer que a informação sensorial exógena só se torna consciente após passar por uma série de processos -, a rememoração teria uma primeira etapa regressiva, na qual as palavras seriam transpostas em percepções, e uma segunda etapa progressiva, a partir da qual a percepção se tornaria consciente. Assim, a percepção ordinária – isto é, aquela produzida pela recepção de estímulos exógenos – se daria por um processo progressivo, e a

⁶⁶ AE, vol. 5, p.536; SA, vol. 2, p.518.

rememoração possuiria duas etapas: uma regressiva e outra progressiva, assim como a alucinação. A diferença entre a rememoração e a alucinação seria apenas quantitativa.

Freud propõe a existência de uma censura entre os sistemas Cc e Prcc, assim como a que haveria entre este último sistema e o Icc, a qual entraria em função acima de um certo limite quantitativo, de modo que pensamentos de pouca intensidade se subtraíam a sua ação. Com essa hipótese, ele parece estar propondo que, mesmo entre os processos que envolvessem palavras, haveria alguns que não poderiam se tornar conscientes devido a sua baixa intensidade, que parece implicar que há, de certa forma, um “insuscetível de consciência” no Prcc. Dois fatores tornariam um processo pré-consciente apto a despertar a consciência: estar associado a palavras e possuir uma intensidade acima de um certo limiar. No entanto, esses processos “aptos a despertar a consciência” só a despertariam de fato se não fossem barrados pela censura presente entre o Prcc e a CC. Sendo assim, com exceção das percepções e das sensações de prazer e desprazer, apenas aqueles processos que estivessem associados a palavras, que possuíssem uma certa intensidade e que não fossem barrados pela censura poderiam se tornar conscientes. Freud afirma com referência ao Prcc: “(...) suas excitações – certamente obedecendo também a certas regras e, talvez, só depois de superar uma nova censura, mas sem consideração pelo sistema Icc – podem alcançar a consciência.”⁶⁷ Contudo, o que seria essa censura e como ela atuaria permanece um enigma.

Considerações finais

O que podemos concluir, a partir desta análise do capítulo 7, a respeito das questões que este trabalho tem como objetivo desenvolver? Em primeiro lugar, sobre a natureza do psíquico inconsciente e sobre o estatuto da metapsicologia, argumentamos que não há nada nesses textos que indique que houve uma mudança substancial na posição de Freud em relação ao que havia sido sustentado no “Projeto...”: Freud manifesta sua intenção de deixar de lado a tentativa de estabelecer uma correspondência anatômica para o aparelho, o que, como dissemos, já poderia ter sido feito desde 1891, pois a forma como ele passa a conceber desde então a relação entre os processos que

⁶⁷ AE, vol. 5, p.602; SA, vol.2, p.582.

compõe o aparelho e a anatomia tornaria dispensável recorrer-se à anatomia para explicar tais processos. No entanto, não há motivos para concluirmos que a identificação entre os processos psíquicos inconscientes e os processos nervosos tenha sido descartada. Ao contrário, na seção F, fica claro que essa hipótese foi mantida; Freud, de fato, parece abandonar provisoriamente a tentativa de fornecer uma explicação neurológica para os fatos psíquicos, mas ele não teria deixado de acreditar na possibilidade de tal explicação. A sua intenção de “permanecer no campo psicológico”, manifesta no início da seção B, não teria decorrido de uma mudança em sua concepção acerca da natureza do psíquico inconsciente. A passagem da carta a Fliess mencionada acima nos sugere que essa decisão de permanecer no campo da psicologia tornou-se necessária, nesse momento, devido às dificuldades encontradas para dar continuidade a suas especulações neurológicas. Tais dificuldades o teriam levado a formular sua teoria metapsicológica “como se” apenas o psicológico estivesse em exame. Várias afirmações posteriores de Freud, como veremos, ressaltam sua crença na provisoriabilidade dessa medida.

A representação parece continuar sendo pensada, no capítulo 7, como um processo psíquico, totalmente independente da consciência, que envolveria neurônios, resistências, facilitações; enfim, embora Freud não tematize explicitamente esses conceitos, ele os menciona algumas vezes ao se referir à memória, o que nos leva a crer que a representação continua sendo concebida da mesma forma que no “Projeto...”. As referências de Freud aos processos psíquicos como processos nervosos nos permitem descartar a hipótese de que, quando volta a falar em neurônios e facilitações, ele está empregando metáforas neurológicas para se referir a alguma coisa de diferente do sistema nervoso. No entanto, na carta 52 e no capítulo 7, surgem algumas modificações na forma como a memória é concebida, que tornam sua abordagem mais complexa.

Em primeiro lugar, na carta 52, Freud propõe a hipótese de que o sistema de memória possui vários princípios associativos, cada um dos quais predominaria em uma etapa do desenvolvimento do sujeito. Ao longo desse desenvolvimento, as representações seriam sucessivamente rearranjadas, de forma que um mesmo conteúdo mnêmico poderia possuir qualidades distintas em diferentes períodos da vida. Para representar a estratificação da memória, Freud introduz o esquema tópico, no qual cada uma dessas etapas de constituição da memória corresponderia a um sistema mnêmico diferente. Esse esquema permite estabelecer uma diferenciação mais clara entre os processos suscetíveis e os insuscetíveis de consciência. No “Projeto...”, já estava

presente a hipótese de que a consciência corresponde a uma pequena parte do campo da representação; de que algumas representações podem nunca ter sido conscientes e de que é o vínculo com a palavra que determina a suscetibilidade à consciência de uma representação; mas não havia, em 1895, uma distinção tópica entre o campo psíquico suscetível e o insuscetível de se tornar consciente. Ambos estariam incluídos no sistema ψ e o que os diferenciaria seria apenas a presença ou não de vínculos com palavras e, em caso negativo, o motivo da ausência de tal vínculo.

Na seção B do capítulo 7, Freud retoma a hipótese da estratificação dos sistemas de memória e, na seção F, ele afirma que os sistemas Prcc e Icc, na verdade, correspondem a dois tipos de processos: os processos primários e os secundários, que já haviam sido mencionados no “Projeto...”. Ele esclarece aí que a representação tópica é uma representação auxiliar que se aproxima menos da realidade do que outra que figurasse o psíquico suscetível e o insuscetível de consciência como dois tipos de processos. Com isso, Freud acrescenta à hipótese de que existe um psíquico insuscetível de consciência e ativo apresentada no “Projeto...”, a hipótese de que esses processos psíquicos possuem propriedades diferentes daquelas do psíquico suscetível de se tornar consciente. Em 1912, Freud afirma que foi a análise dos sonhos que o levou a esta conclusão e que, para representá-la, ele introduziu a noção de um sistema inconsciente. À idéia de um inconsciente dinâmico, acrescenta-se, então, no capítulo 7, a do inconsciente enquanto um sistema, a qual visa demarcar as características peculiares ao inconsciente descoberto pela psicanálise.

Os processos insuscetíveis de consciência não seriam apenas, como no “Projeto...”, aqueles excluídos das associações verbais, mas seriam processos primários e, por isso, eles seriam indestrutíveis, atemporais, regidos unicamente pelo princípio do prazer. Aqueles suscetíveis de consciência seriam processos secundários e, portanto, levariam em conta a realidade, seriam destrutíveis, comportariam a idéia de tempo. A equiparação entre o sistema inconsciente e o psíquico insuscetível de consciência, por um lado, e entre o sistema pré-consciente e o suscetível de consciência, por outro, parece não ser coerente com a suposição de que haveria uma censura entre os sistema Prcc e Cc. O fato de alguns processos pré-conscientes serem barrados por tal censura parece implicar a existência de algo insuscetível de consciência no Prcc. Mas Freud não se refere a essa questão. Apenas em 1923, no texto “O Eu e o Isso”, ele irá reconhecê-la.

Freud especifica também, no capítulo 7, qual é o conteúdo do sistema Icc: as moções de desejo desde a origem inconscientes e as representações que, por se associarem a tais moções de desejo, foram reprimidas. A associação entre o sistema Icc e os processos primários, e entre o Prcc e os processos secundários, portanto, introduz características distintivas entre os processos psíquicos suscetíveis e os insuscetíveis de consciência. Esta hipótese e a das sucessivas transcrições do mesmo conteúdo mnêmico, de acordo com princípios associativos distintos, parecem ser as principais novidades que surgem na forma como a memória é concebida nesse período da teoria freudiana.

A relação dos processos psíquicos com o somático torna-se mais obscura no capítulo 7, e algumas das funções que eram atribuídas, no “Projeto...”, ao eu são transferidas ao sistema Prcc. Embora Freud continue pensando o desenvolvimento do aparelho psíquico como resultante da necessidade de dar um destino adequado para a excitação de origem endógena, a relação entre o psíquico e o somático não se encontra representada topicamente, ao contrário do “Projeto...”. Contudo, está implícita uma ligação do sistema inconsciente com o somático, pois daí resulta o fato dos desejos pertencentes a tal sistema estarem “sempre alertas”.

)()()

A relação entre os processos psíquicos e a consciência é pensada de forma muito próxima ao “Projeto...”: a consciência seria restrita e secundária em relação ao campo das representações. No entanto, ela teria uma função fundamental no aparelho e seria imprescindível para seu funcionamento e para a manutenção da vida. Argumentamos que não parece ser possível afirmar que Freud abandonou a hipótese de que a consciência seria concomitante a uma parte dos processos psíquicos inconscientes, embora ele também não retome explicitamente essa hipótese.

As características dos processos que comporiam o substrato material da consciência – isto é, dos processos do sistema Cc – tornam-se mais obscuras que no “Projeto...”. Freud diz apenas que tal sistema seria sensível a qualidades e que sua função seria regular os processos do Prcc, mas seu mecanismo está longe de ter sido plenamente explicado.

As condições que tornariam um processo psíquico apto a despertar a consciência são próximas aquelas consideradas no “Projeto...”. Com exceção das percepções e das sensações de prazer e desprazer, apenas aqueles processos associados a palavras, que

possuíssem uma certa intensidade, que não fossem barrados pela censura que atuaria entre o Pcc e o Cc, e que fossem focalizados pelo mecanismo da atenção se tornariam, de fato, conscientes. Tudo isso deixa claro que, para Freud, a consciência é o menos provável no psíquico; ela é mais a exceção do que a regra.

Embora a noção de signos de qualidade não seja explicitamente retomada no capítulo 7, é mantida aí a hipótese de que, para uma representação ser percebida conscientemente, ela teria que alcançar o sistema Cc, que faria surgir qualidades, e ser ocupada pelo mecanismo da atenção. As hipóteses da censura e da dependência da possibilidade de consciência em relação à intensidade do processo não eram mencionadas no “Projeto..”, mas, como veremos adiante, nos artigos metapsicológicos, há indicações de que a censura esteja relacionada com o mecanismo da atenção, de forma que apenas a necessidade de que o processo apresente uma determinada intensidade parece representar uma novidade em relação ao “Projeto...”. Tendo em vista essas condições que os processos pré-conscientes teriam que cumprir para de fato se tornarem conscientes, podemos dizer que, na verdade, apenas uma parte dos processos pré-conscientes – não a totalidade dos processos que comporiam esse sistema – constituiriam o psíquico passível de consciência. Todo processo capaz de despertar a consciência pela via normal do pensamento seria pré-consciente, mas o inverso não seria verdadeiro.

Ao comentarmos o “Projeto...”, dissemos que a partir deste texto, é possível inferir a possibilidade de três tipos de representações inconscientes: aquelas que nunca teriam sido associadas a representações-palavra, aquelas que teriam perdido o seu vínculo com a palavra e aquelas que estariam ligadas a palavras, mas cujos signos de qualidade não fossem ocupados pelo eu. As duas primeiras seriam inconscientes e insuscetíveis de consciência, e a terceira seria inconsciente, mas suscetível de consciência. Dessa forma, as representações inconscientes e insuscetíveis de consciência seriam representações-objeto que não possuiriam vínculos com palavras. No capítulo 7, a representação inconsciente parece ser pensada da mesma forma; contudo, agora, Freud propõe que o psíquico insuscetível de consciência consista em processos primários, o que lhes confere características próprias que o distinguem dos processos suscetíveis de consciência.

Quando pensamos no capítulo 7 em relação ao “Projeto...”, ficamos com a impressão de que muitas hipóteses são omitidas no primeiro texto ou permanecem apenas subentendidas. As dificuldades com que Freud se deparou neste último texto

tornam essa sua postura compreensível; fica claro, porém, que Freud não descartou, de fato, as teses do “Projeto...”. Ele parece ter se preocupado, no capítulo 7, em desenvolver suas hipóteses a respeito de apenas uma parte do aparelho neuronal, isto é, do sistema ψ , e optado por omitir as questões mais problemáticas.

III. PULSÃO, AFETO E REPRESENTAÇÃO NOS ARTIGOS METAPSICOLÓGICOS

O objetivo dos artigos metapsicológicos de 1915, segundo o que Freud afirma no texto “Complemento metapsicológico à doutrina dos sonhos” (1917[1915]), é esclarecer e aprofundar as hipóteses teóricas que poderiam ser colocadas na base de um sistema psicanalítico.¹ Freud dá continuidade à especulação metapsicológica desenvolvida no “Projeto...”, no capítulo 7 e em alguns textos intermediários entre este último e os artigos sobre metapsicologia. De acordo com o que nos informa Strachey (1998c), a intenção de Freud era publicar em um mesmo livro, além dos cinco artigos que chegaram de fato a ser publicados separadamente, outros sete artigos, um dos quais trataria especificamente da questão da consciência. Apesar de tê-los escrito, Freud não os publicou e apenas um deles foi encontrado e publicado postumamente; dos outros seis nunca se teve notícia, o que, muito provavelmente, deve ter contribuído para a presença de algumas lacunas nas explicações de várias noções nos artigos metapsicológicos que chegamos a conhecer. Em várias ocasiões, em vez de continuar a reflexão sobre algum fato relacionado à consciência, por exemplo, Freud a interrompe e diz que retomará tal reflexão no artigo que versará exclusivamente sobre essa questão. Mas, sem dúvida, esse não é o único motivo responsável pelos problemas presentes nos textos metapsicológicos. Em 1915, muitas das hipóteses que haviam sido bem estabelecidas no capítulo 7, já estão sendo questionadas por Freud, o que acabará levando-o, mais tarde, a formular o esquema da segunda tópica. Como se sabe, alguns textos que se intercalam entre o capítulo 7 e os artigos metapsicológicos² iniciam e desenvolvem questões que são tratadas em 1915. Esses textos serão mencionados ao longo do comentário dos artigos sobre metapsicologia, à medida que isso se fizer necessário.

¹ AE, vol.14, p.221, nota 1.

² Principalmente: “Formulações sobre os dois princípios do acontecimento psíquico” (1911), a terceira parte de “Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia descrito

1) A relação entre o psíquico inconsciente e os processos nervosos nos artigos metapsicológicos

Ao comentarmos o capítulo 7, argumentamos que, nesse texto, Freud abandona a tentativa de estabelecer uma correspondência anatômica para o aparelho psíquico, embora ele reconheça a existência de tal base anatômica. Argumentamos também que, embora o vocabulário psicológico passe a predominar e Freud manifeste sua intenção de permanecer dentro do campo da psicologia, ele parece não ter abandonado a hipótese de que os processos psíquicos inconscientes sejam processos nervosos e que apenas a tentativa de explicá-los em termos neurológicos estava sendo deixada de lado. Como fica essa questão nos artigos metapsicológicos e no período que antecede 1915?

Em alguns dos textos do período entre “A interpretação dos sonhos” e os artigos sobre metapsicologia, Freud faz algumas afirmações que nos permitem inferir que ele mantém aquela mesma postura de 1900. Embora não queira se comprometer, no momento, em tratar os processos psíquicos inconscientes de uma perspectiva neurológica, Freud parece manter a hipótese de que tais processos sejam processos nervosos que, um dia, poderão ser explicados enquanto tais. Em “O chiste e sua relação com o inconsciente” (1905), Freud diz:

“(…) já em “A interpretação dos sonhos”(1900) tentei, em harmonia com Lipps, situar o “psíquico genuinamente eficaz” nos processos psíquicos em si inconscientes e não nos conteúdos da consciência (...) As experiências acerca da deslocabilidade da energia psíquica ao longo de certas vias associativas e acerca da quase indestrutível conservação dos traços dos processos psíquicos, tem me sugerido, de fato, tentar essa figuração do desconhecido. Para evitar um mal entendido devo acrescentar que não pretendo proclamar como esses caminhos as células e feixes, nem os sistemas de neurônios que estão tomando o seu lugar hoje, embora seja forçoso que esses caminhos sejam figuráveis, de uma maneira que ainda não sabemos indicar, por certos elementos orgânicos do sistema nervoso”.³

autobiograficamente”(1911[1910]), “Nota sobre o conceito de inconsciente na psicanálise” (1912) e “Introdução ao narcisismo” (1914).

³ AE, vol.8, p.141.

Em “O interesse pela psicanálise” (1913), mais uma vez, Freud deixa claro que essa abordagem dos processos inconscientes a partir das categorias da psicologia da consciência é adotada devido à dificuldade encontrada, no momento, em tratar tais processos de uma perspectiva fisiológica:

“De fato, desde o lado do seu nexos com o consciente, com o qual tem tantas coisas em comum, é fácil descrever o inconsciente e perseguí-lo em seus desenvolvimentos. Contudo, hoje, parece não haver possibilidade de se aproximar dele pelo lado do processo físico. Portanto, tem que continuar sendo objeto da psicologia.”⁴

Em “Introdução ao narcisismo” (1914), Freud afirma:

“(…) deve-se recordar que todas as nossas provisoriiedades psicológicas deverão, um dia, se assentar no terreno dos substratos orgânicos”.⁵

Em todas essas passagens, Freud ressalta a provisoriiedade de uma abordagem exclusivamente psicológica do psíquico inconsciente e deixa claro que sua opção por permanecer no campo da psicologia não resultou de uma mudança no seu modo de conceber a natureza do psíquico inconsciente. Nos artigos metapsicológicos, ao que tudo indica, ele mantém essa mesma postura.

Na segunda parte do artigo “O inconsciente”, Freud volta a se manifestar contra aquele “localizacionismo” que ele havia criticado em “Sobre a concepção das afasias”. Ele argumenta novamente que, embora não seja possível localizar cada uma das funções psíquicas em regiões anatômicas delimitadas, é preciso reconhecer que o psíquico possui uma base anatômica. No entanto, devido à impossibilidade atual de esclarecer a relação entre o psíquico e a anatomia, “provisoriamente”, tal relação terá que ser deixada de lado:

⁴ AE, vol.13, p.181

⁵ AE, vol.14, p.76; SA,vol.3, p.46.

“Nossa tópica psíquica provisoriamente nada tem a ver com a anatomia; se refere a regiões do aparelho psíquico, onde quer que estejam situadas dentro do corpo, e não a localidades anatômicas”.⁶

O próprio Freud destaca a palavra “provisoriamente”, provavelmente para enfatizar que a existência de uma base anatômica continua sendo pressuposta. Nos artigos metapsicológicos, assim como no capítulo 7, ele manifesta sua intenção de deixar de lado a tentativa de estabelecer a localização anatômica do aparelho psíquico, mas não deixa de nos chamar a atenção para a provisoriedade dessa medida. Não há nada nesses textos de 1915 que indique que ele abandonou a hipótese de que os processos psíquicos inconscientes sejam processos físicos do sistema nervoso.⁷ Ao contrário, em “O inconsciente” (1915), fica claro que sua opção por tratar o psíquico inconsciente de uma perspectiva psicológica – a partir das categorias da psicologia da consciência, como diz Freud – resultou da conveniência desse tipo de abordagem, e não de alguma crença sobre a natureza do seu objeto de estudo. Em “O interesse pela psicanálise” (1913), como vimos, isso já havia sido dito.

Na primeira parte do artigo metapsicológico sobre o inconsciente, onde elabora uma justificativa do conceito psicanalítico de inconsciente, Freud levanta a questão de se os estados psíquicos de caráter latente não deveriam ser considerados processos somáticos dos quais o psíquico (o consciente) pudesse brotar de novo – hipótese que ele sustentara em 1891 – em vez de serem considerados fatos psíquicos. Ele agora responde negativamente a essa questão, argumentando que essa hipótese se baseia na igualação entre o psíquico e o consciente, a qual não passa de uma convenção infrutífera, pois:

“(…)Dilacera as continuidades psíquicas, nos precipita nas dificuldades insolúveis do paralelismo psicofísico, está exposta a reprovação de que sobrestima sem fundamentação visível o papel da consciência e nos compele a abandonar antes do tempo o âmbito da indagação psicológica, sem nos oferecer recompensas em outros campos”.⁸

⁶ AE, vol.14, p.170; SA, vol.3, p.133

⁷Em algumas passagens Freud se refere explicitamente ao “sistema nervoso” ou à “energia nervosa” ao falar dos processos psíquicos. Por exemplo: “Pulsões e seus destinos”(AE, vol. 14, p.115), “O inconsciente”(AE, vol. 14, p.185).

⁸AE, vol.14, p.164; SA, vol. 3, p.126.

Freud parece querer dizer que, se partíssemos do pressuposto de que o psíquico restringe-se ao consciente, só nos restaria considerar os processos inconscientes que determinam os fenômenos conscientes como processos puramente somáticos e, nesse caso, o âmbito do psicológico ficaria muito limitado. Uma psicologia que se restringisse à investigação da consciência não conseguiria explicar grande parte das manifestações psíquicas. Por outro lado, se os processos inconscientes que determinam os conscientes não fossem abordados de uma perspectiva psicológica, não se conseguiria explicá-los e descrevê-los satisfatoriamente a partir de outro referencial, ao menos por enquanto. No entanto, nada impede que a noção de psíquico seja estendida para além das fronteiras da consciência e passe a abarcar também fatos inconscientes. Essa é a posição adotada por Freud desde o “Projeto...”; os processos inconscientes devem ser considerados processos psíquicos. Mas seriam eles também processos físicos? Freud argumenta, na continuação do texto, que o que se sabe, com certeza, acerca da natureza dos processos psíquicos inconscientes é que:

“(...) em seus caracteres físicos, nos são totalmente inacessíveis; nenhuma representação fisiológica, nenhum processo químico pode nos comunicar sua essência. Por outro lado, se comprova que mantêm o mais amplo contato com os processos psíquicos conscientes; com um certo rendimento de trabalho podem ser transpostos nestes, ser substituídos por estes; e admitem ser descritos com todas as categorias que aplicamos aos atos psíquicos conscientes, como representações, aspirações, decisões, etc. E ainda de muitos desses estados latentes temos que dizer que não se distinguem dos conscientes se não, precisamente, porque lhes falta a consciência. Por isso, não vacilaremos em tratá-los como objetos de investigação psicológica, e no mais íntimo enlace com os atos psíquicos conscientes.”⁹

Então, ao mesmo tempo em que se depara com dificuldades para explicar o psíquico inconsciente em termos de suas propriedades físicas, Freud percebe que as categorias da psicologia da consciência podem ser adequadas para explicá-lo, o que o leva a adotar esse tipo de abordagem. Mas fica claro, como dissemos anteriormente, que

⁹ AE, vol.14, p.164; SA, vol. 3, p.127.

tal escolha não se encontra relacionada com nenhuma hipótese sobre a natureza irredutivelmente mental do psíquico inconsciente. As várias afirmações de Freud de sua crença na possibilidade de que um dia “as provisoriedades psíquicas se assentassem no terreno dos substratos orgânicos”, indicam que ele mantém ainda a hipótese da identificação entre o psíquico inconsciente e os processos nervosos defendida no “Projeto...”. A seguinte passagem da 24^a das “Conferências de introdução à psicanálise”(1915-1916) deixa isso claro:

“O edifício da doutrina psicanalítica, que nós temos criado, é na realidade uma superestrutura destinada a receber algum dia seu fundamento orgânico; mas todavia não o conhecemos.”¹⁰

A opção de tratar o psíquico inconsciente de uma perspectiva psicológica não levou, em nenhum momento, a um abandono total do referencial neurológico. Na verdade, os pressupostos neurológicos básicos do aparelho neuronal do ‘Projeto...’ continuam constituindo a base da teoria freudiana:

“Não apenas aportamos a nosso material empírico certas convenções na qualidade de conceitos básicos, como nos servimos de muitas premissas complexas para nos guiarmos na elaboração do mundo dos fenômenos psicológicos. Já mencionamos a mais importante delas; só nos resta destacá-la de maneira expressa. É de natureza biológica, trabalha com o conceito de tendência (possivelmente, da adequação a fins) e diz: O sistema nervoso é um aparelho que tem a função de se livrar dos estímulos que o alcançam, de reduzi-los ao nível mínimo possível; dizendo de outro modo, é um aparelho que, se possível, quer se conservar isento de todo estímulo.”¹¹

Podemos concluir, portanto, que, no período de 1900 a 1915, não houve nenhuma alteração significativa na concepção freudiana sobre a relação entre os processos psíquicos inconscientes e os processos nervosos. Sua intenção, enunciada no capítulo 7 de “A interpretação dos sonhos”, de permanecer no campo da psicologia, não decorreu

¹⁰ AE, vol.16, p.354

¹¹ AE, vol.14, p.115; SA, vol.3, p. 83.

de nenhuma mudança em sua concepção sobre a natureza do mental. Vejamos, agora, diante desse quadro, como o aparelho psíquico é repensado por Freud nos artigos metapsicológicos.

2) O aparelho psíquico

Como já mencionamos anteriormente, Freud mantém, nos artigos metapsicológicos, as mesmas hipóteses do “Projeto...” sobre a tendência fundamental da atividade psíquica e sobre o desenvolvimento inicial do aparelho. Em “Pulsões e destinos das pulsões” (1915), ele retoma claramente essas hipóteses. Em sua origem, o funcionamento psíquico seria guiado pela tendência a descarregar da forma mais direta possível, pela via motora, toda a excitação recebida. No entanto, a necessidade de satisfazer as necessidades vitais levaria à modificação dessa tendência inicial do aparelho e o obrigaria a manter um certo nível de excitação, passando a levar em conta a realidade externa e a tentar atuar sobre esta. A necessidade de dar um destino adequado à excitação de origem endógena seria impulsora de toda a atividade psíquica.

Em “Formulações sobre os dois princípios do acontecimento psíquico” (1911), texto onde faz uma recapitulação das hipóteses do “Projeto...” sobre a gênese dos processos psíquicos, Freud diz que esse funcionamento psíquico que leva em conta a realidade é regido pelo “princípio de realidade” e contrapõe este tipo de funcionamento àquele originário, regido unicamente pelo princípio do prazer. Freud acrescenta aí a hipótese de que a substituição do princípio de prazer pelo de realidade não aconteceria de uma só vez, pois as pulsões sexuais permaneceriam mais tempo sob o domínio do princípio do prazer do que as pulsões egóicas. Estas últimas cederiam antes que as primeiras ao princípio de realidade, devido à impossibilidade de satisfação que elas encontrariam, desde o início, em um funcionamento regido unicamente pelo princípio do prazer. As pulsões sexuais, ao contrário, devido ao seu caráter auto-erótico inicial, poderiam ser originariamente satisfeitas sem terem que levar em conta a realidade. Essa ausência de frustração faria com que as pulsões sexuais demorassem mais que as egóicas para se submeterem ao princípio de realidade. Esse acréscimo à sua teoria sobre a gênese da atividade psíquica é decorrente da introdução da noção de pulsão e da primeira dualidade pulsional na teoria freudiana, ocorrida ao longo do período que separa esse texto do “Projeto...”.

No capítulo 7, Freud havia formulado a hipótese de que o aparelho psíquico seria composto por uma série de sistemas de memória, cada um deles regido por princípios associativos diferentes, os quais se situariam entre a percepção e a via motora. Três dos sistemas de memória tinham sido ali especificados: Icc, Prcc e Cc. Na seção F do capítulo 7, Freud diz que os sistemas Prcc e Icc consistem, na verdade, em dois tipos de processos – os processos primário e secundário – e, a partir de então, ele não mais menciona os outros sistemas de memória que haviam sido inseridos, na representação tópica, entre P e Icc. Esses sistemas, ao que parece, estariam incluídos nos processos primários; princípios associativos distintos deveriam, assim, estar presentes nesses processos. A excitação proveniente do mundo externo incidiria sobre P, de onde seguiria para Icc, Prcc e, enfim, Cc. Embora a relação do aparelho psíquico com o somático não seja representada no esquema, está implícito no texto que o somático tem que estar conectado ao sistema inconsciente. Sendo assim, tanto os processos incitados no aparelho a partir da estimulação exógena, como aqueles incitados pela estimulação endógena ocorreriam no mesmo sentido.

Nos artigos metapsicológicos, grande parte dessas hipóteses passam a ser questionadas. Apenas os sistemas Icc, Prcc e Cc continuam presentes em sua teoria; os demais sistemas de memória incluídos nos esquemas da carta 52 e do capítulo 7 não voltam a ser mencionados. Freud manifesta, ao longo dos artigos, sua dúvida sobre a necessidade de diferenciar entre os sistemas Prcc e Cc. Apenas em “Complemento metapsicológico a doutrina dos sonhos” (1917), o penúltimo artigo escrito, ele conclui que é preciso distinguir entre esses dois sistemas por razões que veremos adiante. Nos artigos anteriores, Freud se refere ao “Cc ou Prcc” ou a qualquer um desses sistemas indistintamente. A relação dos sistemas com a excitação de origem endógena volta a ser objeto da reflexão metapsicológica e também a noção de “eu” reaparece na teoria. No entanto, o papel do eu na tópica não está ainda bem especificado; não há uma correspondência estrita que possa ser estabelecida entre o eu e algum dos sistemas; suas funções parecem estar distribuídas entre os vários sistemas que a compõem, como veremos adiante.

A relação entre os sistemas de memória e os órgãos da percepção e da motilidade torna-se confusa nos artigos metapsicológicos. Freud oscila continuamente entre duas hipóteses distintas: aquela proposta no capítulo sete e uma outra, que se aproxima daquela do “Projeto...”. Em uma passagem de “O inconsciente”, por exemplo, ele diz:

“Nas raízes da atividade pulsional os sistemas se comunicam entre si da maneira mais ampla. Uma parte dos processos aí excitados passam pelo Icc como por uma etapa preparatória, e na Cc alcançam a conformação psíquica mais alta; outra parte é retida como Icc. Mas o Icc é alcançado também pelas vivências que provêm da percepção exterior.”¹²

De acordo com esta passagem, o sistema Icc estaria ligado tanto ao somático quanto ao sistema P, que receberia a excitação de origem externa. A excitação exógena incidiria sobre P e deste seguiria para o Icc, para o Prcc e para Cc. De acordo com isso, todo processo pré-consciente, fosse ele incitado por excitação exógena ou endógena, teria uma etapa prévia inconsciente. Uma vez que o sistema Cc estaria ligado à via motora, os sistemas Icc, Prcc e Cc estariam situadas entre a percepção (P) e a motilidade (M), assim como no esquema do capítulo 7. No entanto, ainda nesse artigo sobre o inconsciente, Freud apresenta uma outra hipótese sobre a relação dos sistemas com P. Ele diz:

“(…) nossa atividade psíquica se move seguindo dois circuitos contrapostos: ou avança desde as pulsões, através do sistema Icc, até o trabalho do pensamento consciente, ou uma incitação de fora atravessa o sistema da Cc e do Prcc até alcançar as ocupações icc do eu e dos objetos”¹³.

Nessa passagem, em oposição à afirmação anterior, Freud afirma que as excitações exógenas incidem diretamente sobre o sistema da consciência. A percepção se situaria ao lado da motricidade e do sistema Cc, no outro pólo da tópica. Nesse caso, os processos incitados no aparelho por excitação exógena e endógena ocorreriam ao longo de dois caminhos distintos; haveria, como diz Freud, dois circuitos contrapostos na atividade psíquica: o relativo aos processos induzidos por excitação endógena, que ocorreriam no sentido de Icc a Cc, e os induzidos por excitação exógena que se dariam na direção inversa. Essa segunda hipótese assemelha-se mais àquela do “Projeto...”.

¹² AE, vol.14, p.190; SA, vol.3, p.152.

¹³ AE, vol.14, p.200; SA, vol.3, p.162.

Nesse texto, como vimos anteriormente, uma parte do sistema de memória – ψ do manto – receberia quantidade de origem exógena, a partir do sistema ϕ , e outra parte – ψ do núcleo – estaria em contato direto com a estimulação corporal. Assim, os processos impulsionado por excitação endógena e exógena se dariam em circuitos opostos, mas, no “Projeto”, o sistema responsável pela percepção (ϕ) e aquele responsável pela consciência não estavam diretamente ligados. Contudo, Freud não se atém por muito tempo a essa segunda hipótese. No “Complemento metapsicológico à doutrina dos sonhos”, ele parece retomar a hipótese do capítulo 7. Ao se questionar sobre os destinos das moções de desejo que se formam no Pcc no processo de formação do sonho, ele diz:

“A reflexão nos diz que poderia tramitar por três caminhos diferentes: ou pelo que seria normal na vida de vigília, que parte do Pcc e se esforça por abrir passagem até a consciência; ou obter uma descarga motora direta se esquivando à Cc; ou tomar esse outro caminho inesperado que a observação nos faz seguir realmente (...) O processo iniciado dentro do Pcc e reforçado pelo Icc toma um caminho retrocedente através do Icc até chegar à percepção, que se impõe à consciência.”¹⁴

Novamente, a percepção é colocada ao lado do Icc, na extremidade oposta à da motilidade e da consciência. Devido a essas oscilações de Freud, fica muito difícil concluir algo de definitivo sobre a relação entre a percepção e os sistemas de memória nos artigos metapsicológicos. Fica claro apenas que o modelo do capítulo 7 já está sendo questionado nesse período, mas Freud não chega a descartá-lo de fato. Como veremos no próximo capítulo, essa questão se resolve somente em “Além do princípio do prazer”(1920). Nesse texto, Freud desloca definitivamente o sistema responsável pela percepção para junto daquele responsável pela consciência; na verdade, ele passa a tratá-los como se formassem um único e mesmo sistema.

)()(

¹⁴ AE, vol.14, p.225; SA, vol.3, p.183.

Na seção F do capítulo 7, Freud reconheceu que a diferenciação entre os sistemas Prcc e Icc corresponde, na verdade, à diferenciação entre dois tipos de processos; a representação desses sistemas como duas localidades psíquicas distintas não foi abandonada, mas Freud admitira que ela consistia numa representação auxiliar que se aproximava menos da realidade do que aquela que apresenta o pré-consciente e o inconsciente como dois tipos de processos. Essa hipótese é mantida nos artigos metapsicológicos, porém Freud lhe acrescenta um novo elemento.

Em “O Inconsciente”, Freud se pergunta se a passagem do sistema Icc ao Prcc acontece mediante novas transcrições das representações – suposição esta que ele chama de “tópica” – ou mediante uma mudança de estado, mediante o surgimento de um modo de ocupação distinto das mesmas representações – suposição esta que ele chama de “funcional”. Freud responde essa questão apenas na última parte do artigo, onde, a partir da análise das manifestações das neuroses narcísicas, ele chega à seguinte conclusão:

“(…) acreditamos saber agora onde reside a diferença entre uma representação consciente e uma inconsciente. Elas não são, como acreditávamos, diversas transcrições do mesmo conteúdo em lugares psíquicos diferentes, nem diversos estados funcionais de ocupação no mesmo lugar, se não que a representação consciente abrange a representação-coisa mais a correspondente representação-palavra, e a inconsciente é a representação-coisa somente. O sistema Icc contém as ocupações de coisa dos objetos que são as ocupações de objeto primárias e genuínas; o sistema Prcc nasce quando essa representação-coisa é sobre-ocupada pelo enlace com as representações-palavra que lhe correspondem. Tais sobre-ocupações, podemos conjecturar, são as que produzem uma organização psíquica mais alta e possibilitam a renúncia do processo primário pelo secundário, que governa no interior do Prcc (...) A representação não apreendida em palavras, ou o ato psíquico não sobre-ocupado, fica então para trás, no interior do Icc, como algo reprimido”.¹⁵

¹⁵ AE, vol.14, p.198; SA, vol.3, p.160.

Freud retoma, assim, os conceitos de representação-palavra (Wortvorstellung) e representação-objeto (Objektvorstellung) formulados em “Sobre a concepção das afasias” para explicar a diferenciação entre representações pré-conscientes e inconscientes.¹⁶ Embora esses conceitos não sejam esclarecidos, é possível inferir que o que ele chama, nos artigos metapsicológicos, de representação-coisa (Sachvorstellung) corresponde ao que é chamado de representação-objeto em 1891. Em “O Inconsciente”, a representação-objeto passa a designar o par constituído pela representação-palavra associada à representação-coisa.

Deste modo, enquanto houvesse apenas representações-coisa no aparelho, só poderia haver processo primário. Mais tarde, as representações-palavra se constituiriam e se associariam a uma parte das representações-coisa, sobre-ocupando-as. Como resultado, surgiria no aparelho um nível de organização superior: o Prcc. Esse nível de organização superior corresponderia ao processo secundário e, portanto, a diferenciação entre o Icc e o Prcc continua sendo identificada aquela entre o processo primário e o secundário. O sistema Icc corresponderia ao processo primário, do qual apenas representações-coisa fariam parte, e o sistema Prcc corresponderia ao processo secundário, do qual fariam parte representações-coisa associadas a representações-palavra. A novidade em relação ao capítulo 7, ao que parece, é que Freud especifica, em 1915, que é a palavra que possibilita a ligação da excitação em estado livre; que o surgimento do processo secundário é uma consequência da sobre-ocupação produzida pela representação-palavra. Essa hipótese não será mantida por muito tempo. Como veremos, em “O eu e o isso”, ela é abandonada.

No “Projeto...”, já estava presente a idéia de que seria a associação com as representações-palavra que tornaria uma representação suscetível de se tornar consciente. Desde esse texto, já se podia inferir que o psíquico suscetível de consciência corresponde às representações associadas a palavras e que o psíquico insuscetível de consciência corresponde às representações não associadas a palavras. Mas no “Projeto...” não se encontra formulada a hipótese de que é a sobre-ocupação produzida pela palavra que permite a substituição do processo primário pelo secundário. De acordo com o que Freud propõe aí, o processo secundário teria como condição a inibição do processo primário, a qual seria determinada, antes de tudo, pela primeira

¹⁶Embora Freud se refira à representação “consciente” e não à “pré-consciente”, é da representação pré-consciente que ele está falando nessa passagem. Nessa parte do texto, ele não

regra biológica. Com essa inibição, surgiria um acúmulo de quantidade no aparelho, que seria usado para instituir o processo secundário. Vimos que, no capítulo 7, Freud também atribui à palavra a capacidade de tornar uma representação suscetível de consciência, mas ele não afirma que é a palavra que produz a substituição do processo primário pelo secundário, embora isso possa ser inferido a partir do que é aí desenvolvido.

Em suma, Freud mantém nos artigos metapsicológicos, a hipótese do capítulo 7 de que o Prcc corresponde ao processo secundário e o Icc ao processo primário, mas ele acrescenta que é a constituição das representações-palavra que faz surgir essa diferenciação no aparelho e explicita a hipótese de que o conteúdo do Prcc consiste em representações-coisa associadas a representações-palavra e o conteúdo do Icc em representações-coisa somente.

Na carta 52, Freud tinha apresentado a idéia de que a memória seria constituída por um processo de estratificação sucessiva; no qual, ao longo do desenvolvimento do indivíduo, o mesmo material mnêmico seria reordenado de acordo com novos princípios associativos. No capítulo 7, Freud retoma essa hipótese: assim como na carta 52, ele sustenta que existem vários sistemas de memória, cada um dos quais sendo regido por um princípio associativo diferente. O último nível seria aquele onde as representações estariam organizadas de acordo com relações verbais. No entanto, quando passa a tratar os sistemas Icc e Prcc como dois tipos de processos, Freud não se refere mais aos demais sistemas de memória que, na representação tópica do aparelho, precederiam o Icc. Foi preciso assumir, então, que esses sistemas que não são mais mencionados estariam incluídos no processo primário. Como comentamos anteriormente, essa hipótese de que os traços mnêmicos sejam reordenados – isto é, de que novas associações são estabelecidas entre eles ao longo do desenvolvimento – nos remete à noção de “sobre-associação” de “Sobre a concepção das afasias”, segundo a qual as novas associações se sobreporiam às anteriores, reorganizando-as e, assim, vários níveis de processos associativos iriam se formando. De acordo com a teoria do capítulo 7, o nível mais elevado da memória seria regido pelo processo secundário e envolveria representações-palavra; a hipótese proposta em “O Inconsciente” sobre o modo como se dá a distinção entre o Icc e o Prcc sugere que Freud continua concebendo, nesse momento, a memória de forma muito semelhante. Ele é, inclusive, mais explícito a esse

diferenciou ainda entre os sistemas Cc e Prcc.

respeito, quando afirma que é a sobreocupação da representação-coisa por parte da representação-palavra que produz um nível de organização psíquico superior, no qual consiste o Prcc. O aparelho psíquico seria formado, então, por vários níveis de processos associativos, sendo que apenas o mais elevado seria suscetível de consciência, todos os outros permanecendo insuscetíveis de consciência no estado normal de vigília. Essa concepção do aparelho psíquico é, na verdade, uma extensão do conceito de aparelho de linguagem proposto em 1891.



No capítulo 7, Freud havia afirmado que o processo secundário se sobreporia ao primário, mas uma parte do material psíquico – mais especificamente, das moções de desejo, como diz ele – permaneceria como processo primário, devido ao estabelecimento tardio do processo secundário. Portanto, o processo primário e o secundário coexistiriam, embora o último predominasse sobre o primeiro na vigília normal. Parte dessas moções de desejo que nunca chegaram a integrar o Prcc – as quais constituiriam o “núcleo do Icc” – seriam desprazerosas do ponto de vista do Prcc: esta seria a pré-condição para a repressão. Elas tentariam continuamente ingressar no Prcc e, em alguns casos, conseguiriam ocupar uma representação desse sistema, a qual se tornaria também desprazerosa devido ao seu enlace associativo com a representação inconsciente. Como conseqüência, a ocupação pré-consciente de tal representação seria retirada, e a representação seria excluída dos processos secundários. Nisso consistiria o essencial do mecanismo da repressão: a retirada da ocupação pré-consciente de uma representação, que faria com que esta voltasse a ser regida pelo processo primário e permanecesse insuscetível de consciência. Dessa forma, o Icc seria constituído pelas representações que nunca foram pré-conscientes – essas formariam o seu núcleo – e pelas representações reprimidas, isto é, aquelas que estiveram integradas no pré-consciente, mas foram reprimidas. Freud mantém essas mesmas hipóteses nos artigos metapsicológicos, mas ele lhes acrescenta alguns novos elementos.

Em primeiro lugar, Freud esclarece que essas moções de desejo que compõem o núcleo do Icc são o que ele denomina pulsões ou “representantes de pulsão”, um ponto que terá que ser discutido adiante; em segundo lugar, ele introduz o conceito de “repressão primordial” (*Urverdrängung*). Segundo ele, aquele material psíquico que constitui o núcleo do Icc teria sido alvo da repressão primordial e esta seria condição

para a “repressão propriamente dita”, como é chamado em 1915, o que era simplesmente designado como “repressão” no capítulo 7. Em terceiro lugar, Freud introduz a noção de “contra-ocupação” para explicar e distinguir o mecanismo dos dois tipos de repressão.

Na terceira parte de “Sobre um caso de paranóia descrito autobiograficamente” (1911[1910]), (o “caso Schreber”), há uma descrição da repressão muito próxima daquela presente no artigo metapsicológico sobre a repressão. Ali, Freud distingue três fases da repressão. Na primeira etapa, ocorreria uma “fixação”, ou seja, uma inibição do desenvolvimento de uma pulsão e a conseqüente permanência de tal pulsão em um estado mais infantil. Nesse caso, diz Freud, “a corrente libidinal respectiva se comporta a respeito das formações psíquicas posteriores como uma que pertença ao sistema do inconsciente, como uma reprimida”.¹⁷ Essa primeira etapa da repressão seria pré-condição para a ocorrência da “repressão propriamente dita”, a qual corresponderia à segunda etapa da repressão. A repressão propriamente dita partiria dos sistemas suscetíveis de consciência, diz Freud, e se voltaria contra os derivados psíquicos daquelas pulsões fixadas. Quando essas últimas pulsões, devido ao seu fortalecimento, conseguissem se infiltrar nos sistemas conscientes, surgiria um conflito entre elas e as pulsões de acordo com o eu, o que acabaria levando à repressão. Freud discrimina ainda uma terceira fase da repressão, que consistiria no “retorno do reprimido” devido ao fracasso da repressão, o que teria como conseqüência a regressão do desenvolvimento libidinal.

Em “A Repressão”, Freud retoma essa descrição exposta no caso Schreber e acrescenta a ela a hipótese de que a primeira etapa da repressão consistiria na repressão primordial. A fixação da pulsão, mencionada em 1911, seria um resultado desta repressão primordial. Diz ele:

“(…) temos razões para supor uma repressão primordial, uma primeira fase da repressão que consiste em que ao representante psíquico da pulsão (representante-representação) se nega a admissão na consciência. Assim, se estabelece uma fixação; a partir desse momento, o representante em questão persiste imutável e a pulsão continua ligada a ele”.¹⁸

¹⁷ AE, vol.12, p.62. Nessa passagem fica claro que a repressão incide sobre as pulsões sexuais.

¹⁸ AE, vol.14, p.143; SA, vol.3, p.109.

Então, nos artigos metapsicológicos, Freud passa a diferenciar entre uma “repressão primordial” – que consistiria na recusa da pulsão por parte do pré-consciente ou do processo secundário, o que teria como conseqüência a fixação desta no Icc – e a “repressão propriamente dita” – que consistiria na retirada da ocupação pré-consciente de uma representação, à qual o representante de pulsão se tivesse associado.¹⁹ A ocupação subtraída seria aquela da representação-palavra. Como vimos, quando a representação-coisa fosse sobre-ocupada pela palavra, ela passaria a fazer parte do nível de organização superior, isto é, do Prcc; quando tal sobreocupação fosse retirada, a representação-coisa deixaria de fazer parte do Prcc e voltaria a ser incorporada ao Icc (ao processo primário). A representação reprimida seria, portanto, aquela representação-coisa que perdeu o seu vínculo com a palavra (no caso da repressão propriamente dita) ou aquela que nunca teve esse vínculo (no caso da repressão primordial). Apenas em 1915, Freud expõe claramente esta idéia que já estava implícita desde o “Projeto...”. No artigo metapsicológico sobre o inconsciente, ele afirma:

“Agora podemos formular de maneira precisa isso que a repressão, nas neuroses de transferência, recusa à representação rechaçada: a tradução em palavras (...) A representação não apreendida em palavras, ou o ato psíquico não sobre-ocupado, fica para trás, no interior do Icc, como algo reprimido.”²⁰

Sendo assim, o reprimido primordial consistiria naquelas representações-coisa que nunca foram sobre-ocupadas pelas representações-palavra – que nunca fizeram parte do Prcc – e o reprimido propriamente dito consistiria naquelas representações-coisa que perderam seu vínculo com a palavra, por terem sido associadas ao reprimido primordial e se tornado fonte de desprazer para o Prcc. Com isso, apenas agora parece ser possível dizer que o sistema Icc seja constituído pelo reprimido: pelo reprimido primordial e pelo reprimido propriamente dito. No capítulo 7, já estava presente a hipótese de que o núcleo do Icc é constituído por representações que nunca se tornaram pré-conscientes,

¹⁹Como Freud já havia dito no capítulo 7, duas forças cooperariam para a repressão propriamente dita: a repulsão por parte do pré-consciente e a atração exercida pelos desejos inconscientes.

mas não havia ainda o conceito de repressão primordial; só as representações rechaçadas do Pcc eram consideradas como tendo sido reprimidas e, portanto o reprimido podia ser apenas uma parte do sistema inconsciente. Além disso, Freud introduz, em 1915, a hipótese de que as representações alvo da repressão primordial são os “representantes de pulsão”; no capítulo 7, estas eram chamadas de “moções de desejo”.

Nos artigos metapsicológicos, Freud especifica mais minuciosamente qual seria o mecanismo da repressão. Na terceira parte do caso Schreber, ele havia dito que a fixação que seria pré-condição para a repressão propriamente dita, consistiria em um processo passivo, enquanto esta última consistiria em um processo essencialmente ativo. Em “O inconsciente”, isso recebe uma formulação mais precisa. Na quarta parte deste artigo, Freud argumenta que, como a representação reprimida continua tendo capacidade de ação dentro do Icc, ela conserva alguma forma de ocupação. Portanto, no caso da repressão propriamente dita, ocorreria uma subtração da ocupação pré-consciente e a conservação da ocupação inconsciente ou a substituição da ocupação pré-consciente por uma inconsciente. Mas, continua ele, é preciso supor, além da subtração da ocupação por parte do Pcc, um outro mecanismo que impessa a representação reprimida de voltar a penetrar no Pcc; se a representação reprimida continua ativa no Icc, é necessário haver algum mecanismo que a mantenha afastada do Pcc. Freud introduz, então, para dar conta disso, a noção de “contra-ocupação”. No caso da repressão propriamente dita, além da subtração da ocupação pré-consciente, deveria haver uma “contra-ocupação” por parte desse sistema, que teria como objetivo manter a representação reprimida distante. A contra-ocupação seria o único mecanismo responsável pela repressão primordial, uma vez que, nesse caso, como a representação nunca teria sido sobre-ocupada pelo Pcc, não haveria a subtração da ocupação, a qual consistiria na primeira etapa da repressão propriamente dita. Segundo Freud, a energia usada na contra-ocupação seria a mesma retirada da representação reprimida, no caso desse último tipo de repressão. Em suma, dois mecanismos seriam responsáveis pela repressão propriamente dita – a subtração da ocupação e a contra-ocupação – enquanto que apenas esta última atuaria na repressão primordial.

Pelo que parece, a contra-ocupação é pensada por Freud como um mecanismo semelhante à “ocupação lateral” do “Projeto...”. Há uma idéia no texto, pelo menos, que

²⁰ AE, vol.14, p.198; SA, vol.3, p.160.

nos permite fazer essa aproximação. Ao descrever a repressão na histeria de angústia, Freud diz que a ocupação pré-consciente retirada de uma representação se dirige para uma representação a ela associada, a qual se torna uma representação substitutiva, e que essa última passa a exercer, para o sistema Cc (Prcc), a função de uma contra-ocupação, isto é, proteger esse sistema contra a emergência na Cc da representação reprimida. Essa idéia de que o deslocamento da ocupação para uma representação associada funciona como uma contra-ocupação, pois impede a emergência da representação da qual a ocupação foi retirada, nos permite formular a hipótese de que o mecanismo da contra-ocupação é o mesmo que o da ocupação lateral – ou, pelo menos, encontra-se muito próximo deste. Como vimos no “Projeto...”, esse seria o mecanismo usado pelo eu para direcionar os processos associativos, com o objetivo de impedir a ocupação de representações desprazerosas e propiciar o acesso às representações desejadas. Tal mecanismo consistiria na ocupação das representações proximamente associadas àquelas da qual se pretende desviar o curso associativo. Quando uma representação adjacente é ocupada, ela atrairia a corrente excitatória, pois a ocupação de uma representação lateral funcionaria como uma facilitação maior, segundo o princípio da simultaneidade. Dessa forma, a ocupação de uma representação adjacente àquela que se pretende excluir seria o mecanismo pelo qual se realizaria essa exclusão. Isso permite compreender a afirmação de Freud em “O Inconsciente”, mencionada acima, segundo a qual a ocupação de uma representação substitutiva funciona como um contra-ocupação para o Prcc, mencionada acima.

Essa noção de contra-ocupação nos permite supor como seria mantida a separação entre o processo primário e o secundário e sobre como o processo secundário manteria o seu predomínio no aparelho. O Prcc se constituiria a partir da sobre-ocupação das representações-coisa por parte das representações-palavra – processo pelo qual surgiria no aparelho um campo da atividade psíquica onde a energia permaneceria em estado ligado. Essa sobre-ocupação das representações-coisa talvez possa ser identificado como o que funciona como uma contra-ocupação para as representações que não são incorporadas ao processo secundário. Então, a sobre-ocupação de uma parte das representações-coisa por parte da palavra seria, ao mesmo tempo, a contra-ocupação que manteria outra parte das representações-coisa inconscientes, isto é, a sobre-ocupação de uma parte das representações-coisa, que cria o Prcc, seria o mecanismo responsável pela repressão primordial. As representações que fossem incorporadas ao

Prcc seriam as que passam a funcionar como contra-ocupações para aquelas que constituem o núcleo do Icc.

A repressão primordial, segundo Freud, incidiria sobre os representantes de pulsão e a repressão propriamente dita sobre os derivados deste. Mas o que seria a pulsão e o seu representante?

3) A relação entre a pulsão e a representação

Freud começa o artigo “Pulsões e destinos da pulsão” (1915) expondo a sua concepção sobre o desenvolvimento da ciência. Nenhuma ciência, argumenta ele, inicia com conceitos básicos claros, definidos com precisão. O início da atividade científica consiste em descrever fenômenos, ordená-los e inseri-los em conexões. No entanto, mesmo para a descrição dos fenômenos, é necessário partir de certas idéias abstratas extraídas de outro lugar, e não dos fenômenos observados. Essas idéias abstratas são as que vêm a constituir posteriormente os conceitos básicos de uma ciência. Esses conceitos básicos, ao princípio, admitem um certo grau de indeterminação, e sua validade é garantida pela remissão ao material empírico e pela sua adequação na explicação dos fatos observados. Com o avanço da exploração científica, tais conceitos vão sendo delimitados com maior exatidão, até que seja possível dar-lhes a forma de definições, o que não significa que, a partir de então, eles permaneçam inalteráveis, uma vez que mesmo os conceitos básicos fixados em definições podem experimentar uma mudança constante em seu conteúdo.

A pulsão, segundo Freud, seria um conceito básico desse tipo: imprescindível para tornar os fatos psicológicos compreensíveis, contudo, no momento, bastante obscuro em si mesmo. Esse preâmbulo de Freud parece querer ressaltar que, embora esteja claro que o conceito de pulsão é fundamental para a explicação dos fatos psicológicos, ainda não é possível determiná-lo com precisão. A concepção de pulsão formulada no artigo sobre as pulsões é um pouco modificada em “A repressão” (1915), onde Freud introduz a noção de “representante de pulsão”, e essa modificação parece ser mantida nos demais artigos metapsicológicos.

Para introduzir a noção de pulsão em “Pulsões e seus destinos”, Freud retoma aquela diferenciação entre o modo de ação dos estímulos exógenos e dos endógenos sobre o aparelho neuronal, que havia sido discutida no “Projeto...”, texto este onde parece encontrar-se a gênese da noção de pulsão. O estímulo pulsional é concebido

como um estímulo proveniente do interior do corpo que atua continuamente sobre o aparelho psíquico: ao contrário dos estímulos exógenos, os estímulos pulsionais não atuariam como uma força de choque momentânea, nem poderiam ser totalmente eliminados mediante ações reflexas; eles atuariam como uma força constante, e sua eliminação exigiria a execução de uma “ação específica” sobre o mundo. Tampouco haveria possibilidade de fuga perante a estimulação pulsional. Toda a complexidade da atividade psíquica decorreria, assim, da necessidade de satisfazer as necessidades pulsionais. No “Projeto...”, Freud havia dito que o fato do sistema ψ do núcleo estar exposto sem proteção às quantidades de origem endógena funcionava como a “*mola pulsional do mecanismo psíquico*”²¹. No artigo metapsicológico sobre as pulsões, ele torna a afirmar que:

“(…) as pulsões, e não os estímulos externos são os genuínos motores dos progressos que têm levado o sistema nervoso (cuja produtividade é infinita) a seu atual nível de desenvolvimento.”²²

Em “Pulsões e destinos da pulsão” (1915), Freud diferencia claramente o estímulo endógeno da própria pulsão. A pulsão seria o “representante psíquico” dos estímulos endógenos; seria a expressão psíquica de tais estímulos e não os próprios estímulos. A pulsão é definida aí da seguinte forma:

“(…) a “pulsão” nos aparece como um conceito fronteiro entre o psíquico e o somático, como um representante {Repräsentant} psíquico dos estímulos que provêm do interior do corpo e alcançam a alma, como uma medida da exigência de trabalho que é imposta ao psíquico em consequência de sua ligação com o corporal”.²³

Esse mesmo sentido fora atribuído ao conceito de pulsão em duas ocasiões anteriores: na terceira parte do caso Schreber²⁴ e em uma passagem agregada aos “Três ensaios...” poucos meses antes da redação do artigo metapsicológico sobre as pulsões.²⁵

²¹ PP, p.194.

²² AE, vol.14, p.116; SA, vol.3, p.84.

²³ AE, vol. 14, p.117; SA, vol. 3, p.85.

²⁴ AE, vol.12, p.68.

²⁵ AE, vol.7, p.153.

De acordo com tais definições, a pulsão seria algo que representaria os estímulos orgânicos no psíquico. Tendo em vista as hipóteses do “Projeto...”, as pulsões seriam as representações que se constituiriam em ψ do núcleo. No momento em que os estímulos endógenos, a partir do processo de somação, conseguissem ingressar no núcleo, surgiria uma pulsão, a qual representaria no psíquico uma necessidade corporal do organismo.

A partir do texto “A repressão”, contudo, a pulsão passa a ser concebida de uma outra forma: Freud passa a diferenciar entre ela e o seu representante psíquico. A pulsão seria o estímulo orgânico que é representado no psíquico pelo “representante de pulsão” (Triebsrepräsentanz), e não mais aquilo que representa os estímulos orgânicos no psíquico. Ela só se manifestaria neste último através desse seu representante. Freud parece manter essa segunda concepção de pulsão nos demais artigos metapsicológicos. Na seguinte passagem de “O Inconsciente”, ele explicita sua hipótese sobre a relação entre a pulsão e a representação:

“Uma pulsão nunca pode passar a ser objeto da consciência; só a representação que é sua representante pode sê-lo. Mas, tão pouco no interior do inconsciente pode estar representada a não ser pela representação. Se a pulsão não aderisse a uma representação nem saísse à luz como um estado afetivo, nada poderíamos saber dela. Então, sempre que falamos de uma moção pulsional inconsciente ou de uma moção pulsional reprimida, não é senão por um inofensivo descuido da expressão. Não podemos aludir se não a uma moção pulsional cujo representante-representação é inconsciente, pois outra coisa não entra em conta”.²⁶

Então, a partir do texto “A repressão”, a pulsão passa a ser concebida como algo que é representado no psíquico pela instância que Freud denomina “representante-representação”, definindo-se como um estímulo orgânico que é representado no psíquico. A noção de pulsão estaria, portanto, inteiramente no domínio do biológico; seria algo pertencente à esfera do biológico, que é ou pode ser representado no psíquico por uma representação. Quando a excitação pulsional ingressasse no domínio do psíquico, ela seria envolvida nos processos que correspondem às representações, ganhando assim expressão psíquica. Pensando nos termos do “Projeto...”, a pulsão

corresponderia ao estímulo endógeno antes deste ingressar em ψ do núcleo; quando este estímulo ingressasse no núcleo, ele produziria facilitações, as quais se associariam às representações-coisa que estariam sendo constituídas no manto de ψ simultaneamente à ocupação do núcleo. Esse complexo associativo entre as facilitações do núcleo e do manto que se constituem simultaneamente corresponderia a uma parte do representante de pulsão; o outro componente seria a “quota de afeto”. Em “A repressão”, Freud esclarece em que consistiria esse representante. Ele diz:

“Nas elucidações anteriores consideramos a repressão de um representante de pulsão, entendendo por aquela uma representação ou um grupo de representações ocupadas a partir da pulsão com uma determinada quota de energia psíquica (libido, interesse). Contudo, a observação clínica nos compele a decompor o que até aqui concebemos como unitário, pois nos mostra que junto a representação {Vorstellung} intervém algo diverso, algo que representa {räpresentieren} a pulsão e pode experimentar um destino de repressão totalmente diferente do da representação. Para este outro elemento do representante psíquico, tem adquirido carta de cidadania o nome de “quota de afeto”; corresponde à pulsão na medida em que esta tenha se separado da representação e encontrado uma expressão para sua quantidade em processos que tornam-se registráveis para a sensação como afetos”.²⁷

Freud está distinguindo, então, dois componentes do representante de pulsão : a representação e a “quota de afeto”. Essas seriam as duas formas pelas quais uma pulsão poderia se manifestar no psíquico. A representação continua sendo pensada da mesma forma desde o “Projeto...”: como a ocupação de traços mnêmicos; portanto, como um processo. Ali, os traços mnêmicos corresponderiam às facilitações; esta mesma hipótese parece estar pressuposta no capítulo 7. Nos artigos metapsicológicos, contudo, Freud não se manifesta a esse respeito. Ele apenas afirma, em “O Inconsciente”, que “*a representação consiste em ocupações – no fundo, de traços mnêmicos*”.²⁸ A quota de afeto parece corresponder ao aspecto quantitativo da pulsão. Mas o que seria o afeto?

²⁶ AE, vol.14, p.173; SA, vol.3, p.136.

²⁷ AE, vol.14, p.147; SA, vol.3, p.113.

²⁸ AE, vol.14, p.174; SA, vol.3, p.137.

O afeto parece ser pensado também de forma muito próxima ao “Projeto...”. Embora Freud utilize, em algumas ocasiões, o termo afeto em um sentido mais genérico – como correspondendo ao aspecto qualitativo da quantidade de energia pulsional²⁹ –, desde o “Projeto...” ele é pensado como o aspecto qualitativo de um processo específico que se dá no aparelho. Neste último texto, o afeto era concebido como o resultado de um aumento no nível de quantidade produzido a partir da rememoração de uma representação relacionada a uma vivência de dor. Para explicar como é possível que um aparelho, cuja tendência principal seria manter o nível de excitação o mais baixo possível, seja capaz de produzir quantidade, Freud introduziu a hipótese dos “neurônios-chave” ou “neurônios secretores”. Esses neurônios, quando ocupados a partir de uma representação, secretariam quantidade no aparelho. Quando ocorresse uma vivência de dor – isto é, uma irrupção muito intensa de quantidade exógena no aparelho – seria estabelecida uma facilitação entre as representações perceptivas relacionadas a essa vivência (Freud as chama de “representações de objetos hostis”) e os neurônios-chave. Posteriormente, a rememoração da representação hostil, devido a sua associação com os neurônios-chave, faria surgir no aparelho uma descarga de quantidade que produziria desprazer. Esse desprazer produzido pela ocupação dos neurônios-chave é o que Freud chamou de afeto.

No capítulo 6 de “A Interpretação dos sonhos”, na parte em que Freud discute o papel dos afetos no sonho, essa concepção de afeto do “Projeto...” parece ser retomada:

“Vejo-me obrigado a representar (...) o despreendimento de afeto como um processo centrífugo dirigido até o interior do corpo e análogo aos processos de inervação motora e secretória”.³⁰

Essa mesma hipótese sobre o afeto parece ser mantida também nos artigos metapsicológicos, como indica a seguinte passagem de “O Inconsciente”, já mencionada anteriormente:

“(...) as representações são ocupações – no fundo, de traços mnêmicos –, enquanto que os afetos e sentimentos correspondem a

²⁹ Laplanche e Pontalis referem-se apenas a esse sentido do termo no “Vocabulário de psicanálise”.

³⁰ AE, vol.5, p.465; SA, vol.2, p.451.

processos de descarga cujas exteriorizações últimas são percebidas como sensações”.³¹

Em uma nota de rodapé desse mesmo artigo, Freud especifica em que consistiria esse processo de descarga:

“A afetividade se exterioriza essencialmente em uma descarga motora (secretória, vasomotora) que provoca uma alteração (interna) do próprio corpo sem relação com o mundo exterior(...)”.³²

Parece difícil, assim, sustentar a interpretação de Laplanche e Pontalis (1998, p.9) segundo a qual o afeto seria a expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional em geral e das suas variações. Freud parece conceber o afeto como o efeito de um processo de descarga específico, semelhante àquele produzido pelos neurônios-chave do “Projeto”, e não como o aspecto qualitativo da energia pulsional, como sustentam Laplanche e Pontalis.

O representante de pulsão consistiria, assim, em uma representação que possuísse uma associação capaz de produzir o afeto – ou seja, uma associação com algo do tipo dos neurônios-chave do “Projeto...”. No entanto, não sabemos o porquê do estabelecimento de tal associação. Segundo Freud, a repressão poderia fazer com que a representação e o afeto tivessem destinos diferentes. O destino da representação seria sempre o mesmo: permanecer no inconsciente. Os destinos do afeto poderiam ser três: ser sufocado, vir à tona como um afeto qualitativamente distinto ou ser transposto em angústia. Em algumas ocasiões, Freud se refere ao destino dos dois componentes do representante de pulsão de uma forma que parece sugerir que a separação entre a representação e o afeto resultante da repressão consista na separação entre os traços mnêmicos e a excitação que os ocupa. Por exemplo, em “A Repressão”, ele diz: *quando formos descrever um caso de repressão teremos que rastrear separadamente o que, em virtude dela, foi feito da representação, por um lado, e da energia pulsional que adere a esta, por outro.*”³³ Mas, se fosse essa a hipótese sustentada por Freud, a repressão teria como consequência que a representação deixasse de existir – que ela permanecesse

³¹ AE, vol.14, p.174; SA, vol.3, p.137.

³² AE, vol.14, p.175; SA, vol.3, p.138.

³³ AE, vol.14, p.147; SA, vol. 3, p.113.

inativa – uma vez que, como Freud deixa claro em “O Inconsciente”, ela consistiria em ocupações de traços mnêmicos e que, portanto, esses traços sozinhos não seriam a representação, mas apenas representariam a possibilidade da mesma ressurgir. Então, se a repressão produzisse a separação entre a excitação e os traços mnêmicos, ela teria como conseqüência o desaparecimento da representação. Conseqüentemente, esta não poderia “continuar ativa no inconsciente” como Freud afirma que acontece. Além disso, se o objetivo da repressão fosse anular a representação, sempre que os traços mnêmicos fossem novamente ocupados a partir do interior do corpo, a repressão teria fracassado e teria que ser posta em ação novamente. Sem dúvida, não é disso que se trata, pois Freud repete inúmeras vezes que as representações reprimidas continuam ativas no inconsciente. Ele é bem claro sobre isso, ao dizer que *“a representação reprimida continua tendo capacidade de ação dentro do Icc; portanto, deve ter conservado sua ocupação. O subtraído deve ser algo diverso.”*³⁴

Na quarta parte do artigo metapsicológico sobre o inconsciente, Freud afirma o seguinte sobre os processos inconscientes:

“Em si e por si eles não são incognoscíveis, e ainda são insuscetíveis de existência, porque muito prematuramente ao sistema Icc se superpôs o Prcc, que tem arrastado até si o acesso à consciência e à motilidade.”³⁵

A menos que Freud estivesse querendo dizer que os processos inconscientes são insuscetíveis de existência para a consciência, essa passagem contradiz inúmeras outras nas quais ele repete que o reprimido permanece ativo no inconsciente e que as representações pertencentes ao sistema inconsciente continuam tendo capacidade de ação e se desenvolvendo com maior liberdade do que quando estavam incluída no Prcc. Tudo indica que, com a afirmação acima, Freud não queria dizer que os processos inconscientes são insuscetíveis de existência em si, tanto é que no início da seção seguinte à que contém a passagem acima, ele ressalta :

“Seria errôneo imaginar que o Icc permanece em repouso enquanto todo o trabalho psíquico é efetuado pelo Prcc, que o Icc é algo

³⁴ AE, vol.14, p.177; SA, vol.3, p.139.

periclitado, um órgão rudimentar, um resíduo do desenvolvimento. Ou supor que a comunicação entre os dois sistemas se limita ao ato da repressão, em que o Pccc lançaria ao abismo do Icc tudo o que lhe parecesse perturbador. O Icc é algo vivo, suscetível de desenvolvimento, e mantém com o Pccc toda uma série de relações(...).³⁶

É preciso supor, portanto, que, na repressão, a retirada da ocupação pré-consciente da representação faz com que esta perca o seu vínculo com a palavra e volte a ser integrada ao processo primário, isto é, que ela permaneça no inconsciente. Como, na normalidade, seria o Pccc que teria o controle da afetividade, ao ser excluída dos processos secundários a representação perderia também a sua associação para a afetividade, ou, ao menos o Pccc se esforçaria para isso. Em alguns casos, contudo, os processos inconscientes conseguiriam retomar o acesso à afetividade. Isso poderia dar-se de duas formas: diretamente, isto é, a afetividade seria evocada diretamente pela representação inconsciente e se manifestaria como angústia; ou indiretamente, por meio de uma representação substitutiva pré-consciente, isto é, por uma representação pré-consciente associada ao reprimido; neste caso, o afeto seria qualitativamente modificado de acordo com a representação substitutiva. Esses seriam, pois, dois dos destinos possíveis para o afeto após a repressão: ser transposto em angústia ou ser qualitativamente modificado. O primeiro deles poderia levar a um quadro de histeria de angústia, e o segundo, a um quadro de neurose obsessiva. Um outro destino possível para o afeto, segundo Freud, seria o sufocamento, isto é, ele não voltar a ser suscitado. Neste caso, a repressão teria sido bem sucedida, desde que a representação reprimida associada ao afeto não conseguisse se manifestar no pré-consciente por outro meio.³⁷ Então, dos três destinos possíveis para o afeto, só a sua sufocação seria uma consequência direta da repressão, os outros dois destinos seriam já manifestações do “retorno do reprimido”. Pelo que parece, toda repressão produziria inicialmente o sufocamento do afeto. No entanto, este pode continuar sufocado ou voltar a ser

³⁵ AE, vol.14, p.185; SA, vol.3, p.146.

³⁶ AE, vol.14, p.187; SA, vol.3, p.149.

³⁷ Haveria ainda a possibilidade de que a representação inconsciente transferisse sua excitação para uma inervação corporal – que ocorresse uma conversão –, se instalando, assim, um quadro de histeria de conversão.

suscitado de alguma das duas maneiras descritas. A seguinte afirmação de Freud, parece corroborar isso:

“É possível que o despreendimento do afeto parta diretamente do sistema Icc, em cujo caso tem sempre o caráter da angústia (...) Mas, com freqüência, a moção pulsional tem que aguardar até encontrar uma representação substitutiva no interior do sistema Cc. Depois, o desenvolvimento do afeto se faz possível a partir deste substituto consciente, cuja natureza determina o caráter qualitativo do afeto. Temos afirmado que na repressão se produz um divórcio entre o afeto e sua representação, depois do qual ambos vão ao encontro de seus destinos separados. Isto é insuperável desde o ponto de vista descritivo; mas o processo real é, por regra geral, que um afeto não faz sua aparição até que se tenha consumado a irrupção em uma nova substituição {Vertretung} do sistema Cc.”³⁸

Então, como, na normalidade, o Prcc dominaria a afetividade, a exclusão de uma representação do Prcc ou a sua manutenção fora deste, no caso do reprimido primordial, teria como consequência o impedimento, para tal representação, de evocar o afeto. A associação para o afeto continuaria existindo – e, portanto, a possibilidade de seu ressurgimento –, mas sem poder ser ativada. Ao discutir se há ou não afetos inconscientes, Freud procura esclarecer esse ponto. Ele diz o seguinte:

“(...) na comparação com a representação inconsciente surge uma importante diferença: após a repressão, aquela continua existindo no interior do sistema Icc como formação real, enquanto que aí mesmo ao afeto inconsciente corresponde apenas uma possibilidade de evocação, à qual não é permitido se desenvolver.”³⁹

O afeto, portanto, não poderia ser inconsciente no mesmo sentido em que a representação: ao contrário desta, ele não continuaria ativo no inconsciente, pois a associação entre a representação e a afetividade seria bloqueada devido à repressão. Esta, portanto, resultaria no sufocamento do afeto. Contudo, os processos inconscientes

³⁸AE, vol.14, p.175; SA, vol.3, p.138

³⁹AE, vol. 14, p.174; SA, vol.3, p.137.

tentariam continuamente retomar o acesso à afetividade e, em alguns casos, conseguiriam isso de uma das duas formas que discutimos anteriormente: direta ou indiretamente, por meio de uma representação substitutiva pré-consciente.

4) A relação entre os sistemas Icc e Prcc

A hipótese apresentada no capítulo 7 de que a diferença entre o Prcc e o Icc não se encontra presente desde a origem do aparelho psíquico é mantida nos artigos metapsicológicos. Inicialmente, só haveria o processo primário, e este envolveria apenas representações-coisa. Com a constituição das representações-palavra, uma parte das representações-coisa seriam sobre-ocupadas e, assim, surgiria um nível de organização mais elevado no aparelho – o processo secundário – e, dessa forma, seria estabelecida a distinção entre Icc e Prcc. No entanto, parte das representações-coisa não seriam associadas a palavras e continuariam sendo governadas pelo processo primário. Portanto, assim como ocorre no capítulo 7, após o estabelecimento do processo secundário, este passaria a predominar, mas o processo primário não seria suprimido por ele. Ambos os tipos de processos passariam a coexistir. As representações que nunca tivessem sido incluídas nos processos pré-conscientes – isto é, aquelas que tivessem sido alvo da repressão primordial – constituiriam o núcleo do sistema Icc. Formulamos a hipótese de que a própria sobre-ocupação de uma parte das representações-coisa pelas palavras seria o que manteria a outra parte delas excluída do Prcc, ou seja, seria aquilo que funcionaria como contra-ocupação para as representações excluídas do processo secundário. A sobre-ocupação das representações-coisa, que produz a emergência do Prcc, e a repressão primordial seriam, então, dois aspectos do mesmo processo. Essas representações que são objeto da repressão primordial formariam parte dos representantes de pulsão, e elas nunca teriam chegado a se integrar ao Prcc. Além de manter uma parte das representações no Icc e, portanto, sem acesso à Cc, os processos secundários passariam a governar a afetividade e interromperiam o acesso a esta por parte do Icc.

Ao reprimido primordial viria se acrescentar o reprimido propriamente dito, ou seja, aquelas representações pré-conscientes que, por terem sido associadas ao reprimido primordial – isto é, por terem se tornado derivados deste –, teriam se tornado também desprazerosas e excluídas do Prcc. O reprimido propriamente dito e o reprimido primordial formariam o conteúdo do Icc; este seria constituído por

representações-coisa que nunca teriam sido associadas a representações-palavra ou que perderam o vínculo com estas. Mas não bastaria uma representação pré-consciente ser ocupada partir do reprimido primordial para que ela fosse alvo da repressão propriamente dita: em alguns casos, as representações ocupadas a partir do Icc conseguiriam permanecer incluídas no processo secundário durante algum tempo ao menos. Segundo Freud, alguns dos derivados do reprimido primordial não seriam alvo da repressão propriamente dita, mas permaneceriam no Prcc e poderiam, às vezes, se tornar conscientes. Haveria duas condições para que as representações ocupadas a partir do Icc conseguissem permanecer incluídas nos processos secundários: uma primeira condição seria a existência de um certo distanciamento da representação em relação ao reprimido primordial – ou seja, a presença de certo número de desfigurações ou elos intermediários entre eles; outra condição seria que a intensidade da ocupação inconsciente da representação pré-consciente não excedesse um certo limite:

“(…) nem se quer é certo que a repressão mantenha afastados do consciente a todos os derivados do reprimido primordial. Se estes se distanciaram o suficiente do representante reprimido, seja pelas desfigurações que adotaram ou pelo número de elos intermediários que se intercalaram, têm, sem mais, livre o acesso ao consciente. É como se a resistência que o consciente lhes opusesse fosse uma função do seu distanciamento a respeito do originariamente reprimido.”⁴⁰

Freud diz não saber até onde esse distanciamento em relação ao reprimido primordial teria que chegar para que a representação pudesse permanecer incluída no processo secundário. No entanto, é certo que *“se trata de deter-se antes que se chegue a determinada intensidade na ocupação do inconsciente, superada a qual o inconsciente irromperia em direção à satisfação”*.⁴¹

Talvez esses dois fatores possam ser relacionados: quanto maior fosse a proximidade entre a representação reprimida e a pré-consciente, maior seria a intensidade da ocupação inconsciente desta última. Portanto, quanto mais elos intermediários houvesse entre as duas representações ou quanto maior a desfiguração, menor seria a intensidade da ocupação inconsciente da representação pré-consciente e

⁴⁰AE, vol. 14, p.144; SA, vol.3, p.110.

⁴¹AE, vol. 14, p.145; SA, vol.3, p.111.

maior seria a chance dela permanecer incluída no processo secundário e não se tornar alvo da repressão. Dessa forma, os derivados do reprimido conseguiriam permanecer incluídos nos processos secundários, se suas intensidades permanecessem abaixo de um certo limite, superado o qual eles seriam alvo da repressão propriamente dita.⁴²

Esses derivados do reprimido que conseguem permanecer no Prcc são aquelas representações a partir das quais se poderia mais facilmente chegar ao inconsciente na análise. A hipótese de Freud de que o Prcc nasce com a sobre-ocupação das representações-coisa pelas representações-palavra deixa claro que todo o Prcc – e, portanto, tudo o que pode se tornar consciente – tem suas raízes no inconsciente e está, em última instância, associado ao reprimido primordial. Por isso, em princípio, seria possível, partindo-se de uma representação qualquer consciente, chegar-se ao inconsciente, o que poderia ser alcançado mais facilmente, a partir dos derivados do reprimido primordial.

Então, a separação entre o Prcc e o Icc seria algo alcançado com um grande dispêndio de energia psíquica e a contra-ocupação seria o mecanismo usado pelo pré-consciente para isso. Na verdade, tal separação muito dificilmente – ou provavelmente nunca – poderia ser mantida totalmente, uma vez que os processos inconscientes tentariam continuamente ingressar no Prcc e, em alguns casos, conseguiriam permanecer aí ao menos durante certo tempo.

5) As propriedades dos sistemas Icc e Prcc

No “Projeto...”, como já comentamos anteriormente, aparece na teoria freudiana o conceito de um inconsciente dinâmico. Freud propõe, neste texto, que há um psíquico inconsciente e ativo, podendo este ser suscetível ou não de se tornar consciente. No capítulo 7, Freud acrescenta a isso a hipótese de que os processos inconscientes e insuscetíveis de se tornarem conscientes possuem características diferentes daquelas presentes nos processos suscetíveis de consciência. Portanto, o inconsciente não é apenas algo ativo que coexiste com os processos conscientes, mas também algo que possui propriedades particulares. Para representar essas propriedades particulares, Freud introduz a distinção tópica entre os sistemas Prcc e Icc e sustenta que esses dois

⁴² A repressão propriamente dita incidiria sobre os derivados do reprimido primordial. Esses derivados do reprimido primordial excluídos do Prcc poderiam voltar a ingressar nesse último

sistemas correspondem, na verdade, a dois tipos de processos: os processos secundários e os primários. Segundo essa distinção, a diferença essencial entre o psíquico insuscetível e o psíquico suscetível de consciência é que, nos processos correspondentes ao primeiro, a excitação se encontraria em estado livre, enquanto que, nos processos correspondentes ao segundo, ela se encontraria em estado ligado. No artigo metapsicológico sobre o inconsciente, Freud acrescenta a essas hipóteses a idéia de que é o vínculo com a palavra que produz o ligamento da excitação e que, portanto, faz surgir o processo secundário, ou o Prcc. Desde o “Projeto...”, já estava presente a hipótese de que a constituição das representações-palavra é que tornaria uma parte dos processos de pensamento capazes de despertar a consciência; que seria a palavra que permitiria a rememoração. No entanto, no “Projeto...”, o estado ligado não resultaria da associação com as palavras: Freud não formula aí a hipótese de que seriam estas que instaurariam o processo secundário. No capítulo 7, Freud faz certas afirmações que nos permitem inferir essa relação entre a palavra e o processo secundário; contudo, só em “O inconsciente”, ele estabelece, de fato, a dependência do estado ligado em relação à palavra.

Freud dedica uma seção do artigo “O Inconsciente” às propriedades particulares do sistema Icc. A primeira delas seria o estado livre da excitação. Ao comentar a distinção entre o estado livre e o ligado da excitação, a qual consistiria no fundamento da distinção entre o Prcc e o Icc, Freud diz o seguinte: “ *Creio que esta distinção continua sendo até hoje nosso entendimento mais profundo sobre a essência da energia nervosa e não vejo como poderíamos prescindir dela.*”⁴³ Essa afirmação de Freud, mais uma vez, indica que ele não abandonou a hipótese de que os processos psíquicos sejam processos nervosos.

O estado livre da excitação seria a principal característica própria do inconsciente; na verdade, parece que todas as demais decorreriam desta. Outra propriedade do Icc, que também já havia sido mencionada no capítulo 7, seria a ausência de temporalidade. Freud especifica que isso quer dizer que os processos inconscientes não estão ordenados de acordo com relações temporais e que eles não são modificados pelo transcorrer do tempo:

sistema. Esse seria o caso em que ocorreria um “retorno do reprimido”.

⁴³AE, vol.14, p.147; SA, vol.3, p.147.

“Os processos do sistema Icc são atemporais, quer dizer, não estão ordenados conforme o tempo, não se modificam pelo transcurso deste, nem, em geral, têm relação alguma com ele. Também a relação com o tempo segue do trabalho do sistema Cc.”⁴⁴

Ao comentarmos o capítulo 7, formulamos a hipótese de que a ausência da idéia de tempo seria conseqüência da indestrutibilidade dos processos inconscientes e que essa indestrutibilidade, por sua vez, resultaria do estado livre da excitação. A ligação da excitação seria o processo através do qual as representações e os afetos perderiam sua intensidade e se desvaneceriam gradativamente, fazendo com que surgisse a distinção entre o passado e o presente. No inconsciente só haveria o presente; o passado existiria apenas para o Pcc.

A submissão total ao princípio do prazer é mencionada como outra das características particulares dos processos do sistema Icc, a qual também já havia sido mencionada no capítulo sete: representações capazes de evocar desprazer estariam completamente excluídas dos processos primários. Além disso, tais processos não levariam em consideração as exigências do mundo externo. Só após a sua inibição – isto é, após a ligação de uma parte da excitação –, o mundo externo passaria a ser levado em consideração. O Icc, portanto, estaria totalmente imerso na realidade psíquica e ignoraria completamente a realidade exterior.

Freud menciona ainda, nos artigos metapsicológicos, duas outras características próprias aos processos do sistema inconsciente: a ausência de negação e a ausência de contradição, esta última resulta logicamente da primeira, pois, sem a negação, não é possível haver contradição. Segundo Freud, a negação seria introduzida pelo trabalho da censura entre Pcc e Icc. Ela seria, diz ele, “um substituto da repressão de nível mais alto”.⁴⁵

Não haveria negação no Icc porque neste sistema não haveria palavras nem relações verbais, e a negação só existiria na linguagem. Sem esta última, não seria possível haver negação e, conseqüentemente, não seria possível haver contradição. As relações lógicas surgiriam com o estabelecimento da linguagem, estando presentes, portanto, apenas nos processos pré-conscientes. Então, no Icc, representações, que do

⁴⁴ AE, vol. 14, p.184; SA, vol.3, p.145.

⁴⁵ AE, vol. 14, p.183.

ponto de vista do Prcc são contraditórias, coexistiriam sem se influenciarem, sem entrarem em conflito.

No texto de 1925, “A negação”, Freud desenvolve a afirmação do artigo ‘O Inconsciente’, segundo a qual a negação seria o substituto da repressão de nível mais alto. É possível que o reprimido consiga permanecer no Prcc, diz ele, desde que seja negado. Assim, a negação seria uma alternativa do Prcc para lidar com o que é desprazeroso, sem reprimi-lo ou sem mantê-lo reprimido. O que viria à consciência, nesse caso, seria a negação daquilo que não é aceito. Dessa forma, mesmo não sendo aceito, o reprimido conseguiria se tornar consciente, pois devido a sua negação, o desprazer por ele produzido seria evitado. Freud afirma, em 1925: “*A negação é um modo de tomar conhecimento do reprimido; na verdade, já é um cancelamento da repressão, ainda que não, está claro, uma aceitação do reprimido*”.⁴⁶ Esse processo parece estar na base do mecanismo da “formação reativa” descrito por Freud.

Então, resume Freud, os traços que se deve esperar encontrar nos processos pertencentes ao sistema Icc seriam: “ausência de contradição, processo primário (mobilidade das ocupações), caráter atemporal e substituição da realidade exterior pela psíquica”.⁴⁷

Em contrapartida, os processos que constituem o Prcc seriam processos secundários e, portanto, estariam submetidos ao princípio de realidade, isto é, transcorreriam levando em consideração as exigências do mundo externo. A principal característica do Prcc seria o estado ligado da excitação e a submissão ao princípio de realidade. Desde o “Projeto...”, o processo secundário é pensado como um tipo de funcionamento que surge no aparelho devido à necessidade de se levar em consideração o mundo externo e, assim, propiciar a satisfação das necessidades orgânicas e a fuga da dor. Isso é o que imporia a realidade externa à realidade psíquica, a única da qual o inconsciente teria conhecimento.

Como conseqüência do estado ligado da excitação, no Prcc as representações estariam ordenadas de acordo com o tempo. Além disso, as representações pré-conscientes influenciariam umas às outras; haveria, diz Freud, capacidade de comunicação entre as representações. Ao contrário do que ocorreria no Icc, duas representações contraditórias não coexistiriam pacificamente, mas entrariam em

⁴⁶ AE, vol.19, p.253; SA, vol. 3, p.373.

⁴⁷ AE, vol.14, p.184; SA, vol.3, p.146.

conflito, o que acabaria provocando a exclusão de uma delas do Prcc. A capacidade das representações de se influenciarem umas às outras resultaria da presença de relações lógicas no Prcc, o que, por sua vez, resultaria da presença de representações-palavra nesse sistema. Na verdade, assim como todas as propriedades do Icc parecem decorrer do estado livre da excitação nesse sistema, as propriedades do Prcc decorreriam direta ou indiretamente da presença das palavras. Até certo ponto, isso é evidente pois as palavras é que fariam emergir o sistema Prcc. A presença de relações lógicas, das quais resultaria a capacidade de comunicação entre as representações e a possibilidade delas se tornarem conscientes, resultariam diretamente do vínculo com as palavras. A temporalidade e a possibilidade de levar em conta a realidade externa resultariam do estado ligado da excitação; portanto, resultariam indiretamente das palavras.

Freud aponta ainda como propriedades do sistema Prcc-Cc *“a introdução de uma censura ou de várias”* e o *“exame de realidade”*. Como já comentamos anteriormente, no artigo *“O Inconsciente”*, onde Freud distingue entre as propriedades do Icc e as do Prcc, ele ainda não diferenciou entre os sistemas Prcc e Cc. Quando tal distinção é estabelecida, no artigo *“Complemento metapsicológico à doutrina dos sonhos”*, o exame de realidade e as censuras são mencionados como sendo funções do sistema Cc. No entanto, logo em seguida nesse mesmo artigo, Freud as atribui ao eu. Como comentaremos adiante, o eu não pode coincidir com o Prcc, nem com o Cc; na verdade, embora Freud se refira a ele em algumas ocasiões, não é possível situá-lo com precisão na tópica. Essa ambigüidade de Freud quanto ao agente do exame de realidade e da censura não nos permite atribuir tais funções ao Prcc nem ao Cc; o que se sabe é que a atividade pré-consciente, por estar submetida ao princípio de realidade, tem como condição o exame de realidade.⁴⁸ Todas as demais propriedades permanecem, após ser estabelecida a distinção entre Prcc e Cc, pertencentes ao primeiro sistema.

Resta-nos, então, discutir o papel que o sistema responsável pela consciência exerceria no aparelho.

⁴⁸ Segundo Freud, o critério usado para estabelecer a realidade de uma representação perceptiva seria a possibilidade de modificá-la mediante uma ação motora. Aquilo que a ação fosse capaz de alterar seria atribuído ao mundo externo, seria considerado real pelo eu, enquanto que aquilo que não fosse passível de modificação pela ação seria considerado parte do eu.

6) Representação e consciência nos artigos metapsicológicos

Comentamos anteriormente que Freud hesita, nos artigos metapsicológicos, em distinguir entre os sistemas Prcc e Cc. Em “O Inconsciente”, ele afirma que um ato psíquico em geral passaria por duas fases, entre as quais operaria como seletor um tipo de exame, uma censura. Na primeira fase, tal ato seria inconsciente e pertenceria a este sistema. Se não fosse rejeitado pela censura, ele passaria para a segunda fase, passaria a integrar o sistema Cc e, caso contrário, caso fosse recusado pela censura, permaneceria como reprimido no Icc. No primeiro caso, o processo psíquico não seria ainda consciente, mas “susceptível de consciência”, isto é, poderia ser objeto da consciência sempre que se apresentassem certas condições. Devido a essa suscetibilidade de consciência, diz ele, chamamos ao sistema da consciência também de “pré-consciente”. Freud, nesse ponto, apresenta sua dúvida quanto a diferenciar ou não entre os sistema Prcc e Cc:

“Se se chegasse a averiguar que o tornar-se consciente do pré-consciente é, por sua vez, co-determinado por uma certa censura, deveríamos isolar entre si com rigor os sistema Prcc e Cc. Provisoriamente basta estabelecer que o sistema Prcc participa das propriedades do sistema Cc, e que a censura rigorosa está em função na passagem do Icc ao Prcc (ou Cc).”⁴⁹

Adiante, nesse mesmo artigo, Freud conclui que, de fato, é preciso supor a presença de uma censura também entre o Prcc e o Cc, ou seja, que os processos suscetíveis de consciência (os pré-conscientes) tenham que superar uma censura para se tornarem conscientes. Mas, apesar de, já no artigo sobre o inconsciente, Freud reconhecer que é preciso supor a presença dessa censura atuando sobre os processos pré-conscientes – a qual decidiria sobre o tornar-se consciente e implicaria distinguir os sistema Prcc e Cc – ele continua se referindo a esses dois sistema indistintamente. Ele ainda se refere ao sistema “Prcc(Cc)” ou “Cc(Prcc)”. Somente a partir do artigo “Complemento metapsicológico a doutrina dos sonhos”, o penúltimo dos artigos metapsicológicos a ser escrito, ele passa a diferenciar, de fato, entre os dois sistemas.

⁴⁹ AE, vol.14, p.169; SA, vol.3, p.132.

Nesse texto, ele reconhece que até então não havia separado claramente entre os dois sistemas e que é preciso fazê-lo.

Ao passar a tratar o sistema Cc como um sistema independente do pré-consciente, Freud passa a se referir ao sistema Cc (P). Não fica claro, no entanto, se ele está identificando os dois sistemas, se Cc e P seriam o mesmo sistema, ou se ambos estariam apenas ligados. De qualquer forma, há uma nítida modificação em relação ao que é proposto no capítulo 7. Nesse último texto, como vimos, o sistema P e o sistema Cc se localizavam cada um em uma das extremidades do aparelho. Agora, Freud passa a se referir a eles como se fossem um único sistema ou, então, como se fossem dois sistemas ligados. Mas onde esse sistema Cc (P) estaria situado? No lugar correspondente a P na tópica do capítulo 7? Ou na extremidade oposta, correspondente a Cc? Ou ambas as extremidades estariam ligadas, de forma que Cc(P) estaria conectado tanto ao sistema Icc quanto ao sistema Prcc? Essa última hipótese parece ser a mais frutífera para a teoria mas Freud não esclarece essa questão.⁵⁰ Contudo, sabemos que o sistema Cc (P) tem que estar ligado ao Prcc, pois foi justamente a existência de uma censura entre ambos que levou Freud a distingui-los; portanto, a primeira alternativa parece poder ser descartada.

Como já comentamos, nos artigos metapsicológicos, Freud é bastante ambíguo quanto à localização do sistema P. Ele ora o situa ao lado do Prcc-Cc, propondo que a atividade psíquica siga dois circuitos opostos: um que parte dos estímulos externos e segue pelo Prcc-Cc até chegar ao sistema Icc, e outro que parte das pulsões e alcança Cc por intermédio do Icc.⁵¹ Ora ele situa P ao lado do sistema Icc, assim como no capítulo 7, e sustenta que os estímulos externos alcançariam P, seguiriam pelo Icc, pelo Prcc e, enfim, alcançariam o sistema Cc. A identificação entre Cc e P e a união dos dois pólos do aparelho resolveria a questão da localização de P, pois colocaria tal sistema em ligação tanto com o sistema consciente e o pré-consciente, quanto com o inconsciente. Contudo, o percurso da excitação pelos sistemas continuaria indefinido, assim como a relação entre a consciência e a percepção. Esta se tornaria consciente imediatamente, uma vez que P e Cc seriam o mesmo sistema ou estariam ligados? Mas, nesse caso, a

⁵⁰ Em uma nota agregada em 1919 ao capítulo 7, Freud diz: “A posterior ampliação desse esquema de desenvolvimento linear deverá incluir a suposição de que o sistema que segue ao Prcc é aquele ao qual temos que atribuir a consciência, vale dizer, P = Cc”. (AE, vol. 14, nota 11, p.535). Nessa passagem, Freud parece estar propondo a junção das duas extremidades do aparelho. No entanto, nos artigos metapsicológicos, isso ainda não fica claro.

⁵¹ AE, vol.14, p.200.

consciência precederia a representação? Parece não ser essa a hipótese de Freud, pois um pouco antes de estabelecer a separação entre o Prcc e o sistema Cc e de associar este último a P no texto “Complemento metapsicológico à doutrina dos sonhos”, Freud volta a afirmar sua hipótese do capítulo 7, segundo a qual todo conteúdo perceptivo seria submetido à elaboração secundária antes de se tornar consciente, o que implica que a excitação proveniente do mundo externo, antes de alcançar Cc, passaria pelo Icc e pelo Prcc. Essa hipótese poderia ser conciliada com a união das duas extremidades do aparelho, pois P estaria ligado ao Icc, e o percurso da excitação, no caso das percepções, poderia continuar sendo o mesmo proposto no capítulo 7, isto é, P-Icc-Prcc-Cc. Só que isso só seria possível se os sistemas P e Cc não estivessem sendo identificados de fato, uma vez que essa identificação implicaria que as percepções se tornassem conscientes imediatamente, sem serem elaboradas. Se essa fosse a hipótese sustentada por Freud – de que P e Cc não são o mesmo sistema, mas apenas estão em conexão e que o percurso da excitação continua sendo o mesmo do capítulo 7 – surgiriam algumas modificações no modo de conceber a formação do sonho e a rememoração.

No capítulo 7, Freud havia concebido o sonho como possuindo uma primeira etapa em sentido progressivo, na qual as moções de desejo inconscientes se associariam a conteúdos pré-conscientes, uma segunda etapa em sentido regressivo, na qual o processo onírico seria transposto em percepções, e uma última etapa, novamente em sentido progressivo, na qual o conteúdo do sonho sofreria a elaboração secundária e acabaria, enfim, conseguindo se impor à consciência. A rememoração, por sua vez, possuiria uma primeira etapa regressiva, do Prcc até P e uma segunda etapa progressiva, de P até Cc. Com a união das duas extremidades do aparelho, essa última etapa do sonho e da rememoração poderia ser descartada, uma vez que P estaria diretamente ligado a Cc. Dessa forma, o curso dos processos se tornaria menos tortuoso, embora a elaboração secundária, no caso do sonho, tivesse que ser explicada de outra forma. Contudo, a ambigüidade de Freud quanto à relação entre a percepção e os processos psíquicos não nos permite concluir nada de definitivo a respeito da relação entre tais processos, a consciência e a percepção. Ao contrário do que faz a respeito dos sistemas Prcc e Icc, Freud não esclarece quais seriam as características do sistema Cc (P). A relação entre a representação e a consciência torna-se, nos artigos metapsicológicos, muito mais obscura que no “Projeto...” e no capítulo 7, provavelmente porque Freud pretendia publicar um outro artigo que trataria exclusivamente da consciência.

Ao comentarmos o capítulo 7, observamos que Freud não especifica aí, ao contrário do que ocorre no “Projeto...”, qual seria o mecanismo pelo qual as representações-palavra possibilitariam a consciência; no entanto, ele afirma que a rememoração comum consiste em um processo regressivo. Na carta 52, ele havia dito que a consciência do pensamento resultaria da reanimação alucinatória da palavra, uma vez que a reativação alucinatória das representações é pensada, no capítulo 7, como consistindo em um processo regressivo, do Prcc a P, e que seria a palavra que possibilitaria a rememoração, tudo indica que a reativação alucinatória das palavras seria o mecanismo pelo qual o pensamento poderia se tornar consciente. Mas, nesse caso, como argumentamos, não seria possível compreender por que a consciência do pensamento dependeria da palavra, uma vez que as representações-coisa, como acontece no sonho, poderiam também ser transpostas em percepções. Nos artigos metapsicológicos Freud levanta essa questão. Ele diz:

“As representações-palavra provêm, por sua parte, da percepção sensorial da mesma maneira que as representações-coisa, de modo que poderíamos colocar essa pergunta: Por que as representações-objeto não podem se tornar conscientes por meio de seus próprios restos de percepção?”⁵²

A resposta de Freud é a seguinte:

“É que provavelmente o pensar se desenvolve dentro de sistemas tão distanciados dos restos de percepção originários que nada conservaram de suas qualidades e, para se tornarem conscientes, necessitam de um reforço de qualidades novas. Além disso, mediante o enlace com palavras, podem ser providos de qualidade mesmo aquelas ocupações que não puderam levar consigo qualidade alguma das percepções, porque correspondiam a meras relações entre as representações-objeto.”⁵³

Freud reconhece que a hipótese de que a palavra permite a consciência ao ser transposta em percepção deixa em aberto a questão de por que as representações-coisa

⁵² AE, vol.14, p.198; SA, vol.3, p.160.

não poderiam se tornar conscientes sem o auxílio da palavra, visto que também poderiam ser transpostas em percepções, como ocorre na alucinação. Além disso, é preciso reconhecer que há coisas no psíquico que se tornam conscientes mesmo sem nunca terem sido percepções, como as relações entre as representações. Isso implica que deve haver alguma propriedade exclusiva das palavras que justificasse a dependência da rememoração em relação a elas; em outras palavras, que deve haver alguma propriedade exclusiva da palavra que a torne capaz de produzir qualidades, de atribuir qualidade mesmo àquilo que nunca foi percepção. Freud não apresenta, no entanto, nenhuma hipótese sobre qual seria essa propriedade da palavra. Notemos que a hipótese do “Projeto...”, de que o elemento cinestésico da palavra é que possibilitaria a consciência por produzir percepções no aparelho, era muito menos problemática que sua hipótese posterior, pois atribuía a uma característica exclusiva das representações-palavra a capacidade de fazer surgir qualidade no aparelho. Na verdade, a hipótese do “Projeto...” parecia resolver a questão. No entanto, nos artigos metapsicológicos, Freud não volta a se referir à ela. Ele continua, nesses artigos, concebendo a possibilidade de rememoração de uma representação como sendo dependente da associação com representações-palavra, mas parece não possuir uma hipótese definida sobre como isso se daria.

Deste modo, Prcc e Cc passam a ser considerados como dois sistemas diferentes. Sabemos que o Prcc corresponde aos processos secundários e que tais processos são suscetíveis de se tornarem conscientes devido ao seu vínculo com representações-palavra. Assim como no capítulo 7, não bastaria estar associado à palavra – isto é, pertencer ao processo secundário – para, de fato, despertar a consciência. A representação-palavra tornaria os processos suscetíveis de consciência, mas uma parte desses processos teria que vencer uma censura para se tornar consciente. Parte do conteúdo do Prcc estaria submetido a essa censura, a saber, aquele setor que consiste em derivados do reprimido primordial. O restante do conteúdo do Prcc seria suscetível de consciência sem censura:

“Um setor muito grande deste pré-consciente provém do inconsciente, tem o caráter de seus derivados e sucumbe a uma

⁵³AE, vol.14, p.199; SA, vol.3, p.160.

censura antes que possa se tornar consciente. Outro setor do Pcc é suscetível de consciência sem censura.”⁵⁴

Freud restringe, então, em 1915, a ação da censura – só os derivados do reprimido estariam a ela submetidos. Esses derivados do inconsciente poderiam ou não sucumbir à repressão propriamente dita. Aqueles que escapassem à repressão permaneceriam submetidos à censura situada entre o Pcc e o Cc; dela dependeria se eles conseguiriam ou não se tornar conscientes. Vimos que, já no capítulo 7, Freud havia mencionado a existência de uma censura entre os sistema Pcc e Cc, a qual, segundo ele, atuaria sobre processos com intensidade que ultrapassasse certo limite; abaixo deste limite, os processos pré-conscientes não poderiam se tornar conscientes. Sobre a relação entre a censura e a intensidade dos processos, Freud afirma, nos artigos metapsicológicos, que aqueles derivados do inconsciente que superassem certa intensidade sucumbiriam à repressão, pois, caso contrário, conseguiriam se impor à Cc. Essa afirmação nos sugere duas coisas: primeiro, que o que se torna alvo da repressão propriamente dita é aquele processo derivado do reprimido primordial que atinge certa intensidade; segundo, que a intensidade do processo pré-consciente, de alguma forma, está relacionada com o tornar-se consciente. Processos muito intensos necessariamente se imporiam à consciência; a censura seria incapaz de contê-los.

Freud volta a se referir ao mecanismo da “atenção” nos artigos metapsicológicos. No “Projeto...”, ele havia formulado a hipótese de que a percepção consciente de uma representação dependeria, além do despertar de signos de qualidade, da focalização de tais signos pela atenção. Esta seria um mecanismo do eu, que consistiria na ocupação dos signos de qualidade. No capítulo 7, embora Freud não retome a hipótese dos signos de qualidade, ele volta a mencionar o mecanismo da atenção e passa a considerá-lo como uma função do sistema Pcc. Em “O Inconsciente”, Freud parece propor que haveria uma relação entre o mecanismo da atenção e a censura entre o sistema Pcc e Cc. Ele afirma:

“(…) muito do que participa das propriedades do sistema Pcc não se torna consciente; e todavia chegaremos a saber que certas orientações da atenção deste sistema são restritivas do tornar-se consciente”.⁵⁵

⁵⁴AE, vol.14, p.188; SA, vol.3, p.150.

Essa afirmação de Freud sugere que o que seria censurado na barreira entre o P_{cc} e o C_c seria aquilo que não fosse alvo da atenção, e a afirmação abaixo sugere que a atenção continua sendo concebida de forma muito próxima ao “Projeto...”:

“(…) a existência da censura entre entre P_{cc} e C_c nos adverte que o tornar-se consciente não é um mero ato de percepção, mas que provavelmente se trata também de uma sobre-ocupação, um posterior progresso da organização psíquica”.⁵⁶

No “Projeto...”, o mecanismo da atenção é pensado como uma sobre-ocupação dos signos de qualidade que se constituem no sistema ψ . Para uma representação se tornar consciente, não bastaria ela despertar os signos de qualidade, seria necessário também que esses signos fossem focalizados pelo mecanismo da atenção. As afirmações acima sugerem que Freud continua concebendo a relação entre a representação e a consciência de forma muito semelhante em 1915. As representações pré-conscientes censuradas seriam aquelas que, embora possuísem todos os requisitos necessários para se tornarem conscientes, não fossem focalizadas pela atenção. Dessa forma, Freud teria mantido a hipótese de que o tornar-se consciente depende, entre outras coisas, da focalização das representações pelo mecanismo da atenção.

Em algumas ocasiões, ao longo dos artigos metapsicológicos, Freud volta a se referir ao eu. Na carta 52 e no capítulo 7, como vimos, o conceito de eu praticamente tinha desaparecido da teoria. Com a consolidação da primeira dualidade pulsional e, depois, com a introdução do conceito de narcisismo, o eu volta a ganhar espaço na teoria freudiana; contudo, fica claro que Freud não consegue conciliar o eu com sua hipótese sobre a estrutura do aparelho psíquico; dito de outra forma, não consegue inseri-lo no esquema da primeira tópica. Em nenhum momento, nos artigos de 1915, Freud formula uma hipótese sobre em que consistiria o eu, nem estabelece nenhuma relação precisa entre ele e as três instâncias. Como aponta Mezan: “*O conceito de ego, alimentado de várias direções, espraia-se pelos territórios do pré-consciente e do inconsciente(…)*”. (1991, nota 88, p.219)

⁵⁵AE, vol. 14, p.189; SA, vol.3, p.151.

⁵⁶AE, vol.14, p.190; SA, vol.3, p.152.

No artigo “Complemento metapsicológico à doutrina dos sonhos”, Freud aponta que a censura entre os sistemas e o exame de realidade seriam funções do eu. Um pouco antes de fazer tal afirmação, nesse mesmo artigo, ele afirma que o sistema Cc seria o responsável pelo exame de realidade. De imediato, isso poderia nos sugerir que o eu corresponde à Cc; no entanto, logo em seguida, Freud afirma que o eu ocupa o sistema Cc (P), assim como ocupa os sistemas Prcc e Icc⁵⁷, o que implica que ele não pode corresponder a nenhum desses três sistemas. Na verdade, ele teria que estar situado fora da tópica.

As funções do eu e a sua situação tópica permanecem, portanto, totalmente obscuras. Como se sabe, a necessidade de reintroduzir o eu na tópica psíquica foi um dos motivos que levou Freud a rever sua teoria e a formular a hipótese da segunda tópica. Os artigos de 1915 já parecem consistir numa primeira tentativa de revisão da primeira teoria do aparelho psíquico, a qual deixa bem claro os seus limites. O eu, a percepção e a consciência parecem ser os conceitos mais problemáticos para Freud nesse período de sua teoria.

Considerações finais

O que podemos concluir, a partir da análise do período da obra freudiana tratado neste capítulo, a respeito das principais questões que norteiam essa tese?

Na segunda parte do artigo metapsicológico sobre o inconsciente, Freud volta a declarar sua intenção de deixar de lado a relação entre o aparelho psíquico e a anatomia do sistema nervoso; contudo, ele enfatiza que essa é uma postura “provisória”. Assim como no capítulo 7, não há nada que indique que ele tenha abandonado sua hipótese de que os processos psíquicos inconscientes sejam processos que ocorrem no sistema nervoso. No texto de 1913, “O Interesse pela psicanálise”, e no artigo metapsicológico sobre o inconsciente, Freud expõe de maneira bem clara os motivos que o levaram a abordar os processos psíquicos inconscientes a partir de um referencial psicológico. Hoje, diz ele, não parece haver possibilidade de abordar tais processos enquanto processos físicos, mas é possível descrevê-los a partir das categorias da psicologia da

⁵⁷ Freud diz que no sonho os três sistemas seriam parcialmente desocupados pelo eu.

consciência e, então, é preciso adotar esse tipo de abordagem. Novamente fica claro que essa decisão não decorreu de alguma hipótese nova sobre a natureza do psíquico inconsciente, mas sim da sua conveniência e viabilidade. Em várias passagens, como vimos, Freud expressa sua crença em que um dia “as provisoriiedades psicológicas se assentem no terreno dos substratos orgânicos”. Tudo isso nos permite concluir que também não houve, nesse período da teoria freudiana, nenhuma alteração na posição de Freud quanto à natureza física do psíquico inconsciente e quanto ao estatuto da metapsicologia.

No capítulo 7, Freud introduz a hipótese de que o sistema Icc corresponda aos processos primários, enquanto que o sistema Prcc corresponderia aos processos secundários. Com isso, ele estabelece propriedades distintivas entre o psíquico suscetível e o insuscetível de se tornar consciente. As características distintivas entre os processos pré-conscientes e os inconscientes – algumas das quais já são mencionadas no capítulo 7, enquanto outras podem ser inferidas a partir desse texto – também são explicitadas em 1915. No artigo metapsicológico sobre o inconsciente, Freud introduz a hipótese de que é a constituição da representação-palavra que faz emergir o processo secundário: quando as representações-coisa fossem sobreocupadas pela palavra emergiria um nível de organização mais elevado, que corresponderia ao Prcc. A representação-palavra é que seria, então, a responsável pelo ligamento de uma parte da excitação em estado livre. Parte das representações-coisa, contudo, não receberia esse sobre-ocupação da palavra; esta parte constituiria o “reprimido primordial”. É possível inferir do texto que é essa sobre-ocupação de uma parte das representações-coisa que funcionaria como contra-ocupação para as demais representações e que, nos termos do “Projeto...”, as representações-coisa ocupadas por representações-palavras funcionariam como ocupações laterais para aquelas que não possuísem tal sobre-ocupação. Essas representações desde a origem inconscientes constituiriam apenas uma parte do Icc; neste se encontrariam também as representações que tivessem sido alvo da “repressão propriamente dita” – isto é, aquelas que foram pré-conscientes, mas que, por terem entrado em associação com o reprimido primordial e por terem adquirido certa intensidade, foram posteriormente desocupadas pelas palavras. Desde o “Projeto...”, podemos inferir que as representações insuscetíveis de se tornarem conscientes são representações-coisa – ou representações-objeto como as chama Freud em 1891 – que não possuam vínculo com palavras, mas é apenas nos artigos metapsicológicos que Freud expõe essa hipótese claramente.

No capítulo 7, Freud havia dito que uma parte das “moções de desejo infantis” nunca chegaria a integrar o sistema Prcc. Essas moções formariam o núcleo do inconsciente e seriam pré-condição para a repressão. Nos artigos metapsicológicos, Freud chama essas moções de desejo, primeiro, de pulsões e, depois, de representantes de pulsão, e esta última é a hipótese que prevalece. Os representantes de pulsão teriam assim sido alvo da repressão primordial. Apenas com a introdução desta última hipótese, passa a ser possível afirmar que o sistema inconsciente seria constituído pelo reprimido, desde que se entenda por isso o conjunto formado pelo reprimido primordial e o reprimido propriamente dito. Nos artigos metapsicológicos, Freud sugere que a repressão primordial atua sobre os representantes de pulsões sexuais. Estas e as representações que, por terem se tornado derivadas delas, tivessem sido alvo da repressão propriamente dita formariam, então, o conteúdo do Icc.

Nos artigos metapsicológicos, assim como no capítulo 7, não parece ter havido mudança nas hipóteses freudianas sobre a função que a consciência exerce nos processos psíquicos. As condições que tornariam um processo psíquico apto a se tornar consciente parecem também terem sido mantidas. Freud apenas especifica que a censura entre Prcc e Cc atua sobre os derivados do reprimido e parece sugerir que o mecanismo da atenção é o agente censorador nesse caso. A principal mudança em relação ao capítulo 7 e ao “Projeto...” parece ser o obscurecimento da relação entre a consciência, a percepção e a representação. Freud possuía uma hipótese mais clara sobre isto em 1895 e em 1900, mas, em 1915, essa hipótese está sendo questionada.

Como vimos, Freud situa a percepção ora em um ora em outro dos extremos do aparelho. Quando passa a distinguir de fato entre os sistemas Prcc e Cc, ele começa a se referir ao sistema Cc (P), o que indica que a percepção e a consciência ou são o mesmo sistema ou estão conectadas. Com isso, fica claro que Freud não situa mais a percepção no extremo oposto ao que estaria situado o sistema Cc, como o faz no capítulo 7, mas não sabemos se ele uniu as duas extremidades do aparelho ou se ele apenas deslocou a percepção para o extremo oposto. No segundo caso, estaria sendo pressuposto que as percepções se tornariam conscientes antes de serem representadas, ou seja, que a consciência da percepção precede a constituição da representação. No primeiro, tanto poderia ter sido mantida a hipótese anterior de que a informação sensorial percorre todos os sistemas antes de se tornar consciente, quanto poderia estar sendo pressuposto que a consciência da percepção precede a representação. A afirmação de Freud segundo a qual todo conteúdo perceptivo seria elaborado antes de se tornar consciente, parece

indicar que ele não passou a adotar essa última hipótese. No entanto, como as suas afirmações são contraditórias neste ponto não é possível concluirmos nada de definitivo a esse respeito. Ficamos com a impressão de que Freud não sabe muito bem o que fazer com a consciência – como quando deixa claro sua dúvida, nesses artigos, quanto a distinguir ou não entre os sistemas Prcc e Cc – e com a percepção. Na verdade, desde o “Projeto..”, não parece haver justificativa para se postular um sistema exclusivo para a consciência. Como observou Simanke (1994), os artigos de metapsicologia, muito mais do que uma sistematização do saber psicanalítico até então produzido, apresentam o quadro de uma teoria como que se debatendo de encontro aos seus limites.

CAPÍTULO IV: O APARELHO PSÍQUICO E A TEORIA PULSIONAL NA SEGUNDA TÓPICA

Neste quarto capítulo, abordaremos, em primeiro lugar, a introdução do conceito de compulsão à repetição e da hipótese do novo dualismo pulsional em “Além do princípio do prazer” (1920). Em seguida, analisaremos a reformulação da tópica em “O eu e o isso” e, então, passaremos para a questão de como a relação entre representação e consciência é pensada no período que vai de “Além do princípio do prazer” até as “Novas conferências de introdução à psicanálise” (1932). Por último, comentaremos algumas questões trabalhadas por Freud no “Esboço de psicanálise” (1938), que modificam, acrescentam ou ressaltam algum dos pontos da teoria freudiana abordados até aqui.

1. A revisão da teoria das pulsões em “Além do princípio do prazer”

É surpreendente que alguns leitores de Freud tenham encontrado, em “Além do Princípio do Prazer”, um desvio da teoria freudiana em direção à filosofia. Mezan (1991), por exemplo, afirma que, com o conceito de pulsão de morte, a dimensão especulativa se introduz na psicanálise, que até então havia pretendido ser uma ciência. E quando fala em especulação, fica claro que ele se refere à filosofia. Monzani (1989) menciona outros exemplos desse tipo de leitura. Isso é surpreendente, entre outros motivos, porque Freud alerta explicitamente o leitor contra esse tipo de interpretação. No quarto capítulo desse texto, após formular a hipótese de que o esforço por restabelecer um estado anterior seria uma característica universal das pulsões, ele diz que seguirá até as últimas consequências essa hipótese antes de prosseguir e, então, nos adverte de que, mesmo que possa passar tal impressão, ele não tem nenhuma pretensão de abordar algo místico ou “profundo”:

“Não importa se o que disto resulte, tenha ar de “profundo” ou soe algo místico; por nossa parte, sabemos-nos bem livres da reprovação de buscar semelhante coisa. Pretendemos alcançar os sóbrios resultados da

investigação ou da reflexão baseada nela, e desejamos que esses resultados não tenham outro caráter que o da certeza.”¹

Nas últimas páginas do texto em questão, Freud afirma:

“Poderiam me perguntar se estou convencido das hipóteses aqui desenvolvidas, e até onde o estou. Minha resposta seria: nem eu estou convencido, nem peço aos demais que creiam nelas. Parece-me que nada tem a fazer aqui o fator afetivo do convencimento. É plenamente lícito se entregar a uma argumentação, persegui-la até onde leve, só por curiosidade científica”.²

Adiante, ele observa que só a combinação entre o fático e o meramente cogitado permitirão dar continuidade a suas investigações: é a mesma concepção de ciência apresentada em “Pulsões e seus destinos” que está sendo sustentada em “Além do princípio do prazer”. Na introdução de “Pulsões e seus destinos” (1915), como vimos, Freud argumentara que os conceitos básicos da ciência comportam, a princípio, certo grau de indeterminação e que sua validade é garantida pela remissão ao material empírico e pela adequação aos fatos observados. Com o avanço da investigação, esses conceitos vão sendo delimitados com maior exatidão, o que não significa que eles permaneçam inalteráveis, uma vez que todo conhecimento científico está sempre sujeito a modificações. Fica claro então que, para Freud, a ciência não exclui a especulação teórica; ao contrário, ela não pode prescindir dela.

Previendo, então, que talvez alguns leitores tendessem a ver algo de “profundo” nas suas especulações, que pudesse escapar à sua pretensão científica, Freud chama a atenção do leitor contra tal interpretação. Mas, mesmo que essa advertência passasse despercebida, a remissão constante de Freud aos dados da biologia revela sua preocupação em encontrar um apoio científico para suas hipóteses.

O texto “Além do princípio do prazer” está repleto de questões biológicas. O tempo todo Freud busca na biologia dados que auxiliem e fundamentem suas hipóteses.

¹ AE, vol.18, p.37; SA, vol. 3, p.247

² AE, vol.18, p.57; SA, vol. 3, p.267

Lembremos que, no “Projeto de uma psicologia”, ele já havia feito o mesmo e que, em outros momentos, já havia afirmado que é a biologia quem poderia elucidar a questão das pulsões. As remissões de Freud à filosofia, nesse texto de 1920, sempre são feitas com certo cuidado. Ele faz questão de deixar claro, ao mencionar certas concepções filosóficas, que não está as colocando no mesmo nível daquelas obtidas a partir dos dados clínicos e biológicos.

Na 32^a das “Novas conferências de introdução à psicanálise”, após expor a idéia de pulsão de morte, Freud diz o seguinte:

“Talvez vocês digam, encolhendo os ombros: “Isto não é ciência da natureza, é filosofia schopenhaueriana”. Mas, por que, senhoras e senhores, um pensador audaz não poderia haver inferido o que uma trabalhosa e sóbria investigação de detalhe confirmaria? Além disso, tudo já foi dito alguma vez, e muitos disseram coisas semelhantes antes de Schopenhauer.”³

Essa passagem deixa claro que a introdução do novo dualismo pulsional não resultou de especulações metafísicas e que Freud não se voltou nesse momento para a filosofia, como propõe Mezan. Freud enfatiza que a hipótese da pulsão de morte foi inferida a partir de suas investigações psicanalíticas e que sempre teve em vista a elaboração de uma ciência natural.

A seguinte passagem de “Além do princípio do prazer” parece afastar ainda mais a idéia de que teria havido, nesse momento, uma mudança substantiva no estatuto da metapsicologia freudiana:

“Ao julgar nossa especulação acerca das pulsões de vida e de morte, nos inquietará que apareçam nela processos tão inimagináveis como que uma pulsão seja forçada a sair fora por outra (...) e coisas parecidas. Isto só se deve ao fato de nos vermos obrigados a trabalhar com os termos científicos, isto é, com a linguagem figurada própria da psicologia (mais corretamente: da psicologia profunda). De outro modo, não poderíamos

³ AE, vol.22, p.100.

nem descrever os fenômenos correspondentes; mais ainda: nem se quer os teríamos percebido. É provável que os defeitos de nossa descrição desapareçam se, em lugar dos termos psicológicos, pudéssemos já usar os fisiológicos ou químicos. Mas, na verdade, também estes pertencem a uma linguagem figurada, ainda que nos seja familiar há mais tempo e seja, talvez, mais simples.”⁴

Mais uma vez Freud afirma se ver forçado a usar termos psicológicos na formulação das hipóteses metapsicológicas, assim como reafirma sua crença na provisoriedade das concepções puramente psicológicas. O psíquico inconsciente parece continuar a ser concebido como uma parte dos processos que ocorrem no sistema nervoso, e a metapsicologia, como uma teoria provisória que um dia, talvez, pudesse ser substituída pela biologia, a física ou a química, mas não pela filosofia. Portanto, parece que, até esse momento, não houve passagem, nem da neurologia para uma psicologia auto-suficiente nem de algumas dessas duas para a filosofia. Freud demonstra estar mantendo a mesma postura sobre a natureza física do psíquico inconsciente e sobre o estatuto da metapsicologia.

1.1) O “além” do princípio do prazer

Iniciaremos o comentário de “Além do princípio do prazer” retomando algumas hipóteses do “Projeto...”, pois, como argumentaremos, a relação entre esses dois textos é bastante elucidativa.

No “Projeto...”, Freud estabeleceu como princípio fundamental da atividade nervosa o “princípio de inércia”. A tendência originária dos neurônios seria libertar-se totalmente da quantidade, e manter o seu nível igual a zero ($Q = 0$). O princípio de inércia, contudo, seria infringido desde o início, devido a sua incapacidade de promover a descarga da excitação proveniente do interior do corpo. A excitação endógena, ao contrário da exógena, não poderia ser descarregada por meio de movimentos reflexos; estes não seriam capazes de fazer cessar a recepção da excitação. Para fazer cessarem os estímulos endógenos, seria necessário uma “ação específica”, cuja realização teria como condição que

⁴ AE, vol.18, p.58; SA, vol.3, p.268

houvesse certo nível de quantidade armazenado no aparelho. Portanto, a estimulação endógena imporá uma modificação à tendência primária para a inércia: a saber, imporá a substituição da tendência a manter o nível de $Q=O$ pela tendência a manter esse nível constante, no nível mínimo necessário. A tendência à constância não se oporia ao princípio da inércia; ao contrário, atuaria em seu favor, permitindo que a quantidade endógena fosse, de fato, descarregada.

No “Projeto...”, Freud definira que as sensações de prazer e desprazer correspondem, respectivamente, à diminuição e ao aumento do nível de excitação no aparelho. O aumento da excitação acima de certo nível produziria desprazer, e a sua diminuição abaixo de certo nível produziria as sensações de prazer. Entre ambos, haveria um nível intermediário de ocupação, que possibilitaria o surgimento e a percepção das qualidades sensoriais. Freud sugerira uma identificação entre a tendência primária à inércia e a tendência da vida psíquica para “evitar o desprazer”: *“Uma vez que é certamente conhecida por nós uma tendência da vida psíquica para “evitar desprazer”, estamos tentados a identificá-la com a tendência primária para a inércia.”*⁵

Apenas no capítulo 7 de “A Interpretação dos sonhos”, Freud passa a falar em um “princípio de desprazer”, que posteriormente será chamado de “princípio do prazer”. Segundo o que ele propõe neste texto, o sistema inconsciente – o processo primário – seria regido exclusivamente pelo “princípio do prazer”. O Prcc seria regido pelo que, em “Formulações sobre os dois princípios” (1911), Freud chamou de “princípio de realidade”. Essas hipóteses do capítulo 7 sobre a relação entre o sistema Icc e o princípio do prazer, por um lado, e entre o Prcc e o princípio de realidade, por outro, são mantidas inalteradas nos artigos metapsicológicos de 1915, com o acréscimo da hipótese de que as pulsões sexuais permaneceriam mais tempo sobre o domínio exclusivo do princípio do prazer do que as que pertencem ao eu. Mas, em “Além do princípio do prazer”, Freud acaba concluindo que o funcionamento regido pelo princípio do prazer não é originário: haveria uma forma de funcionamento anterior, a qual obedeceria a uma “compulsão à repetição”. Contudo, pode-se argumentar que esse funcionamento psíquico que estaria para “além do princípio do prazer” só representa uma “novidade” em relação às hipóteses sobre o aparelho psíquico apresentadas a partir de “A interpretação dos sonhos” e que o funcionamento regido pela

⁵ PP, p.190.

compulsão à repetição já estava, de certa forma, presente no “Projeto...”. Em 1920, Freud parece resgatar hipótese antigas, que haviam sido deixadas de lado na primeira tópica, assim como explicitar hipóteses que permaneceram implícitas em toda teoria, como é o caso do próprio conceito de pulsão de morte, assim como, é claro, introduzir novas hipóteses, como a do novo dualismo pulsional.

1.2)O processo primário no “Projeto...”

Os conceitos de “processo primário” e de “processo secundário” já se encontram formulados no “Projeto”. O processo primário consistiria em um tipo de funcionamento guiado exclusivamente pela tendência à inércia, isto é, anterior ao surgimento da tendência à constância. Seria um processo no qual toda a excitação seguiria pela via melhor facilitada, sem sofrer nenhum tipo de inibição ou direcionamento. Nesse momento, Freud reconhece que esse funcionamento primário poderia conduzir à reativação de representações que, mesmo em sua origem, produziram apenas desprazer. Isso ocorreria nas primeiras repetições de uma vivência de dor.

A dor foi definida como a irrupção de grandes quantidades oriundas do mundo externo na direção de ψ , como conseqüência da falha dos dispositivos de proteção desse sistema contra quantidades exógenas – esses dispositivos, segundo Freud, consistiriam nas próprias terminações sensoriais. A dor produziria, em primeiro lugar, um grande aumento no nível da excitação em ψ , sentido como desprazer; em segundo lugar, uma tendência à eliminação da excitação; e, em terceiro, uma facilitação entre esses caminhos de eliminação e a representação do objeto que provocou a dor (“objeto hostil”). Quando a representação do objeto hostil fosse ocupada novamente desde a percepção ou por alguma via associativa, haveria uma liberação de quantidade no aparelho, que geraria desprazer – isto é o que Freud chama de “afeto” – e uma inclinação para a desocupação da representação do objeto hostil.⁶ Assim como a vivência de satisfação teria como conseqüência o surgimento do “estado de desejo”, o qual inicialmente conduziria à alucinação e a uma vã descarga motora, a vivência de dor teria como conseqüência o surgimento do afeto e a defesa primária

⁶ Para explicar essa liberação de quantidade no aparelho, Freud introduz a hipótese dos “neurônios-chave”, que seriam neurônios que secretariam quantidade no aparelho. Na ocasião da vivência de dor, as representações constituídas em ψ estabeleceriam uma associação com esses neurônios secretores.

excessiva. Esse tipo de funcionamento, no qual toda a excitação seguiria automaticamente pela via melhor facilitada, tendo como conseqüência alucinação e desamparo ou afeto e defesa primária, é o que Freud chama no “Projeto...” de “processo primário”:

“Designamos como *processos psíquicos primários* a ocupação de desiderativa até a alucinação, o total desenvolvimento de desprazer trazendo consigo o gasto total de defesa; por outro lado, designamos como *processos psíquicos secundários* todos os processos que só são possibilitados por uma boa ocupação do eu e que são uma moderação dos apresentados acima.⁷

O processo secundário surgiria a partir da inibição e do redirecionamento do processo primário pelo “eu”. Com as repetições da vivência de satisfação e o conseqüente desamparo, o aparelho aprenderia a não ocupar tão intensamente a representação de desejo, nem as representações de movimento a ela associadas. Como conseqüência, certo nível de quantidade seria retido no núcleo de ψ , isto é, parte da excitação permaneceria em estado ligado, dando início à formação do eu. Com esse armazenamento de quantidade, o curso associativo seria parcialmente inibido e não mais seguiria unicamente pelas vias melhor facilitadas. A partir de então, a ocupação da representação hostil e a defesa primária excessiva passariam a ser inibidas pelo eu.

A inibição da alucinação e da descarga motora seriam condicionadas biologicamente pelo desprazer. Já a inibição da ocupação intensa da representação do objeto hostil seria um processo gradual, alcançado após várias repetições do mesmo processo, e que pressuporia a constituição do eu.⁸ Freud esclarece isso na terceira parte do

⁷ EP, p.422; PP, p. 204.

⁸ Podemos nos perguntar por que a não ocupação da representação hostil não é condicionada biologicamente pela primeira regra biológica, assim como ocorre em relação às conseqüências da vivência de satisfação. Por que, nesse último caso, é necessário ocorrer um processo de gradual ligação da excitação afetiva por parte do eu? Freud se faz essa pergunta e a resposta que ele oferece é a seguinte:

“Poder-se-ia perguntar por que essa defesa de pensar não se dirigiu contra a recordação ainda capaz de afeto. Contudo, aí, podemos supor, que a segunda regra biológica levantou-se contra ela, que ela exigiria atenção caso um signo de realidade estivesse presente, e a recordação indomada fosse ainda capaz de extorquir signos de qualidade reais. (AAP, p. 472; PP, p.255)

A segunda regra biológica – a regra da atenção – teria, assim, se sobreposto à primeira. As primeiras repetições da representação hostil seriam alucinatórias e, portanto, produziriam “signos de qualidade reais”. Diante de tais signos, a regra da atenção falaria mais alto que a da defesa. Essa explicação de Freud não

“Projeto..”, onde ele observa que o pensamento, entre outras coisas, pode conduzir ao desprazer, devido à ocupação de representações que pertenceram à vivência de dor. Então, ele afirma:

“Caso se siga o destino de tais percepções, como imagens de *recordação*, nota-se que as repetições iniciais ainda despertam tanto afeto como também desprazer, até que, com o tempo, perdem tal capacidade. Ao mesmo tempo, elas sofrem uma outra modificação. No início, retinham o caráter de qualidades sensoriais; quando não são mais capazes de afeto, também o perdem e tornam-se semelhantes a outras imagens recordativas.”⁹

Trata-se, nesse caso, de “recordações ainda indomadas”, mas, então, pergunta-se Freud: o que acontece com as “recordações” capazes de afeto até que elas sejam “domadas”? Sua resposta é que é preciso uma ligação grande e repetida, por parte do eu, para que a facilitação para o desprazer seja equilibrada. Como tais representações formaram-se por ocasiões de vivências de dor, essa ligação seria mais trabalhosa para o eu do que a ligação das demais representações:

“Como traços de vivências de dor, elas (conforme nossa suposição sobre a dor) foram ocupadas a partir de Qφs muito grandes e adquiriram uma facilitação muito intensa para liberação de desprazer e de afeto. É preciso uma ligação repetida e particularmente grande a partir do eu, até que essa facilitação para o desprazer seja contrabalançada.”¹⁰

Então, o eu inicialmente não teria condições de impedir a ocupação de tais representações ou, mesmo, de inibi-las parcialmente. Gradualmente, ele iria adquirindo poder sobre elas, por meio de repetidas tentativas de ligá-las. Antes de serem ligadas, não

parece resolver o problema, pois as primeiras repetições da representação de desejo seriam também alucinatórias. Talvez a diferença possa ser explicada pelo fato das facilitações estabelecidas pela vivência de dor serem bem maiores que as decorrentes da vivência de satisfação.

⁹ EP, p. 470; PP, p.253.

¹⁰ EP, p. 471; PP, p. 254.

seria possível impedir nem inibir sua recordação e, tampouco, o desprazer resultante. Depois de ligadas, a ocupação destas representações se limitaria a um mínimo que permitisse apenas sinalizar ao curso associativo que aquele caminho conduz ao desprazer e deve ser abandonado.

Na primeira parte do “Projeto...”, Freud descreve a vivência de dor e suas conseqüências e estabelece que, a partir de certo momento, o eu passa a inibir a ocupação da representação do objeto hostil. Na terceira parte desse texto, ele procura esclarecer como isso ocorreria. Tratar-se-ia de um processo gradual e, até que estivesse completo, ou seja, até que as representações fossem domadas, não seria possível evitar sua ocupação. Encontra-se formulada, portanto, no “Projeto...” – mais especificamente, na sua terceira parte –, a hipótese de que há um processo no aparelho que faz retornar representações que, em sua origem, foram desprazerosas, ou seja, a idéia de um processo “repetitivo” que ocorre enquanto as representações ainda não foram ligadas e que não poderia ser evitado até que alcançada a ligação. Mas esse processo estaria “para além do princípio do prazer”? Para responder essa questão é necessário retomarmos o conceito de princípio do prazer, tal como Freud o define nos textos posteriores ao “Projeto...”.

1.3) O princípio do prazer

No “Projeto...”, Freud não fala em um “princípio do prazer”. No início do texto, ele enuncia o princípio de inércia e, adiante, diz que “está tentado” a identificar a tendência da vida psíquica para evitar o desprazer com a tendência inicial à inércia. Se partimos da hipótese de que tal identificação está mesmo pressuposta na teoria, então teríamos que dizer que esse funcionamento repetitivo que antecede a ligação da representação não está para além do princípio do prazer. O princípio de inércia, em sua forma originária, aspiraria a libertar-se de quantidade pela via mais direta possível: em um funcionamento por ele regido, a quantidade sempre tramitaria pelo caminho melhor facilitado. Contudo, o caminho melhor facilitado, em algumas ocasiões, acabaria levando ao desprazer, como é o caso das primeiras repetições dos estados de desejo e das primeiras ocupações da representação do objeto hostil após a vivência de dor. Mas, mesmo nesses casos, o processo associativo estaria sendo guiado pelo princípio de inércia, pois é justamente a tendência a buscar a via

mais direta possível de descarga da quantidade que faz com que a ocupação prossiga pelo caminho melhor facilitado, o qual acaba levando à produção de desprazer. Como esse processo guiado unicamente pela tendência à inércia acaba levando ao desprazer, ocorre uma mudança nessa tendência originária. O aparelho aprende – é condicionado pela primeira regra biológica – a não ocupar tão intensamente as representações associadas à vivência de satisfação, o que tem como consequência o armazenamento de certo nível de quantidade em seu interior. Com isso, a tendência primária seria substituída pela tendência à constância. Mas, mesmo após estabelecida essa modificação do princípio de inércia, ainda poderiam tornar a ocorrer processos primários relacionados à vivência de dor enquanto as recordações hostis permanecessem “indomadas”, isto é, enquanto elas não tivessem sido ligadas.

Então, retornando à questão anteriormente colocada, o processo repetitivo do “Projeto...” não estaria para além da tendência a evitar o desprazer de que Freud fala neste texto, se consideramos que esta seja identificada ao princípio de inércia. Mas a noção de princípio do prazer é formulada, de fato, apenas no capítulo 7 de “A interpretação dos sonhos”; portanto, é em relação a essa formulação que devemos tentar compreender a hipótese proposta em 1920 de que haveria um funcionamento que antecederia aquele regido pelo princípio do prazer.

)()()

No capítulo 7, embora não mencione explicitamente um “princípio de inércia” e nem uma “tendência à constância”, Freud parece manter hipóteses muito semelhantes às do “Projeto...”. Na seção C, ele afirma:

“(...) o aparelho seguiu primeiramente o empenho de se manter o mais possível livre de estímulos e, por isso, assumiu, em sua primeira construção, o esquema do aparelho reflexo, que lhe permitia eliminar prontamente, por vias motoras, uma excitação sensível que o alcançasse a

partir do exterior. Mas a urgência da vida perturba essa função simples (...).¹¹

Então, haveria uma tendência inicial a descarregar a excitação pela via reflexa, a qual seria modificada pela necessidade de fazer cessar a estimulação endógena; no entanto, apenas na seção E, Freud refere-se a um “princípio do desprazer”. Ele afirma aí que o decurso da excitação dentro do aparelho é regulado automaticamente pelas percepções de prazer e desprazer; mais adiante, ele declara, com todas as letras, que o “princípio do desprazer” é que exerce essa regulação. O processo primário – que Freud faz corresponder ao sistema inconsciente – seria regulado exclusivamente pelo princípio de desprazer. Devido à necessidade de lidar com as excitações endógenas, surgiria um segundo tipo de funcionamento, o processo secundário, que corresponderia topicamente ao sistema pré-consciente. O processo primário, assim como no “Projeto...”, seria aquele dirigido para a livre descarga, isto é, o processo no qual a excitação se encontraria em estado “livre”, enquanto que, no processo secundário, a excitação se encontraria em “estado ligado”. Freud volta a mencionar o que no “Projeto...” foi chamado de vivência de dor com o objetivo de esclarecer a regulação que o princípio do desprazer exerceria sobre o processo primário. Inicialmente, ele parece estar assumindo as mesmas hipóteses do “Projeto...”:

“Suponha-se que sobre o aparelho primitivo atue um estímulo perceptivo que seja a fonte de uma excitação de dor. Seguir-se-ão exteriorizações motoras desordenadas até que uma delas livre o aparelho da percepção e, ao mesmo tempo, da dor, e esta será repetida imediatamente a cada reaparição da percepção (algo assim como um movimento de fuga), até que a percepção desapareça outra vez. Mas aqui não restaria nenhuma inclinação para reocupar, alucinatoriamente ou de outra maneira, a percepção da fonte de dor. Pelo contrário, persistiria no aparelho primário a inclinação para abandonar a imagem mnêmica penosa, assim que ela fosse, de algum modo, evocada, porque o transbordar de sua excitação até a percepção provocaria desprazer (mais exatamente, começaria a provocá-lo).”¹²

¹¹ SA, vol.2, p. 538; AE, vol.5, p.557.

¹² SA, vol.2, p.569-70; AE, vol.5p.589.

Essa descrição é muito semelhante à descrição da vivência de dor presente no “Projeto...”. No entanto, nem no capítulo 7, nem nos artigos metapsicológicos, volta a ser mencionada a hipótese de que, como consequência da vivência de dor, surgiria um funcionamento primário no aparelho que produziria afeto e defesa primária excessiva, o qual seria modificado gradualmente a partir de repetidas tentativas de ligar as representações de objetos hostis. Desaparece, portanto, a idéia de que haveria um tipo de funcionamento primário no aparelho que conduz à reativação de representações desprazerosas, o qual não poderia ser evitado enquanto as representações não fossem ligadas. Parece surgir a hipótese de que os processos incitados a partir do interior do aparelho possuiriam, desde o início, a capacidade de inibir a ocupação de representações que conduzem ao desprazer. Esta sensação surgiria apenas a partir de processos incitados pela excitação proveniente do mundo externo – o que Freud, desde o “Projeto...” define como “dor”. Portanto, o que seria uma aquisição secundária no “Projeto...” passa, no capítulo 7, a fazer parte do funcionamento psíquico desde sua origem. Isso se torna mais claro com a conclusão a que Freud chega logo em seguida:

“Como consequência do princípio de desprazer, então, o primeiro sistema ψ é incapaz de incluir algo desagradável no interior da trama de pensamento. O sistema não pode fazer outra coisa que desejar”.¹³

No processo primário, tal como este passa a ser concebido no capítulo 7, as representações relacionadas à vivência de dor seriam completamente excluídas dos processos associativos. Não há mais a fase em que as representações permaneceriam “indomadas” e que não seria possível evitar sua ocupação. O processo secundário, ao contrário dos primários, poderia incluir entre suas associações representações desprazerosas, pois tal sistema, diz Freud, *“ocupa uma recordação de tal forma que inibe a drenagem a partir dela e, portanto, também a drenagem até o desenvolvimento de*

¹³ AE, vol.5, p. 590.

desprazer".¹⁴ Em suma, a situação é a seguinte no capítulo 7: haveria um funcionamento primário do qual estariam excluídas todas as representações desprazerosas e haveria um funcionamento secundário que teria acesso a representações desprazerosas, pois sua forma de ocupação inibiria a liberação de desprazer. Esse processo primário, segundo Freud, seria regulado exclusivamente pelo princípio de desprazer; já no processo secundário, o princípio reitor consistiria em uma modificação do princípio de desprazer, que será chamada, em 1911, de "princípio de realidade". Então, no capítulo 7, um funcionamento regido exclusivamente pelo princípio do desprazer define-se como aquele no qual, desde o início, a reocupação de representações que conduzem à liberação de desprazer pode ser evitada, de forma que estas fiquem excluídas do curso associativo. É difícil entender como isso seria possível, tendo-se em vista o funcionamento do aparelho do "Projeto". Como conciliar a idéia de uma quantidade em estado livre e a possibilidade desta evitar caminhos bem facilitados? Contudo, Freud não desenvolve essas questões no capítulo 7.

Tudo se passa, portanto, como se apenas as conseqüências da vivência de satisfação fossem mantidas na teoria nesse momento; Freud parece deixar de lado as conseqüências iniciais da vivência de dor, tal como tinham sido propostas no "Projeto...". Só o "processo primário" relacionado à vivência de satisfação é mantido na teoria. De posse dessas informações, vejamos agora que tipo de funcionamento Freud propõe, em 1920, como estando para "além do princípio do prazer".

1.4) Repetições, trauma e desprazer

Freud inicia o texto de 1920, recapitulando suas hipóteses sobre o princípio do prazer:

"Na teoria psicanalítica, supomos sem hesitação que o decurso dos processos mentais é regulado automaticamente pelo princípio do prazer, ou seja, acreditamos que ele é, em todos os casos, incitado por uma tensão desprazerosa e, então, toma uma tal direção que seu resultado final

¹⁴ AE, vol.5, p.590.

coincide com um rebaixamento dessa tensão e portanto com uma evitação do desprazer ou uma produção de prazer.”¹⁵

Ele parece manter a hipótese do capítulo 7 de que o funcionamento guiado pelo princípio do prazer é, desde o início, capaz de evitar a reocupação de representações que um dia estiveram associadas à produção de desprazer:

“Sabemos que o princípio do prazer é próprio de um modo de trabalho primário do aparelho psíquico, que é desde o início inapto e ainda altamente perigoso para a auto-preservação do organismo em meio às dificuldades do mundo exterior. Sob a influência das pulsões de auto-conservação do eu, ele é substituído pelo princípio de realidade que, sem renunciar ao propósito final de uma obtenção de prazer, exige e consegue o adiamento da satisfação, a desistência de diversas possibilidades de alcançá-la e a tolerância temporária do desprazer no longo rodeio para o prazer.”¹⁶

Após retomar essas hipóteses, Freud levanta a questão da legitimidade de se supor que o princípio do prazer rege soberano todos os processos psíquicos. Alguns processos, argumenta ele, como no caso dos sintomas neuróticos, acabam gerando desprazer, mas trata-se, nesses casos, de um “desprazer de percepção” – uma busca de satisfação por parte do inconsciente que representa algo desprazeroso do ponto de vista de sua apreensão pré-consciente. Há também o desprazer que o processo secundário aprende a tolerar na espera por uma satisfação real. Esses casos não contradizem o domínio do princípio do prazer, mas há outros fatos que talvez forneçam novos dados. A reação do aparelho psíquico frente ao perigo exterior pode fornecer novo material e novas hipóteses sobre o problema em questão, diz Freud, no fim da primeira parte do texto; essa reação talvez imponha alguma modificação à hipótese de que o princípio do prazer seja o princípio originário que governa todos os processos psíquicos. E ele acaba concluindo, na conclusão da terceira parte, que é

¹⁵ SA, vol.3, p. 217; AE, vol. 18, p.7.

¹⁶ SA, vol.3 p. 219-20; AE, vol.18, p.9, grifos do autor.

legítimo supor a existência de um funcionamento que antecede a vigência do princípio do prazer e que seja condição para que este passe a vigorar. Vejamos, então, quais são os fatos que lhe permitem chegar a essa conclusão.

Freud menciona, em primeiro lugar, o caso do sonho das neuroses traumáticas, sonhos que reconduzem os enfermos à situação traumática, fazendo-os despertar aterrorizados. A única maneira de conciliá-los com a hipótese de que todo sonho é uma realização de desejo seria atribuindo-os a “enigmáticas tendências masoquistas do eu”, ao contrário dos sonhos de angústia, que Freud não tivera muita dificuldade de subsumir a sua hipótese da realização onírica de desejo. Sem tirar mais conclusões, Freud passa, então, a falar a respeito dos jogos infantis. As crianças repetem nos jogos inúmeras situações por elas vivenciadas, algumas das quais – como no caso da célebre brincadeira do carretel descrita por Freud – consistiram em experiências desprazerosas. Surge, assim, a questão: “*o esforço de processar psiquicamente algo impressionante, de se apoderar inteiramente disso, pode exteriorizar-se de maneira primária e independente do princípio do prazer?*”¹⁷

A resposta de Freud, por enquanto, é que apenas com base no estudo dos jogos infantis não é possível tirar essa conclusão, uma vez que, mesmo sob o império do princípio do prazer, haveria meios suficientes para converter em objeto de recordação e elaboração psíquica o que fosse em si mesmo desprazeroso. Mesmo os jogos infantis que repetem situações desagradáveis poderiam ser pensados como estando sob o domínio do princípio do prazer: a repetição, neles, de experiências desprazerosas pode ser vista, por exemplo, como uma tentativa de se apoderar da situação, de vivenciar de forma ativa algo que antes foi vivenciado de forma passiva. Freud se volta, então, para o fenômeno da transferência.

Ao falar a respeito da transferência, ele usa pela primeira vez o termo “compulsão à repetição”. Experiências reprimidas, das quais o enfermo não pode se recordar, acabam sendo repetidas como vivências atuais na situação analítica, após a repressão ter sido parcialmente amenizada. A “compulsão à repetição” que se manifesta como transferência é uma manifestação do reprimido inconsciente. A repressão, assim como a resistência que depois se opõe ao retorno do reprimido, é uma operação executada pelo eu. Tanto a repressão como a resistência podem ser compreendidas como estando a serviço do princípio do prazer: elas teriam como finalidade evitar o desprazer que seria despertado se as

¹⁷ SA, vol.3, p. 226; AE, vol.18, p.16.

representações reprimidas fossem liberadas. Portanto, a oposição à recordação, levada a cabo pela resistência, parece estar totalmente a serviço do princípio do prazer. Mas, e a compulsão à repetição, pergunta-se Freud, é possível conciliá-la com esse princípio?

Algumas repetições transferenciais seriam facilmente conciliáveis com o princípio do prazer: aquelas cuja satisfação representasse um prazer para o sistema inconsciente e, ao mesmo tempo, um desprazer para o pré-consciente. Mas há outras que não parecem poder ser compreendidas dessa forma:

“O fato novo e digno de nota que nós agora temos que descrever é que a compulsão à repetição também traz de volta vivências do passado que não contêm nenhuma possibilidade de prazer, que tampouco naquele momento puderam ser satisfações, nem mesmo das moções pulsionais desde então reprimidas.”¹⁸

Os neuróticos repetem situações afetivas que, mesmo quando atuais, produziram desprazer. Trata-se de vivências relacionadas a pulsões que estavam destinadas a conduzir à satisfação, mas que produziram somente desprazer. Apesar de tais experiências terem sido feitas em vão, uma compulsão impõe sua repetição. A mesma compulsão à repetição dos neuróticos pode ser encontrada na vida de pessoas normais, nos fenômenos chamados por Freud de “compulsão de destino”: movidas, na verdade, por impulsos da primeira infância, mas aparentemente pelo “destino”, algumas pessoas não neuróticas repetiriam sempre, ao longo da vida, vivências desprazerosas idênticas.

Esses dois fenômenos – a repetição transferencial de situações que, mesmo em sua origem, levaram apenas ao desprazer e as compulsões de destino – levam Freud a concluir que é legítima a suposição de que existe na vida psíquica uma compulsão à repetição, que se instauraria para além do princípio do prazer:

“Em vista dessas observações feitas a partir do comportamento na transferência e a partir do destino dos seres humanos, devemos ter coragem de supor que existe realmente na vida psíquica uma compulsão à

¹⁸ SA, vol.3 p. 230; AE, vol.18, p.20.

repetição que se instaura mais além do princípio do prazer. Nós também nos inclinaremos agora a relacionar a essa compulsão os sonhos dos que padecem de neurose traumática e o impulso para o jogo da criança.”¹⁹

Após mencionar os sonhos traumáticos e os jogos infantis, sem extrair deles a conclusão de que é possível supor um funcionamento independente do princípio do prazer, Freud chega a dois fenômenos que parecem tornar legítima tal suposição. Na verdade, como observa Monzani (1989), nenhum desses fenômenos tomados isoladamente, mas apenas o arranjo formado por eles, é o que permite a introdução desse “além do princípio do prazer”.

Apenas em raros casos, argumenta Freud, a compulsão à repetição se manifesta em estado puro, sem a interferência de outros motivos; na maior parte dos casos, satisfação pulsional e compulsão à repetição estariam em íntima relação. O caso menos duvidoso, observa Freud, é o do sonho traumático. Mas, mesmo nos demais fenômenos, diz ele, há bastantes coisas não explicadas para justificar a introdução dessa nova hipótese:

“O que resta é suficiente para justificar a hipótese da compulsão à repetição, e esta nos parece como mais originária, mais elementar, mais pulsional que o princípio do prazer que ela destrona”²⁰

Uma vez estabelecido que há uma compulsão à repetição que estaria para além do princípio do prazer, Freud aponta para a necessidade de esclarecer qual seria a função dessa compulsão, em que condições ela afloraria e que relação haveria entre ela e o princípio do prazer. É ao pensar sobre a reação do aparelho psíquico à irrupção de excitações muito intensas – o que agora é definido como “trauma” – que Freud encontra uma resposta para essas questões levantadas. Com a noção de trauma proposta agora em 1920, Freud retoma, em muitos aspectos, a de vivência de dor do “Projeto...”. O trauma resultaria da falha dos mecanismos destinados a proteger o aparelho de excitações muito intensas; nesses casos, não seria mais possível evitar que este fosse inundado por grandes magnitudes de estímulo

¹⁹ SA, vol.3, p. 232; AE, vol.18, p.22.

²⁰ SA, vol.3, p. 233; AE, vol.18, p.23

e, então, sua tarefa mais urgente passaria a ser *“dominar o estímulo, ligar psiquicamente as magnitudes de estímulo que irromperam, para conduzi-los, então, à sua tramitação.”*²¹

A dor – que, no “Projeto...”, correspondia ao que agora Freud chama de trauma – passa a ser definida como o desprazer decorrente do rompimento da proteção anti-estímulo em um ponto específico. Diante da dor, ocorreria uma intensa contra-ocupação, na qual se empenhariam as excitações de vários outros sistemas, tendo como resultado um rebaixamento de toda a operação psíquica. Essa contra-ocupação teria como objetivo “ligar” a excitação que produz desprazer. A ligação parece continuar sendo concebida, nesse momento da teoria, da mesma forma como o fora anteriormente, como sugere a seguinte afirmação de Freud :

“Talvez possamos dar margem à suposição de que a ‘ligação’ da energia que aflui para dentro do aparelho psíquico consiste em um traslado do estado de livre fluir até o estado quiescente”²²

Com essas considerações pode ser respondida a questão a respeito da função do processo que obedece à compulsão à repetição e da relação deste processo com aquele guiado pelo princípio do prazer. Para que o princípio do prazer pudesse iniciar seu domínio, haveria uma tarefa prévia a ser realizada: transpor a excitação em estado livre para o estado ligado. Um funcionamento regido pela compulsão à repetição teria, então, a função primordial de ligar a excitação; só após essa ligação, o princípio do prazer passaria a vigorar. Com isso, diz Freud, chegamos a *“uma perspectiva sobre uma função do aparelho psíquico que, sem contradizer o princípio do prazer, é contudo independente dele e parece mais originária que o propósito de obter prazer e evitar desprazer”*²³

Freud conclui, então, que a realização de desejo é a função do sonho sob o domínio do princípio do prazer e que, se há um funcionamento que antecede e é independente deste princípio, então, deve haver sonhos que expressam esse tipo de funcionamento, isto é, deve haver sonhos que visam adquirir domínio sobre os estímulos e que não consistem, portanto, em realizações de desejo.

²¹ SA, vol.3, p. 239; AE, vol.18, p.29

²² SA, vol.3, p.241; AE, vol.18, p.31.

²³ SA, vol.3, p. 242; AE, vol.18, p. 31.

Enquanto as representações não fossem ligadas, não seria possível evitar que elas fossem ocupadas, mesmo que as suas ocupações levassem ao desprazer. Só após a ligação, surgiria a possibilidade de evitar a ocupação de certas representações ou de ocupá-las apenas de maneira inibida. A ligação da excitação teria como condição essas sucessivas repetições de um mesmo processo. Os fenômenos que levam Freud a concluir que é necessário supor um funcionamento que anteceda o princípio do prazer são principalmente aqueles que retomam situações que, mesmo em sua origem, foram desprazerosas. Freud parece retomar, assim, as conseqüências da vivência de dor do “Projeto...” e isso é justamente o que havia sido deixado de lado a partir do capítulo 7. No “Projeto...”, fora formulada a hipótese de que a reocupação das representações hostis e a liberação de desprazer decorrente não podiam ser evitadas enquanto o eu não adquirisse domínio sobre tais representações, isto é, enquanto essas não fossem ligadas. Esse domínio seria obtido apenas após sucessivas tentativas, por parte do eu, de ligar essas representações. Esse processo que se intercalaria entre a vivência de dor e a possibilidade de inibir a ocupação das representações hostis havia sido deixado de lado, como vimos, a partir do capítulo 7 e parece estar sendo retomado em “Além do princípio do prazer”. Mas é preciso lembrar que, nesse último texto, o “eu” ainda não foi formalmente reintroduzido na tópica psíquica – o que ocorre em 1923, no texto “O eu e o isso” – e, assim, demarcamos a diferença entre os dois textos. No “Projeto...”, o eu é que seria o responsável pela ligação das representações hostis relacionadas à vivência de dor. Em “Além do princípio do prazer”, Freud sustenta que o funcionamento que obedece à compulsão à repetição tem como função a ligação da excitação, mas não atribui a tarefa de ligação a nenhuma das instâncias psíquicas. Nos “Artigos metapsicológicos”, ele havia formulado a hipótese de que as representações-palavra produziram a ligação de uma parte das representações e a conseqüente diferenciação entre os sistemas pré-consciente e inconsciente. Essa hipótese, como veremos adiante, será abandonada em “O eu e o isso”, permanecendo indefinido qual parte do aparelho seria responsável pela ligação da excitação. De qualquer forma, já estava presente, no “Projeto...”, a idéia de um processo primário repetitivo que seria condição para que a ocupação de certas representações desprazerosas pudesse ser inibida; que seria, portanto, condição para que o “princípio do prazer”, tal como este é pensado a partir do capítulo 7, pudesse entrar em ação.

Com a introdução do conceito de compulsão à repetição, o processo primário parece voltar a ser pensada de forma muito semelhante como o era no “Projeto...”. No capítulo 7, o processo primário seria regido “exclusivamente pelo princípio do prazer”, e isso significava que tal processo não incluiria, entre suas associações, representações desprazerosas. Essa capacidade surgiria somente no processo secundário. Tendo em vista essa forma de conceber o princípio do prazer, o funcionamento regido pela compulsão à repetição, de fato, seria anterior ao seu domínio. Mas se o princípio do prazer for identificado ao princípio de inércia do “Projeto...” – isto é, se por princípio do prazer entendêssemos a tendência do aparelho a descarregar sua excitação da forma mais direta possível – então não seria possível dizer que a compulsão à repetição antecederia sua vigência, como observamos anteriormente.

Apenas a vivência de satisfação e suas conseqüências, tal como descritas no “Projeto...”, parecem estar sendo consideradas na concepção sobre o aparelho psíquico do capítulo 7 e dos artigos metapsicológicos. Não há mais, nesses textos, a idéia de processos primários que levariam à produção de afeto e, portanto, ao desprazer. A vivência de dor e suas conseqüências desaparecem nesse momento da teoria e parecem ser retomadas apenas em “Além do princípio do prazer”. Podemos dizer, tendo isso em vista, que o “passo além” de Freud em 1920 é, em certa medida, um retorno às origens da metapsicologia.

1.5) Compulsão à repetição e processo primário

Deste modo, segundo o que é proposto em 1920, só após a ligação da excitação surgiria a possibilidade de evitar ou inibir os caminhos que conduzem ao desprazer e o processo primário parece voltar a ser pensado como um funcionamento no qual a excitação segue unicamente pelas vias mais facilitadas. Podemos inferir que, como as excitações traumáticas produziram facilitações muito intensas, no processo primário os caminhos que levassem a representações traumáticas não poderiam ser evitados. Na verdade, qualquer caminho facilitado só poderia ser evitado ou inibido após a ligação. Antes dessa, toda a excitação se deslocaria pelos caminhos que apresentassem menor resistência. Em “Além do princípio do prazer”, mais uma vez, Freud recorre às noções de resistência e facilitação para falar a respeito da constituição das representações. Ele diz: *“em seu avanço de um elemento*

ao outro, a excitação tem que vencer uma resistência e justamente a redução desta cria o traço permanente da excitação (facilitação)”.²⁴

Com a introdução da hipótese da compulsão à repetição, apenas uma das características atribuídas ao sistema inconsciente na primeira tópica deixa de pertencer a esse sistema ou ao processo primário: a regulação exclusiva pelo princípio do prazer. As demais características anteriormente atribuídas ao sistema inconsciente são mantidas, uma vez que elas resultariam, em última instância, do estado livre da excitação e que, em 1920, Freud continua identificando o sistema inconsciente ao processo primário, ou seja, a idéia de que o inconsciente corresponde ao processo primário e que esse processo seria aquele no qual a excitação se encontra em estado livre é mantida, mas o inconsciente deixa de ser regido exclusivamente pelo princípio do prazer. Como argumentamos, a hipótese do capítulo 7 sobre um processo no qual a excitação se encontraria em estado livre e, ao mesmo tempo, no qual certos caminhos, mesmo que muito facilitados, seriam evitados, parece contradizer os princípios da teoria freudiana. Agora, Freud estaria abandonando essa hipótese que parece nunca ter-se encaixado muito bem na sua teoria.

Se há um funcionamento que precede a regulação pelo princípio do prazer e se este princípio só entra em ação após a ligação da excitação, a consequência disso seria que o princípio do prazer atua apenas no processo secundário. No capítulo 7, Freud já havia identificado o processo primário à excitação em estado livre e o processo secundário à excitação em estado ligado. De acordo com as hipóteses introduzidas em 1920, teríamos que pensar, então, que o princípio do prazer atuaria no processo secundário e que o processo primário seria guiado pela compulsão à repetição. Vejamos o que Freud diz a esse respeito:

“Visto que todas as moções pulsionais afetam os sistemas inconscientes, dificilmente seria uma novidade dizer que obedecem ao processo psíquico primário; e, disto, a identificar o processo psíquico primário com a ocupação livremente móvel, e o processo secundário com as alterações da ocupação ligada ou tônica de Breuer, não há mais que um pequeno passo. Então, a tarefa dos estratos superiores do aparelho psíquico seria ligar a excitação das pulsões que entram em operação no processo primário. O

²⁴ AE, vol.18, p.26; SA., vol. 3, p.236.

fracasso dessa ligação provocaria uma perturbação análoga a da neurose traumática; só após uma ligação alcançada, poderia se estabelecer o império irrestrito do princípio do prazer (e de sua modificação no princípio de realidade). Mas, até esse momento, o aparelho psíquico teria a tarefa prévia de dominar ou ligar a excitação, não em oposição ao princípio do prazer, mas independentemente dele e em parte sem levá-lo em consideração.”²⁵

Mas notemos que Freud afirma, nessa passagem, que a ligação da excitação é condição para que se inicie o “império irrestrito” do princípio do prazer. Portanto, não podemos concluir disso que este princípio só surge após a ligação, mas apenas que seu império tem início apenas após essa ligação, isto é, a partir da instauração do processo secundário. Nas últimas páginas de “Além do princípio do prazer”, Freud procura esclarecer isto. De qualquer maneira, desaparece a idéia de que os processos primários seriam regulados exclusivamente pelo princípio de prazer: esses processos obedeceriam primariamente – e, talvez, de forma predominante – a compulsão à repetição. Em “O problema econômico do masoquismo” (1924), Freud diz que apenas uma parte do processo primário é regida pelo princípio do prazer, questão à qual teremos ainda que retornar.

O sistema inconsciente sempre foi pensado como aquele que conteria, por um lado, representações desde a origem inconscientes – isto é, aquelas que nunca teriam sido integradas aos processos secundários – e, por outro lado, representações que pertenceram ao processo secundário, mas que acabaram sendo reprimidas. Às primeiras teria sido negada a possibilidade de ligação e, às segundas, a possibilidade de permanecer incluídas nos processos ligados. Essas representações teriam, então, ficado condenadas a se repetirem indefinidamente; elas nunca perderiam suas intensidades; por isso, Freud afirma que os conteúdos do inconsciente são indestrutíveis. No inconsciente, o funcionamento repetitivo não poderia ser ultrapassado, a menos que essas representações fossem incorporadas aos processos secundários. Nesse sentido, parece ser possível afirmar que, desde a primeira tópica, poderia ser atribuído aos processos inconscientes um caráter repetitivo. No capítulo 7 e nos artigos metapsicológicos, já estava presente a hipótese de que no inconsciente tudo se repetiria, com exceção daquilo que fosse capaz de produzir

²⁵ AE, vol. 18, p.34; SA, vol.3, p.244.

desprazer. A partir de 1920, essa exceção é deixada de lado: os processos primários ou inconscientes não podem fazer outra coisa a não ser voltar a ocupar caminhos estabelecidos anteriormente, seguindo apenas as vias melhor facilitadas. Isso, na verdade, é uma consequência necessária para um sistema constituído “por vias facilitadas de uma vez por todas”, como diz Freud no capítulo 7, referindo-se ao Icc.

Esse funcionamento guiado pela compulsão à repetição antecederia aquele guiado pelo princípio do prazer, tal como este princípio é pensado no capítulo 7. Mas a compulsão à repetição não antecederia o “princípio de inércia” do “Projeto...”: ela seria antes a manifestação da tendência primordial do aparelho a livrar-se de toda a excitação da forma mais direta possível. À primeira vista, a forma mais direta possível seria o caminho melhor facilitado e, de início, por hipótese, esse caminho seria sempre seguido. Mas, devido à sua ineficácia para satisfazer a própria tendência à inércia, a partir de certo momento ele teria que ser ao menos parcialmente deixado de lado. A compulsão à repetição seria, portanto, a manifestação mais primitiva da inércia na vida psíquica, e só em 1920 Freud explicita algo que há muito tempo parecia estar implícito na teoria: a tendência primordial do aparelho é conduzir à morte.

1.6) Da compulsão à repetição à pulsão de morte

O passo seguinte de Freud, em “Além do princípio do prazer” é tentar esclarecer a relação existente entre a compulsão à repetição e a dimensão pulsional. Tal compulsão, conclui ele, é uma característica universal das pulsões e, talvez, da vida orgânica em geral:

“Uma pulsão seria um esforço, inerente ao orgânico vivo, de reprodução de um estado anterior, a que o vivo teve que renunciar sob o influxo de forças externas perturbadoras; seria um tipo de elasticidade orgânica ou, se se quiser, a exteriorização da inércia na vida orgânica”.²⁶

Notemos que, nesse momento, Freud está ampliando a noção de pulsão em relação a suas formulações anteriores e passando a pensá-la de uma outra forma. Até então, a pulsão

²⁶ AE, vol.18, p.36; SA, vol.3, p.246.

havia sido concebida como a “expressão psíquica” dos estímulos endógenos ou como a estimulação endógena que se expressa no psíquico. Embora oscile entre essas duas definições, a pulsão era um conceito que dizia respeito exclusivamente ao aparelho psíquico. Como todo funcionamento psíquico, a atividade pulsional seria regida, em última instância, pela tendência a descarregar a excitação. Mas, agora, em “Além do princípio do prazer”, a pulsão passa a ser um conceito muito mais amplo, que não se limita ao psíquico, mas que diz respeito à totalidade do ser vivo. Freud a define como “*um esforço inerente ao orgânico vivo de reprodução de um estado anterior*”. Portanto, a pulsão passa a ser pensada como uma tendência, um impulso inerente a todo o vivo, que é essencialmente um esforço de repetição, uma compulsão a repetir um estado anterior. A pulsão não se restringe mais à expressão ou àquilo que se expressa no psíquico: ela passa a ser algo muito anterior ao surgimento do psíquico, algo que surge com a vida.

A pulsão seria, então, um esforço inerente a toda vida de reproduzir um estado anterior. Mas que estado seria esse? Qual seria a meta final de toda a vida? A resposta de Freud é: “*A meta de toda a vida é a morte; e retrospectivamente: O inanimado esteve aí antes que o vivo*”.²⁷ Desde sua origem, a vida possuiria a tendência a retornar ao estado inorgânico. Regressar ao inorgânico é livrar-se de toda a excitação, é retornar a um estado de ausência total de estimulação. Se estendermos isso ao aparelho psíquico, chegamos à hipótese de que a tendência primordial que governa esse aparelho é uma tendência a anular toda a excitação. Com isso, mais uma vez, voltamos ao “Projeto...”, em especial, voltamos às primeiras páginas desse texto, ao princípio de inércia. Lá, a tendência primária do aparelho era livrar-se de toda a excitação; mas agora, em “Além do princípio do prazer”, Freud explicita algo que permanecera implícito até então: a tendência primordial à inércia é expressão de uma tendência à morte. Monzani (1989, p.219) observa que, com a introdução da noção de pulsão de morte, Freud explicita algo que esteve presente implicitamente, desde o “Projeto...”, em toda a teoria.

No “Projeto”, contudo, o princípio de inércia era concebido como um princípio que regia a atividade nervosa; agora, Freud o coloca como algo inerente à vida. Quando a vida se originou, com ela teria surgido uma tendência a retornar ao estado anterior de ausência de estimulação, ao estado inanimado; teria surgido, portanto, uma tendência à morte.

²⁷ AE, vol.18, p.38; SA, vol.3, p.248

Quando as propriedades da vida foram suscitadas na matéria inanimada, teria surgido a primeira pulsão: a de regressar ao inanimado. Na origem, diz Freud, morrer devia ser fácil, um curto caminho vital seria percorrido. Por isso, a vida deve ter sido criada e recriada inúmeras vezes. Mas as alterações surgidas nas condições externas teriam imposto à substância viva desvios cada vez maiores do seu caminho vital originário. Os estímulos externos seriam, assim, os responsáveis pela complexificação da vida. As hipóteses desenvolvidas até aqui, portanto, conduzem à idéia de que a morte é uma tendência primordial da vida e de que a manutenção da vida resultaria de fatores externos à mesma. Haveria, portanto, uma pulsão de morte, mas não haveria, ainda, uma pulsão de vida. Não haveria um “esforço inerente ao orgânico” de se manter no estado animado.

Mas a hipótese das pulsões de auto-conservação não se opõe à suposição de que a vida pulsional serviria à morte? Tendo em vista essa última hipótese, argumenta Freud, as pulsões de auto-conservação seriam apenas pulsões parciais destinadas a assegurar o caminho até a morte peculiar do organismo. De certa forma, essas idéias também já estavam pressupostas no “Projeto...”: haveria uma tendência originária a eliminar toda a excitação pela via mais direta possível, mas essa forma primária de resposta não propiciaria a cessação da excitação endógena. Esta exigiria uma ação específica sobre o mundo e, como consequência, o aparelho aprenderia a tolerar um certo nível de excitação. Enfim, esse processo que, em última instância, sempre aspirou apenas à descarga da excitação, acabaria por preservar a vida. Mas essa vida que permanece e se desenvolve não seria nada mais do que um rodeio que se interpõe no caminho que sempre teve como objetivo último conduzir à máxima eliminação possível dos estímulos.

Sob essa luz, as pulsões de auto-conservação apenas aparentemente teriam como objetivo a preservação da vida; na verdade, elas estariam também a serviço da tendência à morte. Como a eliminação da excitação endógena, da excitação de origem pulsional, não seria possível pela via reflexa, impor-se-ia um adiamento da descarga e a aprendizagem de certos caminhos, o que teria como resultado uma permanência maior na vida. No “Projeto...”, Freud afirma que o desamparo inicial do organismo é a mola pulsional de todo o desenvolvimento psíquico; mas esse desenvolvimento psíquico só ocorre, porque, devido ao estado de desamparo originário, o organismo não seria capaz de alcançar, sem certas inibições e aprendizagens, a eliminação total da excitação. Nesse sentido, por trás de todo o

desenvolvimento psíquico, parece sempre ter estado presente o objetivo primário de retornar ao estado originário de ausência total de estimulação.

De início, Freud conclui, em “Além do princípio do prazer”, que o quadro dos fenômenos vitais consistiria apenas em rodeios para alcançar a morte peculiar de cada organismo: o que nos surge como um esforço por manter-se na vida – isto é, a manifestação das pulsões de auto-conservação – seria apenas um caminho peculiar de cada organismo para a morte. O organismo só quer morrer à sua maneira, como diz Freud.

Ele conclui, portanto, que as manifestações das pulsões de auto-conservação podem ser conciliadas com a hipótese da pulsão de morte. Mas há algo que parece escapar a essa tendência à morte: as pulsões sexuais. Freud tentará, a partir delas, justificar que ainda é possível falar de um dualismo pulsional.

1.7) Da pulsão de morte à pulsão de vida

De início, o que Freud alega escapar à tendência à morte não são as manifestações das pulsões sexuais como um todo, mas apenas as das células germinativas. Assim, pelo menos à primeira vista, apenas a atividade sexual com fins de reprodução se oporia a tendência à morte e, portanto, só uma pequena parte das atividades impulsionadas pelas pulsões sexuais se oporia à pulsão de morte. Mais adiante, ele acaba concluindo que há algo que permite pensarmos que todas as pulsões sexuais atuariam a favor da vida e contra a morte.

Freud afirma que as pulsões sexuais assegurariam a união entre duas células germinativas: elas seriam as verdadeiras pulsões de vida e se oporiam às pulsões de morte. Haveria, assim:

“(…) como que um ritmo hesitante na vida dos organismos; um dos grupos pulsionais se lança, impetuoso, até adiante, para alcançar o mais rápido possível a meta final da vida; o outro, tendo chegado até certo lugar desse caminho, se lança até atrás para retomá-lo desde certo ponto e, assim, prolongar a duração do trajeto”²⁸

Freud chega, então, a algo que escapa à pulsão de morte: a fusão de duas células germinativas, que seria assegurada pelas pulsões sexuais. Com isso, se estabelece uma oposição entre as pulsões de morte – que incluiriam as pulsões de auto-conservação – e as pulsões sexuais, que seriam as pulsões de vida. Chegado a isso, a seguinte questão se coloca: se toda pulsão seria um esforço inerente ao orgânico de retornar a um estado anterior, a compulsão à repetição seria a manifestação pura de toda pulsão, e não apenas da pulsão de morte. Mas, então, é preciso esclarecer o que é que as pulsões sexuais repetem, qual é o estado anterior e originário ao qual elas aspirariam retornar. As pulsões de morte visariam regressar ao estado inanimado; Com a origem da vida, teria surgido essa pulsão que visa retornar ao inanimado. Mas, e a pulsão de vida, a que estado anterior ela aspiraria retornar? Para tentar encontrar uma resposta para essa questão, Freud coloca uma outra: o que a reprodução sexual, ou sua precursora – a cópula entre dois protistas – aspira repetir?

Ele encontra uma pista para resolver essa questão em suas incursões pela biologia. Há dados que indicam que a cópula entre dois protistas – a qual seria a precursora da reprodução sexual dos animais superiores – tem um efeito rejuvenescedor sobre ambos. Além disso, certas formas de estimulação possuem esse mesmo efeito sobre o organismo. Se a composição do líquido nutritivo em que o organismo subsiste for alterada, isso tem sobre ele o mesmo efeito rejuvenescedor que a cópula. Ao contrário, se os protistas são deixados em seus próprios resíduos, eles vão-se degenerando progressivamente. Isso permitiria extrair a seguinte conclusão: o que possui a capacidade de renovar a vida é o aumento da estimulação e, portanto, não apenas a fusão de duas células germinativas e o surgimento de um novo ser vivo trabalhariam no sentido contrário a morte, mas também o aumento da estimulação produzido pelo contato entre dois corpos ou por outras formas de estimulação. Assim, podemos identificar, não só na atividade sexual que conduz à fusão entre duas células germinativas, mas também nas manifestações sexuais em geral, algo que se opõe à morte: a promoção do contato entre dois corpos, que produziria um aumento da estimulação sobre o organismo. No texto “Três ensaios sobre uma teoria da sexualidade” (1905), Freud definira a sexualidade como uma atividade que visaria obter prazer a partir da estimulação de uma zona erógena. A conclusão a que ele chega agora de que o aumento da estimulação fortalece a vida parece tornar possível pensarmos que não apenas as

²⁸ AE, vol.18, p.40; SA, vol.3, p.250

atividades sexuais com fins de procriação, mas todas as atividades sexuais, sejam consideradas como trabalhando em oposição à morte:

“Imaginaríamos, então, que as pulsões de vida ou sexuais, ativas em cada célula, são as que tomam por objeto a outras células, neutralizando parcialmente suas pulsões de morte, a dizer, os processos provocados por estas últimas, e mantendo-as, desse modo, na vida(...)”²⁹

A constatação de que o aumento da estimulação fortalece a vida está totalmente de acordo com a suposição de Freud de que o processo vital leva, por razões internas, à nivelação das tensões químicas. A pulsão de morte trabalharia no sentido da diminuição da excitação, e a pulsão de vida no sentido do seu acréscimo. Mas as pulsões sexuais não visariam em última instância a descarga da excitação? O contato entre dois corpos não seria um objetivo intermediário da pulsão sexual, isto é, uma etapa intermediária do processo impulsionado por tal pulsão, cujo objetivo final seria a descarga da excitação? Freud não chega, no entanto, a levantar essas questões.

Permanece também em aberto a questão sobre a qual estado originário as pulsões de vida aspirariam retornar. Os dados biológicos analisados não fornecem uma resposta para essa questão, embora forneçam a Freud uma pista para esclarecê-la. Se as pulsões sexuais tivessem como finalidade primordial promover o contato entre dois corpos, o estado originário ao qual elas aspirariam regressar deveria ser um estado de fusão entre os mesmos. Uma vez que esse estado deve ser tão originário quanto àquele aspirado pela pulsão de morte e que ambas as pulsões devem estar presentes desde o início da vida, a conclusão a que essas idéias conduzem é: a substância inanimada, ao tornar-se animada, se dividiu em várias partes, as quais desde então passaram a aspirar a reunir-se novamente. Com a vida, teria surgido uma tendência para retornar ao inanimado – a pulsão de morte –, assim como uma tendência para retornar ao estado anterior de coesão e indiferenciação – a pulsão de vida. Esse é o caminho para o qual as hipóteses conduzem, mas não parece haver nada na biologia que forneça apoio para essa suposição. Diante dessa situação, Freud levanta a questão:

²⁹ AE, vol.18, p.49; SA, vol.3, p.259.

“Aventuraremos, seguindo a indicação do filósofo poeta, a hipótese de que a substância viva foi desgarrada, a raiz de sua animação, em pequenas partículas que desde então aspiram a se reunir por meio das pulsões sexuais? E que estas pulsões, nas quais persiste a afinidade química da matéria inanimada, superam pouco a pouco, ao longo do reino dos protistas, as dificuldades que opõe a esta aspiração um meio carregado de estímulos que fazem perigar a vida, meio que obriga a formação de um estrato cortical protetor? Que estas partículas de substância viva dispersadas alcançam assim o estado pluricelular e finalmente transferem às células germinais, em concentração suprema, a pulsão à reunião? Este é, creio, o ponto em que devemos interromper”.³⁰

Há na filosofia – Freud cita a teoria mítica que Platão faz Aristófanes desenvolver em “O banquete” – uma idéia que fornece exatamente aquilo que está sendo procurado, isto é, que deriva uma pulsão sexual da necessidade de restabelecer um estado anterior. Contudo, não há apoio científico para essa hipótese. Ele, então, levanta a questão acima, mas a deixa em aberto. Permanece sem resposta definitiva a pergunta a respeito de qual seria o estado originário ao qual as pulsões de vida aspirariam regressar.

Se a finalidade primária das pulsões de vida fosse retornar a um estado originário de fusão, então tal finalidade não seria também a morte, uma vez que esse estado de fusão seria igualmente o estado inanimado? Em última instância, o estado visado não seria o estado de ausência de vida? O fato do contato entre dois corpos promover o aumento da estimulação, tendo como conseqüência o fortalecimento da vida, não seria uma conseqüência secundária? Nesse sentido, a pulsão sexual não seria também, ao fim e ao cabo, uma pulsão de morte? Durante todo o texto de Freud, ficamos com a impressão de que, por mais que ele se esforce, parece difícil escapar à hipótese de que a morte estaria por trás de todos os fenômenos vitais.

³⁰ AE, vol.18, p.57; SA, vol.3, p.267.

1.8) Primeiro *versus* segundo dualismo pulsional

De início, em “Além do princípio do prazer”, Freud coloca as pulsões de auto-conservação como estando entre as pulsões de morte. Haveria, então, uma oposição entre pulsão de auto-conservação e pulsão sexual: as primeiras serviriam à morte, e as segundas serviriam à vida. Mas os fatos relacionados ao narcisismo já haviam mostrado a dificuldade de se manter uma oposição entre pulsões de auto-conservação e pulsões sexuais. Freud é levado a perceber que o eu é o reservatório genuíno e originário da libido, que ele é, portanto, parte dos objetos sexuais, o que torna necessário reconhecer que uma parte das pulsões do eu é de natureza libidinal. Em um segundo momento, em “Além do princípio do prazer”, Freud corrige a hipótese anterior, segundo a qual as pulsões do eu seriam pulsões de morte:

“Vemo-nos ainda mais obrigados a destacar o caráter libidinal das pulsões de auto-conservação agora que ousamos dar outro passo: discernir a pulsão sexual como o Eros que tudo conserva, e derivar a libido narcisista do eu a partir das quotas libidinais com que as células do soma aderem umas às outras. Pois bem, logo nos enfrentamos com o seguinte problema: Se também as pulsões de auto-conservação são de natureza libidinal, talvez não tenhamos outras pulsões além das libidinais.”³¹

Se as pulsões de auto-conservação são pulsões libidinais, então que lugar restaria para as pulsões de morte? O dualismo pulsional deveria ser deixado de lado? Freud não aceita, de forma alguma, essa conclusão. Ele argumenta que deve ser mantida a hipótese de que haveria no interior do eu outras pulsões que as libidinais, mesmo que não seja possível indicá-las e sugere que talvez a agressividade possa ser considerada como manifestação da pulsão de morte, de forma que haveria, assim, uma oposição entre amor e ódio. Essa hipótese de que a agressividade seria uma das manifestações das pulsões de morte apresenta uma série de complicações, entre outros motivos porque, como Freud mesmo

³¹ AE, vol.18, p.51; SA, vol.3, p.261.

reconhece, há uma estreita relação entre a sexualidade e a agressividade. Mas não cabe entrar aqui nesta questão.

Atentemos para outra coisa: o conceito de narcisismo impôs a identificação, ao menos parcial, entre pulsões de auto-conservação e pulsões sexuais. Num primeiro momento, em “Além do princípio do prazer”, Freud argumenta que as pulsões de auto-conservação são também pulsões de morte. Na verdade, desde o “Projeto...”, estava implícito que o desenvolvimento e a preservação do organismo eram conseqüência da dificuldade de se alcançar a eliminação da excitação endógena pela via reflexa. Portanto, o que produz a manutenção da vida teria tido sempre, como meta última, a eliminação total da tensão, as pulsões de auto-conservação estariam a serviço da morte. A vida, como diz Freud, seria apenas uma rodeio para a morte. Mas a oposição entre pulsões sexuais e pulsões auto-conservação não pode ser mantida: essas últimas mostram-se também como pulsões libidinais. Então, temos dois fatores a considerar: por um lado, o fato de que as pulsões de auto-conservação sejam perfeitamente conciliáveis com a hipótese da pulsão de morte. Aliás, parece ser uma conseqüência necessária da hipótese de que haveria uma tendência primordial no organismo para a morte, a idéia de que a atividade das pulsões de auto-conservação apenas secundariamente acabaria conservando a vida. Dessa forma, o impulso primário que estaria por trás das pulsões de auto-conservação seria o impulso para a morte. Por outro lado, contudo, não é possível sustentar a oposição entre pulsões sexuais e pulsões de auto-conservação: ao menos parte dessas últimas seriam também sexuais. Diante disso, Freud deixa de lado a relação antes estabelecida entre pulsões de auto-conservação e pulsões de morte e propõe que as primeiras estariam, ao contrário, entre as pulsões de vida. Mas não há como esquecer que as pulsões de auto-conservação parecem também servir à tendência à morte. Não seria legítima a conclusão de que ao menos parte das pulsões sexuais são também pulsões de morte?

Vemos que a dualidade entre pulsões de vida e de morte de forma alguma é algo facilmente justificável. Mas Freud mantém essa nova dualidade pulsional – que, na verdade, está em um plano muito diferente da anterior – a despeito da dificuldade de encontrar justificativas suficientes para ela. Ao se perguntar se a hipótese da pulsão de morte não deveria ser descartada, ele responde:

“Uma vez que discernimos como a tendência dominante da vida psíquica, e talvez da vida nervosa em geral, a de rebaixar, manter constante, suprimir a tensão interna de estímulo (o “princípio de Nirvana”, segundo a terminologia de Barbara Low [1920,73]), do qual é expressão o princípio do prazer, esse constitui um dos nossos mais fortes motivos para crer na existência de pulsões de morte”.³²

O conceito de pulsão de morte seguir-se-ia necessariamente da hipótese dessa tendência originária da vida psíquica, do princípio de Nirvana, tal como Freud o denomina agora. Lembremos do que Freud afirma ao propor o princípio de inércia no “Projeto...”: ele diz ali que as observações clínico-patológicas, em especial os fatos relacionados à histeria e à compulsão, sugeriram a concepção da excitação nervosa como quantidade em fluxo e, a partir dessa consideração, foi possível estabelecer o princípio de inércia como o princípio fundamental da atividade nervosa. Como argumentamos, a hipótese da pulsão de morte parece estar implicada na tendência originária do aparelho a descarregar toda a excitação. Se, conforme o que Freud diz no “Projeto...”, os fatos clínicos levaram a suposição dessa tendência fundamental do sistema nervoso, então a noção de pulsão de morte também estaria ancorada em fatos clínicos. Haveria, portanto, justificativa para mantê-la.

As pulsões de vida, embora produzindo manifestações mais claras, parecem mais difíceis de serem justificadas do que as pulsões de morte, tendo em vista as premissas da teoria. A única coisa que parece seguramente estar em oposição à morte é a fusão das células germinativas, mas a suposição de que a tendência originária das pulsões sexuais seria a tendência à união entre dois corpos e de que só em um momento posterior tal tendência teria sido transferida para as células germinativas já parece obscurecer um pouco a oposição entre pulsões de vida e de morte. Freud reconhece que essa nova dualidade pulsional proposta não apresenta o mesmo grau de certeza que os passos anteriores do desenvolvimento de sua teoria sobre as pulsões. Ele afirma em “Além do princípio do prazer”:

“Não desconheço que o terceiro passo da doutrina das pulsões, este que empreendo aqui, não pode reivindicar a mesma certeza que os dois

³² AE, vol.18, p.54; SA, vol.3, p.264.

anteriores, a saber, a ampliação do conceito de sexualidade e a tese do narcisismo (...).³³

No final do sexto capítulo, Freud observa:

“(...) poder-se-ia perguntar: Para que desenvolver trabalhos como os apresentados nessa seção e por que, além disso, comunicá-los? Pois bem, é que não posso negar que algumas das analogias, enlaces e nexos apontados nele me pareceram dignos de consideração”.³⁴

Freud deixa claro, assim, que a hipótese do novo dualismo pulsional não apresenta o mesmo grau de certeza que os desenvolvimentos anteriores da teoria das pulsões, mas ele argumenta que, apesar desta incerteza e dos problemas que parecem envolver essa hipótese, é válido desenvolvê-la e comunicá-la, pois ela aponta para algo digno de consideração. Voltaremos a comentar os problemas implicados pela hipótese do novo dualismo pulsional na conclusão deste capítulo.

1.9) Haveria, de fato, um além do princípio do prazer?

No último capítulo de “Além do princípio do prazer”, Freud retorna à questão da relação existente entre a compulsão à repetição e o princípio do prazer. Do fato de que alguns processos não estejam sob o domínio do princípio do prazer não se segue que eles se oponham a tal princípio, insiste Freud. O funcionamento regido pela compulsão à repetição seria pré-condição para que o princípio do prazer passasse a imperar. Como a compulsão à repetição prepararia o terreno para o princípio do prazer, ela não se oporia a esse princípio, mas, ao contrário, atuaria em seu favor. A ligação da quantidade, que surgiria como consequência da compulsão à repetição, seria uma função preparatória, destinada a acomodar a excitação para poder tramitá-la definitivamente no prazer da descarga.

O princípio do prazer, argumenta Freud em seguida, seria uma tendência que estaria a serviço de uma função: a de fazer com que o aparelho psíquico ficasse isento de excitação

³³ AE,p.57; SA, vol.3, p.267

³⁴ AE, vol.18, p.59; SA, vol.3, p.269.

ou mantivesse o nível de excitação constante. Esse princípio estaria a serviço do que Freud chama agora de “Princípio de Nirvana” o qual, tal como Freud o define em “Além do princípio do prazer”, abarcaria tanto a tendência à inércia, quanto a tendência à constância, como deixa claro a seguinte afirmação de Freud, já mencionada anteriormente:

“discernimos como a tendência dominante da vida psíquica, e talvez da vida nervosa em geral, a de rebaixar, manter constante, suprimir a tensão nervosa interna de estímulo (o Princípio de Nirvana , segundo a terminologia de Bárbara Low[1920])”.³⁵

Freud argumenta, no início do sétimo capítulo, que não se pode decidir por uma dessas duas versões, mas que *“a função assim definida participaria da aspiração mais universal de todo o vivo a voltar atrás, até o repouso do mundo inorgânico”*.³⁶ Então, o princípio do prazer seria uma tendência à serviço de uma função (o princípio de Nirvana), e essa função participaria da aspiração mais universal de todo o ser vivo para regressar ao repouso do mundo inorgânico. Dessa forma, o princípio do prazer também estaria, em última análise, a serviço dessa última aspiração, ou seja, da pulsão de morte. Mais adiante, isso é enunciado explicitamente: *“o princípio do prazer parece estar diretamente a serviço das pulsões de morte”*.³⁷

Antes, ao propor que houvesse um além do princípio do prazer, Freud ressaltara que esse além não se oporia ao princípio do prazer, mas, ao contrário, atuaria em seu favor. Quando Freud estabelecera que o estado originário ao qual as pulsões aspirariam regressar seria o estado inanimado e que, portanto, ao menos parte das pulsões seriam pulsões de morte, já podíamos inferir dali que não haveria uma oposição entre a pulsão de morte e o princípio do prazer e que a compulsão à repetição atuaria em favor do princípio do prazer. Assim, podíamos inferir que, de certa forma, a pulsão de morte tampouco se oporia a esse princípio, mas igualmente atuaria em seu favor. No entanto, na verdade, seria mais correto estabelecer a relação inversa entre essas noções, o que Freud faz na afirmação acima: o princípio do prazer estaria diretamente a serviço das pulsões de morte.

No fim do último capítulo, Freud se pergunta se as sensações de prazer e desprazer poderiam ser produzidas tanto pelos processos em estado ligado quanto por aqueles em

³⁵ AE, vol.18, p.54; SA, vol.3, p.264.

³⁶ AE, vol.18, p.60; SA, vol.3, p.270.

³⁷ AE, vol.18, p.61; SA, vol.3, p.271.

estado livre. Ele responde que sim e que o processo primário é capaz de produzir sensações muito mais intensas em ambos os sentidos. A partir disso, Freud extrai a seguinte conclusão:

“ (...) os processos primários são os mais prematuros no tempo; no início da vida psíquica não há outros, e podemos inferir que, se o princípio do prazer não atuasse já neles, nunca teria podido se estabelecer para os posteriores. Chegamos, assim, a um resultado no fundo nada simples: o afã de prazer se exterioriza no início da vida psíquica com maior intensidade do que mais tarde, mas não tão irrestritamente; se vê forçado a admitir freqüentes rupturas. Em época de maior maturidade, o império do princípio do prazer está muito mais assegurado (...)”.³⁸

Nessa passagem, Freud está afirmando que o princípio do prazer já se manifesta nos processos primários, mas que apenas em um momento posterior – nos processos secundários – ele se tornaria o princípio dominante; no processo secundário, seu império estaria mais assegurado, pois neste seria possível inibir o surgimento de desprazer. No processo primário, o princípio do prazer não seria soberano, pois teria que admitir freqüentes interrupções, como consequência da ação da compulsão à repetição. Então, tanto a compulsão à repetição como o princípio do prazer já se manifestariam no processo primário. Adiante será preciso retomarmos essa questão.

Assim, quando surge a vida, surge a pulsão de vida e a de morte. Essas pulsões manifestam-se como uma compulsão à repetição. Mas, desde o início, estaria também presente uma tendência para evitar o desprazer e buscar o prazer. Se fosse possível identificar aumento da excitação e desprazer e sua diminuição e prazer, seria possível também identificar pulsão de morte e princípio do prazer. A tendência a anular toda a excitação seria, ao mesmo tempo, uma tendência para buscar o prazer. Mas, apenas no “Projeto...”, Freud havia estabelecido uma relação assim simples entre as sensações de prazer e desprazer e a variação do nível de excitação. Em textos posteriores, como nas “Conferências de introdução à psicanálise”(1915-1916) e em “Além do princípio do prazer” (1920), ele admite que não parece ser possível estabelecer essa relação simples e

várias vezes lamenta o fato de não possuir uma concepção satisfatória a respeito das sensações de prazer e desprazer. Os fenômenos do masoquismo, assim, como outras manifestações da sexualidade, colocam em questão a identificação entre prazer e diminuição do nível de excitação. Essa complexidade que parece envolver o surgimento das sensações de prazer e desprazer não permite, como Freud havia cogitado no “Projeto...”, identificar a tendência a anular toda a tensão, com a tendência a evitar o desprazer. De qualquer forma, o texto “Além do princípio do prazer” estabelece que o princípio do prazer, tal como é pensado no capítulo 7 e nos artigos metapsicológicos, não é o princípio dominante desde o início: ele não predomina nos processos primários. Esse texto estabelece também que a atração pela morte está por trás de toda atividade vital, desde o seu surgimento. Já a respeito da tendência para se manter na vida, apesar do enorme esforço feito por Freud, não terminamos de ler o texto convencidos de que ela exista ou, ao menos, de que ela seja tão originária quanto a tendência à morte. Parece não ser possível reconhecer uma simetria entre as duas classes de pulsões.

)(X)(

Monzani (1989) argumenta que, com a introdução do conceito de pulsão de morte, Freud apenas explicita algo que, desde o “Projeto...” e ao longo de toda obra, esteve presente de forma implícita na teoria. Ao introduzir tal noção em “Além do princípio do prazer”, Freud estaria apenas conferindo direito de cidadania explícito a algo que sempre esteve, de alguma forma, presente, observa Monzani. Acrescentamos a essa interpretação que, ao introduzir a noção de compulsão à repetição, Freud também não está acrescentando uma hipótese totalmente nova a sua teoria, mas sim retomando, em uma nova roupagem, hipóteses iniciais que haviam sido deixada de lado a partir do capítulo 7. Com isso não pretendemos sugerir que “Além do princípio do prazer” apenas repete e explicita hipóteses que estavam presentes já no “Projeto...” e em outros textos metapsicológicos. Como nos adverte o próprio Monzani, vários novos conceitos são introduzidos e a reformulação da teoria que Freud empreende nesse momento e que acaba culminando no texto de 1920 e em “O eu e o isso”, foi impulsionada, principalmente, por novas evidências obtidas e novas

³⁸ AE, vol.18, p.61;SA, vol.3, p.271

hipóteses formuladas ao longo desse período, entre elas, a teoria do narcisismo. Não pretendemos defender que “Além do princípio do prazer” é apenas uma retomada do “Projeto...”, mas talvez seja plausível pensarmos que a reformulação da teoria que se faz necessária e que Freud empreende nos anos 20, em medida considerável, leva-o a retomar hipóteses iniciais, que já se encontravam presentes no “Projeto...”, mas que foram deixadas de lado nas obras freudianas que se seguiram. De fato, a metáfora do movimento espiralado usada por Monzani parece adequada para representar o movimento do pensamento freudiano, em particular, quanto ao ponto aqui em discussão. Ao longo da teoria freudiana, como afirma esse autor, “ as mesmas questões são abordadas, “esquecidas”, retomadas, mas não no mesmo nível em que estavam sendo tratadas anteriormente.”(Monzani, 1989, p.303)

2. A expansão do conceito de inconsciente em “O Eu e o Isso”

Freud começa o texto “O Eu e o Isso” retomando o que ele diz ser a premissa básica da psicanálise: a diferenciação do psíquico em consciente e inconsciente. Mais uma vez, ele

afirma que a psicanálise chegou ao conceito de inconsciente a partir da observação das patologias psíquicas e que a suposição do psíquico inconsciente é a única coisa que permite submeter à abordagem científica esses processos patológicos. Ele retoma, então, sua concepção de inconsciente com o objetivo, como veremos adiante, de expor seus limites e a necessidade de repensá-la.

As representações permanecem inconscientes, porque alguma força impede que elas se tornem conscientes: haveria uma contra-ocupação, como Freud esclareceu nos artigos metapsicológicos de 1915, bloqueando o acesso à consciência dessas representações. Tanto no caso das representações desde a origem inconscientes, quanto no caso daquelas que foram alvo da “repressão propriamente dita”, o que manteria as representações sem acesso ao Pcc e ao Cc seria a presença e a ação dessa contra-ocupação. O inconsciente reprimido – isto é, o sistema Icc que seria constituído pelo reprimido primordial e pelo reprimido propriamente dito – constituiria uma classe de inconsciente: aquela cujas representações permanecem insuscetíveis de se tornarem conscientes. Haveria ainda outra classe de inconsciente: a formada pelas representações suscetíveis de consciência, que corresponderia ao sistema Pcc. Os sistemas Icc e Pcc, como fica claro já no capítulo 7, corresponderiam a dois tipos de processos: o primário e o secundário, respectivamente. Em 1915, Freud esclarecera que a sobre-ocupação produzida pela representação-palavra é que seria responsável pelo estabelecimento do processo secundário.

Até esse momento, Freud havia dividido o aparelho psíquico em Icc, Pcc e Cc. Esse esquema – que foi chamado de primeira tópica – será modificado em “O Eu e o Isso”. Mas, como argumentaremos, não se trata da substituição de uma tópica pela outra, mas sim da superposição de novas instâncias sobre as antigas e da expansão do campo psíquico “insuscetível de consciência”.

)()(

Ainda na primeira parte de “O Eu e o Isso”, Freud afirma que a diferença do aparelho entre Icc, Pcc e Cc revelou-se insuficiente na prática. Os fatos mais significativos que atestaram essa insuficiência foram os relacionados ao “eu”. Ao comentarmos os artigos metapsicológicos de 1915, observamos como o eu não se encaixava em nenhum dos

sistemas psíquicos até então definidos. Suas funções pareciam estar distribuídas entre as três instâncias. Essa dificuldade de encaixá-lo no modelo da primeira tópica é, segundo o que diz Freud, umas das evidências mais importantes a respeito da insuficiência da divisão do aparelho em Icc, Prcc e Cc.

O sistema pré-consciente sempre fora pensado como a instância que governaria o acesso à motilidade e a instância da qual dependeria o acesso à consciência. A função da repressão também havia sido pensada como sendo exercida pelo Prcc. Segundo as idéias até então apresentadas, a repressão consistiria, primeiro, na retirada da ocupação pré-consciente de uma representação; essa ocupação retirada dirigir-se-ia para uma outra representação, o que atuaria como uma contra-ocupação para a representação que perdeu sua ocupação. Tanto o ato da repressão como a manutenção do reprimido – que se manifestaria como “resistência” no trabalho clínico – seriam processos pré-conscientes. Na primeira tópica, portanto, o mecanismo da repressão e da resistência eram pensados como dizendo respeito à relação entre os sistemas inconsciente e pré-consciente. Tais mecanismos seriam funções pré-conscientes que, de certa forma, constituiriam o sistema inconsciente.

Mas, agora, Freud reconhece que há algo de errado nessas suposições, pois a repressão e a resistência devem ser reconhecidas como processos que ocorrem de forma inconsciente. Trata-se, diz ele, de processos que são inconscientes da mesma forma como o é o reprimido, vale dizer, que externalizam afetos intensos sem se tornarem conscientes e que só se tornam conscientes se realizado certo esforço. Em suma, trata-se de processos capazes de exercer efeitos na consciência, não obstante, sendo em si mesmos insuscetíveis de consciência. Com isso, coloca-se um problema: algumas das funções atribuídas ao Prcc são insuscetíveis de consciência, logo haveria no Prcc também um inconsciente insuscetível de tornar-se consciente. Esse fato representa realmente uma grande novidade na teoria?

Em certo sentido, não. Desde o capítulo 7, está pressuposto que haja representações no Prcc que não podem se tornar conscientes. Lembremos que Freud propõe, nesse texto, que haveria uma censura entre os sistemas Prcc e Cc, embora ele não especifique em que consistiria tal censura, nem que tipo de representação seria barrada por ela. Ele afirma apenas que as excitações pré-conscientes só poderiam alcançar a consciência se superada a censura que haveria entre os dois sistemas. Nos artigos metapsicológicos, Freud retoma a

hipótese de que haveria uma censura entre tais sistemas e esclarece que seria o setor do Prcc constituído por derivados do reprimido primordial que estaria submetido a essa censura. Embora esse setor do pré-consciente submetido à censura não fosse responsável pelas funções da repressão e da resistência, já está presente, desde o capítulo 7, a idéia de que haveria um “insuscetível de consciência” no Prcc, o que já nesse momento coloca problemas à identificação deste sistema com o setor psíquico suscetível de consciência, tal como é estabelecido por Freud. Se há representações pré-conscientes que são barradas por uma censura e que, portanto, permanecem sem acesso à consciência, isso implica na suposição de representações pré-conscientes “insuscetíveis de se tornarem conscientes”, mesmo que por razões diversas das representações do sistema inconsciente.

Mas, se a repressão e a sua manutenção, que sempre foram funções atribuídas ao Prcc, ocorrem de maneira inconsciente – e não parece ser o caso de atribuir essa inconsciência à ação de uma censura entre Prcc e Cc, uma vez que seriam os derivados do reprimido que estariam submetidos a ela – então, torna-se problemático considerá-las funções pré-conscientes. Um dos dois sistemas – o Prcc ou o Icc – deve ser repensado.

A teoria do aparelho psíquico desenvolvida entre 1900 e 1915 pressupõe que a manutenção do inconsciente – isto é, a contra-ocupação que mantém as representações que o constituem sem acesso ao Prcc e ao Cc – se deva à mesma força responsável pela repressão. Assim, se a repressão fosse uma função do sistema inconsciente, este teria que ser pensado como englobando não só as representações sob ação da contra-ocupação, mas também a própria contra-ocupação. Ou seja, o sistema Icc teria que ser expandido para englobar, além do reprimido primordial e do reprimido propriamente dito, a própria função da repressão e aquela que se manifesta como resistência. Esse problema que, na verdade, já poderia ser colocado mesmo na ausência da referência ao eu, só é levantado por Freud em 1923, quando sua preocupação se torna inseri-lo novamente no esquema do aparelho psíquico.

)()(

No “Projeto...”, o conceito de “eu” estava claramente definido. O sistema ψ do núcleo corresponderia à parte constante do eu e ψ do manto à sua parte variável, segundo o

que propõe Freud. Na carta 52 e no capítulo 7 de “A Interpretação dos sonhos”, o eu não é mais explicitamente tematizado, e a relação entre os sistemas que comporiam o aparelho e a excitação somática não é representada no esquema da primeira tópica, embora esteja implícito que haveria uma conexão entre o sistema inconsciente e o interior do corpo. É comum a idéia de que o eu corresponde ao sistema pré-consciente na primeira tópica, mas Freud não estabelece em momento algum essa identificação.

Quando o eu reaparece nos artigos metapsicológicos, Freud atribui a ele algumas das funções do Pcc, como a função de atenção e o exame de realidade. Em “O Eu e o Isso”, outras das funções pré-conscientes são a ele atribuídas, como o acesso à motilidade, o acesso à consciência e a repressão. Na verdade, sempre esteve implícito que o eu seria o responsável pela repressão, pois o conflito psíquico que desembocaria na repressão sempre foi pensado como ocorrendo entre as pulsões egóicas e as pulsões sexuais. O fato do eu ser o responsável pela repressão e desta última ocorrer de forma inconsciente, implicava que ele não pudesse ser totalmente identificado ao Pcc. Portanto, ele teria que estar distribuído entre o Icc e o Pcc, se fosse mantido o esquema da primeira tópica. Mas, além disso, o sistema Icc teria que ser ampliado para abarcar não só o reprimido, mas também a repressão, como acabamos de comentar. Qual é a solução encontrada por Freud? Ele deixa de lado a idéia do inconsciente enquanto sistema; o termo inconsciente passa a ser usado para designar apenas o que é insuscetível de consciência, e este passa a abarcar bem mais do que o reprimido. Na acepção sistemática, inconsciente significava um processo particular – o processo primário – com características distintas do psíquico suscetível de consciência, como vimos. Agora, essa parte correspondente ao processo primário, que antes era o sistema Icc, passa a corresponder à instância Isso e o campo do insuscetível de consciência deixa de se restringir apenas aos processos psíquicos primários.

Com essas modificações introduzidas em “O Eu e o Isso”, Freud dá um passo além em sua teoria sobre o psiquismo inconsciente. Recapitulemos, então, brevemente, os passos seguidos na evolução desta teoria.

2.1) Um novo elo na concepção de inconsciente

Primeiramente, a partir da investigação da histeria, assim como da observação do fenômeno da sugestão pós-hipnótica, Freud concluiu que havia processos psíquicos inconscientes e insuscetíveis de consciência e, entretanto, ativos e capazes de influenciar a atividade psíquica consciente. Em 1912, no artigo “Nota sobre o conceito de inconsciente”, ele afirma que sua primeira descoberta foi que havia um “inconsciente dinâmico”. Em seguida, após o abandono da hipnose, Freud percebera que essa parte da vida psíquica insuscetível de se tornar consciente, ao menos em parte, teria sido alvo de um mecanismo de defesa – isto é, da repressão – e que a mesma força que reprime continua exercendo uma pressão contínua para impedir o retorno do reprimido à consciência. Quando Freud começou a analisar os sonhos, outra característica do psíquico inconsciente pôde ser percebida: o setor do psíquico que permanece insuscetível de consciência possui propriedades peculiares, distintas daquelas da parte do psíquico suscetível de consciência. Trata-se de um processo psíquico diferente, que Freud chamou de processo primário. As características do processo primário tornavam compreensíveis tanto as singularidades do sonho quanto as dos sintomas neuróticos. Freud acrescentou, então, em sua teoria, a idéia de sistema. Haveria um sistema psíquico inconsciente – que corresponderia ao processo primário – cujas representações, no funcionamento normal, além de permanecerem insuscetíveis de consciência, seriam regidas por leis diferentes daquelas que regem o psíquico suscetível de se tornar consciente. A essa última parte do psíquico Freud passou a chamar de P_{cc} ou processo secundário. Essa separação do psíquico em uma parte suscetível e outra insuscetível de consciência, contudo, sempre teve algo que não se encaixava muito bem, pois, como comentamos há pouco, desde o capítulo 7, Freud supunha que alguns dos componentes do P_{cc} seriam “barrados por uma certa censura” e teriam o acesso à consciência impedido. Nos artigos metapsicológicos de 1915, Freud explicitou algo que há muito estava implícito: permanecem insuscetíveis de se tornarem conscientes aqueles processos que não possuam vínculos com representações-palavra. Ficou claro, então, o porquê de uma representação não poder se tornar consciente quando ela não possui vínculo com palavra, isto é, quando ela não está incorporada no processo secundário, mas permaneceu sem explicação o porquê de algumas representações, mesmo inseridas no processo secundário, não poderem alcançar a consciência, ou seja, permanece sem

explicação o fato de alguns processos pré-conscientes serem barrados por uma segunda censura.

A noção de inconsciente “dinâmico”, tal como Freud a expôs em 1912, já estava formulada no “Projeto de uma psicologia”. Na carta 52 e no capítulo 7 de “A Interpretação dos sonhos”, Freud introduziu a idéia de inconsciente no sentido sistemático. Em “Além do princípio do prazer”, Freud esclarece algo mais: o processo primário, que constitui o sistema Icc, seria regido, ao menos em parte, por um princípio que antecede o princípio do prazer, tal como este havia sido pensado desde “A interpretação dos sonhos”. Em “O Eu e o Isso”, outro passo é dado no desenvolvimento do conceito de inconsciente: Freud reconhece que a parte do psíquico inconsciente e insuscetível de consciência não se restringe àquela parte correspondente ao sistema Icc da primeira tópica, isto é, não se restringe ao processo primário. Haveria mais coisas insuscetíveis de consciência no psíquico do que o conjunto formado pelo reprimido primordial e pelo reprimido propriamente dito; não é só a parte do aparelho regida pelo processo primário que permanece insuscetível de se tornar consciente. Diante disso, a divisão do aparelho em Icc, Prcc e Cc tem que ser abandonada. O conceito de inconsciente sistemático e também o de um sistema pré-consciente tem que ser descartados.

Em “O Eu e o Isso”, a parte do psíquico insuscetível de consciência torna-se mais ampla que aquela regida pelo processo primário e a parte do psíquico suscetível de se tornar consciente torna-se mais restrita que aquela regida pelo processo secundário. Na primeira tópica, esses domínios eram identificados; o Prcc (ou o processo secundário), correspondia ao suscetível, e o Icc (ou o processo primário) ao insuscetível de se tornar consciente. Em 1923, o processo primário deixa de corresponder a todo o psíquico insuscetível de consciência: esse é o novo elo no desenvolvimento do conceito de inconsciente que está presente no texto em questão. Se pensamos na primeira tópica em sua relação com a segunda, tudo se passa como se o processo primário – que correspondia ao sistema inconsciente – se convertesse no Isso e seu vínculo com o pulsional fosse explicitado, e o processo secundário – que correspondia ao Prcc – passasse a corresponder ao Eu e ao Supereu. A diferença principal é a desvinculação entre o processo secundário e a suscetibilidade de consciência. Portanto, trata-se da superposição das novas instâncias às antigas e da expansão do campo do psíquico insuscetível de consciência.

A distinção no aparelho entre uma parte inconsciente e uma parte pré-consciente passa a dizer respeito apenas ao que é insuscetível e ao que é suscetível de consciência e apenas o sentido “dinâmico” de inconsciente, tal como Freud o formula e 1912, é mantido, sendo o sistemático abandonado. Ainda na primeira parte de “O eu e o isso”, Freud anuncia a novidade:

“Reconhecemos que o Icc não coincide com o reprimido; continua sendo correto que todo reprimido é icc, mas nem todo Icc é, por sê-lo, reprimido. Também uma parte do eu, Deus sabe quão importante, pode ser icc, é seguramente icc. E este Icc do eu não é latente no sentido do Prcc, pois se assim fosse não poderia ser ativado sem se tornar consciente, e o torná-lo consciente não encontraria dificuldades tão grandes. Visto que nos vemos constrangidos a estabelecer um terceiro Icc, não reprimido, devemos admitir que o caráter da inconsciência perde significação para nós. Passa a ser uma qualidade multívoca, que não permite as amplas e excludentes conclusões a que havíamos querido aplicá-la.”³⁹

Em “O Eu e o Isso”, os termos inconsciente e pré-consciente deixam de designar lugares ou tipos de processos, e passam a designar apenas qualidades psíquicas, ou seja, suscetibilidade ou não de consciência. Por “inconsciente” designa-se o psíquico insuscetível de consciência: ativo, capaz de agir sobre a consciência, porém incapaz de se tornar consciente. Por “pré-consciente”, designa-se o suscetível de consciência: aquela parte do psíquico que não poderia ser ativada sem tornar-se consciente, como diz Freud na passagem acima. Como veremos adiante, no “Esboço de psicanálise”, esse uso dos termos inconsciente e pré-consciente será novamente modificado.

2.2) A nova estrutura do aparelho

³⁹ AE, vol.19, p.19-20; SA, vol.3, p. 287.

A divisão do aparelho em sistema inconsciente, pré-consciente e consciente dá lugar, em 1923, à divisão entre Isso, Eu e Supereu. O Isso seria insuscetível de consciência, e o Eu e o Supereu seriam ambos, em parte, suscetíveis e, em parte, insuscetíveis de se tornarem conscientes.

Já no capítulo 7, Freud havia deixado claro que a representação “tópica” era uma representação auxiliar, utilizada por razões didáticas e que, na verdade, os sistemas Icc e Pcc corresponderiam a dois tipos de processos distintos: o primário e o secundário. Essa diferenciação não seria originária, mas surgiria com a constituição das representações-palavra (essa última hipótese é explicitada por Freud em 1915). O processo secundário se sobreporia ao processo primário e, no funcionamento psíquico normal de vigília, este último permaneceria sem acesso à consciência. Continua havendo alguma relação entre as três novas instâncias e os processos primário e secundário?

A instância Isso assume o lugar do sistema Icc da primeira tópica, mas agora seu caráter pulsional e sua relação com o somático é explicitada. Assim como o ψ do núcleo do “Projeto...”, o Isso seria o pólo pulsional do aparelho, pois estaria em contato direto com as excitações de origem endógena. O Isso corresponderia, então, ao processo primário. Na 31^a. das “Novas conferências de introdução à psicanálise” (1933), Freud atribui a essa instância exatamente as mesmas características atribuídas ao sistema inconsciente na primeira tópica (inclusive, surpreendentemente, a regulação exclusiva pelo princípio do prazer, questão à qual retornaremos adiante). Também nas “Novas conferências...”, Freud afirma que mesmo as partes insuscetíveis de consciência do Eu e do Supereu não são “primitivas e irracionais” como o Isso. Dessa afirmação talvez possamos inferir que mesmo a parte insuscetível de consciência do Eu e do Supereu correspondem ao processo secundário. Ao menos temos certeza de que não se trata de processo primário; contudo, Freud deixa totalmente sem explicação o porquê dessas partes do Eu e do Supereu permanecerem sem acesso à consciência: apesar de consistirem em processos secundários, elas permaneceriam insuscetíveis de consciência, sem que uma razão para isso seja apresentada.

Podemos formular, no entanto, a conjectura de que o processo secundário volta a ser pensado de maneira semelhante a como era pensado no “Projeto...”, isto é, que estaria sendo deixada de lado a hipótese, explicitada nos artigos metapsicológicos de 1915, de que o processo secundário seria instituído pelas palavras. No “Projeto...”, o estabelecimento do

processo secundário precedia a constituição das representações-palavra. O processo primário, por conduzir a um aumento de desprazer – portanto, devido à regra biológica da defesa primária –, seria inibido, instituindo-se, assim, o processo secundário. O estabelecimento desse último processo seria independente da constituição das palavras e não implicaria no surgimento de um campo do psíquico que seria suscetível de consciência. Dessa forma, tendo em vista as hipóteses do “Projeto..”, podemos pensar que, de início, o processo secundário permaneceria insuscetível de consciência e que, em um segundo momento, com a constituição das representações-palavra, uma parcela do processo secundário tornar-se-ia suscetível de consciência. Com isso, a idéia de que, embora o Eu e o Supereu correspondessem a processos secundários, parte de seus processos permaneceriam insuscetíveis de consciência, se tornaria compreensível. Mas Freud não formula explicitamente essas considerações: ele não esclarece o que tornaria parte do Eu e do Supereu insuscetível de consciência.

A hipótese de Freud de que o Eu seria uma parte do Isso diferenciada devido ao contato com a realidade nos permite pensar que a relação entre Isso e Eu talvez seja semelhante à que havia entre o sistema inconsciente e o pré-consciente: o Eu emergiria a partir do Isso – assim como, anteriormente, o Prcc do Icc – e esse processo se deveria ao fato de se tornar necessário levar em consideração as exigências do mundo externo. Desde o “Projeto...”, Freud trabalha com a hipótese de que o processo primário deveria ser ao menos parcialmente inibido para que o organismo pudesse sobreviver. Por ignorar o mundo externo, o funcionamento primário conduziria a um aumento de desprazer e, como consequência da sua desadaptação, ele teria que ser inibido e dar lugar ao secundário.

Essa hipótese de que o Eu seria uma parte do Isso que se teria diferenciado devido ao contato com os estímulos do mundo externo sugere que as hipóteses jacksonianas continuam presentes na teoria: assim como, na primeira tópica, o Prcc emergiria a partir do Icc e, em certo momento, passaria a predominar sobre este, na segunda tópica, o Eu emergiria a partir do Isso e passaria a predominar no funcionamento normal.

O reprimido, segundo Freud, consistiria em um setor do Isso. Esse reprimido que é representado no esquema como um setor do Isso é o que ele chama de reprimido propriamente dito, isto é, aqueles conteúdos que foram excluídos do processo secundário; no restante do Isso, estaria, então, o reprimido primordial. Em 1923, Freud reconhece a possibilidade do aparelho conter memórias hereditárias – hipótese esta que já havia sido mencionado em textos anteriores – as quais teriam sido vivências do eu que, por terem se repetido com frequência e também devido a sua intensidade, teriam sido transpostas em impressões no Isso e passado a ser transmitidas por herança :

“As vivências do eu parecem no início perderem-se para a herança, mas, se são repetidas com a suficiente frequência e intensidade em muitos indivíduos que se seguem uns aos outros geracionalmente, se transpõem, por assim dizer, em vivências do Isso, cujas impressões são conservadas por herança. Desse modo, o Isso hereditário abriga em seu interior os restos de inumeráveis existências-eu (...)”⁴⁰

Parte do Isso – e, portanto, parte dos conteúdos psíquicos insuscetíveis de consciência – seria assim constituída por memórias herdadas. Talvez essas memórias herdadas correspondam parcialmente ao reprimido primordial de que Freud falara em 1915.

Não entraremos aqui na questão da relação do Supereu com as demais instâncias, pois isso nos distanciaria dos temas focalizados por essa tese. Portanto, passaremos, agora, para a consideração da questão da consciência nesse novo contexto.

2.3) Representação e consciência na segunda tópica freudiana

Nos artigos metapsicológicos (1915-17), de início, Freud não se referia à consciência como um sistema independente; apenas no texto “Complemento metapsicológico à doutrina dos sonhos” (1917), os sistemas consciente e pré-consciente passaram a ser, de fato, diferenciados. Mas, ao estabelecer essa diferenciação, Freud passa a falar em um sistema P-Cc. Em uma nota agregada, em 1919, ao capítulo 7 de “A interpretação dos sonhos”, Freud também propõe essa união entre as duas extremidades do

aparelho (P e Cc). Observamos que não fica claro se ele está propondo que ambos são um único sistema ou se P e Cc estariam apenas conectados. No capítulo 7 de “A interpretação dos sonhos”, a percepção e a consciência haviam sido situadas em extremos opostos do aparelho. Essa diferenciação entre um sistema responsável pela percepção e outro responsável pela consciência já estava presente no “Projeto...”, onde o sistema ϕ recebia a excitação exógena, a qual atravessaria o sistema de memória ψ , para só se tornar consciente em ω . Portanto, no “Projeto...”, assim como no capítulo 7, o processo de constituição da representação precederia o “tornar-se consciente”. Quando, nos artigos metapsicológicos, Freud passa a não mais diferenciar entre P e Cc, isso não implica, de imediato, que a relação entre a representação e a consciência teria passado a ser pensada de forma diferente, pois a união das duas extremidades do aparelho, se P e Cc tivessem sido mantidos como dois sistemas distintos, não implicaria necessariamente que toda percepção – que toda recepção de quantidade exógena – se tornasse consciente imediatamente. Nos artigos metapsicológicos, Freud afirma duas coisas distintas a respeito do percurso que seria seguido pela excitação, como comentamos anteriormente: ora ele fala como se esse percurso fosse o mesmo do esquema do capítulo 7, ora ele fala como se o caminho percorrido pela excitação exógena fosse o oposto. Então, de fato, essa questão fica em aberto nos artigos de 1915. Mas, de qualquer maneira, parece evidente que Freud está repensando suas hipóteses a esse respeito. A relação entre a representação e a consciência permanece aí, no entanto, bastante indefinida.

Em “Além do princípio do prazer”, esse problema ganha maior definição: Freud continua falando em um sistema P-Cc e parece abandonar definitivamente a idéia de que a excitação oriunda do mundo externo incidiria sobre o Icc, passaria pelo Prcc e, só então, chegaria ao sistema consciente. Os sistemas P e Cc, de fato, deixam de ser diferenciados: tratar-se-ia de um único sistema que receberia a excitação exógena diretamente.⁴¹ Freud formula a hipótese de que o fato de tal sistema permanecer sempre igualmente receptivo – isto é, dele não ser modificado pela excitação que o percorre – talvez decorra justamente da sua localização, do fato dele estar em contato direto com a excitação proveniente do mundo externo:

⁴⁰ AE, vol.19, p.39;SA, vol.3, p.305

“O sistema Cc se singularizaria, então, pela particularidade de que nele, diferentemente do que ocorre em todos os outros sistemas psíquicos, o processo de excitação não deixa atrás de si uma alteração permanente de seus elementos, mas se esgota, por assim dizer, no fenômeno do tornar-se consciente. Semelhante desvio da regra geral deve ser explicado por um fator que seja exclusivo deste sistema; bem, esse fator, que falta a todos os outros sistemas, poderia ser a situação do sistema Cc que acabamos de expor: seu choque direto com o mundo exterior.”⁴²

Freud propõe, então, que a excitação exógena se choque primeiro com o sistema Cc; depois, ela seguiria para os sistemas de memória. Ele afirma que, no sistema Cc, o processo excitatório se tornaria consciente, mas não deixaria como seqüela traços permanentes, os quais se formariam somente nos sistemas de memória contíguos. A permeabilidade que caracterizaria a consciência é uma hipótese antiga na teoria; a novidade que aparece nesse momento é o fato de primeiro algo se tornar consciente e depois vir a ser representado.

Freud tenta relacionar a permeabilidade que caracterizaria a consciência com sua localização, isto é, com o fato do sistema por ela responsável se chocar diretamente com as excitações do mundo externo. Ele formula, então, algumas hipóteses a respeito de como um sistema desse tipo poderia ter-se constituído. Apoiando-se nas indicações da embriologia de que o sistema nervoso central teria provindo da ectoderme, ele passa a especular a respeito da origem do sistema consciente. Um organismo vivo primitivo, que consistisse em uma vesícula indiferenciada de substância estimulável, com a recepção contínua de estimulação acabaria tendo sua superfície externa diferenciada, até um ponto em que não pudesse ocorrer mais modificações, de forma que esta superfície acabaria se tornando totalmente permeável à excitação. Dessa forma, teriam sido criadas as condições para que surgisse a consciência:

“Dessa forma, ao final do processo, haveria se formado um córtex tão crivado pela ação dos estímulos, que ofereceria as condições mais

⁴¹ Na carta 39 a Fliess, Freud havia proposto um esquema semelhante, no qual a percepção e a consciência estavam ligadas e precederiam o sistema de memória.

⁴² AE, vol.19, p.25; SA, vol.3, p.235.

favoráveis a recepção destes e já não seria suscetível de posterior modificação. Transpondo ao sistema Cc, isso significaria que a passagem da excitação já não poderia imprimir nenhuma alteração permanente em seus elementos. Eles estariam modificados ao máximo no sentido deste efeito, ficando então habilitados para gerar consciência.”⁴³

A camada mais externa poderia, mesmo, ter-se tornado inorgânica, passando a funcionar, então, como uma superfície protetora, que barraria ao menos parte dos estímulos. Com isso, ter-se-ia se estabelecido uma camada mais externa inorgânica, que filtraria a estimulação, e uma camada imediatamente contígua, totalmente permeável aos estímulos. Os processos dos estratos mais profundos da vesícula passariam, então, a transcorrer de maneira diferente; neles, os estímulos deixariam atrás de si modificações permanentes. Freud retoma, em “Além do princípio do prazer”, praticamente as mesmas hipóteses do “Projeto...”, para explicar em que consistiriam essas modificações permanentes:

“Em que consistiu essa modificação da substância e do processo excitatório que decorre dentro dela? (...) Uma suposição possível seria que, em seu avanço de um elemento ao outro, a excitação tem que vencer uma certa resistência e, justamente, a redução desta cria o traço permanente da excitação (facilitação); poder-se-ia pensar, então, que no sistema Cc já não subsiste nenhuma resistência de passagem dessa índole entre um elemento e outro”⁴⁴

Nos organismos superiores, especula Freud, o estrato cortical receptor de estímulos da antiga vesícula teria sido internalizado no corpo e deixado atrás de si, na superfície, os órgãos sensoriais.

Na segunda sessão de “O Eu e o Isso”, Freud retoma essa hipótese, já apresentada em “Além do princípio do prazer”, de que a consciência estaria na superfície do aparelho psíquico: sobre ela incidiriam diretamente os estímulos provenientes do mundo externo. Mas, além das percepções externas, as sensações e os sentimentos – isto é, processos que se originam no interior do corpo – também se tornariam conscientes. A consciência dos

⁴³ AE, vol.19, p.26;SA, vol.3, p.236.

estímulos externos, assim como aquela das sensações provenientes do interior do corpo, seria, de certa forma, “imediata”, ou seja, não dependeria da intermediação de outros fatores. Mas e o pensamento? Como sabemos, a resposta de Freud, desde o “Projeto...”, é que o pensamento torna-se consciente por meio das palavras. Freud retoma, em 1923, essa hipótese, mas agora ele admite que o pensamento com palavras não é a única forma de pensamento consciente; há pensamentos que se tornam conscientes a partir apenas da ativação de imagens visuais.

A seguinte questão é levantada: são os pensamentos que, consumando-se em algum lugar do interior do aparelho com deslocamentos de energia psíquica, vêm à superfície que faz nascer a consciência ou é a consciência que vai até eles? Ou seja, para se tornar consciente, o processo de pensamento deve-se dirigir à superfície onde se localiza a consciência ou seria essa superfície que, de alguma forma, iria até o processo de pensamento? A resposta de Freud é: nem uma coisa, nem outra e, então, ele retoma as hipóteses que haviam sido explicitadas nos artigos metapsicológicos de 1915. Para algo se tornar pré-consciente – lembremos que, agora, isso quer dizer apenas “suscetível de consciência” – é preciso que adquira uma conexão com representações-palavra. Nesse sentido, a diferença entre um processo suscetível e um insuscetível de consciência é que o primeiro está associado a representações-palavra, e o segundo não. Mas como as palavras poderiam fazer surgir a consciência?

Lembremos que, no “Projeto...”, Freud havia formulado a hipótese de que as associações lingüísticas possibilitariam a consciência de uma representação devido às suas imagens de movimentos: estas, ao serem ativadas, como todo movimento, produziriam percepções e fariam surgir signos de qualidade. No capítulo 7 de “A Interpretação dos sonhos”, Freud retomou a hipótese de que as palavras tornariam os processos pré-conscientes suscetíveis de consciência, mas ele não retoma a idéia de que seria especificamente a imagem de movimento contida na representação de palavra o que tornaria possível o surgimento da consciência. Nos artigos de 1915, ele diz que a palavra produziria consciência ao ser transposta em percepção.

Então, após o “Projeto..”, ele não mais atrela a possibilidade de consciência à imagem de movimento em especial. Em “O Eu e o Isso”, ele volta a dizer que a palavra

⁴⁴ AE, vol.19, p.26; SA, vol.3, p.236.

faria surgir a consciência ao ser transposta em percepção. Mas, nesse momento, Freud expande sua concepção a respeito da possibilidade de consciência do pensamento. Tudo aquilo que um dia foi percepção, diz ele, pode se tornar novamente consciente:

“Essas representações-palavra são restos mnêmicos; uma vez foram percepções e, como todos os restos mnêmicos, podem se tornar de novo conscientes (...); com exceção dos sentimentos, o que a partir de dentro quer se tornar consciente tem que tentar se transpor em percepções exteriores. Isto se torna possível por meio dos traços mnêmicos”.⁴⁵

O pensamento não depende exclusivamente das representações-palavra para tornar-se consciente: haveria processos de pensamento que se tornariam conscientes a partir da reativação de imagens visuais. Esse pensamento visual, característico do sonho, é um tipo de pensamento mais antigo, tanto ontogeneticamente, quanto filogeneticamente. Trata-se, diz Freud, “de um tornar-se consciente muito imperfeito”.

Desde o “Projeto..”, está presente a hipótese de que a rememoração comum – isto é, aquela que não fosse alucinatória – só seria possível por meio das palavras. Agora, Freud admite que há também rememorações que consistem em ativações de imagens visuais, e ele afirma que a diferença entre esse tipo de rememoração e a alucinação se deve apenas à diferença na intensidade do processo. A consciência dependeria de que um traço mnêmico fosse transposto em percepção, o que parece consistir em uma ocupação regressiva dos sistemas de memória até o sistema responsável pela consciência. Uma regressão desse tipo, dependendo da sua intensidade, teria como consequência uma simples rememoração ou uma alucinação. Entre a alucinação e a simples rememoração, haveria apenas uma diferença de intensidade. Essa hipótese que, na verdade, já estava insinuada desde o capítulo 7, onde Freud diz que a rememoração consiste em um processo regressivo, é apresentada mais explicitamente em “O Eu e o Isso”.

Embora o pensar com palavras não seja a única forma de pensamento consciente, ele seria uma forma de pensamento mais evoluída: as palavras permitiriam que o pensamento se libertasse das imagens concretas. No “Projeto..”, Freud afirmara que o pensamento em sua origem consistiria na reativação de imagens de movimento;

inicialmente, pensar seria, de alguma forma, mover-se. A partir de certo momento, o pensamento se tornaria independente da ação. Podemos, com as hipóteses introduzidas em 1923, acrescentar que, além do pensamento que consistiria em ação, haveria outra forma de pensamento primária, que se daria a partir da reativação de imagens visuais, o que talvez já correspondesse a um nível mais desenvolvido de pensamento. Assim, primeiro o pensamento seria ação; depois, reativação de imagens visuais; e, por último, reativação de palavras. Este último seria, provavelmente, a marca distintiva do homem perante os outros animais.

Freud mantém, no entanto, a hipótese de que o que tornaria uma representação pré-consciente seria sua ligação com palavras e que tornar consciente algo inconsciente dependeria de reestabelecer o vínculo com as palavras. No artigo metapsicológico sobre o inconsciente (1915), ao se perguntar por que as representações-objeto precisariam das palavras para se tornarem conscientes – isto é, por que elas mesmas não poderiam se tornar conscientes uma vez que também são oriundas da percepção –, Freud responde que *“provavelmente o pensar se desenvolve em sistemas tão distantes dos restos de percepção originários que nada conservaram de suas qualidades e, para se tornarem conscientes, necessitam de um reforço de qualidades novas”*⁴⁶ Poderíamos pensar que, embora o pensamento não dependesse exclusivamente das palavras, estas o assegurariam e o aperfeiçoariam. O fato é que, embora Freud reconheça que a palavra não é a única coisa por meio da qual algo pode ser lembrado, ele continua vinculando a pré-consciência – e, portanto, a suscetibilidade de consciência – às representações-palavra. Permanece, assim, essa contradição, cujo exame será retomado, como veremos, no “Esboço de psicanálise”.

Freud conclui, então, que tanto o processo correspondente ao pensamento quanto as sensações corporais, para se tornarem conscientes, teriam que alcançar o sistema P-Cc, mas as representações só poderiam atingir este sistema a partir da intermediação das palavras, enquanto que as sensações corporais o fariam diretamente. Por isso, ele afirma que uma representação pode ser consciente, pré-consciente ou inconsciente. Já para as sensações essa segunda possibilidade estaria excluída; elas só poderiam ser inconscientes ou conscientes. A representação pré-consciente continua sendo pensada como aquela associada à palavra, e a inconsciente como a não associada.

⁴⁵ AE, vol. 19. p. 22; SA, vol. 3, p. 289.

O processo secundário, como já observamos, não parece mais ser pensado como algo que necessariamente dependa das palavras: partes do Eu e do Supereu seriam inconscientes, mesmo não correspondendo ao processo primário. Portanto, ou há um terceiro tipo de processo não mencionado – não podemos excluir essa possibilidade, embora Freud não forneça nenhuma indicação quanto a isso – ou pode haver processo secundário sem palavras. Poderíamos, ainda, pensar em uma outra alternativa: todo processo secundário estaria associado às palavras, contudo nem tudo que está associado à palavra seria suscetível de consciência. As hipóteses de Freud que acabamos de comentar parecem excluir essa possibilidade, pois, se o Eu e o Supereu são em parte inconsciente e em parte pré-consciente e se o que torna algo pré-consciente é a associação com a palavra, então a parte inconsciente do eu e do supereu não comportaria representações-palavra. Como sabemos que as partes do Eu e do Supereu inconscientes não consistem em processo primário, então, ou trata-se de processo secundário ou de outro tipo de processo. Uma vez que Freud nunca mencionou um terceiro processo – um terceiro estado da excitação que não seria nem o ligado nem o livre – a primeira alternativa parece ser a mais plausível. Portanto, nem todo processo secundário precisa ocorrer com representações associadas a palavras. Assim, a suposição de 1915 de que essas representações instituiriam o processo secundário estaria sendo deixada de lado e este processo parece voltar a ser pensado de forma próxima à que era no “Projeto...”, ou seja, como algo que para surgir não depende da constituição de representações-palavra. Apenas uma parte do processo secundário envolveria essas representações; com isso, processo secundário e suscetibilidade de consciência – e pré-consciência – ficariam desvinculados.

)(X)(

Em relação à consciência, a principal mudança que surge em “Além do princípio do prazer” e em “O Eu e o Isso” é, em primeiro lugar, a explicitação da identificação entre os sistemas P e Cc. Não há mais, como no “Projeto...” e no Capítulo 7 do livro sobre os sonhos, um sistema responsável pela recepção da excitação de origem exógena e outro responsável pela consciência: ambas as funções passam a ser desempenhadas pelo mesmo

⁴⁶ AE, vol.14, p.199; SA, vol.3, p.160.

sistema, o qual agora é denominado “P-Cc” (“W-Bw”) ou apenas “Cc”. Como consequência dessa identificação, surge uma mudança importante na forma como a relação entre a consciência e a representação é pensada. No Projeto e no capítulo 7, assim como em algumas passagens dos artigos metapsicológicos, Freud considerara que a excitação proveniente do mundo externo incidiria sobre um primeiro sistema (ϕ ou P), daí seguiria para os sistemas de memória (ψ ou Prcc e Icc), para só então chegar ao sistema responsável pela consciência (ω ou Cc). Portanto, tratava-se de uma hipótese segundo a qual primeiro ocorreria o processo de constituição da representação e, depois, o despertar da consciência, que seria, assim, sempre algo posterior à constituição da representação. Uma representação se constituiria e, mesmo que correspondesse a uma representação de algo externo, poderia ou não vir a tornar-se consciente. No capítulo 7, Freud diz que todo conteúdo, antes de ser consciente, sofre o processo da elaboração secundária e que essa elaboração se daria na passagem da excitação pelos sistemas Icc e Prcc. Portanto, até então, havia sido estabelecido que a memória precederia a consciência.

Com a identificação entre os sistemas P e Cc e com a localização desse sistema na superfície do aparelho, a relação entre representação e consciência tem que ser pensada de forma distinta, embora Freud não chegue a discutir essa questão. Se a excitação proveniente do mundo externo incide diretamente sobre a superfície responsável pela consciência, para, em seguida, chegar aos sistemas de memória, isso parece implicar que a percepção torne-se consciente antes de ser representada, isto é, antes da constituição dos traços de memória. Deste modo, em relação às percepções oriundas do mundo externo, desapareceria a antiga hipótese de que a memória precederia a consciência. Quanto às representações constituídas a partir da excitação endógena, continuaria valendo a hipótese anterior de que elas teriam que percorrer os sistemas de memória antes de se tornarem conscientes

Mas, se as percepções externas primeiro se tornam conscientes para depois serem representadas – ou seja, se o processo de elaboração secundária não mais antecederia a consciência de uma percepção –, isso implica que nossas percepções e nossas representações sejam pensadas como sendo uma cópia fiel dos estímulos externos, como correspondendo ponto a ponto aos estímulos que incidem sobre a periferia do sistema nervoso? Não parece possível tirar essa conclusão, se lembramos das idéias formuladas por Freud em “Sobre a concepção das afasias”. Neste texto, Freud defendera que, no processo

de condução dos estímulos externos da medula ao córtex, esses estímulos sofreriam sucessivos rearranjos, de forma que, entre aquilo que tivesse partido da periferia e aquilo que chegasse ao córtex, haveria uma relação bastante indireta. Tendo isso em vista, podemos concluir que, mesmo se aquela informação que chegasse ao córtex cerebral se tornasse consciente imediatamente, ainda assim não seria possível dizer que o que se torna consciente seria uma cópia fiel daquilo que ingressou no sistema nervoso. Portanto, de qualquer maneira, teria sido mantida a hipótese proposta em “Sobre a concepção das afasias” de que nossas percepções e nossas representações consistiriam no resultado conjunto de uma forma determinada pelo sistema nervoso e de um conteúdo adquirido.

Essa precedência da percepção em relação à memória parece abrir a possibilidade de que a memória reorganize as percepções, uma vez que a representação consiste em um processo associativo que ocorre após a percepção. Isso teria como consequência que a rememoração de algo nunca fosse exatamente igual a sua percepção. Outra questão que podemos levantar é se estaria implicado nas idéias defendidas por Freud que toda percepção – ou seja todo material proveniente do mundo externo – seria necessariamente percebido conscientemente. Mais uma vez, a resposta parece ser não e podemos justificá-la a partir das idéias do “Projeto...”, as quais são retomadas no capítulo 7. Nesses dois textos, Freud diferencia o surgimento de qualidades sensoriais – o que resultaria da operação do sistema Cc – do fato de algo ser percebido conscientemente. Para algo ser conscientemente percebido, seria preciso que o mecanismo da atenção do Eu (Projeto) ou do Pcc (capítulo 7) focalizasse os signos de qualidade produzidos pelo sistema responsável pela consciência. Portanto, haveria a possibilidade de que as percepções, mesmo que produzindo qualidade, não fossem de fato percebidas. Essa relação entre a atenção e o surgimento da qualidade sensorial pode ser pensada mais ou menos da mesma forma, apesar da modificação da relação entre a percepção e a consciência ocorrida em 1923. Em “Nota sobre o bloco mágico” (1925[1924]), embora não fale explicitamente em um mecanismo da “atenção”, Freud dá indicações de que essa hipótese ou algo muito semelhante continua sendo pressuposto na teoria:

“Tenho suposto que inervações de ocupação são enviadas e recolhidas novamente em golpes periódicos rápidos desde o interior até o sistema P-

Cc, que é completamente permeável. Enquanto o sistema permanece ocupado desse modo, recebe as percepções acompanhadas de consciência e transmite a excitação até os sistemas mnêmicos inconscientes; assim que a ocupação é retirada, a consciência se extingue, e a operação do sistema é suspensa. Seria como se o inconsciente, por meio do sistema P-Cc, estendesse ao encontro do mundo exterior umas antenas e as retirasse rapidamente depois que estas tiraram amostras de suas excitações.”⁴⁷

No texto de 1925, “A negação”, Freud retoma essa hipótese, mas especificando que a ocupação inconsciente parte do eu. Ele diz:

“(…) de acordo com nossa suposição, a percepção não é um processo puramente passivo, uma vez que o eu envia de maneira periódica ao sistema de percepção pequenos volumes de ocupação por meio dos quais toma amostras dos estímulos externos, para voltar a se retirar após cada um desses avanços tateantes.”⁴⁸

A consciência de uma percepção continua dependendo de que algo produzido no sistema P-Cc seja alvo de uma ocupação que parte do interior do aparelho, isto é, continua havendo algo como um mecanismo da “atenção” pressuposto na teoria. Portanto, apesar da união dos sistemas P e Cc, a hipótese de que o surgimento de qualidades sensoriais não implica necessariamente a consciência dessas qualidades parece estar sendo mantida.

No capítulo 7, Freud formulara a hipótese de que, no sonho, haveria primeiro um processo em sentido progressivo (do Icc até o Prcc); em seguida, ocorreria um processo regressivo (do Prcc até P); e, em uma última etapa, de novo um processo progressivo, que corresponderia à elaboração secundária (de P até Cc). Com a identificação entre P e Cc, o processo do sonho teria que ser pensado de forma diferente. Não parece mais haver necessidade de um processo em sentido regressivo, tal como na primeira tópica. A regressão tópica, aliás, não pode mais ser representada na segunda tópica, uma vez que o aparelho não possui mais aquela estrutura linear e uma direção preferencial para o curso

⁴⁷ AE, vol.19, p.247; SA, vol.3, p.369.

⁴⁸ AE, vol.19, p.256; SA, vol.3, p.376.

dos processos. Além disso, a elaboração secundária teria que ser explicada de uma outra forma. Contudo, Freud não desenvolve nem explicita essas questões.

Uma última questão que ainda temos que tratar nesse capítulo refere-se ao além do princípio do prazer que Freud propusera em 1920. Como o conceito de compulsão à repetição e de princípio do prazer são inseridos na nova tópica proposta por Freud?

2.4) A segunda tópica e a compulsão à repetição

É curioso o fato de Freud não mencionar nem uma vez sequer o conceito de compulsão à repetição em “O Eu e o Isso”. Ficamos esperando que ele esclareça como esse conceito se encaixa no esquema da segunda tópica, mas nada nos é dito a respeito. Tudo se passa, em “O Eu e o Isso”, como se Freud nunca tivesse proposto a existência de um “além” do princípio do prazer. Nesse texto, Freud volta a mencionar o princípio do prazer como o princípio que governa de forma soberana o processo primário, que, agora, corresponde ao Isso. Ele afirma, na segunda parte do texto em questão, que o princípio do prazer impera irrestritamente no Isso e que o eu se empenha em substituí-lo pelo princípio de realidade. Ficamos com a impressão de que as hipóteses do capítulo 7 e dos artigos metapsicológicos estão sendo retomadas: haveria um funcionamento primário governado pelo princípio do prazer e, a partir de certo momento, surgiria um segundo nível de funcionamento, o qual seria regido pelo princípio de realidade. A diferença seria apenas que agora Freud não fala mais nos sistemas inconsciente e pré-consciente, mas em Isso e Eu.

Mas será que Freud abandonou, já em 1923, a suposição de que haveria um funcionamento regido pela compulsão à repetição que antecederia o princípio do prazer? Será que Freud está falando em princípio do prazer, em “O Eu e o Isso”, exatamente no mesmo sentido atribuído a esse conceito no capítulo 7 e nos artigos metapsicológicos? Lembremos que, nesses dois momentos anteriores, Freud pensava em um funcionamento regido pelo princípio do prazer como aquele que não podia incluir entre suas associações representações que produzissem desprazer. Será que é nesse sentido que Freud está pensando o princípio do prazer ao dizer que este princípio governa irrestritamente o Isso? Ou será que ele está pensando em “princípio do prazer” em um sentido mais amplo,

identificando-o com o princípio de inércia tal como este fora concebido no “Projeto...”, isto é, como um funcionamento onde a quantidade estaria em estado livre e fluiria pelos caminhos melhor facilitados, produzindo uma descarga imediata pela via mais direta possível? Se fosse nesse segundo sentido que a noção de princípio de prazer estivesse sendo usada, não poderíamos dizer que Freud teria abandonado a idéia de que haveria um funcionamento que estaria para além do “princípio do prazer”, tal como este fora pensado no capítulo 7 e em 1915.

Embora Freud não seja totalmente explícito a esse respeito, algumas de suas afirmações sobre o princípio do prazer parecem sugerir que esse princípio não está sendo pensado no mesmo sentido do capítulo 7 e de 1915. Por exemplo, na seguinte passagem de “O Eu e o Isso”, ele afirma:

“as pulsões eróticas nos parecem em geral mais plásticas, desviáveis e deslocáveis que as pulsões de destruição. E, a partir disso, pode-se continuar dizendo que esta libido deslocável trabalha a serviço do princípio do prazer a fim de evitar estase e facilitar descargas. Nisto é inegável certa indiferença quanto ao caminho pelo qual ocorra a descarga, desde que ocorra. Tomamos conhecimento deste traço como característico dos processos de ocupação no isso.”⁴⁹

Em “O problema econômico do masoquismo”, texto publicado, em 1924, Freud esclarece que, em “O Eu e o Isso”, estava identificando princípio de prazer a princípio de nirvana e que tal identificação não pode ser mantida. Ele afirma:

“identificamos apressadamente o princípio do prazer-desprazer com este princípio de Nirvana. Se fossem idênticos, todo desprazer deveria coincidir com uma elevação, e todo prazer com uma diminuição da tensão de estímulo presente no psíquico; o princípio de Nirvana (e o princípio de prazer, supostamente idêntico a ele) estaria por completo a serviço das pulsões de morte, cuja meta é conduzir a inquietude da vida à estabilidade

⁴⁹ AE, vol.19, p.45;SA, vol.3, p.311.

do inorgânico, e teria por função alertar contra as exigências da pulsão de vida (...) Pois bem; esta concepção não pode ser correta (...)”⁵⁰

Freud argumenta que essa identificação não pode ser correta, pois é indubitável que existem tensões prazerosas e distensões desprazerosas. Talvez as sensações de prazer e desprazer surjam como resultado do ritmo, do ciclo temporal, da quantidade de estímulo, hipótese essa que já havia sido apresentada em 1920. Freud estabelece, então, que o princípio do prazer e o princípio de Nirvana são duas coisas diferentes e que o primeiro consiste em uma modificação do segundo. O princípio de Nirvana estaria diretamente a serviço da pulsão de morte, e a sua modificação em princípio do prazer talvez tenha surgido como consequência da perturbação produzida pela pulsão de vida:

“De qualquer forma, deveríamos nos precaver de que o princípio de Nirvana, súdito da pulsão de morte, tenha experimentado no ser vivo uma modificação pela qual tornou-se princípio do prazer; e, daqui em diante, teríamos que evitar considerar esses dois princípios como um só. Se seguirmos essa reflexão, não será difícil deduzir o poder do qual partiu essa modificação. Só pode ser da pulsão de vida (...) Assim, obtemos uma pequena, mas interessante, série de interdependências: o princípio de “Nirvana” expressa a tendência da pulsão de morte; o princípio do “prazer” representa a exigência da libido, e sua modificação, o princípio de “realidade”, o influxo do mundo exterior.”⁵¹

Haveria um princípio originário – o princípio de Nirvana – que estaria diretamente a serviço das pulsões de morte. A pulsão de vida impor uma modificação a esse princípio, fazendo surgir o princípio do prazer, e o mundo externo impor ainda uma segunda modificação, dando origem ao princípio de realidade. Freud esclarece, em seguida, que nenhum desses princípios é totalmente destituído pelos outros. Todos continuam ativos, às vezes de forma pacífica, às vezes de forma conflitiva. Essas afirmações indicam que Freud não abandonou a hipótese de que haveria um funcionamento que antecederia aquele regido

⁵⁰ AE, vol. 19, p. 165; SA, vol. 3, p. 343.

⁵¹ AE, vol. 19, p. 166; SA, vol. 3, p. 344.

pelo princípio do prazer e podemos inferir que quando ele afirma, em “O Eu e o Isso”, que o princípio do prazer rege irrestritamente o Isso, não quer dizer que tenha abandonado suas hipótese de 1920, mas apenas que ele está identificando aí princípio do prazer com princípio de Nirvana; em outras palavras, ele estaria usando o conceito de princípio de prazer em um sentido mais amplo, não totalmente correto, como acaba reconhecendo em “O problema econômico do masoquismo”. Esse esclarecimento de Freud, em 1924, parece tornar compreensível, então, o fato dele não mais mencionar a compulsão à repetição no texto “O Eu e o Isso” e voltar a falar do princípio do prazer como imperando de forma soberana no Isso. Se o princípio do prazer estava sendo identificado com o princípio de Nirvana, então o Isso seria, em sua origem, governado por este princípio e, em um segundo momento, entraria em ação também um segundo princípio regulador, o princípio do prazer. O estabelecimento da terceira modificação, do princípio de realidade, marcaria o surgimento da diferenciação entre o Isso e o Eu.

No texto “A perda de realidade na neurose e na psicose” (1924), Freud se refere a essa parte do Isso regida pelo princípio do prazer como consistindo em um *“mundo de fantasia, um âmbito que, em certo momento, foi segregado do mundo exterior real pela instauração do princípio de realidade e que, desde então, ficou liberado, como uma “reserva”, das reivindicações da necessidade da vida (...)”*⁵² Essa parte do Isso regida pelo princípio do prazer – esse mundo de fantasia –, funcionaria, pelo que parece, como o sistema inconsciente da primeira tópica, ou seja, consistiria em processos dos quais estariam excluídas todas as representações capazes de produzir desprazer.

Em 1924, Freud não menciona o conceito de “compulsão à repetição”. Contudo, esse conceito reaparece – exatamente da forma como havia sido pensado em 1920 – na 32^a das “Novas conferências de introdução à psicanálise” (1932), onde é feita uma recapitulação da doutrina das pulsões. A retomada do conceito de compulsão à repetição nesta conferência e o esclarecimento de Freud em “O problema econômico do masoquismo” a respeito da relação entre o princípio de Nirvana e o princípio do prazer indicam que a hipótese de que haveria um funcionamento originário repetitivo, que antecederia a vigência do princípio do prazer, não foi, de forma alguma, abandonada. Tendo em vista as hipóteses apresentadas por Freud em 1924, esse funcionamento seria o

originário e, a partir de certo momento, dividiria o governo do Isso com o que Freud chama de princípio de prazer. O funcionamento originário, regido apenas pelo princípio de Nirvana, seria aquele que estaria “para além” do princípio do prazer. Nele, a compulsão à repetição se manifestaria em estado puro. Em um segundo momento, sob a influência das pulsões de vida, o princípio do prazer entraria em ação. A partir de então, coexistiriam no Isso dois tipos de funcionamentos: um guiado exclusivamente pelo princípio de nirvana – que se caracterizaria por uma compulsão à repetição – e outro guiado pelo princípio do prazer.

Lembremos que, em 1920, Freud diz que a vigência do princípio do prazer teria como pré-condição a ligação da excitação. Mas, se o Isso corresponde ao processo primário e se o Isso em parte é regido pelo princípio do prazer, então, deve haver algo de errado. Ou o processo primário não implicaria excitação em estado livre, ou o princípio do prazer não tem como condição a ligação, ou por “ligação” Freud está entendendo outra coisa. De fato, Freud não nos fornece nenhuma pista a esse respeito e a relação do “além do princípio do prazer” com a nova estrutura do aparelho permanece bastante indefinida. Para complicar ainda mais as coisas, no “Esboço de psicanálise” (1938), Freud volta a identificar princípio do prazer e princípio de nirvana, ou seja, ele volta a fazer o que havia julgado incorreto em 1924. É curioso que, em 1938, no momento em que Freud faz uma síntese final dos pontos principais de sua teoria, o conceito de “compulsão à repetição” não seja mencionado nem uma vez sequer, embora Freud se refira à natureza regressiva das pulsões.

)()(

Percebemos que, a partir da reformulação da teoria das pulsões em “Além do princípio do prazer”, Freud passa a conceder uma atenção maior ao ponto de vista quantitativo, apesar de que muitas questões relativas principalmente à compulsão à repetição e ao processo de ligação da excitação permaneçam bastante indefinidas. No texto “Análise terminável e interminável”, de 1937, Freud manifesta seu reconhecimento dessa lacuna que permanece em sua teoria.

⁵² AE, vol.19, p.197; SA, vol.3, p.360

Nesse texto de 1937, Freud ressalta o papel essencial da metapsicologia – e, em especial do fator quantitativo – para a compreensão dos processos psíquicos. Ele se pergunta se é possível tramitar de maneira duradoura um conflito pulsional e acaba por concluir que essa questão não pode ser solucionada sem se recorrer à “bruxa metapsicologia”. Esta representaria, para a psicanálise, a reflexão teórica sem a qual nenhuma ciência pode-se desenvolver. Diante da impossibilidade de responder a essa questão a partir dos dados fornecidos pela experiência, é preciso voltar-se para a metapsicologia, para verificar se, teoricamente, é possível conceber uma tramitação total do conflito, ou seja, um ligamento total da excitação envolvida no conflito pulsional. Freud observa, então, que o fator decisivo, nesse caso, é a intensidade das pulsões e ressalta a importância de se levar em conta o fator quantitativo para a compreensão dos processos psíquicos. O ponto de vista econômico, diz ele, não recebeu, ao longo de sua obra, a mesma atenção que o dinâmico e o tópico. É necessário, portanto, um aprofundamento da consideração do aspecto quantitativo, pois este é essencial para a compreensão dos processos psíquicos e, inclusive, para o esclarecimento de questões clínicas, tais como as que são tratadas em “Análise terminável e interminável”. Freud mostra ter chegado ao fim de sua obra com a certeza de que a psicanálise não pode prescindir da referência à metapsicologia e de que dentro desta é preciso dar maior atenção ao aspecto quantitativo, o qual segundo ele teria ficado em segundo plano no desenvolvimento da teoria metapsicológica. Todas essas questões convergem para esse texto que pode ser considerado o derradeiro testamento intelectual de Freud, que é o “Esboço de psicanálise”, com o qual é possível arrematar essa análise do percurso da metapsicologia.

3. O “Esboço de psicanálise”

Na última apresentação sintética de sua obra – que foi escrita em 1938, mas publicada postumamente, em 1940, com o nome de “Esboço de Psicanálise” –, Freud não apenas retoma os pontos principais de sua teoria, mas também revê e modifica algumas hipóteses que haviam sido antes estabelecidas. Algumas das idéias expostas por Freud nesse texto mostram-se relevantes para a compreensão das questões aqui tratadas e serão discutidas na seqüência.

Freud inicia a primeira parte do “Esboço de psicanálise” (1938) afirmando que a psicanálise possui uma “premissa fundamental”: a hipótese do aparelho psíquico. Da nossa vida psíquica, diz ele, conhecemos de forma direta, por um lado, o sistema nervoso, que é o órgão corporal e cenário material da vida psíquica e, por outro lado, os atos de consciência, que nos são dados imediatamente. Ao que está entre ambos – entre a anatomia do sistema nervoso e a consciência – não possuímos acesso direto, e é nessa lacuna que se encaixa a hipótese de um aparelho psíquico. A psicanálise postula que há processos que transcorrem nesse órgão corporal da mente que, de alguma forma, produzem nossas experiências conscientes. Mas não apenas elas, pois a maior parte desse aparelho opera de forma inconsciente. A hipótese do inconsciente consiste, diz Freud, no segundo postulado fundamental da psicanálise.

Nenhuma das duas coisas às quais temos acesso direto – a anatomia do sistema nervoso e os dados da consciência – possibilitariam sozinhas a compreensão da vida mental. Tentar simplesmente relacioná-las também já se revelou infrutífero, como argumentara Freud, já em 1891, em sua crítica ao localizacionismo. É justamente essa recusa do localizacionismo que Freud retoma agora no início do “Esboço de psicanálise”: ele argumenta que, como de nada adianta tentar relacionar os atos de consciência com a anatomia do sistema nervoso – o que no máximo nos forneceria uma localização precisa dos fenômenos da consciência que não auxiliaria em nada na compreensão do psíquico –, a psicanálise insere entre ambos a hipótese do aparelho psíquico. Como vimos, esse fora o ponto de partida da teorização freudiana: foi justamente essa recusa das localizações cerebrais que o levou a introduzir a hipótese do “aparelho de linguagem” em “Sobre a concepção das afasias”, precursor do aparelho psíquico que aparece em “A interpretação dos sonhos”.

Desde “Sobre a concepção das afasias”, estava pressuposto que a formulação de uma teoria sobre o aparelho de linguagem prescindia de referência necessária à

anatomia. Contudo, apenas em “A interpretação dos sonhos”, foi deixada de lado a tentativa de estabelecer uma correspondência anatômica, mesmo que geral, para o aparelho. É claro que isso nunca implicou na suposição de que o aparelho não possuísse uma base anatômica, pois Freud sempre reconheceu que ela existia. Mas, ao contrário da referência à anatomia, da consciência não se pode abrir mão: mesmo que lacunar e determinada por fatores desconhecidos, ela é o ponto de partida de qualquer tipo de conhecimento sobre a mente e sobre o mundo. Como qualquer outra ciência, a psicanálise parte dos dados fornecidos pela consciência, mas, ao contrário das demais psicologias ao menos, ela se singulariza pela forma como a concebe. Para a psicanálise, a consciência corresponderia a uma pequena parte do psíquico, que é determinada pelo restante do mesmo, isto é, pelos processos psíquicos inconscientes. A hipótese de um psíquico inconsciente é, então, a segunda das suposições fundamentais da psicanálise, como argumenta Freud. Partindo dos dados fornecidos pela consciência e de posse da suposição de que há processos inconscientes, a psicanálise busca construir sua teoria sobre o aparelho psíquico. Este aparelho faria, então, a intermediação entre as duas únicas coisas às quais se tem acesso direto: a anatomia do sistema nervoso e a experiência consciente.

No “Esboço...”, Freud mais uma vez justifica a hipótese de um psíquico inconsciente. Ele argumenta:

“Muitos, situados tanto dentro como fora da ciência, se conformam em adotar o suposto de que a consciência é, só ela, o psíquico, e então, não resta a fazer, na psicologia, nada mais que distinguir, no interior da fenomenologia psíquica, entre percepções, sentimentos, processos cognitivos e atos de vontade. Contudo, há acordo geral de que esses processos conscientes não formam séries sem lacunas, fechadas em si mesmas, de modo que não haveria outra alternativa a não ser adotar a suposição de uns processos físicos ou somáticos, concomitantes do psíquico, aos quais parece ser preciso atribuir uma perfeição maior do que às séries psíquicas, pois alguns deles têm processos conscientes paralelos e outros não. Isto sugere, de uma maneira natural, pôr o acento na psicologia sobre esses processos somáticos, reconhecer

neles o psíquico genuíno e buscar uma apreciação diversa para os processos conscientes.”¹

A psicanálise não apenas postula a existência desses processos somáticos, que constituem o psíquico inconsciente, como os considera o “psíquico genuíno”. Essa passagem, já mencionada em outras ocasiões, parece ser uma das mais claras a respeito de como Freud concebe a natureza do psíquico inconsciente. Essa concepção acerca do inconsciente aparece pela primeira vez no “Projeto de uma psicologia” e, como argumentamos em diversos momentos ao longo desse trabalho, é mantida por toda a obra. Agora, nessa síntese final de sua teoria, Freud se preocupa em deixar claro, talvez até mais do que em qualquer outro momento, o que é que ele entende por psíquico inconsciente: trata-se de processos somáticos (nervosos) alguns dos quais podem ser acompanhados de consciência.

Na oitava parte do “Esboço...”, Freud comenta que a tarefa da psicanálise, assim como a da física, consiste em descobrir, por trás das propriedades do objeto investigado que nos é dada por nossa percepção, suas outras propriedades. A psicanálise busca preencher as lacunas dos fenômenos da consciência, inferindo certo número de processos que em si são indiscerníveis:

“Achamos o recurso técnico para preencher as lacunas de nossos fenômenos da consciência, e dele nos valemos como os físicos da experimentação. Por este caminho, inferimos certo número de processos, que em si e por si são “indiscerníveis”, os intercalamos dentro dos que nos são conscientes e quando dizemos, por exemplo: “Aqui interveio uma recordação inconsciente”, isto quer dizer: “Aqui ocorreu algo completamente inapreensível a nós, mas que, se tivesse nos chegado à consciência, só teríamos podido descrevê-lo assim e assim.”²

Como ressalta Freud, são esses processos inconscientes que a psicanálise postula que permitem configurá-la como uma ciência natural tal como as outras:

¹ AE, vol.23, p.155.

² AE, vo.23, p.198.

“ Enquanto a psicologia da consciência nunca saiu daquelas séries lacunares, que evidentemente dependem de outra coisa, a concepção segundo a qual o psíquico é em si inconsciente permite configurar a psicologia como uma ciência natural entre as outras. Os processos de que se ocupa são em si tão indiscerníveis como os de outras ciências, químicas ou físicas, mas é possível estabelecer as leis a que obedecem, perseguir seu vínculos recíprocos e suas relações de dependência, sem deixar lacunas por longos trechos – ou seja, o que se designa como entendimento do âmbito dos fenômenos naturais em questão.”³

Nessa passagem, Freud mais uma vez argumenta que a psicanálise é uma ciência natural, que pode ser colocada ao lado das demais, como a química e a física. Ao longo de toda a sua obra, ele insistiu nisso: os conceitos metapsicológicos são construções auxiliares que devem ser aperfeiçoados à medida que a investigação científica evolua. Mas não é apenas que os conceitos psicológicos devam ser aperfeiçoados: várias vezes Freud manifesta sua esperança de que um dia eles possam ser substituídos por conceitos físicos ou químicos. O seguinte comentário de Freud revela sua esperança de que não apenas a teoria metapsicológica um dia fosse substituída por uma teoria neurológica, mas também que a técnica psicanalítica pudesse se tornar desnecessária. Após reconhecer, na segunda parte do “Esboço...” , que não há garantia de obter êxito no tratamento das neuroses a partir da intervenção psicanalítica, Freud diz:

“Aqueles que seguiram nossas considerações só por interesse terapêutico talvez nos dêem as costas com menosprezo após essa nossa confissão. Mas a terapia nos ocupa aqui unicamente na medida em que ela trabalha com meios psicológicos; no momento não temos outros. Talvez o futuro nos ensine a influir de forma direta, por meio de substâncias químicas específicas, sobre os volumes de energia e suas distribuições dentro do aparelho psíquico.”⁴

³ AE, vol. 23, p.156.

⁴ AE, vol.23, p.182.

O aparelho psíquico descreve processos nervosos, utilizando-se, talvez provisoriamente, de termos psicológicos; a terapia consegue, por meio da linguagem, desvendar nexos, liberar repressões e produzir, às vezes, o alívio dos sintomas. Essa era a psicanálise possível na época de Freud, mas ele parece ter tido sempre a esperança de que um dia fosse possível descrever em termos neurológicos o funcionamento do aparelho psíquico e intervir por meio de substâncias químicas diretamente sobre esse funcionamento, sem que fosse preciso o lento, tortuoso e incerto trabalho da análise. A questão aqui não é saber se um dia seria possível de fato substituir a terapia psicanalítica por uma terapia farmacológica, mas sim discutir quais seriam as implicações do próprio fato de Freud considerar essa possibilidade. Se Freud concebe a possibilidade de se intervir sobre os processos psicológicos a partir de “substâncias químicas”, isso deixa claro que ele concebe tais processos como consistindo em processos físicos. Este pode ser, portanto, um argumento adicional para mostrar que Freud manteve sua opinião sobre a natureza física dos processos psíquicos inconscientes.

✕✕✕

Na segunda parte do “Esboço de psicanálise”, Freud retoma a hipótese do novo dualismo pulsional, mas agora ele recusa algo que até então havia sido sustentado: o caráter regressivo das pulsões de vida. Lembremos que o primeiro passo de Freud, em “Além do princípio do prazer”, fora argumentar que havia justificativa para se supor um funcionamento psíquico que não fosse regido pelo princípio do prazer, mas sim pela compulsão à repetição. Em seguida, ele concluíra que o funcionamento regido pela compulsão à repetição teria a função de ligar a excitação e que, portanto, tal funcionamento antecederia e seria condição para que o princípio do prazer se tornasse o princípio dominante. Então, ele se perguntara pela relação existente entre a compulsão à repetição e o pulsional, respondendo que a compulsão à repetição é uma característica universal das pulsões. A pulsão, dissera ele, é “um esforço inerente ao orgânico vivo de reproduzir um estado anterior; ela é a exteriorização da inércia na vida orgânica”. Seria preciso, portanto, reconhecer que a pulsão é a expressão da natureza conservadora do ser vivo. O passo seguinte fora esclarecer qual seria o estado originário ao qual a pulsão aspiraria regressar: o estado de ausência total de estimulação. Assim, Freud chegara à noção de pulsão de morte. Mas deveria haver também, argumentara ele, um outro tipo

de pulsão que se opusesse à pulsão de morte: deveria haver também pulsões de vida. Mas, se a compulsão à repetição fosse uma característica universal das pulsões, as pulsões de vida também buscariam retomar um estado anterior. Qual seria esse estado originário ao qual elas aspirariam regressar? Freud não encontrara uma resposta satisfatória para essa pergunta, embora tenha reconhecido qual é o caminho a que suas hipóteses levam: o estado visado em última instância pela pulsão de vida deve ser tão originário quanto aquele visado pela pulsão de morte; portanto, seria preciso supor que o estado inorgânico, que antecedeu o surgimento da vida, fosse também um estado de ausência de divisão, uma vez que as pulsões de vida visariam produzir o contato entre dois corpos. Mas Freud não encontrara nada que justificasse essa suposição e deixara em aberto a pergunta pelo estado originário que a pulsão de vida buscaria restabelecer. Mesmo assim, ele mantivera a hipótese de que as pulsões de vida, assim como as de morte, possuiriam uma natureza conservadora.

No “Esboço de psicanálise”, Freud recusa a possibilidade de atribuir esse caráter conservador também para as pulsões de vida. Na segunda parte do texto, de início, ele retoma a hipótese sustentada em “Além do princípio do prazer” de que toda pulsão seria de natureza conservadora. Ele afirma:

“Chamamos “pulsões” às forças que supomos por trás das tensões de necessidade do isso. Representam as requisições que o corpo faz à vida psíquica. Ainda que causa última de toda atividade, são de natureza conservadora; de todo estado alcançado por um ser brota um afã de reproduzir esse estado tão logo este seja abandonado”.⁵

Nessa passagem, ele está apenas reafirmando o que havia sido proposto em 1920. Contudo, logo em seguida, ele argumenta que essa natureza conservadora, na verdade, é uma característica apenas das pulsões de morte: não seria possível atribuí-la também às pulsões de vida, uma vez que isso implicaria em supor que a substância viva foi dividida com o surgimento da vida e, a partir de então, passou a aspirar regressar ao estado de unidade anterior:

⁵ AE, vol.23, p. 146.

“Se supomos que o vivo surgiu mais tarde que o inerte e foi gerado a partir deste, a pulsão de morte responde à fórmula consignada, a saber, que uma pulsão aspira ao regresso a um estado anterior. Diferentemente, não podemos aplicar a Eros (ou pulsão de amor) essa fórmula. Isso pressuporia que a substância viva foi outrora uma unidade logo desgarrada e que agora aspira a sua reunificação”.⁶

Nada correspondente a isso é conhecido na história da substância viva, diz Freud, portanto, não há justificativa para se atribuir esse caráter conservador também às pulsões de vida. Quais são as implicações disso para a teoria?

Se apenas as pulsões de morte aspirariam o retorno a um estado anterior, a compulsão à repetição seria uma característica apenas das pulsões de morte e não, como havia sido sustentado em “Além do princípio do prazer”, uma característica universal das pulsões. Mas, se o princípio originário que regula os processos psíquicos é o de Nirvana, isso implicaria na suposição de que a pulsão de morte antecederia o surgimento da pulsão de vida: esta última entraria em ação apenas em uma etapa posterior do funcionamento do aparelho. De fato, em “O problema econômico do masoquismo” (1924), Freud parece defender essa hipótese. Nesse texto, como vimos, ele sustenta que o princípio de Nirvana expressa a tendência da pulsão de morte, enquanto que o princípio de prazer, que consiste em uma modificação do primeiro, representa a exigência da libido. De acordo com isso, teria que se supor que a pulsão de morte entra primeiro em ação, sob influxo do princípio de Nirvana, e que, apenas com o surgimento do princípio do prazer, a pulsão de vida se manifestaria. Isso conduz à hipótese de que a morte é o que está por trás de todos os processos psíquicos e levanta a questão de por que a vida teria se afirmado a despeito dessa tendência originária para a morte. As pulsões de auto-conservação, como comentamos, podem ser pensadas como servindo às pulsões de morte e, mesmo assim, acabarem preservando a vida. O que não se encaixa nesse esquema, à primeira vista, são as pulsões sexuais, as quais não parecem poder ser conciliadas com a tendência à morte. Aparentemente, apenas estas se opõem à hipótese – que se impõe em todos os momentos – de que toda pulsão é pulsão de morte, embora um olhar mais atento talvez revele que nem elas se opõem, de fato, à morte.

⁶ AE, vol.23, p.147.

Mas Freud, apesar de recusar o caráter conservador das pulsões de vida, mantém a hipótese de que ambas as pulsões seriam originárias. Na seguinte passagem, essa idéia parece estar presente:

“Nós representamos um estado inicial da seguinte maneira: a íntegra energia disponível de Eros, que a partir de agora chamaremos “libido”, está presente no eu-isso todavia indiferenciado e serve para neutralizar as inclinações de destruição simultaneamente presentes.”⁷

De fato, parece haver um impasse na teoria. Como conciliar a suposição de que o princípio originário do aparelho é o de Nirvana, que seria expressão da pulsão de morte, com a hipótese de que ambas as pulsões estejam presentes desde o início? Isso parece conduzir à hipótese de que também o princípio de prazer teria que estar presente desde a origem, pois, segundo o que Freud afirma em 1924, ele seria a expressão da pulsão de vida. Em “Além do princípio do prazer”, Freud afirmara que, se o princípio do prazer não estivesse presente desde a origem, ele não poderia se estabelecer em uma etapa posterior, o que parece sugerir que ambos os princípios (de prazer e de Nirvana) teriam que ser igualmente originários, embora entrassem em ação em momentos distintos do desenvolvimento do aparelho psíquico. Teríamos que pensar, então, que o princípio do prazer e a pulsão de vida existiriam “em potência” desde a origem do aparelho, embora se manifestassem apenas em uma etapa posterior.

Apesar dessas últimas considerações de Freud em 1938, muitas questões permaneceram em aberto em relação ao segundo dualismo pulsional e a hipótese de que haveria um além do princípio do prazer.

)()(

Freud retoma, no “Esboço de psicanálise”, a nova divisão do aparelho psíquico que havia sido proposta em 1923, mas ele modifica algumas de suas hipóteses anteriores.

Em “O Eu e o Isso”, Freud havia sustentado que a hipótese de um “sistema” inconsciente deveria ser deixada de lado e que se passasse, então, a designar pelo termo

⁷ AE, vol.23, p.147.

inconsciente o insuscetível de consciência e, pelo termo pré-consciente, o suscetível de consciência. O sistema inconsciente da primeira tópica (o processo primário) passou a ser chamado de Isso e o seu vínculo com o pulsional foi explicitado. O Eu continuou correspondendo ao processo secundário, mas Freud reconheceu que só parte dele era suscetível de consciência, pois haveria também processos secundários insuscetíveis de consciência. Então, todo processo do Isso seria inconsciente, e o Eu seria em parte suscetível e em parte insuscetível de tornar-se consciente. Tendo em vista o uso que Freud propôs dos termos pré-consciente e inconsciente em “O Eu e o Isso”, poderíamos dizer que o Eu é em parte pré-consciente e em parte inconsciente.

No “Esboço...”, inicialmente Freud parece retomar a mesma hipótese de 1923 sobre o emprego dos termos pré-consciente e inconsciente. Ele diz:

“(...) preferimos chamar “suscetível de consciência” ou pré-consciente a todo o inconsciente que se comporta dessa maneira – ou seja, que pode trocar com facilidade o estado inconsciente pelo estado consciente (...) Outros processos psíquicos, outros conteúdos, não têm um acesso tão fácil ao tornar-se consciente (..) Para estes reservamos o nome de “o inconsciente genuíno”.⁸

Nessa passagem, as mesmas hipóteses de 1923 parecem ser retomadas, mas, em seguida, Freud parece se contradizer ao afirmar que “nem todo pré-consciente é suscetível de consciência”. Ele mantém a hipótese de que a linguagem seria condição para a suscetibilidade de consciência, mas fala como se o pré-consciente fosse em parte suscetível e em parte insuscetível de tornar-se consciente. Todo eu seria pré-consciente, mas apenas parte desse eu – aquela conectada com as palavras – seria suscetível de consciência. Todo o Isso – e apenas ele – seria estritamente inconsciente:

“O inconsciente é a qualidade que governa de maneira exclusiva no interior do Isso. Isso e inconsciente se copertencem de maneira tão íntima como eu e pré-consciente(...)”.⁹

⁸ AE, vol.23, p.157.

⁹ AE, vol.23, p.160.

Com essa equivalência estabelecida entre inconsciente e Isso e pré-consciente e Eu, Freud parece estar retomando o uso das noções de pré-consciente e inconsciente em sentido sistemático, o qual havia sido abandonado desde 1923. No fim da quarta parte do “Esboço...”, ele ressalta que o Isso corresponde ao processo primário e o Eu ao secundário. Portanto, por um lado, haveria o inconsciente ou Isso, que corresponderia ao processo primário e, por outro lado, haveria o pré-consciente ou Eu, que corresponderia ao processo secundário. O que haveria de diferente em relação à primeira tópica, além dos novos nomes e da introdução do Supereu seria o reconhecimento de que apenas parte do processo secundário é suscetível de consciência e também o abandono da hipótese introduzida em 1915 de que é a palavra que instaura o processo secundário. Voltaremos a essa última questão mais adiante.

Em suma, podemos dizer que Freud faz dois usos diferentes dos conceitos de pré-consciente e inconsciente. Em um deles, que é introduzido em 1923 e parece ser mantido nas “Novas conferências de introdução à psicanálise”, a acepção sistemática desses conceitos é deixada de lado e eles passam a designar apenas suscetibilidade ou insuscetibilidade de consciência. De acordo com isso, o Isso corresponderia ao processo primário e seria inconsciente, enquanto o Eu corresponderia ao processo secundário e seria em parte pré-consciente e em parte inconsciente. No “Esboço de psicanálise”, Freud usa os termos em questão de outra maneira: o inconsciente passa a ser equivalente ao Isso e a corresponder ao processo primário; enquanto que o pré-consciente seria equivalente ao Eu e corresponderia ao processo secundário. Conforme essa formulação, nem todo pré-consciente seria suscetível de consciência. Com exceção dessa última hipótese – a qual não é explicitada na primeira tópica – essa segunda versão parece resgatar as idéias da primeira tópica.

Uma vez que o “Esboço...” é o lugar em que Freud se refere pela última vez a essas questões, não podemos afirmar nada de conclusivo a respeito. Em outros momentos da sua obra, nós o vemos empregar um conceito de uma forma diferente do que há pouco havia sido utilizado e, em uma ocasião subsequente, se justificar dizendo que estava fazendo um uso impreciso do conceito em questão. Não podemos esquecer também que se trata de um texto inacabado, publicado postumamente, assim como o “Projeto...”. O que fica estabelecido, sem nenhuma ambigüidade é que, nessa última etapa de sua obra, Freud reconhece que há processos secundários que não podem se tornar conscientes e que, portanto, o campo do psíquico insuscetível de consciência é mais amplo do que se havia pensado na primeira tópica, isto é, este campo contém mais

do que o processo primário ou o sistema inconsciente. Também a dependência do processo secundário em relação à palavra é recusada.

)()(

Em “O Eu e o Isso”, Freud mantivera a hipótese de que seria o enlace com representações-palavra que tornaria um processo pré-consciente. Ele admitira que nem toda lembrança dependeria de palavras, mas mantivera a hipótese de que seria a palavra que tornaria uma representação pré-consciente. Comentamos que parecia haver uma contradição nessas suposições, pois, nesse texto de 1923, o termo pré-consciente era usado para designar a suscetibilidade de consciência e, embora Freud reconhecesse que a lembrança – isto é, a suscetibilidade de consciência – não dependia exclusivamente de palavras, ele não abandonara a hipótese de que são estas que tornariam um processo pré-consciente.

Como acabamos de comentar, no “Esboço de psicanálise”, Freud atribui outro sentido ao termo pré-consciente. Este volta a ser usado como sinônimo de processo secundário. Ele argumenta também, agora, que apenas parte do pré-consciente está ligada às representações-palavra:

“O interior do eu, que abarca sobretudo os processos cognitivos, tem a qualidade do pré-consciente. Esta qualidade é característica do eu, corresponde só a ele. Contudo, não seria correto fazer da conexão com os restos mnêmicos da linguagem a condição do estado pré-consciente: ao contrário, esta é independente daquela, ainda que a presença dessa conexão permita inferir com certeza a natureza pré-consciente do processo. Não obstante, o estado pré-consciente, singularizado, por uma parte, pelo seu acesso à consciência e, por outro, pelo seu enlace com restos de linguagem, é algo particular, cuja natureza esses dois caracteres não esgotam.”¹⁰

Tendo em vista o uso do termo pré-consciente no “Esboço...”, podemos inferir dessas afirmações de Freud que ele está propondo que o processo secundário não

¹⁰ AE, vol.23, p.160.

dependa das representações-palavra: apenas parte do processo secundário possui conexão com essas representações. Com isso, Freud confirma a suposição que levantamos, ao comentar o texto “O Eu e o Isso”, de que aí, embora não o afirmasse explicitamente, Freud deixara de pensar o processo secundário como algo que surge como resultado da constituição da representações-palavra e voltara a pensá-lo de forma semelhante ao “Projeto...”, onde o estabelecimento do processo secundário é independente e precede a constituição das palavras. A mesma posição parece estar sendo defendido no “Esboço...”: o estabelecimento do processo secundário não dependeria da constituição das palavras e apenas parte desse processo – aquela que está conectada com os restos mnêmicos da linguagem – seria suscetível de se tornar consciente. Freud não desvincula suscetibilidade de consciência e associação com a linguagem, mas apenas processo secundário e suscetibilidade de consciência, mas fica estabelecido que o processo secundário – o estado ligado da excitação – não surge como consequência da constituição das representações-palavra, como havia sido sustentado nos artigos metapsicológicos de 1915.

Considerações finais:

Em “Além do princípio do prazer”, Freud propõe que há um funcionamento que antecede a regulação exclusiva pelo princípio do prazer. Argumentamos que esse funcionamento apenas está para “além” do princípio do prazer tal como este é pensado no capítulo 7 e nos artigos metapsicológicos. A hipótese de um funcionamento repetitivo, que não poderia ser evitado até que ocorresse a ligação da quantidade, já estava presente no “Projeto de uma psicologia”; contudo, esta hipótese havia sido deixada de lado a partir do capítulo 7 e só é retomada em 1920. Mas, embora Freud estabeleça que o princípio do prazer só se torna dominante após a ligação da excitação, ele mantém a hipótese de que ele está em ação já no processo primário. Em “O Eu e o Isso”, o conceito de compulsão à repetição não é explicitamente retomado; Freud afirma que o princípio do prazer governa sem restrições o Isso. Em 1924, no texto “O problema econômico do masoquismo”, ele esclarece que estava identificando o princípio do prazer ao princípio de Nirvana e que tal identificação não é correta. O princípio originário que governa o aparelho seria o de Nirvana – o qual estaria diretamente a serviço da pulsão de morte. O princípio do prazer seria uma modificação do princípio de

Nirvana, decorrente da perturbação produzida pelas pulsões de vida, e haveria ainda o princípio de realidade, que entraria em ação devido à necessidade de levar em consideração as exigências do mundo externo. Mas, se o princípio do prazer é uma modificação do princípio de Nirvana, ele não pode ser tão originário quanto este último. Em 1924, Freud estabelece, então, uma relação bastante clara entre os princípios: o princípio de Nirvana seria o originário e estaria a serviço da pulsão de morte; o princípio do prazer entraria em jogo a partir da emergência das pulsões de vida, em uma etapa posterior; e, por último, o princípio de realidade entraria em ação diante da necessidade de levar em consideração as exigências do mundo externo. Este último consistiria em uma modificação do princípio do prazer, da mesma forma como o princípio do prazer consistiria em uma modificação do princípio de Nirvana. O surgimento de um novo princípio regulador não implicaria no desaparecimento dos antecedentes, de modo que todos coexistiriam. Essa relação estabelecida por Freud entre os vários princípios propostos e as pulsões parece implicar na antecendência da pulsão de morte em relação à pulsão de vida. A pulsão de morte parece a mais fundamental.

O fato de Freud recusar, em 1938, o caráter regressivo da pulsão de vida parece reafirmar a antecendência da pulsão de morte e deixar claro que não há uma simetria entre as duas classes de pulsões, pois o funcionamento originário repetitivo seria expressão unicamente da pulsão de morte. Esta idéia está totalmente de acordo com as idéias apresentadas em 1924 que acabamos de comentar. Contudo, Freud volta a dizer também, em 1938, que ambas as classes de pulsões são originárias, de modo que permanece essa contradição na teoria. Argumentamos que uma saída seria supor, como defende Freud em 1920, que algo pode estar presente em potência desde o início, embora só entre de fato em ação em uma etapa posterior. Argumentamos também que a todo momento ficamos com a impressão de que a pulsão de morte está por trás de todos os fenômenos vitais. Mesmo as pulsões sexuais parecem poder ser pensadas como estando, em última instância, à serviço da morte. Freud, no entanto, insiste em manter a hipótese do novo dualismo pulsional.

Em “O Eu e o Isso”, Freud abandona a hipótese de “sistema” inconsciente e pré-consciente, ao expandir o campo do psíquico insuscetível de consciência para além do processo primário. Observamos que, de certa forma, desde a primeira tópica já era possível inferir que parte do processo secundário permaneceria insuscetível de consciência. Em 1923, a instância Isso passa a corresponder ao processo primário, e o

Eu e o Supereu ao processo secundário, mas este último deixa de ser pensado como sendo necessariamente suscetível de consciência. Além disso, é abandonada a hipótese introduzida em 1915, segundo a qual a palavra instauraria o processo secundário. Esse processo volta a ser pensado de maneira semelhante ao “Projeto...”, isto é, como antecedendo e sendo independente das representações-palavra.

Em 1920, Freud havia afirmado que o princípio do prazer entraria em ação após a ligação da quantidade. Com a reformulação da tópica, o Isso passa a corresponder ao processo primário; portanto, nele a excitação se encontraria em estado livre. Contudo, Freud afirma que uma parte do Isso seria regida de forma dominante pelo princípio do prazer, o que implica que o domínio deste último não tenha como condição a ligação da excitação, como parecia ser o caso. Segundo Freud, a entrada em vigor do princípio de realidade marcaria a diferenciação entre o Isso e o Eu, de forma que os dois princípios estariam em ação no Isso: o de Nirvana e o de prazer. De acordo com isso, parece que apenas o princípio de realidade teria como condição a ligação da excitação; a hipótese, apresentada em 1920, de que tal ligação seria condição para que o princípio do prazer se tornasse dominante parece não fazer sentido se levarmos em conta a afirmação de Freud de que o princípio do prazer governa de forma dominante em uma parte do Isso. Essa é outra questão que permanece em aberto. De qualquer maneira, Freud mantém a idéia de que haveria um funcionamento que antecederia aquele regido pelo princípio do prazer, o qual estaria diretamente a serviço da pulsão de morte e se caracterizaria por uma compulsão à repetição.



A indefinição quanto à relação entre a memória, a percepção e a consciência, que está presente nos artigos metapsicológicos de 1915, desaparece em 1920. Em “Além do princípio do prazer” e em “O Eu e o Isso”, Freud identifica claramente o órgão responsável pela recepção dos estímulos externos (P) com aquele responsável pela produção de qualidades sensoriais (Cc) e afirma a precedência da percepção-consciência em relação à memória. Comentamos que essa modificação implica uma série de modificações nas hipóteses que haviam sido desenvolvidas na teoria até então. A consciência perceptiva passa a ser pensada como um fenômeno que precede a constituição da representação. Visto que esta última consistiria em um processo associativo, parece ser preciso supor que a memória sempre reorganiza as percepções, o

que teria como conseqüência que uma rememoração de alguma coisa sempre seria diferente da percepção atual dessa coisa. O mecanismo de formação do sonho teria que ser explicado de maneira distinta e a hipótese de que toda percepção antes de se tornar consciente sofreria um processo de “elaboração” pela memória parece estar sendo deixada de lado. No capítulo 7 de “A interpretação dos sonhos”, Freud havia descrito o mecanismo da elaboração secundária, que estaria presente não só no sonho, mas em toda percepção, a partir do percurso que a excitação proveniente do mundo externo percorreria antes de chegar ao sistema responsável pela consciência. Ou seja, seria justamente o fato de toda excitação sensorial percorrer os sistemas de memória antes de alcançar o sistema Cc que explicaria que todo conteúdo perceptivo fosse alvo de uma elaboração antes de se tornar consciente. Com a inversão da relação entre a memória e a consciência, essa hipótese da elaboração secundária não parece poder mais ser sustentada. Primeiro, os estímulos externos dariam origem a percepções conscientes para, depois, seguirem para os sistemas de memória e constituir as representações. Contudo, não parece haver razão para supormos que nossas percepções seriam cópias fiéis dos estímulos que incidem sobre a periferia do sistema nervoso, tendo em vista as hipóteses desenvolvidas por Freud desde 1891 sobre o processo de condução das informações sensoriais da periferia do sistema nervoso ao córtex.

Apesar dessas modificações, Freud parece manter a hipótese da existência de algo como um mecanismo da “atenção”, o que indica que a idéia de que nem tudo o que produz qualidade é de fato conscientemente percebido continua presente na teoria. Em “O Eu e o Isso”, Freud reconhece que o pensamento com palavras não é a única forma de pensamento que se pode tornar consciente, pois há também pensamentos que se tornam conscientes a partir da ativação de imagens visuais. Contudo, ele reafirma a idéia de que seria o vínculo com as representações-palavra que tornaria um processo suscetível de consciência. Portanto, permanece essa contradição: o que torna um processo suscetível de tornar-se consciente é a associação com as palavras, mas a palavra não é a única coisa por meio da qual um processo de pensamento se torna consciente em estado normal, isto é, sem ser de forma alucinatória.

)()(

Argumentamos no início deste capítulo que, nesse último período de sua obra, Freud parece manter as mesmas hipóteses sobre a natureza do psíquico inconsciente e

sobre o estatuto da metapsicologia. Com isso, se fecha a questão que colocamos no início: se Freud manteve as mesmas hipóteses defendidas no “Projeto...” por toda a obra ou se em algum momento ele as abandonou para retomá-las posteriormente. No “Esboço de psicanálise”, Freud expõe, talvez de forma mais clara do que em qualquer outro texto, sua hipótese de que o psíquico inconsciente consiste em processos nervosos. Ele também parece ser bem mais claro do que nos textos precedentes sobre a relação entre o psíquico inconsciente e a consciência: haveria uma relação de “paralelismo” ou de “concomitância” entre eles. Essas idéias permearam toda a obra, mas elas são apresentadas de forma bem mais explícita em seu início – isto é, no “Projeto...” – e no seu fim – no “Esboço...”. O percurso aqui realizado procurou explicitar a relativa unidade do projeto metapsicológico freudiano e a consistência com que são sustentados, nessa reflexão, suas idéias centrais e suas primeiras intuições.

CONCLUSÃO

Em “Sobre a concepção das afasias”, Freud demonstra que os pressupostos sobre os quais se assentava a concepção localizacionista das afasias eram insustentáveis. Essa concepção se baseava no pressuposto de que cada uma das diferentes funções da linguagem estaria localizada em uma região específica do córtex e de que as várias funções seriam independentes umas das outras. Apenas isso tornaria possível inferir, a partir das manifestações clínicas das afasias, a localização da lesão, assim como a partir desta inferir as características do distúrbio. Outro pressuposto presente nas teorias localizacionistas, aponta Freud, era o de que os fenômenos fisiológicos possuiriam as mesmas características dos fenômenos psicológicos. A um simples psíquico – uma idéia simples – corresponderia um simples fisiológico – um engrama contido em uma célula cortical. Nenhum desses dois pressupostos seria legítimo, segundo o que defende Freud e, assim, a teoria sobre eles construída também não se sustentaria. Retomemos esses dois pontos da crítica freudiana.

Freud argumenta que a relação entre a localização anatômica e o funcionamento do sistema nervoso não é tão simples como supunha o localizacionismo. A partir da análise de vários casos de afasias e de dados sobre como as funções da linguagem são prejudicadas nessas patologias, Freud conclui que é preciso supor que as várias funções dependam umas das outras e que uma mesma área possa abrigar mais de uma função. Disso se segue que não é possível, a partir da localização da lesão, inferir qual é a função por ela desempenhada, assim como não é possível, a partir das características dos sintomas, inferir a localização da lesão. De acordo com isso, a localização anatômica deixa de ser tão importante para a compreensão do funcionamento da linguagem como o era da perspectiva localizacionista. Freud, assim como Jackson, chama a atenção para a necessidade de atentar para os sintomas positivos da doença – para o funcionamento que, a despeito das lesões, permanece ocorrendo – e não apenas para os sintomas negativos, como fazia o localizacionismo.

Freud propõe que a área da linguagem seja uma área homogênea, onde ocorreriam processos funcionais similares, e explica as características desses processos levando em consideração, principalmente, as características clínicas dos transtornos de linguagem.

Podemos dizer que, em relação à abordagem localizacionista, a perspectiva freudiana retira parte da importância dada à anatomia e reforça a importância da análise dos dados clínicos. O melhor exemplo disso é a forma como Freud infere as características da aprendizagem da linguagem. Segundo a hipótese localizacionista, haveria áreas corticais carentes de função – as chamadas “lacunas funcionais” – as quais seriam gradualmente ocupadas no processo de aquisição da linguagem. Qual é o argumento que Freud usa para mostrar que essa hipótese é insustentável? Ele diz que a forma como a existência das lacunas funcionais foi inferida não é legítima, pois não se pode concluir, do fato de lesões em determinadas áreas não serem associadas a perturbações da linguagem, que essas áreas não comportem nenhuma função: é possível, por exemplo, que lesões em certas áreas sejam melhor toleradas do que em outras. Mas o principal argumento que Freud utiliza para recusar a hipótese das lacunas funcionais baseia-se no modo como a linguagem é prejudicada em decorrência de lesões cerebrais. Se a aquisição da linguagem ocorresse da forma como supunha Meynert, teria que ser possível, no caso de lesões na área da linguagem, que uma aquisição mais recente permanecesse intacta, enquanto uma mais antiga fosse perdida. Se cada aquisição ocupasse um lugar diferente, o conteúdo perdido seria simplesmente aquele contido na área lesionada. Contudo, diz Freud, a desintegração da linguagem decorrente de lesões cerebrais nunca ocorre assim aleatoriamente. Uma aquisição mais recente nunca se mantém intacta enquanto uma aquisição mais antiga é prejudicada. As aquisições lingüísticas, seja qual for a lesão, sempre são perdidas na ordem das mais recentes para as mais antigas, a menos que uma aquisição recente tenha sido mais utilizada que uma anterior. Como apontou Jackson, as lesões na área da linguagem provocam um processo de dissolução funcional. Desse conceito e das experiências que o suportam, Freud conclui que todas as aquisições da linguagem se dão na mesma área, que as representações aí se sobre-associam.

Então, a partir da forma como a linguagem se desintegra nas afasias, Freud conclui que a concepção de Meynert sobre a maneira como os correlatos das idéias se distribuem no córtex não pode ser mantida e formula uma hipótese substitutiva, mais adequada, a seu ver, aos fatos clínicos tais como ele os considera. Parece já estar claro, nesse momento, para Freud, que a neurologia não pode ser construída independentemente da observação clínica cuidadosa dos sintomas neurológicos: a análise dos sintomas forneceria dados mais valiosos para a compreensão do funcionamento cerebral do que os dados anatômicos

isoladamente. Essa “independência” relativa do funcional em relação ao anatômico e essa possibilidade de formular hipóteses sobre o funcionamento do sistema nervoso a partir, sobretudo, de dados clínicos patológicos é, acreditamos, a premissa que vai permitir a Freud continuar desenvolvendo suas especulações “neuropsicológicas”, mesmo longe dos laboratórios de anatomia e de fisiologia, durante o restante de sua obra. Por isso, argumentamos, contrariamente ao que defende Solms e Saling (1986), que o mais importante na ruptura de Freud com o localizacionismo não foi a adoção da doutrina da concomitância, mas a concepção da independência relativa do funcional em relação ao anatômico. É isso o que vai-lhe permitir continuar desenvolvendo sua metapsicologia, isto é, sua teoria sobre as propriedades dos processos cerebrais que compõem o psíquico inconsciente. Argumentamos que, a partir do capítulo 7 de “A interpretação dos sonhos”, Freud deixa de lado aquilo que, desde seu texto de 1891, já poderia ser descartado: a tentativa de estabelecer uma localização anatômica precisa para o aparelho. Concordamos, assim, em linhas gerais, com a seguinte observação de Solomon (1976):

“A teoria da mente em Freud, que ele já começou a formular de maneira sistemática em 1895, começa com uma aceitação explícita de um modelo neurofisiológico e parcialmente neuroanatômico (...) Freud nunca abandona seu modelo neurofisiológico (...) ele abandona as limitações neuroanatômicas desse modelo”. (p.40)

A partir do capítulo 7, contudo, ele deixa de formular sua teoria do aparelho psíquico em termos explicitamente neurofisiológicos, mas nunca deixou de acreditar que este aparelho consistia em processos nervosos, nem que sua teoria sobre o aparelho psíquico fosse uma teoria sobre a parte dos processos cerebrais que correspondem ao psíquico. O modelo neurofisiológico do “Projeto...” nunca foi abandonado; o que teria sido descartado, “provisoriamente”, seria apenas a tentativa de estabelecer uma correspondência anatômica para o aparelho e a tentativa de explicar seus processos em termos de “neurônios” e de “quantidade”. Como observa Solomon (1976):

“Freud perde as esperanças de que a neurologia progredirá suficientemente no decorrer de sua vida para que possa completar o

modelo neuroanatômico. Assim que suas esperanças juvenis dão lugar à urgência da idade avançada, Freud substitui o modelo dependente-da-anatomia do “Projeto”, por um “aparelho psíquico” independente quase espacial o qual nos fornece – em termos contemporâneos – uma localização funcional dos processos psíquicos sem que fiquemos na dependência de traçar um mapa deste aparelho sobre o cérebro”. (p.53)

)()(

Voltando ao texto sobre as afasias, Freud critica ali também outro dos pressupostos da concepção localizacionista de Meynert e Wernicke: o de que os fatos fisiológicos e os psicológicos possuam as mesmas características. Segundo ele, nesse pressuposto baseia-se a hipótese de que a uma idéia simples corresponderia um engrama contido em uma célula individual, assim como a distinção, no plano neurológico, entre a associação e a representação. Ele aponta para a necessidade de desfazer essa confusão entre o fisiológico e o psíquico, decorrente da falta de conhecimento suficiente acerca do fisiológico. Freud conclui, então, que a um simples psíquico – a uma idéia simples – sempre corresponde um complexo neurológico – um processo associativo e, seguindo os passos de Jackson, adota, nesse momento, a doutrina da concomitância e mantém a restrição do psíquico ao consciente.

Vimos que nos textos dos anos seguintes Freud já manifesta sua dúvida quanto a identificar o psíquico ao consciente. Em 1894, ele levanta a questão dos processos inconscientes que estão por trás das neuroses serem ou não processos somáticos dos quais a consciência poderia surgir, ou se eles deveriam ser considerados fatos psíquicos. A primeira resposta, como vimos, está no “Projeto” e a justificativa para tal resposta aparece nos textos posteriores: no artigo metapsicológico sobre o inconsciente de 1915 e também no “Esboço de psicanálise” (1938). No “Projeto...”, Freud passa a chamar de psíquico aqueles processos neurológicos que, em 1891, haviam sido considerados como sendo apenas os correlatos fisiológicos do psíquico. A representação deixa de ser o concomitante psíquico de um processo cortical associativo e passa a ser definida como o próprio processo cortical. Esses processos corticais associativos constituiriam o psíquico inconsciente e a consciência seria o “lado subjetivo” de apenas uma parte desses processos. Mas, ao defender essas hipóteses

no “Projeto...”, não estaria Freud fazendo exatamente o que ele criticara no ensaio sobre as afasias, ou seja, confundindo o domínio do psíquico e do neurológico? Lembremos da seguinte questão por ele levantada em 1891:

“É justificado submergir uma fibra nervosa, que ao longo de todo o seu curso havia sido somente uma estrutura fisiológica sujeita a modificações fisiológicas, com sua terminação no psíquico e dotar essa terminação de uma representação ou recordação?”¹

A resposta dada por Freud a essa questão em 1891 foi negativa: ele sustenta ali que o psíquico seria algo que surgiria concomitantemente a uma parte dos processos associativos corticais. Hipótese esta bastante complicada, pois, embora coloque o psíquico na dependência do processo físico, uma vez que todo evento psíquico seria necessariamente acompanhado de processos físicos, afirma que um não é a causa do outro e que ambas as séries física e psíquica não interferem uma sobre a outra. No artigo metapsicológica sobre o inconsciente, Freud comenta que a restrição do psíquico ao consciente, entre outras coisas, nos coloca diante das dificuldades do paralelismo psicofísico. Caso se postule que o psíquico se restringe ao consciente, os processos inconscientes, que a experiência clínica indubitavelmente atestam existir, têm que ser considerados processos puramente somáticos. Uma vez que os fatos inconscientes interferem sobre os conscientes, que eles produzem efeitos sobre os mesmos, a doutrina da concomitância não pode ser sustentada, pelo menos tal como é descrita em 1891, pois seria necessário supor que os processos físicos (inconscientes e não psíquicos) interferissem sobre os psíquicos. Aceitando isso, estaríamos diante da antiga dificuldade de explicar como dois fenômenos de natureza distinta podem agir um sobre o outro. Nesse caso, uma psicologia que não quisesse se restringir apenas aos fenômenos conscientes teria que transitar entre dois domínios distintos: o do psíquico (consciente) e o do físico (inconsciente, mas que, como diz Freud, preenche as lacunas da consciência).

Mas se, como diz Freud em 1894, atribui-se uma “natureza psíquica” aos processos inconscientes, então parece haver duas alternativas. Uma delas é manter o paralelismo

¹ LA, p.69; ZAA, p.97.

psicofísico e afirmar que a série psíquica é em parte consciente e em parte inconsciente; Solms e Strachey parecem crer que essa é a hipótese adotada por Freud. Outra alternativa seria abandonar o paralelismo e colocar todo o psíquico no âmbito do físico; ou seja, o psíquico consistiria em processos físicos, parte dos quais seria consciente e parte não. Nesse caso, todo o psíquico seria material, e a psicologia estaria totalmente dentro do campo da ciência natural e seria, em última instância, indissociável da neurologia. Poderíamos afirmar, com segurança, que essa é a hipótese assumida por Freud, uma vez que ele repete inúmeras vezes que a psicanálise é uma ciência natural e que os processos inconscientes, para ele, são processos cerebrais, desde que não levássemos em conta o que ele diz a respeito da consciência. Freud afirma que a consciência está fora do campo da ciência natural, embora não fique claro se ele pensa isso como uma impossibilidade provisória ou definitiva. Sabemos que uma psicologia que se restrinja aos dados conscientes não poderia se configurar como uma ciência natural, porque, como é esclarecido em 1915, a consciência não forma uma série causal ininterrupta. Mas o fato de Freud afirmar que a consciência surge concomitantemente aos processos psíquicos inconscientes dá margem para pensarmos que sua natureza não seria material, embora, de forma alguma, possamos inferir isso com certeza: a natureza da consciência permanece indeterminada.

Outra alternativa ainda, talvez a mais estranha de todas, seria assumir um dualismo dentro do psíquico. Os processos inconscientes que determinam os conscientes seriam processos físicos que ocorrem no córtex, mas seriam também psíquicos e, então, o psíquico seria em parte inconsciente e material e em parte consciente e de natureza distinta e imaterial. Dessa forma, o paralelismo e o dualismo substancial por ele implicado teriam sido mantidos, mas, em vez de se tratar de um dualismo entre o físico e o psíquico, tratar-se-ia de um dualismo já presente dentro do âmbito do psíquico. O psíquico seria em parte material (sua parte inconsciente) e em parte imaterial (sua parte consciente). Portanto, parte da psicologia estaria dentro do campo da ciência natural – a psicologia do inconsciente – e parte dela estaria fora do campo da ciência natural. À primeira vista, pode parecer que as hipóteses de Freud inclinam-se mais para essa última alternativa. Mas será possível sustentar isso?

Argumentamos, ao longo do desenvolvimento da tese, que, no “Projeto...”, Freud identifica explicitamente o psíquico inconsciente a processos nervosos. Neste texto, Freud

dá uma resposta à questão levantada em “As neuropsicoses de defesa” (1894) sobre dever ou não atribuir uma “natureza psíquica” aos processos inconscientes, e a resposta é: sim, são processos psíquicos quanto à sua função, mas são também processos físicos. Argumentamos que, nos textos metapsicológicos subsequentes, embora Freud não seja mais tão explícito como no “Projeto...” em relação a este ponto, há várias indicações de que ele manteve essa identificação do psíquico inconsciente a processos nervosos, o que volta a ser afirmado explicitamente no “Esboço de psicanálise” (1938). Uma das questões que este trabalho tinha como objetivo responder era se, no período que se intercala entre a redação do “Projeto...” e a publicação do “Esboço...”, a posição de Freud se mantinha inalterada ou se, no “Esboço...”, Freud está retomando suas idéias iniciais, abandonadas em algum momento do período intermediário de sua obra. Concluimos que a primeira alternativa parece ser a que melhor corresponde ao texto de Freud: as inúmeras passagens em que Freud afirma sua crença na provisoriamente da abordagem exclusivamente psicológica do inconsciente, além de várias outras de suas considerações, que comentamos ao longo desse trabalho, parecem permitir chegar a essa conclusão.

Tendo isso em vista, parece ser possível afirmar que a hipótese defendida por Solms e Saling de que Freud manteve a doutrina da concomitância, mas apenas postulou que a série psíquica seria em parte consciente e em parte inconsciente não pode ser sustentada. De fato, não parece haver nada que a justifique: a incerteza que fica nos textos freudianos é quanto a natureza da consciência, pois, a respeito do inconsciente, a posição de Freud é clara. Resta-nos, portanto, as outras duas possibilidades: ou todo o psíquico consistiria em processos cerebrais – isto é, Freud seria defensor de um materialismo psicológico (o que, se levamos em conta suas influências mais diretas, parece bastante plausível). Ou Freud teria instaurado um dualismo de substâncias dentro do domínio do psíquico. O dualismo não se daria, para ele, entre a mente e o corpo, mas entre a mente (consciente) e a mente (inconsciente); parte do psíquico seria “material” e parte “imaterial”. Com isso, os problemas implicados pelo dualismo substancial seriam trazidos para dentro do campo do mental. Como esses dois fenômenos psíquicos poderiam interagir – e a experiência clínica deixa claro que eles interagem – sendo eles de naturezas distintas?

Portanto, o principal problema que se coloca é o da relação entre o psíquico inconsciente e a consciência. A obscuridade dessa relação no pensamento freudiano

impossibilita dar uma solução definitiva a esse impasse. Seria a consciência o efeito de uma parte dos processos físicos que ocorrem em nosso cérebro? Ou seria a consciência um fenômeno de natureza distinta que emergiria em paralelo a uma parte dos processos cerebrais? Retomemos, para discutir essa questão, as poucas passagens em que Freud se refere explicitamente à relação entre os processos nervosos e a consciência. No “Projeto...”, ele diz:

“(…) consciência é, aqui, o lado subjetivo de uma parte dos processos físicos no sistema nervoso, isto é dos processos ω ; e sua supressão não deixa inalterada a ocorrência psíquica, mas inclui em si a supressão da contribuição de ω ”.²

No “Esboço de psicanálise”, podemos ler:

“...esses processos conscientes não formam séries sem lacunas, fechadas em si mesmas, de modo que não haveria outra alternativa a não ser adotar a suposição de uns processos físicos ou somáticos concomitantes do psíquico, aos quais parece necessário atribuir uma perfeição maior do que às séries psíquicas, pois alguns deles têm processos conscientes paralelos e outros não. Isso sugere, de uma maneira natural, por o acento, na psicologia, sobre esses processos somáticos, reconhecer neles o psíquico genuíno e buscar uma apreciação diversa para os processos conscientes.”³

Nessa última passagem, Freud propõe uma relação de paralelismo (ou de concomitância) entre os processos físicos – que constituiriam o psíquico inconsciente – e os fenômenos conscientes.⁴ Essa afirmação de Freud no “Esboço de Psicanálise” parece ser a mais clara de que podemos dispor a respeito de como ele concebe a relação entre os processos inconscientes e a consciência. Mas dizer que a consciência surge concomitantemente aos processos físicos inconscientes – ou que ela é o lado subjetivo

² PP, p.187; EP, p.400.

³ AE, vol.23, p.156.

⁴ Freud parece usar os termos “concomitante” e “paralelo” como sinônimos.

desses processos – implica supor que se trata de fenômenos de natureza distinta?⁵ Embora nunca tenha dito isso claramente, a sua afirmação de que os processos psíquicos conscientes não podem ser abordados desde uma perspectiva científico-naturalista pode dar margem para esse tipo de interpretação. Mas essa não parece ser a única alternativa concebível. O seguinte comentário de Chomsky é pertinente ao problema em questão:

“Nós não somos forçados, como o foi Descartes, a postular uma segunda substância quando lidamos com fenômenos que não podem ser expressos em termos de matéria em movimento (...) É uma questão interessante saber se o funcionamento e a evolução da mentalidade humana podem ser acomodados dentro do esquema das explicações físicas, assim como é entendido atualmente, ou se existem princípios novos, agora desconhecidos, que precisam ser revelados, talvez princípios que surgem apenas em níveis mais altos de organização do que os que agora podem ser submetidos à investigação física”. (Em: Nagel, 1976, p.35)

Seria por serem de natureza distinta que os fenômenos conscientes não poderiam ser abordados de uma perspectiva científico-naturalista? Ou se trataria de uma limitação da nossa capacidade de conhecimento? Essa impossibilidade seria provisória ou definitiva?

Na filosofia da mente atual, há uma concepção da relação mente-corpo, chamada de “dualismo de propriedades”, que sustenta, conforme explica Teixeira (2000), que os estados mentais sejam uma “propriedade especial” que emerge da substância material.⁶ Ao contrário do emergentismo materialista, o dualismo de propriedades sustenta que tal propriedade especial não pode ser descrita em termos físicos. Os estados subjetivos seriam produzidos pelo cérebro; no entanto, eles nunca poderiam ser integralmente mapeados em termos de estados cerebrais. Trata-se, portanto, de uma posição materialista – pois não se postula uma substância adicional – que, no entanto, nega a possibilidade de reduzir o mental às propriedades físicas do cérebro. O adepto do dualismo de propriedades não acredita na possibilidade de que uma descrição física do mundo possa ser tão completa a

⁵ Nagel faz o seguinte comentário, pouco esclarecedor, a esse respeito: “Dizer que a consciência é o “lado subjetivo” de um certo tipo de processo neurofisiológico não é compatível com o dualismo, mas também pode ser um erro chamar isto de materialismo. (1976, p.32)

ponto de nela poder ser incluídos também os fenômenos mentais conscientes, mas aceita a existência de uma conexão causal entre o físico e o mental.

Essa hipótese do dualismo de propriedades – que como todas as outras formuladas para conceber a relação mente-cérebro não deixa de ser problemática⁷ – é interessante por manter-se dentro de uma postura materialista e, ao mesmo tempo, recusar a possibilidade de explicar o mental em termos de processos físicos. Essa seria uma alternativa para pensarmos que, do fato de Freud afirmar que a consciência não pode ser abordada de uma perspectiva científico-naturalista, não se segue necessariamente que os estados conscientes sejam fenômenos de natureza distinta. Mas não podemos concluir que Freud tivesse em mente uma concepção desse tipo. Suas afirmações a respeito da relação entre o psíquico inconsciente e a consciência são muito vagas, para permitirem tal tipo de inferência. Com certeza, essa é uma questão que permanece em aberto.

Como argumentamos anteriormente, temos que pensar a concepção de Freud a respeito da relação mente-cérebro em duas etapas. Por um lado, haveria a relação entre os processos nervosos e a mente inconsciente e, por outro, a relação entre os processos físicos que compõem a mente inconsciente e a consciência. A respeito da primeira dessas relações, Freud é bem mais explícito do que a respeito da segunda: ele deixa claro que os processos psíquicos inconscientes são processos cerebrais e manifesta sua crença em que um dia eles possam ser explicados enquanto tais. Os processos cerebrais que constituiriam o psíquico inconsciente apresentariam certa organização específica. Dada uma certa organização dos processos, eles adquiririam propriedades que poderiam ser chamadas de mentais. Portanto, Freud parece supor que parte do sistema nervoso abriga processos com uma organização tal que faz emergir propriedades que podem ser chamadas de mentais.

Freud parece aplicar ao psíquico a idéia de Jackson a respeito da organização do sistema nervoso. Como vimos, segundo este autor, o sistema nervoso possuiria três níveis diferentes de evolução: o inferior, o intermediário e o superior. Os nível superior evoluiria a partir do intermediário, este a partir do inferior e, este, a partir da periferia nervosa. Na

⁶ Os principais defensores dessa idéia, no século XX, foram Thomas Nagel e David Chalmers. (Teixeira, 2000, p.92).

⁷ Teixeira aponta que o dualista de propriedades se encontra no seguinte impasse: ou ele admite a existência de características específicas do cérebro que seriam responsáveis pela consciência e, nesse caso, sua posição seria auto-contraditória. Ou ele admite que qualquer elemento do mundo material poderia, em princípio, produzir uma mente, o que levaria ao pampsiquismo.

normalidade, o nível superior prevaleceria sobre os inferiores; nas patologias, contudo, ele sucumbiria total ou parcialmente, possibilitando uma liberação dos processos inferiores. A forma como Freud concebe a relação entre os processos primários e os secundários parece poder ser pensada de forma muito semelhante. Os processos de nível superior – os secundários – surgiriam a partir dos de nível inferior – dos primários – como consequência da sobre-associação produzida pelas palavras. Na normalidade, os processos secundários prevaleceriam, podendo sucumbir total ou parcialmente nas patologias. Podemos pensar que há uma relação do mesmo tipo entre os processos psíquicos inconscientes e os demais processos nervosos (aqueles que não podem ser descritos como psíquicos): alguma modificação nas características dos processos nervosos faria emergir as propriedades do processo primário, as quais poderiam ser chamadas de mentais.

Então, poder-se-ia dizer que, dos demais processos nervosos emergiria o processo primário, deste emergiria o processo secundário e, deste, emergiriam aqueles processos acompanhados de consciência? Haveria entre a consciência e o processo secundário uma relação semelhante àquela que há entre o processo primário e o secundário? O problema é que não sabemos se a consciência emerge desse processos nervosos – que corresponderiam ao sistema Cc – ou se ela é um fenômeno paralelo de natureza distinta. Enfim, o problema é que não sabemos em que exatamente Freud pensava quando dizia que a consciência é o “lado subjetivo”, “concomitante” ou “paralela” a uma parte dos processos que corresponderiam ao psíquico inconsciente. De qualquer forma, sabemos que há uma diferença entre os processos psíquicos inconscientes e os conscientes. Enquanto os primeiros podem ser abordados de uma perspectiva científico-naturalista, os segundo não podem sê-lo. Como dissemos anteriormente, não podemos inferir disso que a consciência seja algo de natureza distinta; que seria por sua natureza ser diferente daquela dos processos psíquicos inconscientes que ela estaria fora do campo da ciência natural. Seria a consciência um fenômeno emergente em relação a parte dos processos psíquicos inconscientes, mas que, assim como propõe o dualismo de propriedades, não poderia ser explicado em termos físicos? Essa impossibilidade seria definitiva ou provisória? Freud teria mantido uma postura materialista? Não é possível respondermos de forma definitiva essas questões. Com relação à consciência, tudo isso não passa de mera especulação.

Podemos dizer que em Freud, o grande enigma psicológico é a consciência, o que o coloca ao lado dos neurocientistas e filósofos da mente atuais.

Mas, voltemos à questão anterior: a partir do “Projeto...”, Freud passa a considerar legítimo “*submergir uma fibra nervosa(...) com sua terminação no psíquico e dotar essa terminação de uma representação ou recordação?*”⁸, ao contrário do que defendia em “Sobre a concepção das afasias”? Parece que sim, uma vez que ele passa a considerar que uma representação é um processo cortical associativo e não mais o concomitante psíquico desse processo. Freud teria, então, passado a fazer aquilo que ele condenou em 1891, ou seja, misturar os domínios do psíquico e do fisiológico? Parece não ser possível falar em misturar dois domínios, pois, para que eles fossem misturados, seria preciso que eles fossem mesmo distintos. O fato é que, a partir do “Projeto...”, ao menos uma parte do psíquico passa a ser concebida como consistindo em processos nervosos; portanto, não se trata de misturar o domínio do psíquico e o do fisiológico, mas de identificá-los parcialmente. Parte dos processos nervosos constituem o que Freud chama de psíquico inconsciente; contudo, continua valendo o alerta anterior de Freud, pois, em “Sobre a concepção das afasias”, quando alertava contra a confusão entre o psíquico e o fisiológico, Freud se referia especificamente aos dados da nossa consciência. Ele diz:

“Na psicologia, a representação simples é para nós algo elementar que podemos diferenciar claramente de sua conexão com outras representações. Esta é a razão porque nos sentimos tentados a presumir que o seu correlato fisiológico (...) seja também algo simples e localizável”.⁹

Nesse momento, representação ainda é pensada como algo necessariamente consciente. Como vimos, Freud adere à doutrina da concomitância e procura diferenciar claramente a representação de seu correlato fisiológico. Portanto, quando alerta para a confusão entre o psicológico e o fisiológico, Freud está entendendo, por psicológico, o consciente. A psicologia da consciência diferencia entre representação e associação; essa diferenciação, contudo, não pode ser atribuída ao correlato fisiológico da representação,

⁸ L.A., p. 69; ZAA, p.97.

⁹ LA, p.70.; ZAA, p.99.

argumenta Freud. Mas, quando ele passa a identificar a representação a esse mesmo correlato fisiológico de que ele fala em 1891, continua sendo necessário diferenciar entre as características do que agora passa a ser a representação – um processo associativo cortical – e as características da sua experiência consciente. Na nossa experiência consciente, parece haver distinção entre representação e associação, mas a representação em si mesma é indissociável do processo associativo que a constitui. Portanto, continua sendo preciso distinguir entre as propriedades da nossa experiência consciente e aquelas dos processos fisiológicos que correspondem ao psíquico inconsciente.

)()(

Por que falar em um psíquico inconsciente? Retomemos os argumentos usados por Freud para justificar a sua suposição do inconsciente.

No artigo metapsicológico sobre o inconsciente, Freud argumenta que a identificação do psíquico ao consciente não pode ser justificada, em primeiro lugar por que ela consiste em uma “convenção inadequada”: convencionou-se em algumas doutrinas filosóficas e psicológicas, que o psíquico é o consciente. Contudo, conclui Freud, essa convenção não é adequada, em primeiro lugar, porque ela “*sobrestima sem fundamentação visível o papel da consciência*”. A experiência clínica com as neuroses lhe revelara que há coisas no psíquico para além da consciência, que há idéias que permanecem afastadas da consciência, inacessíveis a ela e, não obstante, capazes de influir sobre a atividade psíquica consciente. A partir de sua experiência clínica, Freud conclui que a identificação do psíquico ao consciente – a hipótese segundo a qual toda representação é consciente – não pode ser justificada. Trata-se de uma convenção que se revela contra-producente. Parece plausível, portanto, abandoná-la e substituí-la por uma melhor, por uma que pareça se adequar mais aos fatos ou ser mais fecunda. E é exatamente isso o que Freud faz: ele estabelece que o psíquico é muito mais do que a consciência, que a consciência é algo que pode vir a se acrescentar a uma pequena parte das nossas representações. Como diz Freud em “O Eu e o Isso”: “*a consciência é uma qualidade do psíquico que pode se agregar a outras qualidades ou faltar*”.¹⁰

¹⁰ AE, vol. 19, p.15.

Não podemos esquecer que a suposição de um psíquico inconsciente deriva de observações clínicas. A teoria freudiana não foi construída a partir de puras especulações teóricas, nem a partir de experiências de laboratório, como as demais psicologias contemporâneas ao surgimento da psicanálise. O fenômeno da sugestão pós-hipnótica, assim como os sintomas neuróticos, tinham deixado claro que é possível haver idéias ausentes na consciência e, no entanto, ativas e capazes de exercer efeitos sobre ela. Esses fatos convenceram Freud de que há representações insuscetíveis de consciência e ativas no psíquico, isto é, de que há um inconsciente dinâmico. A análise dos sonhos, posteriormente, lhe revelou que esse inconsciente era regido por leis diferentes daquelas que regem o psíquico suscetível de consciência. O sonho mostrou também que a existência de um campo psíquico insuscetível de consciência não está presente apenas nas psicopatologias, mas faz parte da vida psíquica normal. Enfim, Freud constrói suas hipóteses a partir de dados clínicos. Se suas observações clínicas revelaram que há no psíquico algo que parece possuir todas as características de uma representação, mas permanece inconsciente, assim como revelaram que os dados conscientes são lacunares, então a hipótese de que toda representação é consciente não parece mais dever ser sustentada; ela não possui justificção, uma vez que a vinculação exclusiva entre a representação e a consciência consiste em uma mera convenção e que uma convenção se justifica pela sua potencialidade explicativa. Também não é possível supor que essas representações afastadas da consciência permaneçam nesse estado por serem pouco intensas, de forma que haveria apenas uma diferença de intensidade entre o psíquico suscetível e o insuscetível de consciência. As neuroses mostram que, ao contrário, representações excessivamente intensas podem permanecer insuscetíveis de se tornarem conscientes.

Em várias ocasiões, Freud chama a atenção para esses fatos. Em “O Eu e o Isso”, por exemplo, ele argumenta:

“Para a maioria das pessoas de formação filosófica, a idéia de algo psíquico, que não seja também consciente, é tão inconcebível, que lhes parece absurda e descartável por mera aplicação da lógica. Creio que isto se deve unicamente a que nunca tenham estudado os fenômenos da hipnose e do sonho, que – prescindindo inteiramente do patológico – impõe forçosamente essa concepção. Sua psicologia da consciência

certamente é incapaz de solucionar os problemas do sonho e da hipnose.”¹¹

Na continuação do mesmo texto, ao comentar que, mesmo fora da consciência, as representações continuam existindo de forma latente, Freud diz:

“(…)Os filósofos, sem dúvida, objetarão: “Não, o termo “inconsciente” é inteiramente inaplicável aqui; a representação não era nada psíquico enquanto se encontrava no estado de latência”. Se já neste ponto o contradisséssemos, cairíamos em uma disputa verbal, com a qual nada ganharíamos.

Mas vejamos, chegamos ao termo ou conceito de inconsciente por outro caminho: pelo processamento de experiências nas quais desempenha um papel a “dinâmica” psíquica. Averiguamos – isto é, nos vimos obrigados a supor – que existem processos psíquicos ou representações muito intensos (...) que, como quaisquer outras representações, podem ter plenas conseqüências para a vida psíquica – inclusive conseqüências que podem se tornar conscientes na qualidade de representações –, só que eles mesmos não se tornam conscientes.”¹²

Então, o fato é que Freud é levado a concluir, a partir da sua experiência clínica, que a restrição do psíquico ao consciente, ao contrário da suposição de que há um psíquico inconsciente, não possui fundamentação nem justificação suficiente. Trata-se, na verdade, de uma convenção inadequada. No artigo metapsicológico sobre o inconsciente, Freud alega um segundo motivo pelo qual a identificação do psíquico ao consciente é uma convenção inadequada: ele afirma que, além de superestimar sem fundamentação visível o papel da consciência, tal identificação “*restringe em muito o campo da investigação psicológica e nos precipita nas dificuldades do paralelismo psicofísico.*” A consciência, como diz Freud inúmeras vezes, é lacunar; os fenômenos conscientes, além de corresponderem a apenas uma parte do psíquico, são determinados por processos inconscientes e, muitas vezes, principalmente no caso das psicopatologias (mas não só

¹¹ AE, vol. 19, p.15; S.A, vol. 3, p.283.

¹² AE, vol. 19, p.16; SA, vol.3, p.283.

nelas), só podem ser compreendidos tendo em vista essa determinação. Uma psicologia que lide apenas com a consciência não poderia explicar uma série de manifestações psíquicas, tais como os sintomas psicopatológicos, os sonhos, os atos falhos, pois a compreensão desses não pode prescindir da referência ao inconsciente. Thomas Nagel descreve da seguinte maneira a situação de Freud ao postular a existência de um psíquico inconsciente:

“Freud parece ter chegado nessa suposição pelo seguinte processo de raciocínio: se for tentado construir a ciência da psicologia lidando apenas com processos conscientes, a tarefa parece ser impossível, porque existem demasiadas lacunas causais evidentes. O material consciente é fragmentário e não é sistemático, e portanto, improvavelmente será compreendido teoricamente em termos que não vão além. É natural supor essas lacunas preenchidas por processos neurofisiológicos, os quais de tempos em tempos originam estados conscientes. E os propósitos da unidade teórica são mantidos supondo que, em vez de uma alternância e interação entre os processos físicos inconscientes e processos mentais conscientes, existe um sistema físico causalmente completo, entretanto, com alguns processos que como complemento têm a propriedade da consciência, ou tem concomitantes conscientes. Assim o mental surge como o efeito de um certo tipo de processo físico.

Uma reflexão maior, contudo sugere que talvez seja um erro identificar o mental com esses efeitos conscientes, e que ele deveria ser identificado com os próprios processos físicos (...) já que a natureza verdadeira dos processos mentais que se apresentam à consciência é física, com a consciência sendo apenas uma qualidade adicional deles, não pode haver objeção em também descrever como mentais esses processos intermediários, ocorrendo no mesmo sistema físico, os quais não se apresentam à consciência apesar de eles em muitos detalhes poderem ser física e funcionalmente semelhantes aos que se apresentam a ela.”¹³

¹³ Nagel, 1976, p. 27.

Mas, se a restrição do psíquico ao consciente é uma convenção inadequada, continua Freud no artigo metapsicológico sobre o inconsciente, a suposição de um psíquico inconsciente é, ao contrário, “*necessária, legítima e pode ser provada.*” É necessária, diz ele, porque os dados da consciência são lacunares e não podem ser compreendidos sem a suposição de um psíquico inconsciente. O fato de tal suposição torná-los compreensíveis – ou seja, o fato da suposição de processos psíquicos inconscientes preencher as lacunas encontradas nos atos conscientes e lhes atribuir um sentido – torna legítima sua suposição. Além disso, a suposição de um psíquico inconsciente pode ser considerada legítima também porque, para estabelecê-la, não foi necessário nos afastarmos do nosso modo habitual de pensamento, que se tem por correto, argumenta Freud.

A cada um de nós, diz ele, a consciência fornece somente o conhecimento dos nossos próprios estados psíquicos. A hipótese de que outro homem possua também consciência é uma inferência, um raciocínio a que chegamos por analogia sobre a base das exteriorizações e ações desse outro, a fim de tornar compreensível sua conduta. Essa é a única maneira que possuímos para compreender o comportamento alheio. A psicanálise propõe apenas que esse mesmo raciocínio se volte para a própria pessoa, embora não tenhamos nenhuma inclinação espontânea para isso. Agindo de tal forma, todos os atos e exteriorizações que notássemos em nós e não conseguíssemos relacionar com o restante de nossa vida psíquica seriam julgados como se pertencessem a uma outra pessoa e seriam esclarecidos atribuindo-se a esse outro uma vida psíquica própria. A partir desse raciocínio, chegamos a suposição de um inconsciente, de uma atividade psíquica que permanece excluída da nossa consciência, embora a influencie. Dessa forma, diz Freud: “*A suposição psicanalítica da atividade psíquica inconsciente nos aparece, por um lado, como uma continuação do animismo primitivo, que em todo lugar espelhava homólogos de nossa consciência (...)*”.¹⁴

A suposição do inconsciente pode ainda ser provada, uma vez que, a partir dela, foi possível construir um procedimento que permite influenciar com êxito sobre o curso dos processos conscientes: esse êxito, diz Freud, pode ser tomado como uma prova da existência do inconsciente. Também os experimentos hipnóticos, em particular o fenômeno

¹⁴ AE, vol.14, p.167; SA, vol. 3, p.130.

da sugestão pós-hipnótica, manifestariam de maneira palpável a existência e o modo de ação do inconsciente.

)()()

Não só é necessário e legítimo supor a existência do inconsciente, como é preciso reconhecer nele o “psíquico genuíno”, como diz Freud em 1938: o psíquico inconsciente consistiria em processos nervosos. No “Projeto...”, Freud tenta explicá-los a partir de conceitos neurológicos. A partir do capítulo 7, no entanto, ele abandona quase totalmente os termos neurológicos e passa a usar termos psicológicos para formular sua teoria sobre o aparelho psíquico. Essa mudança levou alguns estudiosos do pensamento freudiano a afirmarem que, a partir de “A interpretação dos sonhos”, Freud abandonou a neurologia e voltou-se para a psicologia. Argumentamos, ao longo deste trabalho, que há boas razões para supormos que Freud não abandonou, em nenhum momento, a suposição de que o psíquico inconsciente consista em processos cerebrais e que, a partir do capítulo 7, ele apenas abandona, “provisoriamente”, a tentativa de explicá-los em termos neurológicos. A justificativa para isso, é dada por Freud em outras ocasiões.

Na carta à Fliess de 22 de setembro de 1898, como vimos, ele comenta que precisa se comportar “como se” apenas o psicológico estivesse em exame, porque não sabe como prosseguir, embora não tenha “nenhuma inclinação para deixar a psicologia suspensa no ar sem uma base orgânica”. Argumentamos que essa colocação de Freud sugere que ele não passou a conceber o psíquico inconsciente de uma forma diferente depois do “Projeto...”, deixando de acreditar que ele consiste em processos nervosos; o que aconteceu foi que ele percebeu que explicá-los em termos neurológicos ainda não era possível. Contudo, como vimos, em várias passagens posteriores, ele dá mostras de acreditar que um dia isso seria possível. No artigo de 1915 sobre o inconsciente, Freud esclarece que, por um lado, não havia como fornecer uma explicação para os processos inconscientes em termos físicos, por outro, era possível descrevê-los com as categorias aplicadas aos atos psíquicos conscientes. Diante disso, ele optou por abordá-los utilizando-se dessas categorias. Tal tipo de abordagem, no entanto, seria provisória: no texto de 1914 sobre o narcisismo, como vimos, Freud manifesta claramente sua crença na provisoriedade das concepções psicológicas.

Freud teria, então, adotado, provisoriamente, metáforas psicológicas para formular sua teoria metapsicológica. No entanto, alguns leitores de Freud, como Garcia Roza (1991), consideram que, no “Projeto...”, Freud usou metáforas neurológicas para abordar o psíquico. Procuramos mostrar que, ao contrário, ele estava ali tentando construir sua teoria nos termos que ele acreditava serem os mais adequados. As dificuldades encontradas nesse empreendimento teriam-no levado a deixar de lado, provisoriamente, sua tentativa de explicar os processos psíquicos em termos de “neurônios”, “quantidade”, enfim, a partir de conceitos neurológicos. Mas notemos que alguns dos conceitos neurológicos do “Projeto...” se mantêm por toda a obra, como, por exemplo, a noção de ocupação (“Besetzung”), a própria noção de “quantidade”, a idéia de “estado ligado” e “livre” da mesma, entre outros. Em algumas ocasiões isoladas – por exemplo, no capítulo 7 –, ele volta a falar em “facilitação”, “resistência” e mesmo em “neurônios”. No entanto, Freud passa, a partir de 1900, a não se comprometer mais explicitamente com a neurologia, como o faz no “Projeto...”. Como apontam Pribram e Gill (1976), a metapsicologia posterior ao “Projeto...” só ostensivamente é psicológica, mas, de fato, é neuropsicológica, embora a neurologia tenha-se tornado implícita, em contraste com seu enunciado explícito no “Projeto...”.¹⁵ Freud construiu sua neuropsicologia utilizando metáforas psicológicas. Sua esperança parecia ser de que um dia a metapsicologia pudesse ser substituída por uma neuropsicologia explícita.

)()(

Para fecharmos a questão a respeito da justificativa da suposição de um psíquico inconsciente parece relevante comentarmos brevemente algumas considerações feitas por Jerome Wakefield (1992). Este autor sistematiza de forma muito pertinente a justificativa freudiana para a suposição do psíquico inconsciente, além de ressaltar o quanto Freud é atual do ponto de vista da psicologia cognitiva, que se desenvolve no fim do século 20.

Wakefield (1992) comenta que a psicologia do fim do século 19 era uma ciência da consciência. Brentano e William James, por exemplo, devotaram capítulos inteiros de seus principais trabalhos para mostrar que estados mentais inconscientes são uma impossibilidade e um absurdo. Em contraste com essa psicologia do século 19, diz ele, a psicologia cognitiva do último quarto do século 20 quase não estava mais preocupada com

¹⁵ Pribram & Gill, 1976, p.8.

a consciência. O domínio de processos inconscientes na explicação do pensamento e das ações foi reconhecido, e o foco principal da psicologia cognitiva passou a ser “representações mentais conscientes e inconscientes”. Segundo Wakefield, Freud teria sido a figura de maior destaque na transformação da psicologia de uma ciência da consciência para uma ciência de representações mentais. A maior contribuição de Freud para a psicologia moderna teria sido a separação por ele estabelecida entre representação e consciência.

Embora não tenha sido quem “descobriu” o inconsciente, Freud desempenhou um papel de grande importância na transformação da psicologia de uma ciência da consciência para uma ciência das representações mentais, argumenta Wakefield, porque ele forneceu o argumento mais sistemático, persuasivo e fundamentado para essa mudança. Além disso, reconstruído em termos modernos, o argumento freudiano para justificar a idéia de um psíquico inconsciente seria exatamente o mesmo usado pelos cognitivistas contemporâneos. Esse argumento pode ser repartido em três componentes e resumido como se segue.

A primeira parte do argumento envolve a seguinte questão conceitual: “mental” não significa “consciência”. A definição do termo “mental” não requer que estados mentais sejam conscientes. A “significação” de um termo de tipo natural e a “essência” à qual esse termo se refere são coisas distintas. A definição da “essência” de um termo natural cabe à investigação científica, não se trata de uma questão puramente semântica. Por exemplo, a palavra “água” foi inicialmente definida por referência ao líquido incolor encontrado nos rios, lagos, etc. Mesmo antes de se descobrir qual é a “essência” da água, foi possível inferir, a partir de certas evidências, que o gelo também era água. Posteriormente, descobriu-se a estrutura molecular da água (H₂O), e esta estrutura permitiu compreender por que se tratava da mesma substância. Quando isso ocorreu, “água” não passou a significar H₂O. A significação do termo água continuou sendo a mesma anterior, mas, a partir de então, a essência da água passou a ser considerada sendo H₂O. Uma vez que se conhece que H₂O é a essência da água, se for encontrada outras coisas que possuem essa mesma essência, tais coisas também poderão ser chamadas de água. Portanto, decidir que coisas do mundo podem ser chamadas de água é uma questão que deve ser estabelecida a partir da investigação científica. Da mesma forma, o fato do termo “mental” ter sido definido primeiramente por referência a pensamentos, desejos, crenças, etc., “conscientes”

não implica que só possa ser considerado mental aquilo que é consciente. Assim como não são apenas as substâncias líquidas que podem ser consideradas como sendo água, embora esse último termo tenha sido definido inicialmente por referência ao líquido. “Mental” não significa “consciente”, da mesma maneira como “água” não significa “líquido”. E, mesmo antes de se descobrir qual é a essência do que é significado por um termo, é possível inferir que há outras coisas que também podem ser nomeadas por esse termo. Isso foi o que ocorreu com Freud. Mesmo sem conhecer a “essência” do mental, ele percebeu, a partir dos sintomas neuróticos, dos sonhos, da sugestão hipnótica, que havia processos inconscientes que, legitimamente, poderiam ser chamados de mentais. Se fatos empíricos revelam que há fenômenos com as mesmas características daquilo que se chama de mental e que não são conscientes, não há nenhum problema em considerar tais fenômenos como sendo mentais, assim como é legítimo considerar o gelo como sendo água embora ele não seja líquido, mesmo antes de se conhecer a estrutura molecular subjacente à água. Portanto, não há nenhum problema conceitual que impeça, em princípio, a suposição de uma mente inconsciente. Se há ou não justificativa para fazê-lo, é uma outra questão que deve ser resolvida pela investigação científica; trata-se de uma questão factual e não de uma questão semântica.

Estabelecido que “mente inconsciente” não é uma impossibilidade conceitual, o segundo passo da argumentação é decidir se essa suposição é “teoricamente” possível, argumenta Wakefield. Para isso, em primeiro lugar, é preciso definir qual é a essência do mental e então estabelecer se coisas com essa essência podem ser inconscientes. É claro que, caso se parta do pressuposto de que a consciência é a essência do mental, supor que há mente inconsciente seria impossível; contudo, para Freud, a consciência não constitui a essência do mental, mas apenas uma qualidade que se acrescenta a uma pequena parte deste. Wakefield argumenta que a essência do mental para Freud é a representacionalidade de estados cerebrais, mas ele considera que essa era uma suposição implícita na teoria. Procuramos mostrar aqui que de fato essa era a essência do mental para Freud, mas que essa era, para ele, uma suposição explícita: mental para Freud é, sobretudo, o representacional, isto é, processos cerebrais com características específicas que se referem a um objeto, a um estímulo corporal, a uma palavra.

Wakefield observa que a postulação de uma essência é, em grande parte, a postulação de uma causa subjacente ao fenômeno manifesto, a partir do qual a categoria foi selecionada em primeiro lugar. Por exemplo, o movimento de elétrons é a essência da eletricidade, porque os fenômenos que primeiramente foram usados para nomear eletricidade são, em última instância, explicáveis pelo processo subjacente do movimento de elétrons. Uma vez que o movimento de elétrons foi estabelecido como a essência do fenômeno especificado, qualquer outro processo que tenha a mesma essência pode ser legitimamente categorizado como eletricidade. Mas, mesmo antes da essência ser conhecida, um fenômeno podia ser descoberto como fazendo parte da categoria eletricidade, a partir de evidências indiretas de que ele compartilha a mesma essência do fenômeno original. Wakefield argumenta que, assim como a maioria dos cientistas cognitivos atuais, Freud acreditava que o fator explicativo relevante do mental é a estrutura representacional dos estados cerebrais, independentemente do estatuto consciente ou não do estado. A consciência seria apenas algo que se pode acrescentar a um estado cerebral com estrutura representacional. Esta estrutura é a essência do mental e é independente da consciência; portanto, é legítima a suposição de uma mente inconsciente.

Wakefield chama a atenção para o fato de que Freud, assim como os cientistas da cognição atuais, estava ciente de que considerar a representacionalidade dos estados cerebrais a essência do mental é uma postura provisória e que uma resposta real sobre essa essência requer uma especificação detalhada da natureza do sistema representacional do cérebro. Nesse sentido, nem Freud, nem os cientistas cognitivos chegaram realmente a conhecer a essência do mental. Wakefield cita a seguinte passagem de Freud, do texto “Algumas lições elementares sobre psicanálise” (1940 [1938]), onde ele se refere a essa questão:

“Se alguém perguntar o que é propriamente o psíquico, seria fácil lhe responder remetendo-o a seus conteúdos. Nossas, percepções, representações, recordações, sentimentos e atos de vontade, tudo isso pertence ao psíquico. Mas, se essa inquirição prosseguisse e agora quisesse saber se todos esses processos possuem um caráter comum que nos permitisse apreender de uma maneira mais próxima a natureza ou, como também se diz, a essência do psíquico, seria mais difícil dar uma resposta.

Se fosse dirigida uma pergunta análoga a um físico (por exemplo, acerca da essência da eletricidade), sua resposta – até há pouco tempo – teria sido: “Para explicar certos fenômenos supomos umas forças elétricas que são inerentes às coisas e partem delas. Estudamos esses fenômenos, achamos suas leis e ainda alcançamos aplicações práticas. Provisoriamente nos basta. Quanto à essência da eletricidade, não a conhecemos; talvez mais tarde, com o progresso de nosso trabalho, a encontraremos. Confessamos que desconhecemos justamente o mais importante e interessante de todo o assunto, mas isso não nos perturba por hora. Nunca foi de outro modo nas ciências naturais.”¹⁶

Então, seria teoricamente possível, segundo Freud, conceber uma mente inconsciente, porque se parte do pressuposto de que a essência do mental – a representacionalidade dos estados cerebrais – pode se realizar na ausência da consciência. Essa essência do mental só será de fato compreendida quando for possível especificar as características dos estados cerebrais que lhes conferem sua representacionalidade. Mas, mesmo antes de se alcançar esse esclarecimento, é legítimo supor que a consciência não é uma propriedade inerente a todo o mental, portanto, é legítima a suposição de uma mente inconsciente.

A terceira etapa da argumentação para justificar os estados mentais inconscientes é estabelecer que tais estados não são apenas conceitualmente e teoricamente possíveis, mas que eles existem realmente. Desde o início de suas investigações sobre as neuroses, Freud se depara com fatos que podem ser tomados como evidências empíricas de que há processos mentais inconscientes: a sugestão pós-hipnótica, os sintomas neuróticos, os atos falhos, e tantos outros. Wakefield comenta que os estudos de caso de Freud constituem longos argumentos a favor da necessidade de se postular representações inconscientes para explicar o pensamento e o comportamento dos pacientes. Na verdade, a evidência empírica de que há processos mentais inconscientes foi o ponto de partida de toda a investigação freudiana.

Freud não elabora sua argumentação da maneira sistemática como expõe Wakefield. Contudo, pode-se argumentar que esses três níveis de argumentação de fato são

¹⁶ AE, vol.23, p.284.

desenvolvidos por Freud de maneira dispersa ao longo de sua obra. Se fatos empíricos impuseram a necessidade da suposição de uma mente inconsciente e se não há nenhum impedimento semântico, nem teórico, para essa suposição, então é plenamente legítimo estabelecê-la.

)()(

Segundo Freud, a suposição de um inconsciente psíquico permite configurar a psicologia como uma ciência natural. O inconsciente pode ser abordado de uma perspectiva científico-naturalista, uma vez que consiste em processos neurofisiológicos e que constitui uma cadeia causal completa. Já a consciência, segundo os termos do “Projeto...”, estaria para além dos desempenhos científico-naturalistas. Uma psicologia que lidasse exclusivamente com os dados da consciência não poderia se configurar como uma ciência, porque a consciência não forma uma cadeia causal ininterrupta; os fenômenos conscientes são determinados por processos inconscientes. Freud, contudo, procura – e sua maior tentativa nesse sentido está no “Projeto...” – estabelecer as condições que tornam possível a consciência, isto é, ele formula hipóteses para explicar os processos nervosos que estariam na base da experiência consciente. Ao propor que a consciência seja concomitante a uma parte dos processos psíquicos inconscientes e, ao mesmo tempo, ao procurar formular hipóteses sobre esses processos nervosos concomitantes da consciência, Freud diferencia dois tipos distintos de abordagem da consciência: um científico – o que busca estabelecer os processos neurofisiológicos dos quais a consciência seria concomitante – e um que não seria científico – que se volta para a aspecto fenomenológico da consciência. Freud estaria interessado, sobretudo, na primeira dessas abordagens. Solomon (1976) faz o seguinte comentário sobre esta questão:

“(...) podemos ver, no “Projeto...”, o reconhecimento de um ponto crucial filosófico ou metodológico – a separação do relato científico e “naturalístico” de funções psicológicas, e a espécie de relato muito diferente que emerge da introspecção ou da descrição fenomenológica. É apenas o primeiro que interessa a Freud.”(p.49)

De um lado, estão os processos nervosos “concomitantes” da consciência e, do outro, a nossa experiência subjetiva consciente. Como se dá a passagem de um para o outro – ou seja, como os processos cerebrais fazem emergir a experiência consciente – é o grande problema, para o qual ainda hoje não foi obtida uma resposta satisfatória. Em Freud, não podemos sequer afirmar, com certeza, que os estados conscientes seriam resultantes de processos cerebrais, uma vez que a afirmação de Freud de que a consciência é paralela ou é concomitante aos processos nervosos dá margem para se pensar que ele defendia um dualismo. Solomon considera que, no “Projeto..”, Freud regressa a um dualismo cartesiano. Argumentamos que essa hipótese parece bastante problemática, pois ela traria o dualismo substancial e os problemas por ele implicados para dentro do campo do psíquico. Embora não possamos negar em definitivo que Freud trabalhasse com tal hipótese, não parece também haver motivos para pensarmos que ela é provável. Freud certamente não desconhecia os problemas implicados por tal tipo de concepção: sua opção talvez tenha sido não se comprometer explicitamente com qualquer hipótese a respeito da natureza da consciência, justamente por estar ciente dos enormes problemas que esta questão envolvia. Como já comentamos, na teoria freudiana, o grande problema não é o inconsciente, mas sim a consciência, o que, entre outros motivos, o coloca numa situação bastante próxima à do contexto atual. Ao contrário do que ocorre em relação à natureza da consciência, a concepção de Freud a respeito da natureza do psíquico inconsciente parece ter alcançado um grau muito maior de clareza. Embora tenha abandonado parcialmente a tentativa de descrevê-lo em termos neurológicos, ele não abandonou a esperança de que um dia isso pudesse tornar-se possível e de que sua metapsicologia pudesse ser um dia substituída por uma neuropsicologia.

BIBLIOGRAFIA:

I. Obras de Sigmund Freud:

- FREUD, S. Histeria (1888). *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 1, p.41-67, 1998.
- FREUD, S. *La Afasia* (1891). Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1973.
- FREUD, S. *Zur Auffassung der Aphasien: eine Kritische Studie*. Leipzig: Franz Deuticke, 1891.
- FREUD, S. Un caso de curación por hipnosis (1892-1893). *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol 1, p. 147-163, 1998.
- FREUD, S. Alguns consideraciones com miras a un estudio comparativo de las parálisis motrices orgánicas e histéricas (1893). *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 1, p. 191-210, 1998.
- FREUD, S. Quelques considérations pour une étude comparative des paralysies motrices organiques et histériques (1893). *Sigmund Freud Gesammelte Werke*. Ersten Band. London: Imago, p. 37-56, 1952
- FREUD, S. Las neuropsicosis de defensa (1894). *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 3, p. 41-68, 1998.
- FREUD, S. Die Abwehr-Neuropsychosen (1894). *Sigmund Freud Gesammelte Werke*. Ersten Band. London: Imago, p. 57-74, 1952
- FREUD, S. & BREUER, J. Estudios sobre la histeria (1893-1895). *Sigmund Freud Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 2, 1998.
- FREUD, S. & BREUER, J. Studien über Hysterie (1895). *Sigmund Freud Gesammelte Werke*. Ersten Band. London: Imago, p. 75-312, 1952
- FREUD, S. Projeto de uma Psicologia (1895/1950). *Notas a "Projeto de uma Psicologia"*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- FREUD, S. Entwurf einer Psychologie (1895/1950). *Gesammelte Werke*. Nachtragsband. Frankfurt: Fischer, p. 387-477, 1987.
- FREUD, S. Fragmentos de la correspondencia com Fliess (1950[1892-99]). *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 1, p.211-322, 1998.
- FREUD, S. Aus den Anfängen der Psychoanalyse (1950 [1887-1902]). Frankfurt: Fischer, 1975.

- FREUD, S. La interpretación de los sueños. (1900) *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 4 e 5, 1998.
- FREUD, S. Die Traumdeutung. (1900). *Studienausgabe*. Frankfurt: Fischer, Band, 2, 1982.
- FREUD, S. Tres ensayos de teoría sexual. (1905) *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 7, p. 109-222, 1998.
- FREUD, S. Cinco conferencias sobre psicoanálisis (1910 [1909]). *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 11, p. 1-52, 1998.
- FREUD, S. La perturbación psicógena de la visión según el psicoanálisis.(1910) *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 11, p. 205-216, 1998.
- FREUD, S. Pontualizaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiográficamente (1911 [1910]) *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 12, p. 1-73, 1998.
- FREUD, S. Formulaciones sobre los dos principios del acaecer psíquico (1911) *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 12, p. 217-232, 1998.
- FREUD, S. Nota sobre el concepto de lo inconsciente en psicoanálisis (1912) *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 12, p. 265-278, 1998.
- FREUD, S. Einige Bemerkungen über den Begriff des Unbewussten in der Psychoanalyse (1912). *Sigmund Freud Studienausgabe*. Frankfurt: Fischer, Band 3, p.25-36, 1982.
- FREUD, S. Sobre psicoanálisis (1913 [1911]) *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 12, p. 207-216, 1998.
- FREUD, S. Recordar, repetir y reelaborar (1914) *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 12, p. 145-158, 1998.
- FREUD, S. Introducción del narcisismo (1914). *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 14, p. 65-98, 1998.
- FREUD, S. Zur Einführung des Narzissmus (1914) *Sigmund Freud Studienausgabe*. Frankfurt: Fischer, Band 3, p.37-68, 1982.
- FREUD, S., Pulsiones y destinos de pulsión (1915). *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 14, p.105-134, 1998.
- FREUD, S. Triebe und Tribschicksale (1915) *Sigmund Freud Studienausgabe*. Frankfurt: Fischer, Band 3, p.75-102, 1982.

- FREUD, S., La represión (1915). *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 14, p.135-152, 1998.
- FREUD, S. Die Verdrängung (1915) *Sigmund Freud Studienausgabe*. Frankfurt: Fischer, Band 3, p. 103-118, 1982.
- FREUD, S., Lo inconciente (1915). *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 14, p.153-214, 1998.
- FREUD, S. Das Unbewusste (1915) *Sigmund Freud Studienausgabe*. Frankfurt: Fischer, Band 3, p. 119-162, 1982.
- FREUD, S. Complemento metapsicológico a la doctrina de los sueños(1917[1915]). *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 14, p.215-234, 1998.
- FREUD, S. Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre (1917[1915]) *Sigmund Freud Studienausgabe*. Frankfurt: Fischer, Band 3, p. 175-192, 1982.
- FREUD, S. Duelo y melancolía (1917[1915]). *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 14, p.235-256, 1998.
- FREUD, S. Trauer und Melancholie (1917[1915]) *Sigmund Freud Studienausgabe*. Frankfurt: Fischer, Band 3, p. 193-212, 1982.
- FREUD, S. Conferencias de introducción al psicoanálisis (1915-1916). *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 15 e 16, 1998
- FREUD, S. Más allá del principio de placer (1920). *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 18 , p.1-62, 1998.
- FREUD, S. Jenseits des Lustprinzips (1920) *Sigmund Freud Studienausgabe*. Frankfurt: Fischer, Band 3, p. 213-272, 1982.
- FREUD, S. El yo y el ello (1923). *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 19 , p.1-66, 1998.
- FREUD, S. El problema económico del masoquismo (1924). *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 19 , p.161-176, 1998.
- FREUD, S. La pérdida de realidad en la neurosis y la psicosis (1924). *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 19 , p.189-198, 1998.
- FREUD, S. Nota sobre la “pizarra mágica”(1925[1924]). *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 19 , p.1239-248, 1998
- FREUD, S. La Negación (1925). *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 19 , p.249-258, 1998.

- FREUD, S. Die Verneinung (1925) *Sigmund Freud Studienausgabe*. Frankfurt: Fischer, Band 3, p. 371-378, 1982.
- FREUD, S. Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis (1933[1932]). *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 22, p.1-168, 1998
- FREUD, S. Análisis terminable e interminable (1937).]. *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 23 , p.211-254, 1998.
- FREUD, S. Esquema del psicoanálisis (1940 [1938]). *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 23 , p.133-210, 1998.
- FREUD, S. Algunas lecciones elementales sobre psicoanálisis (1940[1938]). *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 23 , p.279-288, 1998.

II. Outros autores:

- AMACHER, P. Freud's neurological education and its influence on psychoanalytic theory. *Psychological issues*. International University press, vol4, n.4, 1965.
- BROOK, A. Neuroscience versus psychology in Freud. *Annals of the New York Academy of Sciences*, vol. 843 May 15, p.111-115,1998.
- CAROPRESO, F. Pensamento, linguagem e consciência nos textos iniciais de Freud. *Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação*, 11(20), p.29-38, 2001.
- CAROPRESO, F. *Representação e consciência na obra inicial de Freud*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2002.
- CAROPRESO, F. O conceito freudiano de representação em "Sobre a concepção das afasias". *Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação*, 13(25), p.13-26, 2003.
- CAROPRESO, F. As origens do conceito de inconsciente psíquico na teoria freudiana. *Natureza Humana: Revista Internacional de Filosofia e Práticas Psicoterápicas*, 5(2): 329-350, jul-dez, 2003.
- CLARKE, E & JACYNA, L. S. *Nineteenth-Century Origins of Neuroscientific Concepts*. University of California Press, 1987.
- DALBIEZ, R. *O método psicanalítico e a doutrina freudiana*. Rio de Janeiro: Agir, 1947.
- EGGERT, G. H. *Wernicke's Works on Aphasia*. Ed. Mouton, 1977.

- FIGUEIREDO, L. C. *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*. São Paulo: Escuta, 1999.
- FILLOUX, J. C. (1947). *O Inconsciente*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- FORRESTER, J. *A linguagem e as origens da Psicanálise*. Imago, 1983
- GABBI, O F. Notas críticas sobre Entwurf Einer Psychologie. *Projeto de uma psicologia*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1995.
- GRASHEY, H. G. On Aphasia and its Relations to Peception. *Cognitive neuropsychology*, 6(6): 515-546, 1989.
- GREENBERG, V. *Freud and his aphasia book: language and the sources of psychoanalysis*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1997.
- GROSSMAN, W. I. Hierarchies, Boundaries and Representation in a Freudian Model of Mental Organization. *Japa*, 40(1)27-62, 1992.
- GRÜNBAUM, A. *The foundations of psychoanalysis : a philosophical critique*. Berkeley/Los Angeles/ London: University of California Press, 1984.
- GUTTMAN, G. & STRASSER, S (Eds.). *Freud and the neurosciences*. Vienna: Verlag Der Österreichischen Akademie Der Wissenschaften, 1998.
- HANS, L. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Imago, 1996.
- HARRINGTON, A. *Medicine, Mind, and the Double Brain*. Princeton University Press, 1987.
- HEAD, H. *Aphasia and kindred disorders of speech*. Cambridge University Press, 1926.
- HENDERSON, V.W. Sigmund Freud and the Diagram-makers school of aphisiology. *Brain and Language*: 43, 19-41, 1992.
- HERRNSTEIN, R. J. & BORING, E. G. *Textos básicos de história da psicologia*. Editora da Universidade de São Paulo, 1971.
- HOLT, R. R., *Freud reappraised. A fresh look at psychoanalytic theory*. New York: The Guilford Press, 1989.
- JACKSON, J.H. Evolution and dissolution of the nervous system (1884). *Select Writings of John Hughlings Jackson*. James Taylor (org.) New York: Basic Books, p. 45-118, 1958.
- JACKSON, J. H. On affections of speech from disease of the brain (1878-79). *Select Writings of John Hughlings Jackson*. James Taylor (Org.), New York: Basic Books, p. 155-170, 1958.

- JACKSON, J.H. On affections of speech from disease of the brain (1879-80). *Select Writings of John Hughlings Jackson*. James Taylor (org.). New York: Basic Books, p.171-183, 1958.
- JACKSON, J.H. On affections of speech from disease of the brain (1879-80). *Select Writings of John Hughlings Jackson*. James Taylor (org.). New York: Basic Books, p.184-204, 1958.
- JACKSON, S. The history of Freud's concept of regression. *Journal American Psychoanalysis*, 17, p. 743-84, 1969.
- JONES, E. *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Rio de janeiro: Imago, 1989.
- KANDEL, E. R. "Biology and the future of psychoanalysis: a new intellectual framework for psychiatry revisited". *Am. J. Psychiatry*, 156:4, April 1999.
- KINSBOURNE, M. Taking the "Project" seriously: The Unconscious in neuroscience perspective. *Annals of the New York Academy of Sciences*, vol. 843 May 15, p.111-115, 1998.
- LAPLANCHE, J. *Problemáticas IV O Inconsciente e o Id* (1981). São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.B. *Vocabulário da Psicanálise*. Martins Fontes, 1998.
- LAUBSTAIN, A N. Inconsistency and Ambiguity in Lichteim's model. *Brain and Language* 45,1993.
- LOTHANE, Z. Freud's 1895 *Project*: From mind to brain and back again. *Annals of the New York Academy of Sciences*, vol. 843 May 15, p.43-65, 1998.
- MACINTYRE, A. C. *O Inconsciente: uma análise conceitual*. Lisboa: Editorial Presença, 1958.
- MARSHALL, C. Introdução (Henry Charlton Bastian). In: *Reader in the history of aphasia*. Paul Elling (org.). John Benjamins Publishing Company, 1994.
- MARX, O.M. Freud and Aphasia: An Historical Analysis. *American Journal Psychiatry*.124: 6, 815-825, 1967.
- MASSON, J. M. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*. Rio de janeiro: Imago, 1986.
- MEZAN, R. *Freud: A trama dos conceitos*. São Paulo: Editora perspectiva, 1991.
- MILIDONI, C. B. *Heurística freudiana no "Projeto para uma psicologia científica"*. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Filosofia do IFCH da Unicamp, 1993.

- MILL, J. S. (1843). *A System of Logic Ratiocinative and Inductive. Collected Works of John Stuart Mill*, vol.7. University Press, 1974.
- MILL, J. S. (1872) *The Logic of the Moral Sciences*. Open Court, 1994.
- MILL, J. S. (1865). Um exame da filosofia de Sir William Hamilton (*excertos*). *Os pensadores*. Abril Cultural, 1979.
- MILLER, L. (1951) *Freud's Brain*. Londres: The Guilford Press, 1991.
- MONZANI, L. R. *O movimento de um pensamento*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1989.
- NAGEL, T. O antropomorfismo de Freud. *Freud: uma coletânea de ensaios críticos, Tomo I*. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1976.
- PANHUUSEN, G. The relationship between somatic and psychic processes: Lessons from Freud's Project. *Annals of the New York Academy of Sciences*, vol. 843 May 15, p.20-42, 1998.
- PETITOT, J.; VARELA, F. J.; PACHOUD, B. (eds.) *Naturalizing phenomenology: issues in contemporary phenomenology and cognitive science*. California: Stanford University Press, 1999.
- POLITZER, G. *Critique des fondements de la psychologie*. Paris: Rieder, 1928.
- PRIBRAM, K. H. & GILL, M. *O "Projeto" de Freud: uma reavaliação*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1976.
- PRIBRAM, K. H. A century of progress? . *Annals of the New York Academy of Sciences*, vol. 843, May 15, p. 11-19, 1998.
- RICOEUR, P. *Da Interpretação: Ensaio sobre Freud* (1965). Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- RIZZUTO, A.M. The origins of Freud's concept of object representation (Objektvorstellung) in his monograph "On Aphasia": its theoretical and technical importance. *International Journal of Psychoanalysis*, 71, 241-248, 1990.
- RIZZUTO, A.M. Freud's speech apparatus and spontaneous speech. *International Journal of Psychoanalysis*, 74, 113-127, 1993.
- ROZA, G. *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- ROZA, G. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- SCHWEIGER, A. Consciousness then and now: Comments on Consciousness in Freud's Project for a scientific psychology. *Annals of the New York Academy of Sciences*, vol. 843 May 15, p.107-110, 1998.

- SIMANKE, R. T. *A formação da teoria freudiana das psicoses*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- SIMANKE, R. T. Memória, afeto e representação: o lugar do “Projeto...” no desenvolvimento inicial da metapsicologia freudiana. *Revista Olhar*, n.12-13, p.12-40, 2005.
- SIMANKE, R. T. Cérebro, percepção e linguagem: elementos para uma metapsicologia da representação em “Sobre a concepção das afasias”(1891). *Revista do Departamento de Filosofia da USP*. N.87, no prelo, 2006.
- SOLOMON, R.C. A teoria neurológica da mente em Freud. Em: *Freud uma coletânea de ensaios críticos*. Org.: Richard Wolheim. Editora Artenova, 1976.
- SOLMS, M., Before and after Freud’s *Project*. *Annals of the New York Academy of Sciences*, vol. 843 May 15, p.1-10,1998
- SOLMS, M & SALING. On psychoanalysis and neuroscience: Freud’s attitude to the localizacionist tradition *International Journal of psychoanalysis*, 67, p.397-416, 1986.
- SULLOWAY, F. J. *Freud biologist of the mind*. Harvard University Press, 1992.
- STRACHEY, J. A natureza da quantidade. Em: *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 1, p.441-446, 1998a.
- STRACHEY, J. Nota introdutória ao artigo “O Inconsciente”. Em: *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 14, p.155-159, 1998b.
- STRACHEY, J. Introdução ao “Trabalhos sobre metapsicologia”. Em: *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 14, p.101-104, 1998c.
- TEIXEIRA, J. F. *Mente, Cérebro e Cognição*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- TORT, M. *La interpretación o la máquina hermenéutica*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1973.
- WAKEFIELD, J. C. Freud and cognitive psychology: the conceptual interface. *Interface of psychoanalysis and psychology*. Washington: American psychological Association, 1992.
- WERNICKE, C. 1874. The Aphasia Symptom complex. *Wernicke’s Works on Aphasia*. Ed. Mouton, 1977.
- WERNICKE, C. Recents Works on aphasia (1885). *Wernicke’s works on aphasia*. Ed. Mouton, 1977.
- WOLLHEIM, R. *As idéias de Freud*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1971.

YOUNG, R.M. *Mind, Brain and adaptation in the nineteenth century*. Oxford University Press, 1990.